

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)**

DISSERTAÇÃO

**CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DE
LETRAMENTO LITERÁRIO**

ISABELA PEREIRA DIAS ESPERANÇA

SEROPÉDICA, RJ

2020



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS (PROFLETRAS)

**CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS NO ENSINO FUNDAMENTAL: UMA PROPOSTA DE
LETRAMENTO LITERÁRIO**

ISABELA PEREIRA DIAS ESPERANÇA

Sob a Orientação da Professora Dr.^a

Angela Marina Bravin dos Santos.

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional (PROFLETRAS), da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como requisito parcial necessário à obtenção do título de **Mestra em Letras**, na Área de Concentração Linguagens e Letramentos, na linha de pesquisa Teorias de Linguagens e Ensino.

SEROPÉDICA, RJ

2020

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a)

E77c ESPERANÇA, ISABELA PEREIRA DIAS, 1980-
 CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS NO ENSINO FUNDAMENTAL:
 UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO LITERÁRIO / ISABELA
 PEREIRA DIAS ESPERANÇA. - BARRA MANSA, 2020.
 193 f.: il.

 Orientadora: ANGELA MARINA BRAVIN DOS SANTOS.
 Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
 do Rio de Janeiro, MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS -
 PROFLETRAS, 2020.

 1. ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA. 2. LETRAMENTO
 LITERÁRIO. 3. PRODUÇÃO TEXTUAL. 4. PERSONAGEM. 5.
 NARRATIVA. I. DOS SANTOS, ANGELA MARINA BRAVIN , 1965
 , orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
 Janeiro. MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
 III. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS MESTRADO
PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

ISABELA PEREIRA DIAS ESPERANÇA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestra em Letras**, no Programa de Mestrado Profissional em Letras, área de concentração em Linguagens e Letramentos.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 18/06/2020.

Conforme deliberação número 001/2020 da PROPPG, de 30/06/2020, tendo em vista a implementação de trabalho remoto e durante a vigência do período de suspensão das atividades acadêmicas presenciais, em virtude das medidas adotadas para reduzir a propagação da pandemia de Covid-19, nas versões finais das teses e dissertações as assinaturas originais dos membros da banca examinadora poderão ser substituídas por documento(s) com assinaturas eletrônicas. Estas devem ser feitas na própria folha de assinaturas, através do SIPAC, ou do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) e neste caso a folha com a assinatura deve constar como anexo ao final da tese / dissertação.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Angela Marina Bravin dos Santos (UFRRJ)
Orientadora

Prof. Dr. Adriano Oliveira Santos (IFRJ)
Avaliador externo

Prof. Dr. Wagner Alexandre dos Santos Costa (UFRRJ)
Avaliador interno



Emitido em 2020

TERMO Nº 394/2020 - PROFLET (12.28.01.00.00.00.78)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 30/10/2020 14:05)

ANGELA MARINA BRAVIN DOS SANTOS
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DeptLCS (12.28.01.00.00.00.87)

Matrícula: 1735678

(Assinado digitalmente em 28/10/2020 21:09)

ADRIANO OLIVEIRA SANTOS

ASSINANTE EXTERNO

CPF: 078.985.677-81

(Assinado digitalmente em 28/10/2020 21:07)

WAGNER ALEXANDRE DOS SANTOS COSTA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

CoordCGLpi (12.28.01.00.00.00.75)

Matrícula: 1456413

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrrj.br/documentos/> informando seu número:
394, ano: **2020**, tipo: **TERMO**, data de emissão: **28/10/2020** e o código de verificação: **360f59376b**

Preciso ser um outro

Para ser eu mesmo

Mia Couto

DEDICATÓRIA

*Para minhas duas filhas, Helena e Laura, tesouros de
minha vida!*

Tudo posso naquele que me fortalece.

AGRADECIMENTOS

Nele vivo, movo e existo. Obrigada, Pai, pela oportunidade de trabalho e aprendizado.

Meus pais queridos, obrigada por todo apoio durante toda a minha vida.

Minhas filhas, obrigada pelo amor e entendimento.

Obrigada, colegas da FAETEC e da SEEDUC, pelo apoio, compreensão e torcida.

Obrigada, colegas do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras - UFRRJ). Tive sorte de estudar com uma turma companheira, dedicada e maravilhosa.

Obrigada, colegas da carona, sem vocês tudo seria muito mais difícil.

Meus sinceros agradecimentos para a professora Angela Bravin, que me acolheu com toda a calma e tranquilidade como sua orientanda.

Todo meu afeto e reconhecimento para todos os professores que estiveram conosco nesta jornada enriquecendo nossa prática profissional.

Meu especial agradecimento a meu amigo Josemar Avelino que investiu seu tempo em meu auxílio com toda dedicação e amizade neste trajeto de aperfeiçoamento pessoal e profissional.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

RESUMO

ESPERANÇA, Isabela Pereira Dias. **Construção de personagens no Ensino Fundamental: uma proposta de letramento literário**. Seropédica, RJ, 2020. 193 p. Dissertação (Mestrado ProfLetras). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Letras e Comunicação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

Este trabalho consiste em uma mediação didática para ensino-aprendizagem de construção de personagens em contos de mistério, tendo como público-alvo alunos do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola do Município de Barra Mansa-RJ. Parte-se da hipótese de que, nessa construção, os alunos acionem cognitivamente conhecimentos linguísticos e culturais, para os quais estratégias de produção textual contribuem de modo significativo, resultando em um processo de letramento literário. Assim, os elementos da língua e da cultura devem ser tratados de maneira consciente. O objetivo principal desta mediação foi, por isso, desenvolver no aluno a habilidade de interpretar a realidade extralinguística para transformá-la, por meio de aspectos literários, em narrativa da qual participam personagens criados linguisticamente e extralinguisticamente. De forma mais específica, objetivou-se: a) buscar, por meio de recursos digitais e físicos, informações sobre a criação de personagens; b) criar personagens de contos munidos de informações sobre tal elemento narrativo, c) interagir com professores e colegas, por meio de recursos digitais, em busca dessas informações, e por fim, d) colocar em circulação, via redes sociais, dentro e fora da escola, o conto produzido. Como metodologia de pesquisa, pautamo-nos nas diretrizes da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1988). Quanto à mediação propriamente dita, elaboramos atividades didáticas dentro de um viés colaborativo (BEHRENS, 2013), preparando os alunos para sua participação no contexto social. Em relação aos aspectos teóricos sobre o tema da investigação, contamos com Khedé (1986), Gancho (1997), Marcuschi (2003), Gotlib (2006), Candido (2014), Charaudeau (2016) e BNCC (BRASIL, 2018). Os resultados relativos à aplicação da proposta demonstraram aspectos negativos e positivos. Os negativos dizem respeito ao tempo destinado ao circuito das atividades, que se mostrou extenso para o público-alvo. Os positivos relacionam-se à organicidade da proposta que resultou em contos de mistério, conforme se esperava.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento literário, personagem, narrativa.

ABSTRACT

ESPERANÇA, Isabela Pereira Dias. **Character construction in elementary school: a proposal for literary reading**. Seropédica, RJ, 2020.193 p. Dissertation (Master ProfLetras). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de Letras e Comunicação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2020.

This work consists on a didactic mediation for teaching-learning to build characters in mystery tales, targeting students from the 9th grade at elementary school in a school in the city of Barra Mansa-RJ. It is assumed that, in this construction, students cognitively trigger linguistic and cultural knowledge, to which textual production strategies contribute significantly, resulting in a literary literacy process. Thus, the elements of language and culture must be dealt consciously. The main objective of this mediation was, therefore, to develop the student ability to interpret the extralinguistic reality in order to transform it, through literary aspects, into a narrative in which characters created linguistically and extralinguistically participate. More specifically, it aimed to: a) seek, through digital and physical resources, information about the creation of characters; b) create characters from tales with information about this narrative element, c) interact with teachers and colleagues, through digital resources, in search of this information, and finally, d) put into circulation, via social networks, inside and outside school, the short story produced. As a research methodology, we are guided by the guidelines of action research (THIOLLENT, 1988). As for mediation itself, we developed didactic activities within a collaborative bias (BEHRENS, 2013), preparing students for their participation in the social context. Regarding the theoretical aspects of the research topic, we have Khedé (1986), Gancho (1997), Marcuschi (2003), Gotlib (2006), Candido (2014), Charaudeau (2016) and BNCC (BRASIL, 2018). The results related to the application of the proposal showed negative and positive aspects. The negatives refer to the time allocated to the activities circuit, which proved to be extensive for the target audience. The positives are related to the organicity of the proposal, which resulted in tales of mystery, as expected.

KEY WORDS: Literary literacy, character, narration.

LISTA DE ABREVIATURAS

1. **BNCC**- Base Nacional Comum Curricular
2. **PNE**- Plano Nacional de Educação
4. **PROFLETRAS** – Programa de Mestrado Profissional em Letras
5. **SEEDUC** – Secretaria de Estado de Educação
6. **UFRRJ** – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
7. **UNESCO** - Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Categorias de personagens.....	35
Quadro 2 – Modos de organização do discurso.....	43
Quadro 3 – Projeto metodológico para prática docente inovadora num paradigma emergente.	52
Quadro 4 – Proposta Atividade 1: Reflexão sobre o significado das palavras “mistério” e “personagem”.....	56
Quadro 5 – Classificação dos personagens.....	61
Quadro 6 – Atividade via <i>WhatsApp</i> I.....	66
Quadro 7- Personagens planos: Classificação tipo.....	66
Quadro 8– Atividade via <i>WhatsApp</i> II	67
Quadro 9– Atividade via <i>WhatsApp</i> III	67
Quadro 10 - Atividade via <i>WhatsApp</i> IV.....	71

LISTA DE IMAGENS

Figura 1: Banner de divulgação do filme “O Mistério do Relógio na parede”.....	56
Figura 2: Capa da obra impressa “O mistério do relógio na parede”.	57
Figura 3– Questões norteadoras para o debate sobre o filme “O mistério do relógio na parede”. .	58
Figura 4 – Proposta de atividade baseada no filme “O mistério do relógio na parede”.	59
Figura 5 – <i>Print</i> de tela do <i>YouTube</i> do filme Palavra Puxa Palavra – Contos	60
Figura 6 – Conto de fada “Rapunzel” dos irmãos Grimm. (Frente).....	62
Figura 8 – Atividade baseada na leitura do conto de fada “Rapunzel” dos irmãos Grimm.....	64
Figura 9 – Atividade baseada na leitura do conto de fada “Rapunzel” dos irmãos Grimm.....	65
Figura 10– Conto “O Gato de Botas” de Charles Perrault.	69
Figura 11 - Proposta de Atividade baseada no conto “O Gato de Botas” de Charles Perrault.	70
Figura 12 – <i>Print</i> de tela do <i>YouTube</i> – Canal Vulto Reis	71
Figura 13 – Conto “As Formigas” de Lygia Fagundes Telles (frente).	73
Figura 14 - Conto “As Formigas” de Lygia Fagundes Telles (verso).	74
Figura 15 – Proposta de atividade baseada no conto “As Formigas” de Lygia Fagundes Telles (frente)..	75
Figura 16 - Proposta de atividade baseada no conto “As Formigas” de Lygia Fagundes Telles (verso)..	76
Figura 17 – Atividade sobre caracterização direta e indireta. (frente).....	77
Figura 18 – Atividade sobre caracterização direta e indireta. (verso)	78
Figura 19: <i>Print</i> de reportagem do Jornal Diário do Vale – Edição Online.	81
Figura 20 - Imagem do conto “A Escola Mal-Assombrada” – Parte 1.....	82
Figura 21 - Imagem do conto “A Escola Mal-Assombrada” – Parte 2.....	83
Figura 22 - Imagem do conto “A Escola Mal-Assombrada” – Parte 3.....	84
Figura 23– Proposta de atividade individual de desenvolvimento de conto de mistério envolvendo a cidade de Barra Mansa (frente).....	85
Figura 24: Negociação de pontuação na participação do projeto “construção de personagens em um conto de mistério”.....	87
Figura 25: <i>Kits</i> didáticos com material para o desenvolvimento do projeto.....	88
Figura 26 – <i>Screenshotes</i> das atividades realizadas via <i>WhatsApp</i>	90
Figura 27 – <i>Screenshotes</i> das atividades realizadas via <i>WhatsApp</i>	91
Figura 28 – <i>Screenshotes</i> das atividades realizadas via <i>WhatsApp</i>	92
Figura 29 – Imagens dos alunos assistindo o filme “O mistério do relógio na parede”.	92
Figura 30 – Atividade realizada em sala de aula.	93
Figura 31 – Imagem de atividade realizada pelo aluno.	94
Figura 32 – Imagem de atividade realizada pelo aluno.	95

Figura 33 – Imagem de atividade realizada pelo aluno.	95
Figura 34 – Imagem de atividade realizada pelo aluno.	96
Figura 35 – Imagem de atividade realizada pelo aluno.	96
Figura 36 – Imagem de atividade realizada pelo aluno.	97
Figura 37 – Anotações das respostas dos alunos.	97
Figura 38 – Imagem de atividade realizada pelo aluno.	98
Figura 39 – Correção das atividades.....	99
Figura 40 – <i>Print</i> de tela do <i>Youtube</i> do filme Palavra Puxa Palavra – Contos	99
Figura 41 – <i>Screenshotes</i> das atividades realizadas via <i>WhatsApp</i>	100
Figura 42 – <i>Slides</i> da aula sobre a tradição oral de se contar histórias ao longo do tempo.	101
Figura 43 – <i>Print</i> da tela do <i>YouTube</i> do conto “O Gato Preto” de Edgar Allan Poe.	101
Figura 44 – Livros diversos de contos.....	102
Figura 45 – Imagens da aula teórica sobre o personagem.	102
Figura 46 – Leitura do conto “Rapunzel”.....	102
Figura 47 – Atividade sobre o conto “Rapunzel”.	103
Figura 48 – Atividades sobre o conto “Rapunzel”.	104
Figura 49 – Atividades baseadas no conto “Rapunzel”.	105
Figura 50 – Atividades baseadas no conto “Rapunzel”.	106
Figura 51 – <i>Screenshotes</i> atividades no <i>WhatsApp</i>	107
Figura 52 – <i>Screenshotes</i> atividades no <i>WhatsApp</i>	108
Figura 53 – <i>Screenshotes</i> atividades no <i>WhatsApp</i>	108
Figura 54 – <i>Print</i> tela do <i>YouTube</i>	109
Figura 55 – <i>Print</i> da tela do <i>YouTube</i>	109
Figura 56 – <i>Print</i> da tela do <i>YouTube</i>	110
Figura 57 – Atividade realizada em sala.....	110
Figura 58 – Atividade realizada em sala.....	111
Figura 59 – Atividade realizada em sala.....	111
Figura 60 – <i>Screenshotes</i> de atividades no <i>WhatsApp</i>	112
Figura 61 – <i>Screenshotes</i> de atividades no <i>WhatsApp</i>	112
Figura 62 – <i>Screenshotes</i> de atividades no <i>WhatsApp</i>	113
Figura 63 – <i>Screenshotes</i> de atividades no <i>WhatsApp</i>	114
Figura 64 – <i>Screenshotes</i> de atividades no <i>WhatsApp</i>	115
Figura 65 – Atividade de construção de personagem.	116
Figura 66 – Atividade de construção de personagem	116
Figura 67 – Atividade de construção de personagem.	117
Figura 68 – Análise com apontamentos da construção de personagem.....	117
Figura 69 – Atividade sobre o conto “As formigas”	118

Figura 70 – Atividade sobre o conto “As formigas”	119
Figura 71 – Atividade sobre o conto “As formigas”	120
Figura 72 – Atividade sobre o conto “As formigas”	121
Figura 73 – Atividade sobre o conto “As formigas”	121
Figura 74 – Atividade sobre o conto “As formigas”	123
Figura 75 – Atividade de caracterização direta e indireta de personagens.	124
Figura 76 – Atividade de caracterização direta e indireta de personagens.	125
Figura 77 – <i>Screenshotes</i> de atividades no <i>WhatsApp</i>	126
Figura 78 – <i>Screenshotes</i> de atividades no <i>WhatsApp</i>	127
Figura 79 – <i>Screenshotes</i> atividades no <i>WhatsApp</i>	127
Figura 80 – <i>Screenshotes</i> de atividades no <i>WhatsApp</i>	128
Figura 81 – Alunos em sala.	129
Figura 82 – Atividade “descubra quem é?”.....	130
Figura 83 – Atividade “descubra quem é?”.....	130
Figura 84 – <i>Screenshotes</i> de atividades no <i>WhatsApp</i>	132
Figura 86 – <i>Screenshotes</i> de atividades no <i>WhatsApp</i>	132
Figura 87 – Entrevista com a escritora Alcimare Dalbone.	133
Figura 88 – Encontro com a escritora Alcimara Dalbone.....	134
Figura 89 – Atividade em sala.....	135
Figura 90 – Produção inicial.....	136
Figura 91 – Produção inicial. (continuação).....	137
Figura 92– Produção inicial.....	140
Figura 93 – Trecho de produção inicial.....	141
Figura 94 – Trecho de produção inicial.....	142
Figura 95 – Trecho de produção inicial.	143
Figura 96 – Trecho de produção inicial.....	143
Figura 97 – Trecho de produção inicial.....	144
Figura 98 – Desenvolvimento do texto coletivo.....	146
Figura 99 – Alunos em atividade de reescrita.....	147
Figura 100 – Produção coletiva final.....	148
Figura 101 – Produção coletiva final.....	149
Figura 102 – Produção coletiva final.....	151
Figura 103 – Produção final preparada para circulação em ambientes virtuais.....	154
Figura 104 – Produção final preparada para circulação em ambientes virtuais.....	155
Figura 105 – Produção final preparada para circulação em ambientes virtuais.....	155
Figura 106 – Produção final preparada para circulação em ambientes virtuais.....	156
Figura 107 – Produção final preparada para circulação em ambientes virtuais.....	156

Figura 108 – Produção final preparada para circulação em ambientes virtuais.....	157
Figura 109 – Produção final preparada para circulação em ambientes virtuais.....	157
Figura 110 – Produção final preparada para circulação em ambientes virtuais.....	158

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 LETRAMENTO E ESCOLARIZAÇÃO	21
2.1 A inserção do letramento na escolarização.....	21
2.2. Letramento como prática discursiva real.....	23
2.3 Letramento literário	25
2.4 A formação literária.....	28
3 INVESTIGANDO O PERSONAGEM	31
3.1 Aspectos do gênero conto.....	31
3.2 O personagem contemporâneo	32
3.3 A organização linguística do personagem e a verossimilhança.....	38
3.4 A construção de personagens e a Semiologia.....	42
4 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	50
4.1 A pesquisa-ação.....	50
4.2 O passo a passo.....	51
1º PASSO – Contextualização e Problematização	53
2º PASSO – Aula teórica.....	53
3º PASSO - Pesquisa individual.....	54
5º PASSO - Discussão coletiva, crítica e reflexiva	54
6º PASSO - Produção de texto coletivo	54
7º PASSO – Produção final.....	55
4.3 Proposta de circuito didático	55
1ª fase: Apresentação e discussão do projeto.....	55
2ª fase: Aula teórica.....	60
3ª Fase - Pesquisa individual	78
4ª fase – Produção individual	84
5ª fase – Discussão crítica.....	86
6ª fase – Produção do texto coletivo.....	86
7ª fase – Produção final	86
5 APLICAÇÃO DA PROPOSTA DIDÁTICA E ANÁLISE DE RESULTADOS	87
5.1 1ª fase: Apresentação e discussão do projeto.....	87
5.2 2ª fase: A aula teórica	99
5.3 3ª fase :Pesquisa individual	125
5.4 4ª fase: Produção individual	134
5.5 5ª fase: Discussão coletiva, crítica e reflexiva.....	145
5.6 6ª fase: Produção de texto coletivo.....	145

5.7 7ª fase: Produção final	154
5.8 Sobre a aplicação da proposta didática	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	161
REFERÊNCIAS	163
ANEXOS	167
ANEXO 1 – Produção final: O quartinho de limpeza.	167
ANEXO 2 – Produção Final: Os espíritos.	170
ANEXO 3 – Produção Final: O cemitério dos vivos.	173
ANEXO 4 – Produção final: Clarice.	177
ANEXO 5 – Produção final: A sereia barramansense	180
ANEXO 6 – Produção Final: Vagando pelos trilhos.	184
ANEXO 7 – Produção Final: A pousada sinistra.	188
ANEXO 8 – Produção Final: O mistério da ponte dos arcos.	191

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe uma mediação didática para a construção de personagens de contos de mistério em turmas de nono ano do ensino fundamental. A escolha de tal temática deve-se à importância desse elemento para a elaboração de narrativas de caráter literário em que estão envolvidos aspectos linguísticos, discursivos e extralinguísticos. Assim, a mediação buscou encontrar estratégias que possam responder à questão: como conduzir os aprendizes à construção do personagem na narrativa literária, a fim de desenvolver sua potência criativa? Supõe-se que esse saber facilitará sua prática social, inserida em um contexto moldado pela cultura da escrita, cuja exigência de domínio e articulação se relaciona diretamente ao processo de urbanização das cidades (MARCUSCHI, 2007).

Na sociedade contemporânea, a escrita constitui-se em uma suposta forma de domínio da realidade, acabando por gerar práticas sociais de exclusão e impedindo a autonomia de pensamento. A capacidade de articular a funcionalidade da escrita em seus múltiplos usos é bastante complexo diante dos desafios diários, principalmente para quem o domínio de letramento está restrito ao atendimento das necessidades mais básicas. Essa realidade deixa clara a urgência por soluções e por uma educação em que se priorize o ensino da língua de maneira mais ativa e inserida na pragmática das relações sociais. Dessa maneira, devem-se construir práticas pedagógicas em que a produção textual do aluno se afaste da mera artificialização e se aproxime de seu contexto de circulação, observando objetivos claros para atender as exigências do cotidiano, onde nos deparamos com os mais diversos gêneros orais e escritos. Esclarecem a esse respeito Schneuwly e Dolz (2004:80): “toda introdução de um gênero na escola é o resultado de uma decisão didática que visa a objetivos precisos de aprendizagem”.

Os gêneros textuais permeiam as relações sociais, seu domínio está intimamente ligado à capacidade de realizar-se linguisticamente nas multiplicidades das situações sociais, ou seja, define a autonomia e inserção social de cada individualidade. Conforme aponta Bronckart (*apud* MARCUSCHI, 2003:28): “a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental da socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”. Dentre todos eles, o gênero literário, sobre o qual desenvolvemos nosso trabalho, constitui repertório histórico da humanidade e sua apreensão na escola é um desafio. Portanto, é de suma importância uma prática pedagógica que auxilie o professor a desenvolver as habilidades literárias dos estudantes em seus múltiplos aspectos, dentre eles a construção de

personagens. Assim, a escolha da abordagem de tal temática se deu pela necessidade de demonstrar aos estudantes que o personagem se constitui no elemento fundamental de uma narrativa literária, o qual, na verdade, revela uma realidade extralinguística de um determinado tempo histórico mediada por mecanismos linguísticos.

Por conta dessa inter-relação entre o externo e o interno à língua, é que optamos por utilizar os pressupostos da Análise do Discurso (CHARAUDEAU, 2010) como base para a preparação das atividades didáticas sobre a construção de personagens em contos de mistério. Entende-se que o letramento literário se processa na interface entre a manipulação do linguístico e a compreensão dessa realidade extralinguística. Como se trata de letramento literário, fica claro que os elementos da língua devem ser trabalhados de forma consciente, sendo essa consciência a meta a ser atingida. Espera-se desenvolver no aluno a habilidade de interpretar a realidade extralinguística para transformá-la literariamente em narrativa da qual participam personagens criados linguística e extralinguisticamente.

Em função disso, para desenvolver a habilidade de construção de personagens, pretendemos desenvolver nosso projeto a partir de contos de mistério. Respeitamos, dessa maneira, o currículo mínimo elaborado pela SEEDUC (Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro) que estabelece para o 9º ano do Ensino Fundamental, entre outros gêneros, o foco no desenvolvimento de habilidades e competências para o gênero conto. Ainda, consideramos que as narrativas de mistério agradariam os estudantes/adolescentes correspondentes a essa faixa etária. Optamos pelo conto, pois se trata de uma narrativa curta, cuja leitura – se não pode ser feita no tempo de uma aula – torna-se facilmente viável por outros meios, ademais de considerá-lo um gênero de leitura mais fácil e agradável aos alunos.

A narrativa é muito presente no cotidiano dos alunos, eles ouvem histórias de todos os tipos desde cedo, assistem a filmes, leem livros, narram suas aventuras para os colegas, pois o costume de “narrar é uma manifestação que acompanha o homem desde sua origem” (GANCHO, 1997:6). Desse modo, desenvolver a habilidade de narrar histórias a partir da articulação de seus elementos de maneira articulada e programática, prepara os estudantes para as práticas letradas de sua realidade mais imediata.

Esta pesquisa tem como objetivo principal contribuir para um letramento literário, a partir de atividades didáticas direcionadas à construção de personagens, de modo que o aluno se aproprie, conscientemente, de elementos linguísticos para colocá-los em cena em contos de mistério. Os objetivos específicos relacionados às tarefas dos alunos são: a) buscar, por

meio de recursos digitais e físicos, informações sobre a criação de personagens; b) criar personagens de contos munidos de informações sobre tal elemento narrativo, c) interagir com professores e colegas, por meio de recursos digitais, em busca dessas informações, e por fim, d) colocar em circulação, via redes sociais, dentro e fora da escola, o conto produzido.

Para demonstrar nosso raciocínio, este estudo foi dividido nas seguintes etapas: I) discussão sobre letramento e domínio literário na escola, especificamente olhando para a narrativa e para a importância dos personagens para o universo infanto-juvenil; II) reflexão sobre a criação do personagem e o domínio linguístico III) apresentação da metodologia colaborativa; IV) apresentação e análise da aplicação da mediação didática propriamente dita; V) considerações finais.

A mediação foi desenvolvida na esfera do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), na Área de Concentração de Linguagens e Letramento, seguindo a linha de pesquisa Teorias da Linguagem e Ensino. A aplicação ocorreu em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Baldomero Barbará, no município de Barra Mansa, estado do Rio de Janeiro.

A pesquisa foi realizada no contexto escolar para que, de algum modo, venha a contribuir para a formação e a transformação das práticas docentes e, assim, possa se cumprir o papel democrático da educação. A partir dessa perspectiva, de organizar informações, de compreensão e de busca de respostas às dificuldades inerentes ao processo pedagógico, encontramos na abordagem qualitativa a proposta mais adequada para a investigação. Isto posto, adotaremos a pesquisa-ação, cujas características se adequam melhor a nossos propósitos. Segundo Thiollent (1988), esta orientação metodológica se baseia em intervenções reais para estudo e, por isso, produz conhecimentos a partir de problemas concretos, conforme define: “Tal orientação contribuiria para o esclarecimento das microsituações escolares e para a definição de objetivos de ação pedagógica e de transformações mais abrangentes.” (THIOLLENT, 1988:75).

2 LETRAMENTO E ESCOLARIZAÇÃO

Este capítulo tem por finalidade trazer os pressupostos teóricos de estudos de letramento que orientam nosso planejamento metodológico. Iniciamos o capítulo tratando sobre o que é letramento e a necessidade de sua inserção na escola. Em seguida, discutiremos a importância do letramento como prática discursiva real, para, logo, abordarmos especificamente sobre o letramento literário, e, por último, focarmos na formação literária dos estudantes.

2.1 A inserção do letramento na escolarização

Os avanços tecnológicos, as mudanças das relações humanas, das estruturas sociais, a diversidade social e cultural, as transformações e os avanços do conhecimento redirecionam constantemente a práxis do professor. A docência é um desafio, e por essa razão, exige do profissional, aliado a uma ininterrupta formação continuada, um caráter investigativo e observador da realidade dos seus alunos. Novas pesquisas apontam outras diretrizes e caminhos à educação escolar, assim, na perspectiva de adequar a educação brasileira às exigências sociais do mundo contemporâneo, em 2014, foi instituído pelo governo federal o PNE (Plano Nacional de Educação). Com vigência programada de dez anos, o programa conta com vinte metas para melhorar a educação básica, entre elas a criação da BNCC, cujo objetivo é constituir a diretriz adotada na construção curricular e em propostas pedagógicas das redes de ensino públicas e privadas, em todo o território brasileiro.

O foco das atividades pedagógicas, segundo a nova diretriz, permanece direcionado ao desenvolvimento de competências, cujo conhecimento e habilidades devem atender às diferentes e complexas demandas da vida cotidiana, indicando-se o que o aluno deve “saber” e o que deve principalmente ser capaz de “saber fazer”. Diante de um novo cenário mundial, o processo educacional deve ser comprometido com os interesses dos estudantes, suas necessidades e com os desafios impostos por essa sociedade, e nesse sentido segue o documento:

A sociedade contemporânea impõe um olhar inovador e inclusivo a questões centrais do processo educativo: o que aprender, para que aprender, como ensinar, como promover redes de aprendizagem colaborativa e como avaliar o aprendizado” (BRASIL, 2018:14).

O professor de Língua Portuguesa, inserido nessa nova proposta educacional, é o mediador fundamental, por isso, deve promover a articulação de novas metodologias e

ferramentas que se fizerem necessárias, seguindo as novas diretrizes da BNCC, para o aperfeiçoamento do processo ensino-aprendizagem. Uma das perspectivas a ser desenvolvida no processo educacional, estabelecida na nova BNCC, é a habilidade da prática discursiva do aluno, é a noção de língua associada a seu dinamismo social, a esse aspecto que chamamos na atualidade de letramento.

A partir do final dos anos 70, reconstitui Soares (2004), a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação a Ciência e a Cultura) já se preocupava em incluir em seus dados avaliações relativas ao domínio de competências leitoras e de escrita, uma investigação em um âmbito maior do que o restrito à capacidade de ler e escrever. Já começou a se pensar então, segundo Soares (2004), em vários países, e de maneira concomitante, em uma palavra que denominasse uma necessidade que naquele momento se verificava: “(...) a necessidade de reconhecer e nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas de ler e de escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita” (SOARES, 2004:6).

Então cria-se o conceito de letramento, para diferenciar as duas habilidades que devem ser desenvolvidas durante a escolarização formal do aluno. Agora, aliado ao processo tradicional de alfabetização, ou seja, à aquisição da escrita, ao aprender a escrever e ler, teremos associado o desenvolvimento dessa competência de leitura e escrita voltadas para uma participação efetiva nas práticas sociais e nas demandas exigidas no mundo do trabalho. Resume Marcuschi (2007:32): “Assim, é possível fazer uma distinção entre o *letramento* e a *alfabetização*, desde que se veja esta como um domínio formal da escrita e aquele como as práticas sociais da escrita”. O letramento na educação básica, dessa maneira, leva o aluno para além de dominar o sistema de escrita, o leva a inseri-la adequadamente na sua vida cotidiana. Tal habilidade é reconhecida e valorizada no texto da nova BNCC:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens. (BRASIL,2018:65-66)

A BNCC determina a “ampliação dos letramentos”, ou seja, considera a existência de inúmeros letramentos a serem gradativamente apropriados pelos alunos para que estejam aptos às mais diferentes situações que as interações sociais nos exigem. Sobre isso, Souza e Cosson (2011:102) também apresentam sua contribuição. Para eles, o letramento é constituído “pelos conhecimentos que veiculamos pela escrita, pelos modos como usamos a escrita para nos comunicar e nos relacionar com as outras pessoas, pela maneira como a

escrita é usada para dizer e dar forma ao mundo, tudo isso de maneira bem específica”. Diante disso, os autores preferem usar a terminologia “letramentos”, ou ainda, incluir o termo “multiletramentos”. Sendo inúmeras as formas de interação social, surge o conceito de “múltiplos letramentos”, assim, há diferentes letramentos para diferentes finalidades e graus de formalidade, abrangendo diversos tipos de conhecimentos linguísticos e discursivos, pressupondo, assim uma multiplicidade relativa ao domínio da leitura e escrita (MARCUSCHI, 2007).

O conceito de multiletramentos¹ nasce a partir da constatação das mudanças que os avanços tecnológicos, e as relações interconectadas impuseram ao uso da linguagem. Nos últimos anos, a evolução dos recursos digitais permitiu o surgimento de novas formas de leitura, de escrita, de pesquisa, de circulação de informação e de interação social, articulando e envolvendo múltiplas semioses e culturas. Então, neste momento, se faz mister o desenvolvimento de competências que preparem os educandos a transitarem habilmente entre os diversos gêneros e textos, inclusive os que circulam nos ambientes virtuais. A partir desse entendimento, o de valorizar o uso eficaz da linguagem, a competência comunicativa do estudante nos diversos campos da atividade humana, a escola deve permitir que ele se aproprie adequadamente dos gêneros e, por fim, seja capaz de construir e reconstruir o que lê e produz (ROJO e BARBOSA, 2015).

Para concluir, segundo Souza e Cosson (2011:101), em nossa sociedade, “tudo o que somos, fazemos e compartilhamos passa necessariamente pela escrita”. Frente a isso, ao pensarmos nas situações em que a escrita aparece no dia a dia, percebemos também, serem diversas as maneiras pelas quais ela se insere em nossa vida. Há uma pluralidade inesgotável de sua articulação, considerando toda a complexidade do fenômeno frente a capacidade comunicativa humana. Dentro dessa perspectiva a competência letrada de cada pessoa é medida pela capacidade de transitar, linguisticamente, com segurança, nos mais variados contextos, na oralidade e na escrita, tanto na informalidade quanto na formalidade.

2.2. Letramento como prática discursiva real

Os novos parâmetros educacionais, conforme vimos, derrubam separações instituídas culturalmente pela sociedade entre a “língua da escola” e da “língua fora da escola”. Nesse momento, a língua, ademais ser um fenômeno cognitivo e metalinguístico, realiza-se e se

¹ Rojo (2012: 23) aponta como características dos Multiletramentos: (a) eles são interativos; mais que isso, colaborativos; (b) eles fraturam ou transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial, as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]); (c) eles são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

constitui nas situações comunicativas do nosso dia a dia. Percebe-se assim que a materialização de um texto, em um gênero, implica, diretamente em sua funcionalidade num processo interacional de situações reais de uso, nas quais o texto deve ser identificado como gênero pelos atores envolvidos nesse processo (MARCUSCHI e CAVALCANTE,2007).

Seguindo essa mesma discussão, para as autoras Rojo e Barbosa (2015:28), os gêneros são organizadores de nossa comunicação, ou seja, dizem respeito a tudo que objetiva o processo interacional em nosso cotidiano, tudo o que enunciamos², falamos, escrevemos se organiza em um gênero:

Tudo o que dizemos, cantamos ou escrevemos/digitamos, tudo que enunciamos, dá-se concretamente na forma de enunciados ou textos. E todo enunciado articula-se em uma forma relativamente estável de enunciar, que é o gênero.

Tanto para Marcuschi (2003) quanto para Marcuschi e Cavalcante (2007) a identificação de um gênero passa pela função social que possui, é cada um deles ser reconhecido e utilizado dentro de uma prática sócio-discursiva real. A coletividade define sua estabilidade, os gêneros são criados, desaparecem ou se transformam segundo as necessidades dessa coletividade, não existem por si só, inclusive, acrescenta Marcuschi (2003:19): “caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais”.

A partir da perspectiva de que um gênero só se materializa na sua funcionalidade, e que as práticas sociais são permeadas por usos de múltiplos gêneros, dentro e fora da escola, devemos questionar o tratamento até então comumente dado aos gêneros pelos professores de Língua Portuguesa. Até então, segundo Marcuschi e Cavalcante (2007:133), a prática de ensino de língua tem frequentemente adotado uma “postura de simular a produção desse gênero, vista como simples atividade de escrita”. A produção do aluno está restrita, dessa maneira, ao ambiente escolar e sujeita a um padrão previamente determinado pelo professor, artificializando características próprias do gênero. Práticas de produção de simulacros devem ser revistas frente a essa nova concepção de língua; o ensino da língua na escola requer planejamento dos professores: “atividades que recuperem o funcionamento do texto, inserindo-o numa situação comunicativa real” (MARCUSCHI e CAVALCANTI, 2007:132).

Rojo e Barbosa (2015) também defendem que nas propostas de atividades escolares baseadas em gênero, deve-se levar os estudantes a perceber a existência de gêneros próprios

² As autoras seguem o conceito formado por Bakhtin de enunciado, portanto, consideram que “Pode ser uma simples interjeição ou meneio de cabeça, assim como uma frase, um texto escrito completo ou um romance. O que o define são suas fronteiras, ou seja, tudo o que leva à alternância dos falantes.” (ROJO e BARBOSA, 2015:17)

das atividades escolares, como as redações e questões de vestibulares por exemplo, e outros, sobretudo, dizem respeito à vida cotidiana fora da escola. A proposta de atividade com gêneros deve preocupar-se em estar conectada a uma situação real de uso e de circulação, segundo as autoras:

(...) propostas de produção baseadas em gêneros do discurso dão mais atenção à situação da vida real em que esses textos são produzidos, esclarecendo o contexto, o lugar e a posição social dos interlocutores (autor, leitor, participantes) neste contexto, a finalidade e a circulação do texto e, somente secundariamente, a certos aspectos da forma/formato do texto importante para que esse tenha efeito neste contexto. (ROJO e BARBOSA, 2015: 34-35)

A partir desses pressupostos, percebemos a necessidade de inserir-se no planejamento escolar metodologias pedagógicas, que estejam preocupadas em adaptar os conteúdos curriculares às suas reais práticas de uso.

2.3 Letramento literário

A prática social humana requer que a escrita se adapte aos mais variados contextos e necessidades, por isso, naturalmente, se apresentará de maneira variada diante das mais diversas situações cotidianas. Dessa maneira, cada organização social demanda práticas de letramento específicas, como as que são próprias para o trabalho, para as relações familiares e de amizade, jurídicas ou religiosas, por exemplo. Se trata de instâncias discursivas mais amplas abarcando em si múltiplas práticas letradas, ou “dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais” (MARCUSCHI, 2023: 22). A essas instâncias que procuram organizar os gêneros em grupos, segundo a finalidade para uso nas instituições sociais, é chamada de “domínio discursivo” por Marcuschi (2023: 22). Assim, os gêneros conto, romance e crônica pertenceriam ao domínio discursivo literário, enquanto a reportagem e a notícia se enquadrariam no domínio discursivo jornalístico, por exemplo.

A nova BNCC, seguindo nessa direção, também agrupa os múltiplos letramentos de acordo com sua funcionalidade social, e distribui por campos as habilidades de letramento que os alunos devem alcançar em seu percurso escolar. Entre eles, segundo a BNCC, insere-se o “campo artístico-literário”, cuja formação, além de prever o reconhecimento, a valorização e a fruição dessa manifestação, também determina:

o desenvolvimento de habilidades que garantam a compreensão, a apreciação, a produção e o compartilhamento de textos dos diversos gêneros, em diferentes mídias, que circulam nas esferas literária e artística. (BRASIL, 2018:154)

Podemos afirmar, então, a partir do que apontamos e determina a nova BNCC, que o letramento literário constitui-se em uma entre as múltiplas formas de letramento a

constituírem a formação dos sujeitos frente às práticas sociais, sendo entendido como “um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma” (SOUZA e COSSON, 2011:102) e como “processo de apropriação da literatura como construção literária de sentidos” (PAULINO e COSSON, 2009: 67). Segundo Souza e Cosson (2011:102), a concretização do letramento literário está associada estritamente a processos educativos desenvolvidos para essa finalidade dentro da escola, o qual somente uma leitura despreziosa não consegue efetivar. Segundo esses autores as estratégias de leitura auxiliam na atribuição de sentidos, e na compreensão do texto como um todo muito mais abrangente. Um detalhamento necessário, perpassando desde o contexto até a intertextualidade, e permitindo indagações e encontrando respostas direcionadas ao texto sobre “quem e quando diz, o que diz, como diz, para que diz e para quem diz” (SOUZA e COSSON, 2011:103).

Outro aspecto, apontados pelos autores Souza e Cosson (2011), ao qual os professores deverão estar atentos, são os constantes equívocos no tratamento do texto literário em sala de aula, no manuseio com textos de tal gênero. Segundo eles, é comum a transformação do que é literário em material pedagógico. É usual o recurso do livro didático, cujo conteúdo comumente aparece fragmentado, por vezes deturpado, e também transportado do seu suporte original de veiculação. Respeitar a integridade da obra e mantê-la em seu suporte original fazem parte da atribuição de sentido que lhe é própria. A esse respeito valem as seguintes palavras de Soares (1999): “(...) a adequada escolarização da literatura é aquela que conduz a práticas de leitura que ocorrem no contexto social, a atitudes e aos valores que correspondem ao ideal de leitor que se quer formar” (SOUZA e COSSON, 2011:103). Esta preocupação é compartilhada também pela professora Cruvinel (2008:126) ao afirmar: “Apesar de se configurar como parte integrante da disciplina Língua Portuguesa, o gênero literário não se subverte ao discurso pedagógico, portanto não pode ser tomado como conteúdo programático a ser ensinado.”

Além desses fatores complicadores ao letramento literário, os manuais didáticos pressupõem, em seu conteúdo, que os alunos tenham a competência leitora desenvolvida em conformidade com o ano que estejam cursando, segundo nos esclarece Silva (2009:34):

Em primeiro lugar, parte-se da suposição de que a literatura deve apresentar-se ao leitor como um percurso, preparando-o progressivamente a ser capaz de fruir a literatura para adultos. Daí a complexidade crescente dos textos, segundo a idade presumível de seu destinatário. Extensão, estrutura e temas abordados relativizam-se e dimensionam-se de acordo com a idade e a maturidade do seu leitor potencial.

Constatamos a partir disso, formar um aluno leitor dentro da escola incorre em um processo, um percurso que acontece aos poucos nas etapas educacionais, desde os anos iniciais, em ordem crescente de competências, porém, isto nem sempre se dá satisfatoriamente: fatores físicos, psíquicos, intelectuais e sociais, por exemplo, afetam a correspondência esperada de desenvolvimento na sua faixa etária. E mais, para avaliarmos a responsabilidade do professor de Língua Portuguesa, também se pressupõe, ao término do Ensino Fundamental, que sua competência leitora já haja alcançado o último patamar possível para contato com maior aprofundamento no Ensino Médio. Sendo esse patamar, o de leitor crítico (SILVA, 2009:25):

Leitor crítico (lê com total autonomia texto de qualquer extensão, identificando alusões e subentendidos, assim como estabelecendo relações entre o texto lido e a realidade que conhece em suas vivências diárias de cidadão, sendo, inclusive, capaz de emitir juízos críticos sobre o texto lido).

Outros desafios ainda se impõem ao letramento literário, para que uma ponte seja construída, de um processo contínuo de aprendizagem entre as etapas de escolarização e a vida cotidiana. Segundo Silva (2009), a atualidade tem se permeado de bombardeios de informações, sons, imagens, novas mídias, cultura consumista e imediatista as quais os jovens estão inseridos diariamente. Frente a tudo isso, diante de tantas atividades oferecidas aos jovens, em uma rotina em que o tempo cada vez é mais escasso, é preciso o professor se preocupar em como articular o letramento literário e o interesse e comportamento da juventude impaciente objetivando sucesso.

O papel do professor, nesse sentido, é atuar como um guia, seduzindo e orientando seus alunos, despertando o interesse literário adormecido em cada um deles, conduzindo-os em sua própria trajetória. A metodologia empregada em sala de aula e o planejamento pedagógico bem articulado devem estar direcionados para o desenvolvimento dessas habilidades, afirma Silva (2009:47): “A linguagem literária é sutil: treinar um olhar crítico pela via da ficção é conhecer mais a fundo a natureza humana, um aprendizado essencial para cada um de nós.” Silva (2009) ainda sugere ao professor a escolha do gênero conto como mais adequado para despertar o interesse dos jovens estudantes, pois, ademais esse contexto atual, é um gênero que nos últimos anos tem aumentado sua produção no mercado editorial significativamente, certamente atendendo à demanda da sociedade contemporânea. Dentro das novas perspectivas de letramento, as práticas sociais passam a estruturar o ensino da língua materna, portanto, é imprescindível o professor identificar agora, segundo Shiraishi e Carreiro (2013:120), “textos significativos para o aluno e sua comunidade”.

O professor, em sua prática, sugerem ainda as autoras, deve levar em conta que o conhecimento se realiza por meio da interação social, mediada pela linguagem, e ainda aponta a necessidade da aprendizagem de um novo conhecimento perpassar por uma relação de um sujeito mais experiente auxiliando o menos experiente, no caso de sala de aula, professor-aluno (SHIRAISHI e CARREIRO, 2013). Nesse entendimento, serve como exemplo a sugestão de Silva (2009) em relação à prática de leitura em sala de aula. Indica a autora que se façam procedimentos de leitura compartilhada. Assim, um guia, com o livro em mãos, ao ler em voz alta de maneira expressiva para a turma, busca desvendar coletivamente desde as intenções do escritor, até recursos estilísticos, tudo o que permeia o texto, inclusive o contexto. Shiraishi e Carreiro (2013) corroboram a necessidade de o professor engendrar ações planejadas e interativas de conhecimentos linguísticos e extralinguísticos com os alunos.

2.4 A formação literária

A BNCC estabelece diretrizes para o Ensino Fundamental no Brasil. Ao tratar do ensino de Língua Portuguesa, o documento reuniu gêneros de um mesmo grupo em “campos”, cujas finalidades nas práticas sociais são semelhantes, dos quais, entre eles, o campo artístico-literário que engloba os seguintes gêneros: “lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canção, poemas, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charge/ cartum, dentre outros” (BRASIL, 2018: 94). Também determina as habilidades a serem desenvolvidas com os estudantes do Ensino Fundamental, especificamente 8º e 9º anos, em Língua Portuguesa nesse campo:

Para tanto, as habilidades, no que tange à formação literária, envolvem conhecimentos de gêneros narrativos e poéticos que podem ser desenvolvidos em função dessa apreciação e que dizem respeito, no caso da narrativa literária, a seus elementos (espaço, tempo, personagens); às escolhas que constituem o estilo nos textos, na configuração do tempo e do espaço e na construção dos personagens; aos diferentes modos de se contar uma história (em primeira ou terceira pessoa, por meio de um narrador personagem, com pleno ou parcial domínio dos acontecimentos); (BRASIL, 2018:136).

Focando na formação literária, especialmente na narrativa de ficção, há percepções literárias a serem desenvolvidas nos alunos para que o letramento ocorra de maneira produtiva. O professor deve criar estratégias levando os alunos a compreenderem que, no encontro escritor-leitor, não há só identificação de experiências de vida, ao que se assemelha à sua realidade imediata, mas também de descoberta de experiências novas relativas a outro mundo, em contraste, o ficcional, onde se permite comparar, questionar, e se tirar conclusões.

Ora instiga o raciocínio, ora a imaginação, instigando constantemente o leitor, de maneira ativa, a preencher os hiatos narrativos (SILVA, 2009). Citando Ana Maria Machado, Silva (2009: 47), para a autora, as narrativas de ficção:

força o leitor a entrar na pele de muitos personagens, sentir emoções diferentes, arrostar inúmeros perigos, conhecer diferentes paisagens, agir e reagir em conformidade com diversos perfis psicológicos.

Segundo Silva (2009:170), o texto literário requer uma maior imersão do leitor, porque as histórias levam não só a uma reflexão, como também a uma avaliação da sociedade, impressionando o leitor mais até que a própria realidade, além de contribuir para a “sedimentação de conhecimentos que costumeiramente lhe chegam pelos textos informativos”. Esse aspecto da linguagem literária, metafórico e simbólico da realidade, propiciada pela narrativa de ficção, constitui a “voz ao coletivo, ao universal”, nesse processo de identificação construído entre leitor e personagem: “Na ficção vemos retratado o drama de todos os homens, o que inclui o nosso próprio. Os limites da ficção são os da humanidade, não se circunscrevem a um determinado lugar ou a um indivíduo” (SILVA, 2009: 71). Proporcionar esse contato do aluno, como leitor fruidor do gênero literário, possibilitando-lhe descortinar uma nova realidade, ao mesmo tempo próxima e afastada de si, é papel da escola:

A atividade de leitura deve se colocar como uma provocação, para que o leitor, diante do texto, ou seja, dos conflitos, das personagens, de suas experiências, de seu universo, de tudo que lhe revela sua humanidade, possa se colocar frente a si mesmo, na medida em que se depara com a vida do outro, ou se sente tocado pela subjetividade alheia (...). (CRUVINEL, 2008: 126)

Desse conhecimento, dessa apropriação leitora e contato intenso com o gênero, prepara-se o aluno também, de maneira concomitante e inerente a esse processo, para apropriação das estruturas que permeiam o gênero e que se descortinam em sala de aula. A leitura e a escrita são atividades complementares, ou seja, todo o conhecimento linguístico a desenvolver-se deve ser encaminhado dialogicamente, um dando suporte ao outro no processo ensino-aprendizagem. Segundo Shiraishi e Carreiro (2013:128) para uma proficiência linguística é necessário desenvolver os seguintes aspectos nos estudantes:

- (a) conhecimento enciclopédico (recorremos constantemente a conhecimentos sobre as coisas do mundo que se encontram armazenados na memória);
- (b) textos (o produtor de textos precisa ativar ‘modelos’ que possua sobre práticas comunicativas configuradas em texto – composição, aspectos do conteúdo, estilo, função e suporte de veiculação);
- (c) experiências interacionais (ativação de modelos cognitivos – intenção, quantidade de informação necessária numa situação vivenciada, variantes linguísticas, adequação de gênero à situação comunicativa).

Cabe ao professor organizar o tempo e trabalhar esses aspectos em sala de aula, nem priorizando um, nem negligenciando outros, pois todos constituem conhecimentos fundamentais conduzindo ao letramento. Para Abaurre e Abaurre (2012), assinalando a estreita relação entre leitura e escrita, toda experiência leitora com que nos deparamos, em todos os momentos da nossa vida, da mais informal, e mais simples, a mais formal e complexa, mesmo de maneira inconsciente, constitui nosso repertório: modelos pessoais, nossas referências políticas, históricas, culturais etc. Experiências que darão suporte para que o aluno esteja aparelhado linguisticamente para atender às demandas das práticas sociais no domínio da escrita. A experiência de um letramento literário-narrativo para ser eficiente exige a formação de um leitor competente concomitante a um escritor competente.

É ainda necessário, na articulação do trabalho literário, levar os alunos a distinguirem a diferença entre narratividade e gênero. Marcuschi (2003) caracteriza a narrativa como um “tipo textual”, ao contrário dos gêneros que se definem em situações e finalidades sócio-comunicativas (segundo ele critérios externos), os tipos textuais são caracterizados por seus aspectos formais e linguísticos (critérios internos) predominantes. Enquanto não conseguimos facilmente enumerar os gêneros, os tipos textuais se resumem a cinco, dentre eles: a descrição, a narração, a injunção, a exposição e a argumentação. Marcuschi (2003:27) adota o que convencionou Werlich como os traços linguísticos comuns da narrativa: “Esse tipo de enunciado textual tem um verbo de mudança no passado, um circunstancial de tempo e lugar. Por sua referência temporal e local, este enunciado é designado como enunciado indicativo de ação.”

Os textos, cujos traços linguísticos predominantes sejam os do modo narrativo, apesar de abarcarem os outros traços, como os descritivos e injuntivos, por exemplo, ainda assim serão considerados narrativos. Segundo o autor os gêneros são constructos teóricos, organizados a partir de determinadas características estruturais. Nesse sentido, correspondem a sequências, sequência narrativa, descritiva entre outras, e um texto admite ser organizado por mais de uma dessas sequências. A partir de então, o que se pode verificar é a predominância de uma delas. Devemos ressaltar, portanto, o fato de que todo gênero se organiza a partir de um ou vários tipos textuais, visando às intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos geradores dos usos sociais que os determinam. Resumem assim Rojo e Barbosa (2015: 17) sobre os gêneros: “permeiam nossa vida diária e organizam nossa comunicação.” Portanto, é com base nas características discursivas do gênero conto, que as atividades de construção da personagem na narrativa será desenvolvida.

3 INVESTIGANDO O PERSONAGEM

Ao nos propormos a pesquisar o processo de construção de personagens por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental a partir do gênero conto, verificamos a necessidade de nos debruçarmos sobre conhecimentos teóricos para nortear e auxiliar o processo ensino-aprendizagem desse elemento narrativo visando ao letramento literário dos estudantes. Assim, avaliaremos a importância do elemento personagem, a fim de que os aprendizes possam desenvolver habilidades inerentes à construção narrativa.

3.1 Aspectos do gênero conto

Khedé (1986:8) faz a seguinte afirmação sobre o status do personagem na narrativa: “O personagem, como é o elemento diretamente ligado à ação, aos fatos e acontecimentos da sequência narrativa, movimentando-se num tempo e num espaço específico, é fundamental para qualquer estudo ficcional”. Na perspectiva do gênero conto³ e sobre a importância do personagem, afirma Coelho (2000: 73): “define-se o conto como o registro de um momento significativo na vida do personagem.” Segundo Ferro e Luiz (2011:129), as narrativas curtas como o conto apresentam peculiaridades composicionais para a dinâmica do texto, com maior concisão e objetividade, e assim “exibem um conflito bem definido, centrado basicamente em um núcleo de personagens.”

Gotlib (2006:35) considera que no gênero conto, a palavra escrita deve potencializar ao máximo sua significação, a autora resume da seguinte maneira a construção de um conto: “a economia dos meios narrativos. Trata-se de conseguir, com o mínimo de meios, o máximo de efeitos.” Já a autora Gancho (1997: 08) define didaticamente o conto como:

É uma narrativa mais curta, que tem como característica central condensar o conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens. O conto é um tipo de narrativa tradicional, isto é, já adotado por muitos autores nos séculos XVI e XVII, como Cervantes e Voltaire, mas que hoje é muito apreciado por autores e leitores, ainda que tenha adquirido características diferentes, por exemplo, deixar de lado a intenção moralizante e adotar o fantástico ou o psicológico para elaborar o enredo.

³ É natural a confusão entre os gêneros conto e crônica, ambos se estruturam na tipologia narrativa, são textos curtos, condensados, exigindo uma escolha vocabular, apresentam ações, personagens, tempo, entre outras características comuns. Entretanto a crônica moderna, por sua origem no meio jornalístico é produto dele. Este gênero, portanto, mescla/hibridiza o discurso jornalístico e o literário. Tendo como ponto de partida fatos do cotidiano, desenvolve reflexões críticas de maneira poética, com humor, ironia... Nas palavras de Moisés (1982:247) a crônica “oscila, pois entre a reportagem e a Literatura, entre o relato impessoal, frio e desconhecido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia”.

No conto, portanto, há uma condensação linguística a partir de uma escolha lógica de palavras, da qual resulta a caracterização de personagens obedecendo a uma:

simplificação, que pode consistir numa escolha de gestos, de frases, de objetos significativos, marcando a personagem para identificação do leitor, sem com isso diminuir a impressão de complexidade e riqueza. (CANDIDO, 2014:58)

Para tanto, há , uma parte técnica exigindo do autor seu domínio total, como esclarece Gotlib (2006: 34) , ao citar Poe⁴ sobre a produção de um conto:

o fato é que a elaboração do conto, segundo Poe, é produto também de um extremo domínio do autor sobre os seus materiais narrativos. O conto, como toda obra literária, é produto de um trabalho consciente, que se faz por etapas, em função desta intenção: a conquista do efeito único, ou impressão total. Tudo provém de um minucioso cálculo.

Conforme verificamos, o conto é um tipo de narrativa curta, e, por consequência, a caracterização das personagens, do espaço e do tempo é limitada, logo, é necessário a economia ou condensação dos meios narrativos por parte do autor. Segundo Soares (1993:54), o conto se torna diferente do gênero romance e novela por conta de seu tamanho e características estruturais:

Ao invés de representar o desenvolvimento ou o corte na vida das personagens, visando a abarcar a totalidade, o conto aparece como uma amostragem, como um flagrante ou instantâneo, pelo que vemos registrado literariamente um episódio singular e representativo.

A intenção do conto é emocionar, provocar impacto no público leitor, o escritor deve saber contrair os elementos linguísticos adequadamente aproveitando sua maior potencialidade semântica. Segundo Candido (2014) e Gotlib (2006), para tanto, é necessária uma perícia do autor/aluno na combinação desses elementos caracterizadores para definição e unicidade do personagem, que perpassa obviamente o direcionamento e as escolhas linguísticas realizadas durante o processo de construção literária. A partir dessas referências, é interessante demarcar com alunos, produtores/ leitores, a conscientização da realização desse processo de construção do personagem por parte de quem escreve. Trata-se de um trabalho a ser realizado em sala de aula demandando um olhar sobre múltiplos aspectos envolvendo o personagem e sua elaboração.

3.2 O personagem contemporâneo

Para melhor compreender sobre o personagem na narrativa contemporânea, seus contornos, seus traços e sua natureza, faremos uma análise a partir da conjuntura social atual

⁴ Edgar Allan Poe, Gotlib cita uma obra do autor que considera fundamental para o estudo do gênero conto “*Short storytheories*”.

entendendo que sua construção busca configurar perfis culturais, ideológicos de cada povo e de cada época, constituindo nosso imaginário. Assim, tendo o gênero conto como partida, objetivaremos as nuances constitutivas do personagem contemporâneo, aspectos que possam ser compreendidos e explorados pelos alunos.

Gotlib (2006) analisa o percurso histórico do gênero conto desde seu surgimento na oralidade dos povos primitivos, suas histórias, mitos e ritos e suas inúmeras transformações ao longo do tempo segundo a cultura e sociedade em que foram produzidos. Segundo a autora, “o que caracteriza o conto é seu movimento através dos tempos”, assim houve na modernidade uma evolução da técnica de narrar, não uma mudança em sua estrutura que permanece a mesma. A fragmentação dos valores, das pessoas, a complexidade dos novos tempos pós-era industrial repercute na produção literária marcando uma nova estética: “se no passado, por exemplo, era patente rigorosa e linear demarcação do enredo (introdução, complicação, clímax e desfecho), temos hoje formas alternativas de conduzir uma história” (FERRO e LUIZ, 2011:143). Essa desestruturação da visão de mundo, não mais global e plena, de conflito, de perda de referentes e de valores, esse novo contexto mundial não atinge somente o desdobramento do enredo, atinge também a configuração do personagem (KHEDÉ, 1986).

O personagem contemporâneo representa a crise de identidade humana multifacetada “traz em si a ambivalência de valores, agora relativizados”, ao contrário dos contos tradicionais, em que os personagens “representam um modelo fechado de sociedade, com valores plenos e estratificados e por isso são heróis, anti-heróis ou vilões no sentido absoluto” (KHEDÉ, 1986:57). Assim, a verdade que antes era coletiva, agora é individual, e admite inúmeras, várias configurações, passa-se a representar partes do mundo, as experiências de cada um (GOTLIB, 2006). A narrativa nesse momento é constituída pelo herói urbano, heterogêneo, correspondendo “à multiplicidade de tipos e valores que circulam nas sociedades de massa” (KHEDÉ, 1986:64). Esse esfacelamento moderno permite a liberdade ficcional do personagem, ao contrário da predominância da voz do narrador autoritário, como uma projeção da maneira de ser do escritor e de uma sociedade de valores fechados e instituídos, portanto, não cabe na modernidade um personagem de:

um projeto esquemático e totalitário que pretenda apreender a realidade histórica como um estrutura una e homogênea, um dos estatutos da literalidade do texto artístico estará nessa possibilidade de apresentar ao leitor uma obra pluralista onde o confronto de visões de mundo ou de ideologias seja transmitido justamente pelas múltiplas vozes dos personagens que, [...] devem ser personalidades em formação, não fechadas num perfil preconcebido. (KHEDÉ, 1986: 14)

Sendo múltiplas as vozes no texto, múltiplos os pontos de vista dos personagens, essa relativização permite um processo de identificação em que as ações dos personagens, seu perfil e características de alguma forma coincidam com situações, conflitos vivenciados pelos leitores, o desafio é “criar personagens cuja identidade [...] não os impeça de configurarem o homem universal” (KHEDÉ, 1986:61). Essa identificação com os múltiplos papéis sociais, caracteres, abismos interiores, comportamentos adotados e constituídos pelos personagens na narrativa, leva o leitor a refletir sobre a sociedade em que vive e a reavaliar seus valores em uma total imersão e admiti-los como verdade ficcional. Assim, por meio de mecanismos de projeção, e de processos de rejeição ou atração, acontecem “as possibilidades de adesão afetiva e intelectual do leitor”, ou seja, o personagem ainda que seja ficcional “comunica a impressão da mais lídima verdade existencial” (CANDIDO, 2014: 54-55).

Ferro e Luiz (2011 :126), procuram referenciar categorias de personagens, assim, segundo eles, nos contos tradicionais costumam predominar personagens *planos* ou *tipos*: e são os que aparecem “nítidos para o leitor por corresponderem a uma função ou estado social” e “construídos, na maioria das vezes, por meio do estereótipo.” Para Candido (2014: 62-63) esses personagens são construídos da forma mais pura “em torno de uma única ideia ou qualidade” e “permanecem inalteradas no espírito porque não mudam com as circunstâncias”. Khedé (1986: 19) os considera “marcados por um único traço”, ainda afirma que “são lineares e têm seus limites rigorosamente delineados”. Segundo Ferro e Luiz (2011 :126), em contrapartida, os personagens *redondos* ou *caráter*, remetem a reflexões existenciais e “comportamentos ou padrões morais”, por isso mais profundos e complexos. Candido (2014: 63) prefere os denominar de personagens *esféricas* e ademais as características apontadas por Ferro e Luiz, inclui: “a prova de uma personagem esférica é sua capacidade de nos surpreender” e “traz em si a imprevisibilidade da vida”. Em consideração a temática, Khedé (1986: 15) afirma que estes por configurarem “a fragmentação e os conflitos do mundo moderno, os personagens não apresentam contornos nítidos”. Observe a organização dos personagens no quadro a seguir:

Quadro 1 – Categorias de personagens.

CATEGORIAS DE PERSONAGENS	CARACTERÍSTICAS	EXEMPLOS
PLANOS OU TIPOS	<ul style="list-style-type: none"> • CORRESPONDEM A UMA FUNÇÃO OU ESTADO SOCIAL, • ESTERIÓTIPO, • REPRESENTAM UMA IDEIA OU QUALIDADE, • PERMANECEM INALTERADOS NO ENREDO, RIGOROSAMENTE DELINEADOS, • LINEARES. 	<ul style="list-style-type: none"> • A bruxa malvada e a fada bondosa dos contos de fadas. (Alegorias do mal e do bem, respectivamente). • Representações de profissões, através de atributos de fácil identificação: <i>a</i> empregada, <i>o</i> professor, <i>o</i> estudante, <i>a</i> solteirona. • Caricaturas, quando os traços característicos fixos são muito reforçados, podendo ser ridicularizados, comuns em histórias de humor.
REDONDOS, CARÁTER OU ESFÉRICAS	<ul style="list-style-type: none"> • SÃO REFLEXIVOS, • COMPORTAMENTOS MORAIS COMPLEXOS, • REPRESENTAM A FRAGMENTAÇÃO E O CONFLITO HUMANO, • NÃO APRESENTAM CONTORNOS NÍTIDOS, • IMPREVISÍVEIS. 	<p>“Ora são covardes, ora corajosas; ora possuem virtudes, ora defeitos; enfim, expressam a verdadeira natureza humana. A personagem-protagonista de João do Santo Cristo do texto <i>Faroeste Caboclo</i>, é evolutiva, pois é uma mistura de santo e bandido.”⁵</p>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

⁵ Fonte: SÉRGIO, Ricardo. **A personagem na narrativa:** estudos literários. [2010]. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/420168>> Acesso em 05 de abril de 2019.

É importante ressaltar, entretanto, que Charaudeau (2017) questiona a noção tradicional de esteriótipo, propondo outra mais abrangente: a de imaginário sócio-discursivo. Segundo ele (2017: 572), nas interações sociais, de fato, se usam termos que “dizem respeito àquilo que é dito de maneira repetitiva e que, de tal forma, termina por se sedimentar (recorrência e imutabilidade), e descreve uma caracterização julgada simplificadora e generalizante (simplificação)”. Detecta, porém, que existem outros tipos de representações coletivas em circulação, adotadas pelos interlocutores em seu discurso, dando sentido ao mundo, reproduzindo suas crenças e valores, desempenhando uma função identitária, organizadas em forma de “saberes” que são partilhados pelos grupos sociais.

Para o autor, portanto, a adoção do termo esteriótipo é considerada restritiva, pois o conceito se reduz apenas às representações cristalizadas pela convenção social sobre um determinado grupo, enquanto outras formas discursivas de representação da realidade, em que se explicitam diferentes perspectivas e pontos de vista, valores e crenças, são excluídas. Dessa maneira, propõe o uso da terminologia imaginário sócio-discursivo, porque, segundo ele:

o imaginário não é verdadeiro nem falso. Ele é uma proposição de visão de mundo que se baseia nos saberes que constroem os sistemas de pensamento, os quais, podem se excluir ou sobrepor uns aos outros. Isso permite ao analista não ter que denunciar este ou aquele imaginário como falso (CHARAUDEAU, 2017:587).

Assim, enquanto o estereótipo seria a cristalização de uma ideia a partir de um julgamento social, os imaginários, por outro lado, são flexíveis, não apontam verdades, apenas procuram demonstrar que as representações sociais são imagens do mundo, construídas em uma situação comunicativa específica. O imaginário sócio-discursivo é, podemos dizer, fruto da interação social, uma atividade abstrata de simbolização do mundo. Eles são erigidos sob a estrutura dos saberes sociais, saberes coletivos partilhados que o autor subdivide em duas categorias: saberes de conhecimento e saberes de crença. Esses tipos de saberes fundamentam e constroem os discursos circulantes nas esferas sociais. Assim, define o autor:

o imaginário é uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual conforme dito, constrói a significação do mundo, os fenômenos que se produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva” (CHARAUDEAU, 2017: 578).

O sujeito falante cria e reproduz imaginários na articulação da narrativa e da argumentação, procurando explicar e compreender os fenômenos do mundo. Os imaginários,

portanto, são fluidos, estão sujeitos às transformações que ocorrem nas relações humanas, no julgamento da realidade, no conhecimento sobre o mundo ao longo do tempo. Constituem eles o repositório de conhecimentos, crenças e valores que possuímos e que resulta na maneira pessoal e coletiva de interpretação do mundo em que vivemos. Entretanto, em nosso trabalho desenvolvido com os alunos utilizaremos o termo estereótipo ou personagem tipo apontados no quadro 1.

Segundo Candido (2014), a partir da modernidade, a psicologia do personagem vai se adensando para uma maior complexidade e valorização em detrimento da própria ação e incidentes na narrativa. Esse posicionamento também é partilhado por Silva (2009:163): “Desde Poe, nos meados do séc. XIX, o enfoque psicológico vem sendo uma constante na construção de protagonistas de contos e romances”. Mas para Ferro e Luiz (2011) dentro da perspectiva contemporânea, os personagens da atualidade estariam em uma terceira zona, intermediária entre a *planas* e *redondas* como no dizer de Silva (2009:163), a ficção contemporânea “assesta suas lentes ora nas condições externas aos personagens, ora nos seus abismos internos”. Gancho (1997:14) também propõe critérios para uma classificação de personagens segundo caracteres ou características, os quais, segundo ela, podem aparecer “condensados em trechos descritivos ou dispersos na história”:

1. Quanto ao papel desempenhado no enredo:
 - a) Protagonista: é o personagem principal.
 - Herói: é o protagonista com características superiores às de seu grupo;
 - Anti-herói: é o protagonista que tem características iguais ou inferiores às do seu grupo, mas que por algum motivo está na posição de herói, só que sem competência para tanto. [...]
 - b) Antagonista: é o personagem que se opõe ao protagonista, seja por sua ação que atrapalha, seja por suas características, diametralmente opostas às do protagonista. Enfim, seria o vilão da história. [...]
 - c) Personagens secundários: são personagens menos importantes na história, isto é, que têm uma participação menor ou menos frequente no enredo, podem desempenhar papel de ajudantes do protagonista ou do antagonista, de confidentes, enfim, de figurantes.
2. Quanto à caracterização:
 - a) Personagens planos: são personagens caracterizados por um número pequeno de atributos, que os identifica facilmente perante o leitor; de um modo geral são personagens pouco complexos. Há dois tipos de personagens planos mais conhecidos:
 - Tipo: é um personagem reconhecido por características típicas, invariáveis, quer sejam elas morais, sociais, econômicas ou de qualquer outra ordem. Tipo seria o jornalista, o estudante, a dona-de-casa, a solteirona etc. [...]
 - Caricatura: é um personagem reconhecido por características fixas e ridículas. Geralmente é um personagem presente em histórias de humor. [...]
 - b) Personagens redondos: são mais complexos que os planos, isto é, apresentam uma variedade maior de características que, por sua vez, podem ser classificadas em:
 - Físicas: incluem corpo, voz, gestos, roupas;
 - Psicológicas: referem-se à personalidade e aos estados de espírito;

- Sociais: indicam classe social, profissão, atividades sociais;
- Ideológicas: referem-se ao modo de pensar do personagem, sua filosofia de vida, suas opções políticas, sua religião;
- Morais: implicam em julgamento, isto é, em dizer se o personagem é bom ou mau, se é honesto ou desonesto, se é moral ou imoral, de acordo com determinado ponto de vista.

Obs: O mesmo personagem pode ser julgado de modos diferentes por personagens, narrador, leitor; portanto poderá apresentar características morais diferentes, dependendo do ponto de vista adotado. [...]

Conclusão: Ao se analisar um personagem redondo, deve-se considerar o fato de que ele muda no decorrer da história e que a mera adjetivação, isto é, dizer se é solitário, ou alegre, ou pobre, às vezes não dá conta de caracterizar o personagem. (GANCHO, 1997: 14-20)

O personagem contemporâneo, como vimos, está associado ao esfacelamento de valores que a humanidade vivencia cotidianamente, e por isso demarca em si uma crise de representação humana e da atual sociedade, onde ocorre um esvaimento de estruturas rígidas para uma multiplicidade de pontos de vistas, e onde toda realização humana é singular, afastando-se de moldes e protótipos humanos previamente elaborados e instituídos. E, nesse contexto, é interessante observar como os adolescentes ao criarem suas narrativas transitam do universo dos contos de fadas, da linearidade do enredo, de características distintivas e marcadas dos personagens para as características que apontam a contemporaneidade na qual os traços narrativos do conto:

passam a apresentar protagonistas bastante excêntricos, tempos altamente cíclicos, efabulação muitas vezes destituída de linearidade, narradores nada autoritários, temáticas cotidianas em destaque e constante redução das relações maniqueístas. Paralelamente, eleva-se hoje uma estrutura polifônica, marcada pelas ideologias latentes nos posicionamentos dos personagens. Ademais sublinha-se a constância dos elementos recorrentes no cenário cultural moderno, como a plurissignificação, a metalinguagem e, sobretudo, a intertextualidade. (FERRO e LUIS, 2011: 143-144)

O autor/aluno, portanto, através da seleção linguística deve fazer a escolha de vocabulário mais adequada à tarefa de produção literária proposta a eles, assim, pretendemos que através da sequência didática elaborada estejam mais aptos a criarem personagens verossímeis, atraentes, capazes de envolver ou despertar o interesse do leitor.

3.3 A organização linguística do personagem e a verossimilhança

Após avaliarmos o personagem, segundo a perspectiva contemporânea, fica evidente que para a criação do universo ficcional faz-se necessária a adequada manipulação da linguagem para os reproduzir e inventar “com a complexidade e a força dos seres humanos” (BRAIT, 2006:12). Assim, nos defrontamos com duas questões fundamentais a respeito do elemento personagem, necessárias para sua compreensão, nas palavras de Brait (2006:11):

“o problema da personagem é antes de tudo, um problema linguístico, pois a personagem não existe fora das palavras;” e “as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção”.

Para Candido (2005:27), a produção literária exige uma eficiência da organização linguística, necessitando ser planejada pelo autor durante sua produção, assim, a palavra é usada com perícia e se “transforma o informal ou inexpresso em estrutura organizada”. É, pois, segundo ele, dominar a articulação das palavras, compreendendo que sua forma e conteúdo contribuem para a significação do texto em um nível mais profundo, ou seja, onde a forma permite que o conteúdo ganhe maior significado. Dentro desse viés, fica claro que a construção do personagem demanda informações e conhecimentos linguísticos e extralinguísticos para sua realização e cumprimento satisfatório de seu papel primordial no universo ficcional, abrindo espaço para atividades pedagógicas a serem realizadas para esse objetivo com os alunos em sala de aula.

A partir da compreensão de que a criação de personagens na narrativa pressupõe demandas linguísticas a serem articuladas adequadamente para composição do texto literário, e que o personagem é um dos elementos fundamentais da narrativa, e sob si ancora-se a coerência textual, verificamos a necessidade de aprofundamento e maior discussão em sala de aula a esse respeito, visando ao letramento literário dos alunos. Para Charaudeau (2016:7), dominar a linguagem, esse atributo possibilitador da interação social humana, simplesmente “não cai do céu”, é fruto de uma construção social ao longo do tempo. A linguagem, assim, precisa ser reconhecida como um “fenômeno complexo” para além de “simples manejo das regras da gramática e das palavras de dicionário”, pois ela busca acima de tudo, atender as diversas demandas das práticas sociais. Demandas que requerem habilidades a serem continuamente desenvolvidas, para assim, constituírem paulatinamente o repertório linguístico de todos. Para atender as mais diversas situações comunicativas da atividade humana devem-se recorrer a essas habilidades chamadas *competências discursivas*⁶.

Segundo ainda Charaudeau (2016:31), referindo-se de maneira geral ao processo comunicativo entre interlocutores no ato da linguagem, o processo perpassa obrigatoriamente por saberes partilhados coletivamente para que cumpra sua finalidade. Assim, os alunos ao lerem uma narrativa ou ao construírem seus próprios textos, ademais conhecerem todos os aspectos constitutivos da narrativa devem ser capazes de articularem todas essas

⁶ No capítulo seguinte abordaremos mais sobre o assunto.

competências linguísticas satisfatoriamente, e dessa maneira, suas leituras /produções atendam sua função na organização social.

Frente a essa complexidade, a BNCC (BRASIL, 2017:136) considera que no percurso educacional dentre as inúmeras habilidades linguísticas a serem desenvolvidas pelo educando em sua formação literária, especialmente no que diz respeito a conhecimentos relacionados à narrativa, à necessidade de apreensão de saberes relacionados aos seus elementos constituintes, deve-se considerar:

Para tanto, as habilidades, no que tange à formação literária, envolvem conhecimentos de gêneros narrativos e poéticos que podem ser desenvolvidos em função dessa apreciação e que dizem respeito, no caso da narrativa literária, a seus elementos (espaço, tempo, personagens); às escolhas que constituem o estilo nos textos, na configuração do tempo e do espaço e na construção dos personagens; aos diferentes modos de se contar uma história (em primeira ou terceira pessoa, por meio de um narrador personagem, com pleno ou parcial domínio dos acontecimentos); (BRASIL, 2017:136)

Gancho (1997:14), para além dos elementos da narrativa apontados no documento oficial supracitado, considera cinco sob os quais se estrutura a narrativa: os fatos (enredo), os personagens, o tempo, o narrador e o espaço. Dentre eles, o foco de nossa pesquisa, o personagem, é definido pela autora como “um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação”, esclarece ainda que é “um ser pertencente à história” e que “por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais” (GANCHO, 1997:14).

Nas palavras de Brait (2006:5), os personagens são “edifícios de palavras” que “espelham a vida” e ainda “habitantes de ficção no seu espaço de existência: o texto.” A partir dessa concepção de personagens como uma construção, uma criação de um ser ficcional, um produto linguístico que faz parte de um todo de um universo ficcional, e por isso, aponta o nosso olhar para essas “formas inventadas pelo homem para representar, simular e criar a chamada realidade” (BRAIT, 2006:12). Segundo ainda Rosenfeld (2014:20-21), é a partir e em torno do personagem que a camada imaginária se “adensa e se cristaliza”, conforme entendemos, num esforço de criação, requerendo conhecimentos linguísticos a serviço de:

particularizar, concretizar e individualizar os contextos objectuais, mediante a preparação de aspectos esquematizados e uma multiplicidade de pormenores circunstanciais, que visam dar a aparência real à situação imaginada.

Dessa maneira, as palavras erigem os personagens, e o conhecimento sobre sua articulação é fundamental para o efeito desejado:

Bichos, homens ou coisas, os personagens se definem pelo enredo pelo que fazem ou dizem, pelo julgamento que fazem dele o narrador e os outros personagens. De acordo com essas diretrizes podemos identificar-lhes os caracteres ou características, estejam eles condensados em trechos descritivos ou dispersos na história. (GANCHO, 1997:14)

É necessário que sejam articuladas estratégias linguísticas pelo autor para transportar ao texto o efeito do real cujo domínio é primordial ao efeito de verossimilhança⁷ que perpassa os elementos da narrativa ficcional e também a construção do personagem, conforme afirma Brait (2006:18): “por meio de palavras, o autor vai erigindo os seres que compõem o universo de ficção”. A produção ficcional encerra sempre objetivos temáticos a serem abordados pelo autor/escritor para os quais os recursos linguísticos devem ser articulados visando a essa finalidade, nesse contexto “a ideia de reprodução e invenção de seres humanos combina-se no processo artístico, por meio de recursos de linguagem de que dispõe o autor” (BRAIT, 2006:18). Esclarece ainda Brait (2006:18) não ser possível identificar com clareza os limites, no processo de construção de personagens, entre reprodução e invenção, e afirma que ambas as maneiras de “registro do real parecem misturar-se constantemente, mesmo quando se acredita estar lidando com linguagens consideradas objetivas, fiéis ao que está sendo captado”. Portanto, estas percepções devem constituir conhecimento do aluno na leitura literária e na construção de seus personagens, as fronteiras contextuais que demarcam personagens elaborados uns mais próximos à realidade conhecida factual e outros presentes na criação do universo fantástico ou maravilhoso.

A partir disso, o professor deve demonstrar que todos os elementos da narrativa corroboram e contribuem para o constructo ficcional, dentre eles, o personagem deve entrosar-se na composição geral do texto de maneira que a constituição de sua vida, e a condição de seu pleno funcionamento e validação “depende de um critério de organização interna” da estrutura textual como um todo (CANDIDO, 2014:77). Os personagens são imprescindíveis para a veracidade da realidade ficcional, sua construção está, portanto, sujeita “às leis de composição de palavras, à sua expansão em imagens, à sua articulação em sistemas expressivos coerentes” (CANDIDO, 2014:78). Assim, o autor convenciona a

⁷ Segundo Abaurre e Abaurre (2012:142): “Nos casos das narrativas ficcionais, a verossimilhança é muito importante, porque é ela que garante a coerência da história contada. Ainda que todos os elementos de uma narrativa sejam fruto da imaginação de um autor e não tenham qualquer relação com a realidade, o texto será verossímil se o leitor aceitar que a história contada poderia ser real, porque parece verdadeira”.

verdade ficcional, o que é verossímil em sua narrativa, ajustando todos os elementos discursivos adequadamente, e construindo a verdade da história e do personagem, conforme define Candido (2014:80): “Essa organização é o elemento decisivo da verdade dos seres fictícios, o princípio que lhes infunde vida, e os faz parecer mais coesos, mais apreensíveis e atuantes do que os próprios seres vivos”. Ou seja, comportamentos incomuns dos personagens ou situações que sabemos impossíveis na vida real, se tornam coerentes no plano ficcional desde que “as premissas criadas por um narrador [...] sejam respeitadas ao longo do texto” (ABAURRE e ABAURRE, 2012: 142).

3.4 A construção de personagens e a Semiologia

Conforme visto anteriormente, Charaudeau (2016:7) afirma que a linguagem é um fenômeno complexo, e sendo assim, demanda o domínio de um *conjunto de competências* para a sua realização na prática social cotidiana, um conjunto de competências aos quais denomina *competências discursivas*. Segundo ele, é necessário para a interação humana: uma *competência situacional* (pois não é possível um ato de linguagem deslocado de uma situação comunicativa), uma competência que nos requer observação da *identidade* dos falantes envolvidos e da *finalidade*⁸ daquela comunicação; uma *competência semântica*, que se trata da habilidade de construção e atribuição de sentido aos dizeres; uma *competência semiológica* que é a habilidade de transitar entre “os diferentes procedimentos discursivos pelos quais o discurso pode se organizar e que são de ordem enunciativa, descritiva, narrativa e argumentativa.” (CHARAUDEAU, 2016:8). O autor resume dessa maneira:

Uma competência *situacional*, pois não há ato de linguagem que se produza fora de uma situação de comunicação. Isso nos obriga a levar em consideração a *finalidade* de cada situação e a *identidade* daqueles (locutores e interlocutores) que se acham implicados e efetuam trocas entre si. Uma competência *semiológica* que consiste em saber organizar a encenação do ato de linguagem de acordo com determinadas visadas (enunciativa, descritiva, narrativa, argumentativa), recorrendo às categorias que cada língua oferece. Enfim, a competência *semântica* que consiste em saber construir sentido com a ajuda de formas verbais (gramaticais ou lexicais), recorrendo aos saberes de conhecimento e de crença que circulam na sociedade, levando em conta os dados da situação de comunicação e os mecanismos de encenação do discurso. (CHARAUDEAU, 2016:7)

E é a articulação, o desenvolvimento e a apreensão dessas competências que devem ser estimuladas em sala de aula para que, no processo de construção do perfil dos

⁸Charaudeau (2016: 24) resume: “A finalidade do ato de linguagem (tanto para o sujeito enunciativo quanto para o sujeito interpretante) não deve ser buscada apenas em sua configuração verbal, mas, no jogo que um dado sujeito vai estabelecer entre esta e seu sentido implícito. Tal jogo depende da relação dos protagonistas entre si e da relação dos mesmos com as circunstâncias do discurso que os reúnem.”

personagens, os alunos acionem cognitivamente conhecimentos linguísticos e culturais necessários para produzirem “atos de linguagem portadores de sentido e vínculo social” (CHARAUDEAU, 2016:8). Assim, o domínio do escritor/aluno de conhecimentos e saberes sobre esses elementos constitutivos da narrativa determinará a qualidade da história criada.

Sua teoria, conforme avaliamos, descreve o funcionamento da comunicação segundo conceitos psicossociolinguageiros, ultrapassando conceitos tradicionais ensinados aos alunos, usualmente restrito à relação emissor-destinatário. É necessário, aponta ele, que no processo de produção textual o aluno perceba claramente a existência de um eu interpretativo, que deverá associar à decodificação dos signos linguísticos o reconhecimento de inferências que estão associadas ao conhecimento de mundo partilhado. Em todo ato de discurso produzido, deve-se levar em conta os saberes sociais e históricos partilhados bem como as hipóteses interpretativas que extrapolam o simples domínio das palavras, do explícito. Assim, não há só a relação emissor-destinatário, há um projeto de fala, cuja eficiência está estritamente relacionada à capacidade de fazer-se compreendido. A partir da *competência semiolinguística*, analisaremos a articulação destes conhecimentos pelos alunos através de um trabalho mediado pelo docente para a construção de personagens na narrativa.

Define Charaudeau (2016:68) como *Texto* o “resultado material do ato de comunicação”, enquanto Marcuschi (2003:23) classifica como “uma entidade concreta realizada materialmente e corporificada em algum gênero textual”, e ainda acrescenta “os textos são acontecimentos discursivos para as quais convergem ações linguísticas”. Essas *ações linguísticas* referem-se à organização da matéria linguística que deve ser acionada corretamente para a construção textual segundo a finalidade comunicativa entre os sujeitos. Entretanto, enquanto Marcuschi (2003:23) denomina as “sequências linguísticas típicas” que organizam os textos de *tipo textual*, Charaudeau (2016) prefere adotar a nomenclatura de *modos de organização do discurso*. Conforme o quadro abaixo, visualizamos a organização do discurso segundo Charaudeau (2016:75):

QUADRO 2 – Modos de organização do discurso.

MODO DE ORGANIZAÇÃO DO DISCURSO	FUNÇÃO DE BASE	PRINCÍPIO DE ORGANIZAÇÃO
ENUNCIATIVO	Relação de influência (EU -> TU) Ponto de vista do sujeito	<ul style="list-style-type: none"> ● Posição em relação ao interlocutor ● Posição em relação ao mundo

	(EU -> ELE) Retomada do que já foi dito (ELE)	<ul style="list-style-type: none"> • Posição em relação a outros discursos
DESCRITIVO	Identificar e qualificar Seres de maneira objetiva/subjetiva	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da construção descritiva (nomear-localizar-qualificar) • Encenação descritiva
NARRATIVO	Construir a sucessão das ações de uma história no tempo, com a finalidade de fazer um relato.	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da lógica narrativa (actantes e processos) • Encenação narrativa
ARGUMENTATIVO	Expor e provar causalidades numa visada racionalizante para influenciar o interlocutor	<ul style="list-style-type: none"> • Organização da lógica argumentativa • Encenação argumentativa

FONTE: **Linguagem e discurso:** modos de organização. Charaudeau (2016: 75)

A nossa proposta de letramento literário pretende a partir do gênero conto priorizar a construção de personagens na narrativa pelos aprendizes do 9º ano, e tendo esse objetivo como foco, observaremos os modos de organização do discurso próprios a esse gênero textual. Há que se levar em consideração que em um texto podem ocorrer dois ou mais tipos textuais (segundo a definição de Marcuschi), ou modos de organização do discurso (segundo a nomenclatura adotada por Charaudeau). Afirma Marcuschi (2003:23) que “um texto é em geral topologicamente variado (heterogêneo)”, então, na construção de relatos por exemplo, os alunos utilizarão recursos linguísticos descritivos e narrativos em sua composição, porém é necessário que eles reconheçam suas distinções, assinala sobre isso Charaudeau (2016: 107): “Evidentemente, num relato, descrição e narração se acham intimamente ligadas, mas isso não impede que se considere que cada um destes modos de organização tenha a sua especificidade.”

Assim, Charaudeau (2016) considera que os gêneros tais quais o romance, a novela, o conto entre outros textos que se constituam usualmente de relatos apresentam como modos de discurso dominantes o narrativo e o descritivo em sua composição textual. Ao relato Charaudeau (2016) atribui características de dinamicidade próprias de uma sucessão de ações, contrapondo a descrição que se definiria pela sua capacidade de situar-se fora do tempo:

Enquanto *contar* consiste em expor o que é da ordem da experiência e do desenvolvimento de ações no tempo, e cujos protagonistas são os seres humanos, *descrever* consiste em ver o mundo com um “olhar parado” que faz existir os seres e nomeá-los, localizá-los e atribuir-lhes qualidades que os singularizam. Entretanto, *descrever* está estreitamente ligado a *contar*, pois as ações só têm sentido em relação às identidades e às qualificações de seus actantes. Não é a mesma coisa dizer: “*O leão salvou o camundongo*”, e dizer: “*O pequeno camundongo salvou o leão, rei dos animais*”; aliás, todas as fábulas que contam com um personagem se livra de uma situação perigosa com a ajuda de um artifício só podem ser compreendidas na medida em que um dos personagens é identificado e qualificado como *forte e ameaçador* (o lobo, por exemplo) e o outro, como *frágil e ameaçado* mas *esperto* (a raposa). Assim sendo, o *Descritivo* não se contenta em servir o *Narrativo*, como se diz frequentemente, mas *dá sentido* a este último. (CHARAUDEAU, 2016: 111- 112)

Verificamos que o domínio do procedimento discursivo descritivo reflete na estrutura de verossimilhança textual, estruturas descritivas e narrativas que devem ser bem articuladas pelos alunos na construção de seus personagens. A construção descritiva (CHARAUDEAU, 2016:112), subdivide-se em três tipos de componentes, dos quais dois deles se conjugam para a elaboração de personagens na narrativa, são eles o *nomear* e o *qualificar*. Explica Charaudeau (2016:112-115) que o primeiro termo se refere a “dar existência a um ser” e ainda “fazer existir seres significantes no mundo, ao classificá-los”, e o segundo termo é que “consiste em atribuir a um ser, de maneira explícita, uma qualidade que o caracteriza”, ou seja “atribui um sentido particular a esses seres”, com mais ou menos objetividade. Assim, segundo Charaudeau (2016: 117), os procedimentos discursivos que devem ser elaborados pelos alunos na construção do personagem na narrativa são: “o componente *nomear*, que faz com que um ‘ser seja’, suscitando procedimentos de identificação”, e também, “o componente *qualificar*, que faz com que um ‘ser seja alguma coisa’ (através de suas qualidades e comportamentos), suscitando procedimentos de *construção* ora *objetiva*, ora *subjetiva* do mundo.”

Destaca Charaudeau (2016:131-133) dois procedimentos linguísticos utilizados para *nomear*, os quais buscam causar efeito de existência aos seres: a *denominação* e a *indeterminação*. A *denominação*, segundo ele, trata-se de “sob a forma de nomes comuns ou de nomes próprios cujo papel, como se sabe, é de identificar os seres, do ponto de vista geral (classe de pertinência) ou particular (especificidade). Assim, esclarece o autor, que os personagens podem representar uma classe genérica de seres, os arquétipos da humanidade, ou apresentarem identidade específica, com atribuição de nomes próprios, qualidades e elementos que os caracterizem. Já a *indeterminação* aplica-se aos personagens quando se busca o efeito de mistério ou de falso anonimato nas narrativas. Opta-se, então, por recursos

discursivos como um nome comum, “pelo uso da inicial de um nome próprio, ou mesmo pelo uso de asteriscos em lugar do nome”.

Quanto a *qualificar*, Charaudeau (2016:138-139) esclarece que esse procedimento linguístico trabalha para produzir efeitos de “*realidade de ficção*”, de maneira que se exerce no texto “a propósito da descrição de seres humanos”, em seu aspecto físico, gestual, de indumentária, em suas posturas, gostos, identidade (idade, sexo, altura, peso, endereço etc.), manias, comportamentos, palavras, os objetos que possuem etc. Esse procedimento pode, ainda, construir a descrição a partir de uma visão objetiva ou subjetiva da realidade, por isso, pode ser através de *acumulação de detalhes e de precisões*, cujo objetivo é “produzir um efeito de coerência realista (verismo)” através de uso de elementos mais factuais sobre o ser e o fazer, e ainda, através da *utilização da analogia*. Esse último aspecto, de cunho subjetivo, pretende “*pôr em correspondência* os seres do universo e as qualidades que pertencem a âmbitos diferentes”, e, por isso, pode ser *explícita*, quando houver uso de termos de comparação, e *implícita* quando houver transferência de sentido através de metáforas, metonímias, personificação etc.

Os modos de organização descritivo e narrativo abarcam noções que necessitam ser examinadas, mecanismos operatórios cujos conhecimentos de componentes estruturais ou procedimentos usuais devem ser conhecidos pelos estudantes para uma percepção consciente da construção ficcional, daí decorrendo seu letramento literário. O domínio linguístico, tanto do aspecto narrativo quanto do descritivo, contribuirá para a elaboração de personagens, tanto *nomear* quanto *qualificar* devem ser mecanismos linguísticos descritivos a serviço da intencionalidade e coerência discursiva narrativa.

Assim, Charaudeau (2016:153) ao analisar o modo de organização narrativo, afirma que a princípio há a obrigatoriedade da existência de um “contador” que pretende intencionalmente “*querer transmitir alguma coisa*”, a alguém ou um “destinatário”, realizando isso a partir da reunião de todos elementos que trabalhem para a construção de sentido narrativo, ou seja de “*uma certa maneira*.” Esses elementos agrupados organizarão a história obedecendo princípios de coerência, intencionalidade, encadeamento e localização articulados numa “*lógica de ação de causa e consequência*” (CHARAUDEAU, 2016: 164). Assim define Charaudeau (2016: 166) a lógica de ação narrativa, organizada estruturalmente em sequências:

- *Uma sucessão de acontecimentos ligados por uma relação de solidariedade tal que cada um pressupõe os outros numa estrutura que deve se imaginar intemporal.*

É por essa razão que esses acontecimentos se organizam segundo um *princípio de coerência*.

- A narrativa só tem sentido por estar relacionada a um encadeamento de motivos dirigidos a um fim, o qual se inscreve num *projeto humano*. É por essa razão que os acontecimentos se definem segundo um *princípio de intencionalidade* (ou de motivação).

- Essas ações ou acontecimentos reagrupam-se em sequências, as quais se ordenam segundo um *princípio de encadeamento*.

- Enfim, essa sucessão de acontecimentos coerente e motivada deve poder ocorrer num *enquadramento espaço-temporal*, segundo um *princípio de localização*.

Segundo Charaudeau (2016:156), o papel fundamental da narrativa é “como construir um universo contado entre realidade e ficção”, e essa construção demanda uma organização da lógica narrativa cujo conhecimento e domínio deve fazer parte do repertório dos alunos. Assim, o autor divide em três tipos os componentes da lógica narrativa: os actantes, os processos e as sequências. Os actantes, segundo Charaudeau (2016: 160), são os “que desempenham *papéis* relacionados à ação da qual dependem”, e são hierarquizados na narrativa sob duas premissas:

- *Sob o ponto de vista da sua natureza*. Os actantes narrativos de base são *actantes humanos* (ou considerados como tais), o que tem como consequência limitar o seu número, em relação aos actantes de língua: de uma parte há um *actante que age*, de outra um actante que sofre a ação, e em torno deles se gravitam *circunstantes*.

- *Sob o ponto de vista de sua importância* na trama narrativa da história. Pode-se então distinguir *actantes principais* e *actantes secundários* quando a trama é construída em torno de polos de ação (heróis), com actantes satélites. (CHARAUDEAU, 2016: 161)

Esclarece Charaudeau (2016) que mesmo partindo por um viés estruturalista, não é possível o actante ser considerado em uma forma vazia, ou de maneira pura semanticamente, já que sua qualificação determina suas funções no texto. Não se deve confundir actantes com personagens, os actantes são categorias discursivas mais abstratas que procuram atender a narrativa nos diversos gêneros em que a narratividade está presente. A classificação do personagem, conforme avaliamos na proposta por Gancho (1997), limitam-se dentro de um único papel desempenhado no enredo ou suas características predominantes à exemplificação do ocorrido aos termos “herói” e “antagonista”, como aquele que possui “características superiores às de seu grupo” e “vilão da história” respectivamente.

O actante de Charaudeau (2016), por sua vez, existe nas relações funcionais que ocorrem entre os atores dentro de uma narrativa, respeitando a maior dinamicidade de um texto, em que um personagem possa retratar a multiplicidade de papéis e caracteres da condição humana, o qual em um dado momento, pode agir como herói ou benfeitor, no seguinte o anti-herói ou agressor, em um outro instante vítima e logo em seguida oponente,

muitas vezes alternando seu papel no enredo. Logo, enquanto o personagem é construído através da articulação do léxico, os actantes são encontrados numa estrutura mais profunda ou imanente, no nível sintático. Dessa forma, o actante no “papel de *agente-agressor*” pode ser preenchido pelos personagens “*bandido, vadio, mestre, cantor, cúmplice, padre etc.*” (CHARAUDEAU, 2016: 162).

Assim, considerando como um actante uma forma não qualificada e o personagem como uma forma qualificada e definida, é possível um personagem em uma narrativa desempenhar inúmeros papéis ou actantes, ou ainda mesmo um actante narrativo pode ser desenvolvido por vários personagens dentro de um enredo. Charaudeau portanto não propõe uma lista de actantes narrativos fixos, mas flexíveis de acordo com a função narrativa exercida na história, para tanto desenvolve um questionário⁹ baseado em estruturas arquetípicas sobre eles:

- Verificar se o actante:
 1. **Age:** é o iniciador, o responsável e o executante da ação.
 2. **Sofre a ação:** a ação recai sobre ele. Ele a recebe de maneira mais ou menos passiva, é mais ou menos afetado por ela, é mais ou menos a ela submisso.
 1. Se o actante age: ele o faz como:
 - 1.1. **Agressor:** comete um malefício
 - 1.2. **Benfeitor:** transmite um *benefício* (ver também 1.5).
 - 1.3. **Aliado:** associa-se a um outro actante para auxiliá-lo ou defende-lo, seja agindo diretamente sobre o adversário de outro actante, seja agindo ao mesmo tempo que este.
 - 1.4. **Oponente:** contraria os projetos e ações de um outro actante.
 - 1.5. **Retribuidor:** dá a um outro actante uma recompensa (ver.1.2), ou uma punição (castigo).
 - ele o faz de maneira:
 - 1.a. **Voluntária:** ele é consciente, ele decidiu (ato intencional).
 - 1.b. **Involuntária:** não é consciente, não decidiu (não intencional).
 - 1.c. **Direta:** afrontamento direto.
 - 1.d. **Indireta:** por meio de fingimento ou de intermediário.
 2. Se o actante sofre a ação ele o faz como:
 - 2.1. **Vítima:** é afetado negativamente pela ação de um outro actante.
 - 2.2. **Beneficiário:** é afetado positivamente pela ação de um outro actante.
 - Se o actante vítima reage, ele faz por:
 - 2.1.1. **Fuga:** ele evita afrontamento.
 - 2.1.2. **Resposta:** age contra seu agressor.
 - 2.1.3. **Negociação:** tenta neutralizar a agressão.
 - Se o actante beneficiário reage, ele o faz por:
 - 2.2.1. **Retribuição:** ele age retribuindo de maneira benéfica o outro actante.
 - 2.2.2. **Recusa:** ele recusa o benefício

⁹ Termo adotado pelo autor. (CHARAUDEAU, 2016: 162)

Q. Os tipos de qualificações

Q1. Qualificações positivas: prestígio, virtude, força, inteligência, destreza, etc.

Q2. Qualificações negativas: desconsideração (má reputação), vício (imortalidade, desonestidade), pusilanimidade, imbecilidade (estupidez), inabilidade, etc. (CHARAUDEAU, 2016: 162-163)

Charaudeau (2016) em sua organização da lógica narrativa propõe para a construção da trama ficcional um alicerce lógico, um esqueleto subjacente à tessitura narrativa, esvaziado de particularidades semânticas, a fim de que possa ser preenchido pela criatividade autoral. Neste modelo, os actantes, são componentes de qualificação, à espera de preenchimento de significado, e, somente após realizado isto, o personagem aparece na narrativa ficcional. O autor, então, organiza os actantes conforme os papéis desempenhados na narrativa, que podem ser ativos ou passivos, benfeitores ou agressores, assim, um personagem pode desempenhar inúmeros papéis/ou actantes em uma mesma narrativa, correspondendo às inúmeras possibilidades de realizações do comportamento humano.

Percebemos, dessa maneira, que a classificação proposta por Charaudeau (2016) dá conta na análise do personagem contemporâneo, já que, como vimos, na atualidade ele se traveste da imensa gama de valores e de realizações humanas, se afastando de protótipos previamente instituídos, e comum nos personagens planos. Os seres humanos são complexos, os personagens também devem se investir dessa complexidade. Em vista disso, esperamos que também os personagens desenvolvidos no conto de mistério pelos alunos procurem representar esse homem multifacetado. Assim, a partir dos actantes de Charaudeau, do modo de organização do discurso narrativo e descritivo elaborado por ele, observamos e analisamos a construção dos personagens realizada pelos estudantes, buscando verificar seu desenvolvimento e função no enredo.

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Este capítulo aborda a metodologia de pesquisa adotada para o desenvolvimento do trabalho com os alunos em sala de aula. Optou-se pela pesquisa-ação voltada para uma análise qualitativa dos dados. Decidimos, também, para a organização das atividades e desenvolvimento da pesquisa, inserir procedimentos didáticos previstos pela abordagem colaborativa de aprendizagem (BEHRENS, 2013), que propõem um circuito de atividades integradas de forma a engendrar ações que, com o apoio da tecnologia, promovem a interação entre os alunos.

Em seguida, iniciaremos a apresentação da mediação didática realizada com uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental. Trata-se, pois, das atividades do projeto metodológico que foi elaborado, objetivando a construção de personagens a partir do gênero conto. Retomaremos as etapas anteriormente descritas para demonstrar o procedimento de um trabalho colaborativo segundo Behrens (2013).

4.1 A pesquisa-ação

A pesquisa se realizará no contexto escolar, para que, de algum modo, venha a contribuir na formação e na transformação das práticas docentes, e, assim, possa se cumprir o papel democrático da educação. A partir dessa perspectiva, de organizar informações, de compreensão e de busca de respostas às dificuldades inerentes ao processo pedagógico, encontramos na abordagem qualitativa a proposta mais assertiva para a investigação. Por isso, adotaremos a pesquisa-ação, cujas características se adequam melhor a nossos propósitos. Segundo Thiollent (1988) esta orientação metodológica se baseia em intervenções reais para estudo e produz conhecimentos a partir de problemas concretos: “Tal orientação contribuiria para o esclarecimento das microssituações escolares e para a definição de objetivos de ação pedagógica e de transformações mais abrangentes.” (THIOLLENT, 1988:75)

A pesquisa-ação propõe um processo de contínua intervenção no sistema pesquisado em busca de aperfeiçoamento constante; requer o envolvimento e participação ativa dos sujeitos da pesquisa; estabelece mudanças seguidas da ação, a partir do direcionamento consciente do pesquisador. Tem como premissa intervenções planejadas efetuadas pelo pesquisador cujo propósito é buscar esclarecimento e soluções efetivas para as dificuldades da prática pedagógica. Para além de uma investigação de cunho meramente descritivo e

avaliativo, essa metodologia pretende a transformação e uma perspectiva emancipatória das práticas educativas, e inclui essencialmente “a participação dos usuários do sistema escolar na busca de soluções aos seus problemas” (THIOLLENT, 1988:75). Assim, pretende-se concomitante ao processo investigativo a tomada de consciência dos atores envolvidos, ou seja, não mais um processo unilateral de recepção de resultados, mas um processo interativo, um pacto coletivo em que todos colaboram e são ativos em todo o processo.

Nesta metodologia, o pesquisador traça um ponto de partida e de chegada, contudo, seu planejamento é flexível pois possibilita ao pesquisador, em seu percurso processual, a tomada de múltiplos caminhos que devem ser estrategicamente escolhidos de acordo com as circunstâncias encontradas. De início, busca-se um diagnóstico, um desafio pedagógico, uma situação problema (fase exploratória) a ser superada, em seguida traçam-se as ações adequadas para resultados efetivos de aprendizagem. Espera-se que esse trabalho resulte em conhecimento, a partir da experiência realizada, dessa forma, os dados de campo devem ser amplamente divulgados externamente para contribuir para o processo educacional como um todo.

4.2 O passo a passo

Adotaremos a proposta de Behrens (2013:56), de seu *Projeto metodológico do professor*, que apresenta, na prática pedagógica, uma preocupação com os “desafios da sociedade moderna”, uma “instrumentalização da *tecnologia inovadora*¹⁰”, como se verifica no texto a seguir:

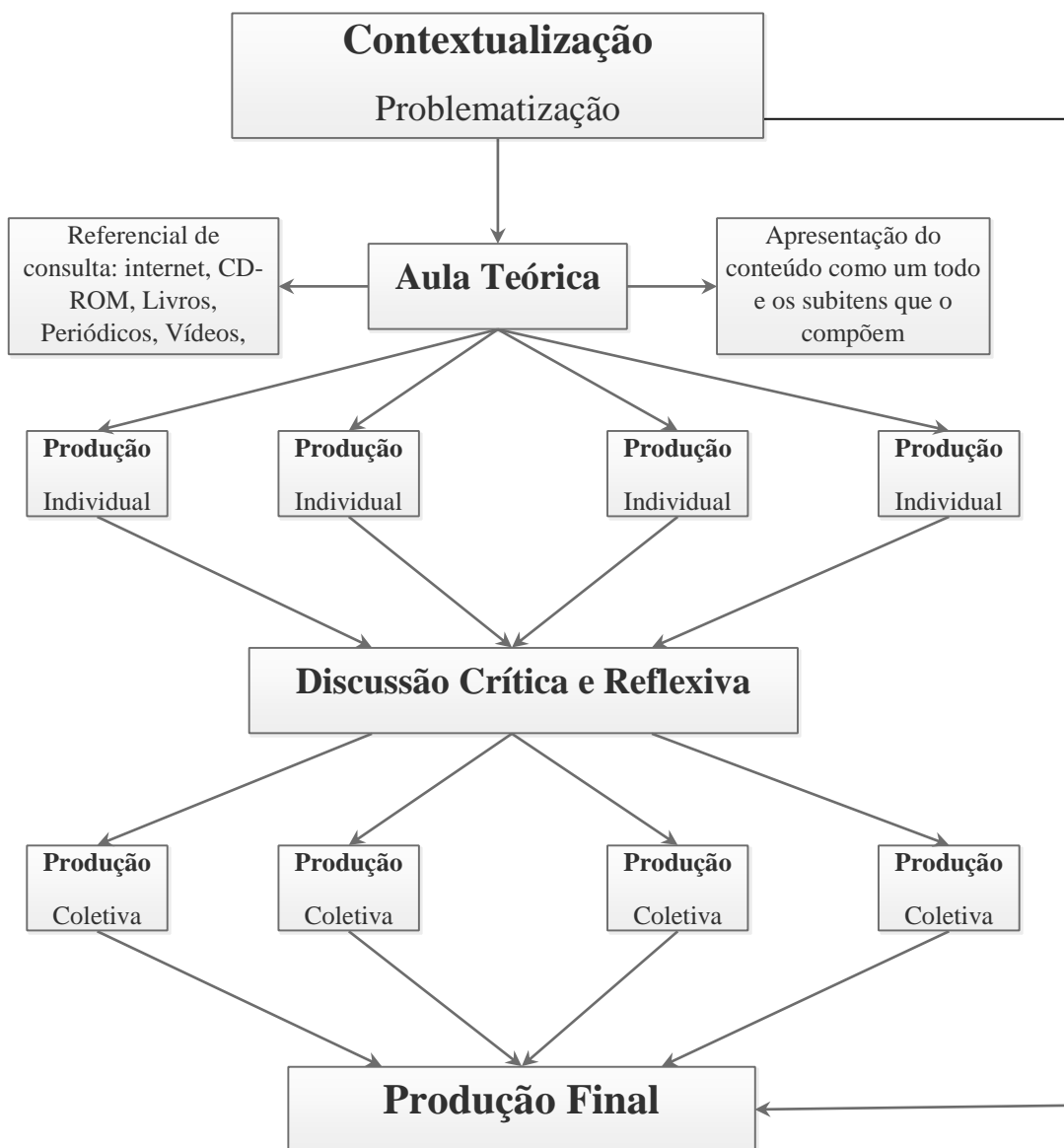
- a) A *visão sistêmica ou holística* busca a superação da fragmentação do conhecimento, o resgate do ser humano em sua totalidade, considerando o homem com suas inteligências múltiplas, levando à formação de um profissional humano, ético e sensível.
- b) A *abordagem progressista* tem como pressuposto central a transformação social. Instiga o diálogo e a discussão coletiva como forças propulsoras de uma aprendizagem significativa e contempla os trabalhos coletivos, as parcerias e a participação crítica e reflexiva dos alunos e dos professores.
- c) O *ensino com pesquisa* pode provocar a superação da reprodução para a produção do conhecimento, com autonomia, espírito crítico e investigativo. Considera o aluno e o professor como pesquisadores e produtores dos seus próprios conhecimentos.

A partir desses pressupostos, Behrens (2013: 66) propõe que a prática pedagógica esteja a serviço da construção do conhecimento em que “os docentes e os alunos precisam

¹⁰ BEHRENS (2013:56) considera importante para “uma ação docente inovadora” que se aplique como ferramenta de apoio para a aprendizagem o uso da tecnologia e da internet.

trabalhar em parcerias significativas num ensino de melhor qualidade, buscando uma prática pedagógica crítica, produtiva, reflexiva e transformadora.” Assim, busca-se aliar, no projeto metodológico do professor, conhecimentos teóricos e práticos, provocadores de uma aprendizagem significativa voltada a uma preparação para a vida em coletividade. Na função de docente articulador ou mediador, do processo pedagógico, adotaremos o percurso didático sugerido por Behrens (2013:98), cuja proposta está distribuída em sete fases ou passos, e o qual reproduzimos no quadro a seguir:

Quadro 3 – Projeto metodológico para prática docente inovadora num paradigma emergente.



Fonte: Behrens (2013: 98)

Assim, como apresentamos acima, esse percurso norteará nossa metodologia de trabalho em sala de aula. Observamos que cada fase do projeto está conectada, se

complementa e corrobora para o pleno desenvolvimento do trabalho, voltado especialmente para “uma abordagem dialética de ação/ reflexão/ação” (BEHRENS, 2013: 76). A seguir, introduzimos cada fase/passos:

1° PASSO – Contextualização e Problematização

Em um primeiro momento, sugere Behrens (2013) que façamos uma apresentação e discussão do projeto pretendendo o envolvimento dos alunos, demonstrando o percurso a ser desenvolvido e os objetivos propostos. Inserindo, dessa maneira, o educando no processo pedagógico, buscando a negociação e participação ativa no processo de ensino-aprendizagem, em um processo crítico e reflexivo:

o papel do educador-educando é garantir o movimento, o fluxo de energia, a riqueza do processo – o que significa a manutenção de um diálogo permanente, de acordo com o que acontece em cada desafio -, propor situação-problema, desafios, desencadear reflexões, estabelecer conexões entre o conhecimento adquirido e os novos conceitos, entre o ocorrido e o pretendido, de tal modo que as intervenções sejam adequadas ao estilo do aluno, as suas condições intelectuais e emocionais e à situação contextual. (MORAES *apud* BEHRENS, 2013: 77)

Focando na aprendizagem, o professor descortinará o caminho a ser percorrido, e os objetivos a serem alcançados, convidando o aluno a construir uma parceria e, ainda “para refletir por que ele vai trabalhar com aqueles conteúdos, para que eles servem e a quem eles servem” (BEHRENS, 2013:99). Nesta fase, portanto, segundo Behrens (2013: 99), o professor deve “propor a *contextualização* e a *problematização* do tema”, a partir de uma provocação, “deve apresentar a proposta, o esquema gráfico e submeter à discussão as fases a serem seguidas. Neste momento, os alunos combinam com o docente os critérios de avaliação, as funções e responsabilidades de cada sujeito envolvido no processo.” Assim, ao docente, caberá instigar os alunos à reflexão dos problemas relacionados ao tema proposto, e a finalidade dos objetivos traçados.

2° PASSO – Aula teórica

Nesta etapa, o professor desenvolverá a temática proposta por meio de aulas teóricas exploratórias, estruturando e encaminhando adequadamente os conteúdos a serem desenvolvidos no projeto metodológico. O objetivo principal é que os estudantes compreendam melhor os constituintes que integram o tema da problemática, o aluno, portanto, torna-se partícipe do “processo de investigação e produção do conhecimento”, e ainda, compartilhando com a turma as informações encontradas (BEHRENS, 2013: 100). O

docente, então, buscando ampliar o interesse e compreensão dos estudantes, neste momento, pode, e deve, recorrer aos mais variados recursos de apresentação ou, ainda, empregar vídeos, imagens e textos, entre outros meios, na mediação didática.

3° PASSO - Pesquisa individual

Esta terceira fase da pesquisa é o momento em que os alunos serão convidados individualmente, a serem agentes de seu próprio conhecimento. O docente deve instigar os educandos à pesquisa para resolução da problemática e elaboração de seu próprio saber. Nesta etapa, segundo Behrens (2013: 101), o professor estimulará “o aluno a investigar, a ir procurar recursos e tornar-se competente na busca do conhecimento, para socializá-lo com os seus colegas”, num esforço de valorização do envolvimento e competência dos participantes na tarefa proposta. Assim, o professor- mediador, auxiliará os alunos a acessar informações em fontes variadas, incorporando recursos diversos nas atividades, transcendendo o uso sistemático dos livros didáticos em sala de aula e exercitando a liberdade e autonomia dos aprendizes.

4° PASSO- Produção de texto individual

Após a aula teórica e a pesquisa, pressupõe-se que os alunos estejam preparados para elaborar sua produção de texto individual sozinhos. Porém, neste momento, o auxílio do professor é fundamental para os alunos refletirem sobre as informações e conhecimentos que desenvolveram e os articularem na produção textual. Aqui, o estudante deve ser capaz de demonstrar em sua produção textual: criatividade, criticidade e competência.

5° PASSO - Discussão coletiva, crítica e reflexiva

Nesta fase, o professor após a entrega dos textos produzidos, desafia os estudantes a discutirem, refletirem sobre sua produção e a dos colegas, revisando os aspectos estudados. Aqui é importante a mediação docente, para que os estudantes possam argumentar, e, ou discordar, confrontando suas ideias ao que foi pesquisado e também ao posicionamento dos colegas. Será, dessa maneira, alavancado o aspecto político do estudante, de defender suas ideias, refletir sobre elas e aprender a respeitar o divergente, tendo vistas a colaboração e não a competição.

6° PASSO - Produção de texto coletivo

Este sexto passo objetiva a construção de um texto de maneira colaborativa, a sugestão é que a turma seja dividida em grupos de três a quatro estudantes para que todos possam contribuir efetivamente. Deve-se observar os conteúdos pesquisados, os conceitos aprendidos. O professor será mediador da convergência e divergência de ideias apresentada pelos alunos no processo de composição textual do grupo. O objetivo é que os alunos negociem entre si o conhecimento com vistas à produção de um texto crítico e de qualidade.

7º PASSO – Produção final

Nesta última etapa, finalizando todo o projeto pedagógico, é fundamental promover a circulação e valorização da produção dos estudantes na escola e na comunidade. O professor pode negociar com os alunos a avaliação processual de cada etapa, ou ainda combinar uma prova para verificar aprendizagem. O importante é a discussão sobre como serão avaliados através de acordo mútuo. Devem constituir as etapas do projeto metodológico docente: o incentivo a autonomia e ao trabalho colaborativo, promover a investigação e a socialização do conhecimento, e, ainda, incluir a apropriação da tecnologia inovadora.

4.3 Proposta de circuito didático

1ª fase: Apresentação e discussão do projeto

Na primeira etapa do projeto, pretendemos que, ao ser apresentada a proposta pedagógica aos educandos, eles entendessem a importância de estabelecermos uma parceria e, devido a isso, teriam participação ativa na construção do próprio conhecimento e seriam colaboradores na aprendizagem uns dos outros. Nesse momento, foi importante que compreendessem a importância de contribuírem para o processo coletivo de construção de saberes, encontrarem a abertura necessária para expor dúvidas e dificuldades, bem como se sentissem à vontade para contribuírem com o conhecimento. Foi primordial que compreendessem que não ficariam passivos, receptores de conteúdo, mas agentes, construtores de sua própria aprendizagem: refletindo, opinando e participando. Assim, foram apresentadas e discutidas com os alunos as etapas do projeto, do que se tratava, como se daria a avaliação, o que se pretendia alcançar em competência, e o que seria realizado com o resultado final dos trabalhos desenvolvidos pela turma.

De início, também foi proposta a criação de um grupo para a turma no WhatsApp, com a participação docente, esclarecendo que se pretende a ampliação da sala de aula ao ambiente virtual. Queríamos demonstrar aos alunos que a incorporação de tecnologia móvel

permite o acesso a fontes variadas de informação e outras mídias, bem como o compartilhamento destas para a construção do conhecimento. Foi importante ressaltar que era um espaço democrático, cujas regras de participação os membros do grupo acordaram entre si tendo como objetivo principal o projeto pedagógico a ser desenvolvido. Os alunos foram convidados no grupo a continuarem ativamente a aprendizagem do projeto encaminhado em sala de aula.

Para introduzir, contextualizar, problematizar e estimular as reflexões pertinentes ao projeto de construção de personagens, de início, através do grupo do WhatsApp da turma, propusemos aos alunos uma reflexão a partir da apresentação da sinopse do filme e das perguntas detalhadas no quadro:

Quadro 4 – Proposta Atividade 1: Reflexão sobre o significado das palavras “mistério” e “personagem”.

O que significa a palavra “mistério?”, “Qual pode ser o mistério do relógio na parede?”

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Esperava-se que as perguntas acima desenvolvessem-se em outras perguntas e investigações sobre a temática. Dando continuidade à atividade proposta, logo em seguida, a turma assistiu em sala de aula ao filme: “*O mistério do relógio na parede*”.



Figura 1: Banner de divulgação do filme “O Mistério do Relógio na parede”.

Fonte: <http://www.barrashopping.com.br/dicas-e-novidades/confira-o-misterio-do-relogio-na-parede-no-uci>

O filme conta a estória de Lewis (Owen Vaccaro), de apenas 10 anos, que acaba de perder os pais e vai morar em Michigan com o tio Jonathan Barnavelt (Jack Black). O que o jovem não tem ideia é que seu tio e a vizinha da casa ao lado, Sra. Zimmerman (Cate Blanchett), são, na verdade, feiticeiros. O Filme “O Mistério do Relógio na Parede” é uma

produção cinematográfica baseada no livro homônimo, e de autoria do escritor norte-americano John Bellairs.



Figura 2: Capa da obra impressa “O mistério do relógio na parede”.

Fonte: <https://www.amazon.com.br/Mist%C3%A9rio-Rel%C3%B3gio-Parede-Aventuras-Barnavel/dp/850106078X>

Após a exibição do filme, oferecemos aos alunos questões norteadoras para debate realizado em sala de aula conforme modelo disponibilizado na Imagem 3. Após este debate, eles redigiram suas respostas individuais que foram entregues ao professor. Nessas questões foram propostas indagações que pretendiam contribuir para que o aluno se sensibilizasse e refletisse sobre aspectos envolvendo a construção de um personagem.

COLÉGIO ESTADUAL BALDOMERO BARBARÁ

NOME: _____ N° _____

**QUESTÕES NORTEADORAS PARA DEBATE SOBRE O FILME
O MISTÉRIO DO RELÓGIO NA PAREDE**

As questões abaixo servirão para o debate em sala de aula. Você deverá redigir as respostas em uma folha à parte e anexá-la a este roteiro para entregá-lo ao professor.

PARTE 1 - CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS

a) O filme a que assistimos utiliza diferentes linguagens e recursos para criar o universo ficcional da narrativa de mistério, como cenários e sons criando o ambiente, e atores representando personagens...Como vimos, o filme foi produzido a partir de um livro. Qual recurso de linguagem o autor dessa obra utilizou para construir a história?

b) Se o filme é baseado no que escreve e como descreve o escritor a história por ele criada, ou seja, sendo o livro a referência do diretor de cinema para a produção cinematográfica, você acredita que a forma de escrita do autor é importante para a maneira como se configuram os personagens no cinema? Explique.

c) Personagens são os habitantes da “realidade” de um universo criado dentro de um livro. Logo, eles são construídos pelo autor, exigindo habilidade no uso de qual recurso?

d) O que são os personagens? Como você imagina que eles são construídos pelo autor?

e) Quais são os personagens principais? Qual é a importância deles na narrativa?

f) Uma história para ser verossímil, ou seja, para ser considerada verdadeira, seus elementos (os personagens, o ambiente, situações vividas...) devem trabalhar juntos para a construção dessa verdade ficcional. Nesse sentido, o ambiente em que se passa a maior parte da história contribui para o mistério? Como você descreveria esse ambiente? E a aparência dos personagens, estão de acordo com esse ambiente? Explique:

Se desejar, utilize palavras do quadro abaixo para ajudar em sua resposta:

Horrível	Antigo	Apavorante	Sinistro
Perigoso	Esquisito	Escuro	Soturno
Estranho	Medonho	Assustador	Incomum

PARTE 2 - MISTÉRIO E OS PERSONAGENS DA HISTÓRIA

a) Qual personagem vivencia uma situação que para ele era incomum, inesperada? Por que ele foi levado a essa situação?

b) Como podemos descrever esse personagem?

c) O que você acredita que ele sentia no início da história, indo para encontrar um tio que ainda não conhecia, viver em uma cidade nova, uma outra escola, sem nenhum amigo?

d) O que ele pode ter pensado/ sentido sobre a casa ao entrar nela pela primeira vez?

e) E depois, no final da história, esse personagem transformou suas ações, sua maneira de ser?

f) Os personagens do tio Jonathan e da vizinha Sra. Zimmerman contribuem para o ar misterioso da história? De que maneira?

g) Como podemos descrever esses dois personagens?

Figura 3– Questões norteadoras para o debate sobre o filme “O mistério do relógio na parede”.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nessa atividade, ainda no clima do filme, pretendia-se estimular a turma a assumir um ponto de vista de participante da história:

COLÉGIO ESTADUAL BALDOMERO BARBARÁ

NOME: _____ N° _____

Façamos de conta que participamos da história, agora somos um personagem, um vizinho ou vizinha, muito desconfiado dos moradores da estranha casa, uns a favor, outros contra eles. Vamos anotar agora juntos, no quadro, informações sobre os moradores e suas ações esquisitas.

1 - Agora vamos organizar nossa escrita, vamos descrever os personagens principais da história a partir do ponto de vista dos vizinhos.

TIO JONATHAN

Sra. ZIMMERMAN

LEWIS

2 - Você já ouviu alguma história misteriosa contada por alguém? Alguma coisa estranha que aconteceu com alguém que você conhece? Preencha o quadro para contar para a turma:

Com quem/quais pessoas aconteceu:

O que aconteceu:

Onde aconteceu:

Quando aconteceu:

3) O que você acha que essa(s) pessoa(s) sentiu/ sentiram?

() medo () arrepio () alegria () pavor () tensão () calafrio

() coragem () receio () surpresa () raiva () indiferença () susto

4) E se fosse você? O que você sentiria? Iria....

() Tremer

() Apavorar-se

() Assustar

() Arrepiar

() Arrepiar os cabelos

() Tremer como vara verde

() Mudar de cor

() Ficar com os cabelos em pé

() Na verdade, eu iria _____

Figura 4 – Proposta de atividade baseada no filme “O mistério do relógio na parede”.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

2ª fase: Aula teórica

Neste segundo momento, apresentamos os conteúdos teóricos, em que buscamos explorar o conhecimento sobre os recursos linguísticos usualmente empregados na construção de personagens, avaliamos sua importância na narrativa, sua classificação e caracterização segundo o papel desempenhado no enredo. Como recurso para apresentar a temática e os conhecimentos básicos necessários sobre nosso objeto de estudo, contamos com o quadro branco, *Datashow* e posteriormente com a distribuição de cópias xerografadas. Pretendemos desenvolver nossa proposta a partir do gênero conto, que integra o currículo mínimo do 9º ano.

Inicialmente, os alunos foram convidados a assistirem ao vídeo “Palavras puxam palavras - contos”, através do grupo de WhatsApp foi encaminhado o *link* contendo o endereço do filme ora proposto.



Figura 5 – Print de tela do YouTube do filme Palavra Puxa Palavra – Contos
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Z-8b6l8Qklc>

Este vídeo oferece material para discussão inicial em sala sobre os elementos da narrativa e o gênero conto. Posteriormente, em sala de aula, foram propostas atividades, conforme modelo na imagem 8 e 9, que levavam o aluno a compreender a forma como os personagens são classificados e caracterizados. Nesse momento, apresentamos aos alunos o conteúdo teórico em que seria possível, após a resolução da atividade proposta, reforçar os conceitos e os significados subjacentes à classificação dos personagens conforme apresentado no quadro 5:

Quadro 5 – Classificação dos personagens.

PROTAGONISTA(S)	É o personagem (ou personagens) principal da história. Ele pode ser herói ou ainda anti-herói. a) Herói- apresenta muitas virtudes b) Anti-herói: apresenta um mau-caráter
ANTAGONISTA(S)	São os personagens que se opõem ao protagonista.
PERSONAGENS SECUNDÁRIOS	São personagens menos importantes, aparecem menos, podem estar relacionados com o protagonista ou antagonista

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Para entender mais sobre isso, propusemos a leitura de um conto de fadas muito conhecido de todos nós, distribuído em xerografado conforme modelo constante na figura 6 e 7.

Posterior a leitura do texto, realizamos uma conversa em que juntos avaliamos os personagens da história segundo os conhecimentos teóricos que já havíamos estudado, pretendendo, assim, preparar os estudantes para a sequência de atividades. Em seguida, os alunos responderam um questionário com perguntas sobre o texto, no qual se propôs uma análise dos personagens e suas ações, identificando comportamento, características físicas e morais dentro do contexto da narrativa (fig. 8 e 9).

Rapunzel

Um conto de fadas dos Irmãos Grimm

Era uma vez um casal que há muito tempo desejava inutilmente ter um filho. Os anos se passavam, e seu sonho não se realizava. Afinal, um belo dia, a mulher percebeu que Deus ouvira suas preces. Ela ia ter uma criança!

Por uma janelinha que havia na parte dos fundos da casa deles, era possível ver, no quintal vizinho, um magnífico jardim cheio das mais lindas flores e das mais viçosas hortaliças. Mas em torno de tudo se erguia um muro altíssimo, que ninguém se atrevia a escalar. Afinal, era a propriedade de uma feiticeira muito temida e poderosa.

Um dia, espiando pela janelinha, a mulher se admirou ao ver um canteiro cheio dos mais belos pés de rabanete que jamais imaginara. As folhas eram tão verdes e fresquinhas que abriram seu apetite. E ela sentiu um enorme desejo de provar os rabanetes.

A cada dia seu desejo aumentava mais. Mas ela sabia que não havia jeito de conseguir o que queria e por isso foi ficando triste, abatida e com um aspecto doentio, até que um dia o marido se assustou e perguntou:

- O que está acontecendo contigo, querida?

- Ah! - respondeu ela. - Se não comer um rabanete do jardim da feiticeira, vou morrer logo, logo!

O marido, que a amava muito, pensou: "Não posso deixar minha mulher morrer... Tenho que conseguir esses rabanetes, custe o que custar!"

Ao anoitecer, ele encostou uma escada no muro, pulou para o quintal vizinho, arrancou apressadamente um punhado de rabanetes e levou para a mulher. Mais que depressa, ela preparou uma salada que comeu imediatamente, deliciada. Ela achou o sabor da salada tão bom, mas tão bom, que no dia seguinte seu desejo de comer rabanetes ficou ainda mais forte. Para sossegá-la, o marido prometeu-lhe que iria buscar mais um pouco.

Quando a noite chegou, pulou novamente o muro, mas, mal pisou no chão do outro lado, levou um tremendo susto: de pé, diante dele, estava a feiticeira.

- Como se atreve a entrar no meu quintal como um ladrão, para roubar meus rabanetes? - perguntou

ela com os olhos chispando de raiva. - Vai ver só o que te espera!

- Oh! Tenha piedadel - implorou o homem. - Só fiz isso porque fui obrigado! Minha mulher viu seus rabanetes pela nossa janela e sentiu tanta vontade de comê-los, mas tanta vontade, que na certa morrerá se eu não levar alguns!

A feiticeira se acalmou e disse:

- Se é assim como diz, deixo você levar quantos rabanetes quiser, mas com uma condição: irá me dar a criança que sua mulher vai ter. Cuidarei dela como se fosse sua própria mãe, e nada lhe faltará. O homem estava tão apavorado, que concordou. Pouco tempo depois, o bebê nasceu. Era uma menina. A feiticeira surgiu no mesmo instante, deu à criança o nome de Rapunzel e levou-a embora.

Rapunzel cresceu e se tornou a mais linda criança sob o sol. Quando fez doze anos, a feiticeira trancou-a no alto de uma torre, no meio da floresta.

A torre não possuía nem escada, nem porta: apenas uma janelinha, no lugar mais alto. Quando a velha desejava entrar, ficava embaixo da janela e gritava:

- Rapunzel, Rapunzel! Joga abaixo tuas tranças!

Rapunzel tinha magníficos cabelos compridos, finos como fios de ouro. Quando ouvia o chamado da velha, abria a janela, desenrolava as tranças e jogava-as para fora. As tranças calam vinte metros abaixo, e por elas a feiticeira subia.

Alguns anos depois, o filho do rei estava cavalgando pela floresta e passou perto da torre. Cuviu um canto tão bonito que parou, encantado.

Rapunzel, para espantar a solidão, cantava para si mesma com sua doce voz.

Imediatamente o príncipe quis subir, procurou uma porta por toda parte, mas não encontrou. Inconformado, voltou para casa. Mas o maravilhoso canto tocara seu coração de tal maneira que ele começou a ir para a floresta todos os dias, querendo ouvi-lo outra vez.

Em uma dessas vezes, o príncipe estava descansando atrás de uma árvore e viu a feiticeira aproximar-se da torre e gritar: "Rapunzel, Rapunzel!"

Figura 6 – Conto de fada “Rapunzel” dos irmãos Grimm. (Frente)

Fonte: https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/rapunzel

<p>Joga abaixo tuas tranças!" E viu quando a feiticeira subiu pelas tranças.</p> <p>"É essa a escada pela qual se sobe?" pensou o príncipe. "Pois eu vou tentar a sorte...."</p> <p>No dia seguinte, quando escureceu, ele se aproximou da torre e, bem embaixo da janelinha, gritou:</p> <p>- Rapunzel, Rapunzell Joga abaixo tuas tranças!</p> <p>As tranças caíram pela janela abaixo, e ele subiu.</p> <p>Rapunzel ficou muito assustada ao vê-lo entrar, pois jamais tinha visto um homem.</p> <p>Mas o príncipe falou-lhe com muita doçura e contou como seu coração ficara transtornado desde que a ouvira cantar, explicando que não teria sossego enquanto não a conhecesse.</p> <p>Rapunzel foi se acalmando, e quando o príncipe lhe perguntou se o aceitava como marido, reparou que ele era jovem e belo, e pensou: "Ele é mil vezes preferível à velha senhora...." E, pondo a mão dela sobre a dele, respondeu:</p> <p>- Sim! Eu quero ir com você! Mas não sei como descer... Sempre que vier me ver, traga uma meada de seda. Com ela vou trançar uma escada e, quando ficar pronta, eu desço, e você me leva no seu cavalo.</p> <p>Combinaram que ele sempre viria ao cair da noite, porque a velha costumava vir durante o dia. Assim foi, e a feiticeira de nada desconfiava até que um dia Rapunzel, sem querer, perguntou a ela:</p> <p>- Diga-me, senhora, como é que lhe custa tanto subir, enquanto o jovem filho do rei chega aqui num instantinho?</p> <p>- Ah, menina ruim! - gritou a feiticeira. - Pensei que tinha isolado você do mundo, e você me enganou!</p> <p>Na sua fúria, agarrou Rapunzel pelos cabelos e esbofetou-a. Depois, com a outra mão, pegou uma tesoura e tec, tec! cortou as belas tranças, largando-as no chão.</p> <p>Não contente, a malvada levou a pobre menina para um deserto e abandonou-a ali, para que sofresse e passasse todo tipo de privação.</p> <p>Na tarde do mesmo dia em que Rapunzel foi expulsa, a feiticeira prendeu as longas tranças num gancho da janela e ficou esperando. Quando o</p>	<p>príncipe veio e chamou: "Rapunzel! Rapunzel! Joga abaixo tuas tranças!"</p> <p>Ela deixou as tranças caírem para fora e ficou esperando.</p> <p>Ao entrar, o pobre rapaz não encontrou sua querida Rapunzel, mas sim a terrível feiticeira. Com um olhar chamejante de ódio, ela gritou zombeteira:</p> <p>- Ah, ah! Você veio buscar sua amada? Pois a linda avezinha não está mais no ninho, nem canta mais! O gato apanhou-a, levou-a, e agora vai arranhar os seus olhos! Nunca mais você verá Rapunzel! Ela está perdida para você!</p> <p>Ao ouvir isso, o príncipe ficou fora de si e, em seu desespero, se atirou pela janela. O jovem não morreu, mas caiu sobre espinhos que furaram seus olhos e ele ficou cego.</p> <p>Desesperado, ficou perambulando pela floresta, alimentando-se apenas de frutos e raízes, sem fazer outra coisa que se lamentar e chorar a perda da amada.</p> <p>Passaram-se os anos. Um dia, por acaso, o príncipe chegou ao deserto no qual Rapunzel vivia, na maior tristeza, com seus filhos gêmeos, um menino e uma menina, que haviam nascido ali.</p> <p>Ouvindo uma voz que lhe pareceu familiar, o príncipe caminhou na direção de Rapunzel. Assim que chegou perto, ela logo o reconheceu e se atirou em seus braços, a chorar.</p> <p>Duas das lágrimas da moça caíram nos olhos dele e, no mesmo instante, o príncipe recuperou a visão e ficou enxergando tão bem quanto antes.</p> <p>Então, levou Rapunzel e as crianças para seu reino, onde foram recebidos com grande alegria. Ali viveram felizes e contentes.</p> <p>Fonte: https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/rapunzel</p>
--	---

Figura 7 – Conto de fada “Rapunzel” dos irmãos Grimm. (Verso)

Fonte: https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/rapunzel

NOME: _____ N° _____

ATIVIDADE EM SALA DE AULA

O Conto, como vimos, é um gênero textual marcado pela de narrativa curta, escrita em prosa e de menor complexidade em relação aos romances. A origem dos contos está relacionada à tradição humana de contar histórias, a princípio de forma verbal e mais tarde também de forma escrita. Quando transcritas, essas mesmas histórias (que geralmente seguem uma trama única) resultam em uma narrativa concisa que pode ser lida em pouquíssimo tempo. O conto maravilhoso, ou os tradicionais contos de fadas, histórias que tanto escutamos durante nossa infância, fizeram e fazem parte dessa tradição, a partir deles temos muito a aprender sobre os personagens.

Nas histórias infantis que fizeram, e ainda fazem parte de nossa infância, encontramos bruxas, príncipes, princesas, vilões.... Como eram descritos esses personagens? Você se lembra?

A - Como eram as descrições das características físicas desses personagens:

BRUXAS	_____ _____ _____
PRÍNCIPES	_____ _____ _____
PRINCESAS	_____ _____ _____
VILÕES	_____ _____ _____

B - Como eram as descrições das características morais desses personagens?

BRUXAS	_____ _____ _____
PRÍNCIPES	_____ _____ _____
PRINCESAS	_____ _____ _____
VILÕES	_____ _____ _____

C - Relacione os personagens de contos de fadas às suas características comuns:

- | | |
|-------------------|--|
| (A) Príncipes | () boas, ajudam os heróis , são mágicas e bonitas |
| (B) Princesas | () valentes, bonitos, heroicos, bondosos |
| (C) Bruxas | () bonitas, frágeis, bondosas, delicadas, virtuosas |
| (D) Vilões /Ogros | () más, prejudicam os heróis, são mágicas e feias |
| (E) Fadas | () feios, sujos, maldosos. |

Figura 8 – Atividade baseada na leitura do conto de fada “Rapunzel” dos irmãos Grimm.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

COLÉGIO ESTADUAL BALDOMERO BARBARÁ

NOME: _____ N° _____

1 - Baseado na leitura do conto Rapunzel, responda às questões propostas abaixo:

a) A qual ou a quais personagens caberia o papel principal na história?

b) E quem é o personagem que faz oposição na história ao personagem principal?

c) Quais personagens são secundários na história?

2 - Complete as informações do quadro sobre o personagem:

	RAPUNZEL	FEITICEIRA	PRÍNCIPE
Características físicas			
Características morais			
Ações na história			

Quais personagens podemos considerar heróis na narrativa? Como são suas ações na história?

Quais seriam os antagonistas? Como são suas ações na história?

3- Conclusão:

a) Nos contos de fadas, princesas, príncipes e fadas são descritos de que maneira? Como são suas ações na história?

b) E de que maneira são descritos as bruxas, ogros, feiticeiros e vilões? Como são suas ações na história?

c) O que costuma acontecer no final das histórias de contos de fadas com os bons? E com os maus?

Os personagens de contos de fadas tradicionais costumam representar alegorias do bem e do mal, são personagens estratificados, lineares, de fácil identificação do papel que representa na história pelo leitor. Quando nos deparamos com personagens assim configurados, os classificamos como planos.

Figura 9 – Atividade baseada na leitura do conto de fada “Rapunzel” dos irmãos Grimm.
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Conforme avaliamos nos contos de fadas, as personagens não costumam alternar seus comportamentos e valores morais. Isso quer dizer que são personagens planos, caracterizados com poucas qualidades, e por essa razão, nós facilmente identificamos seu papel e funções na narrativa. Assim, os personagens planos são:

São personagens estáticas, definidas em poucas palavras, por um traço, por um elemento característico básico, que as acompanha durante toda a história. É o irônico que está sempre fazendo ironias, o chato que só sabe ser chato, ou seja, são personagens que não apresentam contradições: são sempre boas ou más; corajosas ou mentirosas; malandras ou trabalhadoras (RECANTO DAS LETRAS, on-line).

Neste momento, as atividades foram realizadas via aplicativo e estavam direcionadas na compreensão da construção de personagens planos, para que em seguida pudéssemos introduzir a subclassificação das personagens tipo e caricatura:

Quadro 6 – Atividade via *WhatsApp* I

<p>Atividade via <i>WhatsApp</i> I</p> <p>Como vimos no universo dos contos maravilhosos, os personagens são planos, apresentando características fixas e, por isso, facilmente identificável pelo leitor. Ainda hoje, são criados muitos personagens assim, tanto nos livros quanto nos programas de TV.</p> <p>Os personagens planos podem ser classificados em: <i>tipo</i> e <i>caricatura</i>.</p> <p>a) Personagem tipo: é reconhecido por características típicas, invariáveis, que podem ser morais, sociais, econômicas ou de qualquer outra ordem. Tipo seria <i>o</i> jornalista, <i>o</i> estudante, <i>a</i> dona de casa, <i>a</i> solteirona etc. (GANCHO, 1997:16)</p>
--

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quadro 7- Personagens planos: Classificação tipo.

	<p>A imagem ao lado representa um personagem muito comum principalmente em filmes e séries, é o <i>nerd</i>. Quais são as características típicas que</p>
--	---



Artie Abrams (Kevin McHale), o nerd do clube de canto que protagoniza Glee.

FONTE:<https://flitysgEEK.wordpress.com/2012/05/25/alguns-nerd-que-fazem-maior-sucesso-na-ficcao/>

representam um personagem *nerd*?

Quais outros personagens podemos classificar como esse *tipo*? Quais são suas características típicas? Vamos compartilhar.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quadro 8– Atividade via *WhatsApp* II

b) Personagem caricatura: é um personagem que além de apresentar características fixas, apresentam também características ridículas, um exagero de comportamento percebidos na sociedade, e estão muito associadas ao humor, ao deboche. São personagens que têm distorções propositais, a fim de ensejar o cômico, o ridículo, o satírico. Vamos assistir ao vídeo:

<https://www.youtube.com/watch?v=9AsUeKdWK3E>

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quadro 9– Atividade via *WhatsApp* III

No vídeo aparecem dois personagens caricaturas Kleiton e Lady Kate. Kleiton é o *stylist* ou estilista de Lady Kate, e ela, a personagem feminina representa “uma emergente social”,

	<p>uma pessoa que vem da camada social mais pobre e enriquece rapidamente.</p> <p>Como Kleiton é caracterizado?</p> <p>E Lady Kate?</p> <p>Como é construído o humor através desses personagens?</p> <p>Qual é a ideia, o senso comum que é construído a respeito dos emergentes e estilistas segundo o programa?</p>
<p>Fonte: Divulgação - Rede Globo</p>	

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

É importante ressaltar que as atividades realizadas através do aplicativo e os vídeos assistidos foram apresentados novamente no início da aula seguinte em sala, para que os alunos que não puderam participar ou visualizar pudessem acompanhar a turma.

Atividade em sala de aula:

Agora vamos ler um outro conto maravilhoso muito famoso e continuar nossa investigação sobre personagens na narrativa na atividade seguinte:

O GATO DE BOTAS

Um conto de Charles Perrault

Era uma vez um moleiro muito pobre, que tinha três filhos. Os dois mais velhos eram preguiçosos e o caçula era muito trabalhador. Quando o moleiro morreu, só deixou como herança o moinho, um burrinho e um gato. O moinho ficou para o filho mais velho, o burrinho para o filho do meio e o gato para o caçula. Este último ficou muito descontente com a parte que lhe coube da herança, mas o gato lhe disse:

- Meu querido amo, compra-me um par de botas e um saco e, em breve, te provarei que sou de mais utilidade que um moinho ou um asno.

Assim, pois, o rapaz converteu todo o dinheiro que possuía num lindo par de botas e num saco para o seu gatinho. Este calçou as botas e, pondo o saco às costas, encaminhou-se para um sítio onde havia uma coelheira. Quando ali chegou, abriu o saco, meteu-lhe uma porção de farelo miúdo e deitou-se no chão fingindo-se morto. Excitado pelo cheiro do farelo, o coelho saiu de seu esconderijo e dirigiu-se para o saco. O gato apanhou-o logo e levou-o ao rei, dizendo-lhe:

- Senhor, o nobre Marquês de Carabás mandou que lhe entregasse este coelho. Guisado com cebolinhas será um prato delicioso.

- Coelho?! - exclamou o rei. ___ Que bom! Gosto muito de coelho, mas o meu cozinheiro não consegue nunca apanhar nenhum. Diga ao teu amo que eu lhe envio os meus mais sinceros agradecimentos.

No dia seguinte, o gatinho apanhou duas perdizes e levou-as ao rei como presente do Marquês de Carabás. Durante um tempo, o gato continuou a levar ao palácio outros presentes, todos dizia ser da parte do Marquês de Carabás. Um dia o gato convidou seu amo para tomar um banho no rio. Ao chegarem ao local o gato disse ao jovem:

- De hoje em diante seu nome será Marquês de Carabás. Agora, por favor, tire sua roupa e entre na água. O rapaz não estava entendendo nada, mas como confiava no gato atendeu seu pedido. O gato havia levado rapaz no local por onde devia passar a carruagem real. O esperto gato ao ver uma carruagem se aproximando começou a gritar:

- Socorro! Socorro!

- Que aconteceu? - perguntou o rei, descendo da sua carruagem.

- Os ladrões roubaram a roupa do nobre Marquês de Carabás! - disse o gato. Meu amo está dentro da água, ficará resfriado.

O rei mandou imediatamente uns servos ao palácio; voltaram daí a pouco com um magnífico vestuário feito para o próprio rei, quando jovem. O dono do gato vestiu-se e ficou tão bonito que a princesa, assim que o viu, dele se enamorou. O rei também ficou encantado e murmurou:

- Eu era exatamente assim, nos meus tempos de moço.

O rei convidou o falso Marquês para subir em sua carruagem.

- Será que a vossa majestade nos dá a honra de visitar o palácio do Marquês de Carabás? - perguntou o gato, diante do olhar afilto do rapaz.

O rei aceitou o convite e o gato saiu na frente, para arrumar uma recepção par ao rei e a princesa. O gato estava radiante com o êxito do seu plano; e, correndo à frente da carruagem, chegou a uns campos e disse aos lavradores:

- O rei está chegando; se não lhes disserem que todos estes campos pertencem ao Marquês de Carabás, o rei mandará cortar-lhes a cabeça.

De forma que, quando o rei perguntou de quem eram aquelas searas, os lavradores responderam-lhe:

- Do muito nobre Marquês de Carabás.

- Que lindas propriedades tens tu! - elogiou o rei ao jovem.

O moço sorriu perturbado, e o rei murmurou ao ouvido da filha:

- Eu também era assim, nos meus tempos de moço.

Mais adiante, o gato encontrou uns camponeses ceifando trigo e lhes fez a mesma ameaça:

- Se não disserem que todo este trigo pertence ao Marquês de Carabás, faço picadinho de vocês. Assim, quando chegou a carruagem real e o rei perguntou de quem era todo aquele trigo, responderam:

- Do mui nobre Marquês de Carabás.

O rei ficou muito entusiasmado e disse ao moço:

- Ó Marquês! Tens muitas propriedades!

O gato continuava a correr à frente da carruagem; atravessando um espesso bosque, chegou à porta de um magnífico palácio, no qual vivia um ogro muito malvado que era o verdadeiro dono dos campos semeados. O gatinho bateu à porta e disse ao ogro que a abriu:

- Meu querido ogro, tenho ouvido por aí umas histórias a teu respeito. Dizei-me lá: é certo que te podes transformar no que quiseres?

- Certíssimo - respondeu o ogro, e transformou-se num leão.

- Isso não vale nada - disse o gatinho. - Qualquer um pode inchar e aparecer maior do que realmente é. Toda a arte está em se tornar menor. Poderias, por exemplo, transformar-te em rato?

- É fácil - respondeu o ogro, e transformou-se num rato.

O gatinho deitou-lhe logo as unhas, comeu-o e desceu logo a abrir a porta, pois naquele momento chegava a carruagem real. E disse:

- Bem-vindo seja, senhor, ao palácio do Marquês de Carabás.

- Olá! - disse o rei

- Que formoso palácio tens tu! Peço-te a fineza de ajudar a princesa a descer da carruagem.

O rapaz, timidamente, ofereceu o braço à princesa e o rei murmurou-lhe ao ouvido:

- Eu também era assim tímido, nos meus tempos de moço. Entretanto, o gatinho meteu-se na cozinha e mandou preparar um esplêndido almoço, pondo na mesa os melhores vinhos que havia na adega; e quando o rei, a princesa e o amo entraram na sala de jantar e se sentaram à mesa, tudo estava pronto.

Depois do magnífico almoço, o rei voltou-se para o rapaz e disse-lhe:

- Jovem, és tão tímido como eu era nos meus tempos de moço. Mas percebo que gostas muito da princesa, assim como ela gosta de ti. Por que não a pedes em casamento?

Então, o moço pediu a mão da princesa, e o casamento foi celebrado com a maior pompa. O gato assistiu, calçando um novo par de botas com cordões encarnados e bordados a ouro e preciosos diamantes. E daí em diante, passaram a viver muito felizes. E se o gato às vezes ainda se metia a correr atrás dos ratos, era apenas por divertimento; porque absolutamente não mais precisava de ratos para matar a fome...

FONTE: <http://www.qdivertido.com.br/verconto.php?codigo=17>

Figura 10– Conto “O Gato de Botas” de Charles Perrault.
Fonte: <http://www.qdivertido.com.br/verconto.php?codigo=17>

COLÉGIO ESTADUAL BALDOMERO BARBARÁ

NOME: _____ N° _____

1 - Após a leitura do texto, responda às questões abaixo:

A. Quem é o protagonista da história?

B. Como ele age na história?

C. Como podemos definir suas características morais?

D. Poderíamos classificar o gato de botas como herói? Por quê?

E. O gato de botas é um anti-herói, pois é um personagem que apresenta características opostas às do que se espera do herói. Quais outros personagens que você conhece que poderíamos considerar um anti-herói?

2 - É comum associarmos os animais a determinados atributos característicos. Pensando nisso vamos associar as colunas:

Cão	()	sabedoria
Coruja	()	esperteza
Burro	()	fidelidade
Gato	()	teimosia
Formiga	()	força

3 - Que outras características usualmente atribuímos ao animal gato? Você acredita que esses atributos foram importantes para que o personagem principal da história fosse um gato?

4 - Vamos assistir a uma fábula (Datashow), que é um conto pequeno, em que os animais representam os seres humanos e seu comportamento em sociedade: https://www.youtube.com/watch?v=gyJdaQaQ_8

5 - Debate oral com a turma:

- A. Que tipo de pessoas em nossa sociedade poderíamos considerar como o “leão”?
- B. Que tipo de pessoas, então, poderiam ser o “rato”?
- C. Quais são as características do leão? Quais são as características do rato?
- D. Podemos dizer que as características do leão e do rato são opostas? De que maneira?
- E. Há um animal que representa a força, o poder, e outro que representa fragilidade e argúcia. Podemos dizer que há uma intencionalidade do autor na escolha do animal para a construção do personagem na história?

Conforme vimos, nos contos de fadas, os personagens não costumam alternar seus comportamentos e valores morais. Isso quer dizer que são personagens planos, caracterizados com poucas qualidades, e por essa razão, nós facilmente identificamos seu papel e funções na narrativa. Nestes contos os personagens são tipos (marcados por um único traço), ou caricatura (quando este traço é muito reforçado), daí surgindo os estereótipos: a bruxa malvada, a fada bondosa, o sapo que vira príncipe e assim por diante. (KHEDÉ, 1986)

Figura 11 - Proposta de Atividade baseada no conto “O Gato de Botas” de Charles Perrault.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nesta atividade será proposto aos alunos:

- a) Perguntar aos pais a história da escolha de seus nomes, o que ele significa, sua origem.
- b) Propor uma reflexão sobre como são nomeados os personagens nos contos maravilhosos, e sobre a intencionalidade do autor.
- c) Refletir sobre o nome de alguns personagens famosos da literatura moderna, do cinema, da novela e a intencionalidade do autor na escolha.
- d) Assistir ao vídeo Eduardo e Mônica, primeira versão, e explicação do Renato Russo sobre a música <https://www.youtube.com/watch?v=M0b2dyPQaQk> .
- e) Conhecer a letra e discutir sobre a caracterização e o nome dos personagens comparando com informações do próprio compositor.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Objetivos para atividades em sala de aula:

- 1) Retomar as reflexões iniciadas via aplicativo, assistir novamente o vídeo, acompanhar a letra da música Eduardo e Mônica.
- 2) Estimular os estudantes a perceberem as características de uma narrativa.
- 3) Assistir ao vídeo de dicas “Como criar nome de personagem? 5 Dicas que vão ajudar você!”
- 4) <https://www.youtube.com/watch?v=y7q0uFknaeM&feature=youtu.be>



Figura 12 – *Print* de tela do *YouTube* – Canal Vilto Reis

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=y7q0uFknaeM&feature=youtu.be>

- 5) Propor aos estudantes que construam um perfil para um personagem, atribuindo a ele um nome. Deverão compartilhar com a turma e justificar a escolha realizada associando o perfil ao nome criado.

Atividades em sala de aula – Contos modernos

A partir de agora avaliaremos a construção e a caracterização de personagens nos contos modernos, da atualidade. “Vimos que nos contos de fadas os personagens são tipos ou caricaturas. Representam um modelo fechado de sociedade com valores plenos e estratificados (ou seja, fixos) e, por isso, são heróis, anti-heróis ou vilões no seu sentido absoluto” (KHEDÉ, 1986: 57). Nos contos e narrativas modernas, os personagens não apresentam mais essa rigidez das personagens planos, eles são fluidos, ou relativizados, apresentam contrastes em si mesmos, representam a heterogeneidade e o caráter multifacetado do ser humano. Eles são pessoas comuns, diante das mais diversas situações cotidianas. Por isso, são classificadas como personagens:

Redondos, esféricos ou evolutivos – são personagens complexos; definidos por vários traços diferentes, cheios de contradições; apresentam comportamentos imprevisíveis, enigmáticos, que vão sendo definidos no decorrer da narrativa, evoluindo e, muitas vezes, surpreendendo o leitor. Ora são covardes, ora corajosas; ora possuem virtudes, ora defeitos; enfim, expressam a verdadeira natureza humana.

- 1) Em um primeiro momento vamos observar os personagens e suas contradições no conto abaixo de Lygia Fagundes Telles (fig. 13 e 14):
- 2) Em seguida, passamos às atividades sobre o texto (fig. 15 e 16):
- 3) A atividade subsequente realizada em sala de aula, após os estudantes terem observado nos contos anteriores a construção dos personagens, pretendia treinar os estudantes na escrita narrativa e descritiva dos personagens. Neste exercício, aprenderam a utilizar a forma de caracterização direta, ou seja, quando o autor/narrador procura descrever diretamente os traços de um personagem, e a forma de caracterização indireta que acontece quando aspectos de um personagem são revelados através de suas ações, diálogo e interações com outros personagens (fig. 17 e 18).

AS FORMIGAS (Lygia Fagundes Telles)



Quando minha prima e eu descemos do táxi, já era quase noite. Ficamos imóveis diante do velho sobrado de janelas ovaladas, iguais a dois olhos tristes, um deles vazado por uma pedrada. Descansei a mala no chão e apertei o braço da prima.

– É sinistro.

Ela me impeliu na direção da porta. Tínhamos outra escolha? Nenhuma pensão nas redondezas oferecia um preço melhor a duas pobres estudantes com liberdade de usar o fogareiro no quarto, a dona nos avisara por telefone que podíamos

fazer refeições ligeiras com a condição de não provocar incêndio. Subimos a escada velhíssima, cheirando a creolina.

– Pelo menos não vi sinal de barata – disse minha prima.

A dona era uma velha balofa, de peruca mais negra do que a asa da graúna. Vestia um desbotado pijama de seda japonesa e tinha as unhas aduncas recobertas por uma crosta de esmalte vermelho-escuro, descascado nas pontas encardidas. Acendeu um charutinho.

– É você que estuda medicina? – perguntou soprando a fumaça na minha direção.

– Estudo direito. Medicina é ela.

A mulher nos examinou com indiferença. Devia estar pensando em outra coisa quando soltou uma baforada tão densa que precisei desviar a cara. A saleta era escura, atulhada de móveis velhos, desparelhados. No sofá de palhinha furada no assento, duas almofadas que pareciam ter sido feitas com os restos de um antigo vestido, os bordados salpicados de vidrilho.

Vou mostrar o quarto, fica no sótão – disse ela em meio a um acesso de tosse. Fez um sinal para que a seguíssemos. – O inquilino antes de vocês também estudava medicina, tinha um caixotinho de ossos que esqueceu aqui, estava sempre mexendo neles.

Minha prima voltou-se:

– Um caixote de ossos?

A mulher não respondeu, concentrada no esforço de subir a estreita escada de caracol que ia dar no quarto. Acendeu a luz. O quarto não podia ser menor, com o teto em declive tão acentuado que nesse trecho teríamos que entrar de gatinhas. Duas camas, dois armários e uma cadeira de palhinha pintada de dourado. No ângulo onde o teto quase se encontrava com o assoalho, estava um caixotinho coberto com um pedaço de plástico. Minha prima largou a mala e, pondo-se de joelhos, puxou o caixotinho pela alça de corda. Levantou o plástico. Parecia fascinada.

– Mas que ossos tão miudinhos! São de criança?

– Ele disse que eram de adulto. De um anão.

– De um anão? É mesmo, a gente vê que já estão formados... Mas que maravilha, é raro à beça esqueleto de anão. E tão limpo, olha aí – admirou-se ela. Trouxe na ponta dos dedos um pequeno crânio de uma brancura de cal. – Tão perfeito, todos os dentinhos!

– Eu ia jogar tudo no lixo, mas se você se interessa pode ficar com ele. O banheiro é aqui ao lado, só vocês é que vão usar, tenho o meu lá embaixo. Banho quente extra. Telefone também. Café das sete às nove, deixo a mesa posta na cozinha com a garrafa térmica, fechem bem a garrafa recomendou coçando a cabeça. A peruca se deslocou ligeiramente. Solto uma baforada final: – Não deixem a porta aberta senão meu gato foge.

Ficamos nos olhando e rindo enquanto ouvíamos o barulho dos seus chinelos de salto na escada. E a tosse encatarrada.

Esvaziei a mala, dependurei a blusa amarrada num cabide que enfiar num vão da veneziana, prendi na parede, com durex, uma gravura de Grassman e sentei meu urso de pelúcia em cima do travesseiro. Fiquei vendo minha prima subir na cadeira, desatarraxar a lâmpada fraquíssima que pendia de um fio solitário no meio do teto e no lugar atarraxar uma lâmpada de duzentas velas que tirou da sacola. O quarto ficou mais alegre. Em compensação, agora a gente podia ver que a roupa de cama não era tão alva assim, alva era a pequena tibia que ela tirou de dentro do caixotinho. Examinou-a. Tirou uma vértebra e olhou pelo buraco tão reduzido como o aro de um anel. Guardou-as com a delicadeza com que se amontoam ovos numa caixa.

– Um anão. Raríssimo, entende? E acho que não falta nenhum ossinho, vou trazer as ligaduras, quero ver se no fim da semana começo a montar ele.

Abrimos uma lata de sardinha que comemos com pão, minha prima tinha sempre alguma lata escondida, costumava estudar até de madrugada e depois fazia sua ceia. Quando acabou o pão, abriu um pacote de bolacha Maria.

– De onde vem esse cheiro? – perguntei farejando. Fui até o caixotinho, voltei, cheirei o assoalho. – Você não está sentindo um cheiro meio ardido?

– É de bolor. A casa inteira cheira assim – ela disse. E puxou o caixotinho para debaixo da cama.

No sonho, um anão louro de colete xadrez e cabelo repartido no meio entrou no quarto fumando charuto. Sentou-se na cama da minha prima, cruzou as pernas e ali ficou muito sério, vendo-a dormir. Eu quis gritar, tem um anão no quarto! mas acordei antes. A luz estava acesa. Ajoelhada no chão, ainda vestida, minha prima olhava fixamente algum ponto do assoalho.

– Que é que você está fazendo aí? – perguntei.

– Essas formigas. Apareceram de repente, já enturmadas. Tão decididas, está vendo?

Levantei e dei com as formigas pequenas e ruivas que entravam em trilha espessa pela fresta debaixo da porta, atravessavam o quarto, subiam pela parede do caixotinho de ossos e desembocavam lá dentro, disciplinadas como um exército em marcha exemplar.

– São milhares, nunca vi tanta formiga assim. E não tem trilha de volta, só de ida – estranhei.

– Só de ida.

Contei-lhe meu pesadelo com o anão sentado em sua cama.

– Está debaixo dela – disse minha prima e puxou para fora o caixotinho. Levantou o plástico. – Preto de formiga. Me dá o vidro de álcool.

– Deve ter sobrado alguma coisa aí nesses ossos e elas descobriram, formiga descobre tudo. Se eu fosse você, levava isso lá pra fora.

– Mas os ossos estão completamente limpos, eu já disse. Não ficou nem um fiapo de cartilagem, limpíssimos. Queria saber o que essas bandidas vêm fuçar aqui.

Respingou fartamente o álcool em todo o caixote. Em seguida, calçou os sapatos e como uma equilibrista andando no fio de arame, foi pisando firme, um pé diante do outro na trilha de formigas. Foi e voltou duas vezes. Apagou o cigarro. Puxou a cadeira. E ficou olhando dentro do caixotinho.

– Esquisito. Muito esquisito.

– O quê?

– Me lembro que botei o crânio em cima da pilha, me lembro que até calcei ele com as omoplatas para não rolar. E agora ele está aí no chão do caixote, com uma omoplata de cada lado. Por acaso você mexeu aqui?

– Deus me livre, tenho nojo de osso. Ainda mais de anão.

Ela cobriu o caixotinho com o plástico, empurrou-o com o pé e levou o fogareiro para a mesa, era a hora do seu chá. No chão, a trilha de formigas mortas era agora uma fita escura que encolheu. Uma formiguinha que escapou da matança passou perto do meu pé, já ia esmagá-la quando vi que levava as mãos a cabeça, como uma pessoa desesperada. Deixei-a sumir numa fresta do assoalho.

Figura 13 – Conto “As Formigas” de Lygia Fagundes Telles (frente).

Fonte: <https://claricemenezes.com.br/2017/10/31/as-formigas-conto-de-lygia-fagundes-telles/>

Voltei a sonhar afritivamente, mas dessa vez foi o antigo pesadelo em torno dos exames, o professor fazendo uma pergunta atrás da outra e eu muda diante do único ponto que não tinha estudado. Às seis horas o despertador disparou veementemente. Travei a campainha. Minha prima dormia com a cabeça coberta. No banheiro, olhei com atenção para as paredes, para o chão de cimento, a procura delas. Não vi nenhuma. Voltei pisando na ponta dos pés e então entreabri as folhas da veneziana. O cheiro suspeito da noite tinha desaparecido. Olhei para o chão: desaparecera também a trilha do exercício massacrado. Espiei de baixo da cama e não vi o menor movimento de formigas no caixotinho coberto.

Quando cheguei por volta das sete da noite, minha prima já estava no quarto. Achei-a tão abatida que carreguei no sal da omelete, tinha a pressão baixa. Comemos num silêncio voraz. Então me lembrei:

– E as formigas?

– Até agora, nenhuma.

– Você varreu as mortas?

Ela ficou me olhando.

– Não varri nada, estava exausta. Não foi você que varreu?

– Eu?! Quando acordei, não tinha nem sinal de formiga nesse chão, estava certa que antes de deitar você juntou tudo..., mas então quem?!

Ela apertou os olhos estrábicos, ficava estrábica quando se preocupava.

– Muito esquisito mesmo. Esquisitíssimo.

Fui buscar o tablete de chocolate e perto da porta senti de novo o cheiro, mas seria bolor? Não me parecia um cheiro assim inocente, quis chamar a atenção da minha prima para esse aspecto, mas estava tão deprimida que achei melhor ficar quieta. Espargi água-de-colônia flor de maçã por todo o quarto (e se ele cheirasse como um pomar?) e fui deitar cedo. Tive o segundo tipo de sonho que competia nas repetições com o sonho da prova oral: nele, eu marcava encontro com dois namorados ao mesmo tempo. E no mesmo lugar. Chegava o primeiro e minha aflição era levá-lo embora dali antes que chegasse o segundo. O segundo, desta vez, era o anão. Quando só restou o oco de silêncio e sombra, a voz da minha prima me fisgou e me trouxe para a superfície. Abri os olhos com esforço. Ela estava sentada na beira da minha cama, de pijama e completamente estrábica.

– Elas voltaram.

– Quem?

– As formigas. Só atacam de noite, antes da madrugada. Estão todas aí de novo.

A trilha da véspera, intensa, fechada, seguia o antigo percurso da porta até o caixotinho de ossos por onde subia na mesma formação até desformigar lá dentro. Sem caminho de volta.

– E os ossos?

Ela se enrolou no cobertor, estava tremendo.

Aí é que está o mistério. Aconteceu uma coisa, não entendo mais nada! Acordei pra fazer pipi, devia ser umas três horas. Na volta senti que no quarto tinha algo mais, está me entendendo? Olhei pro chão e vi a fila dura de formiga, você lembra? não tinha nenhuma quando chegamos. Fui ver o caixotinho, todas trançando lá dentro, lógico, mas não foi isso o que quase me fez cair pra trás, tem uma coisa mais grave: é que os ossos estão mesmo mudando de posição, eu já desconfiava mas agora estou certa, pouco a pouco eles estão... estão se organizando.

– Como, organizando?

Ela ficou pensativa. Comecei a tremer de frio, peguei uma ponta do seu cobertor. Cobri meu urso com o lençol.

– Você lembra, o crânio entre as omoplatas, não deixei ele assim. Agora é a coluna vertebral que já está quase formada, uma vértebra atrás da outra, cada ossinho tomando seu lugar, alguém do ramo está montando o esqueleto, mais um pouco e... venha ver!

– Credo, não quero ver nada. Estão colando o anão, é isso?

Ficamos olhando a trilha rapidíssima, tão apertada que nela não caberia sequer um grão de poeira. Pulei-a com o maior cuidado quando fui esquentar o chá. Uma formiguinha desgarrada (a mesma daquela noite?) sacudia a cabeça entre as mãos. Comecei a rir e tanto que se o chão não estivesse ocupado, rolaria por ali de tanto rir. Dormimos juntas na minha cama. Ela dormia ainda quando saí para a primeira aula. No chão, nem sombra de formiga, mortas e vivas, desapareciam com a luz do dia.

Voltei tarde essa noite, um colega tinha se casado e teve festa. Vim animada, com vontade de cantar, passei da conta. Só na escada é que me lembrei: o anão. Minha prima arrastara a mesa para a porta e estudava com o bule fumegando no fogareiro.

– Hoje não vou dormir, quero ficar de vigia – ela avisou.

O assoalho ainda estava limpo. Me abracei ao urso.

– Estou com medo.

Ela foi buscar uma pilula para atenuar minha ressaca, me fez engolir a pilula com um gole de chá e ajudou a me despir.

– Fico vigiando, pode dormir sossegada. Por enquanto não apareceu nenhuma, não está na hora delas, é daqui a pouco que começa. Examinei com a lupa de baixo da porta, sabe que não consigo descobrir de onde brotam?

Tombei na cama, acho que nem respondi. No topo da escada o anão me agarrou pelos pulsos e rodopiou comigo até o quarto, acorda, acorda! Demorei para reconhecer minha prima que me segurava pelos cotovelos. Estava lívida. E vesga.

– Voltaram – ela disse.

Apertei entre as mãos a cabeça dolorida.

– Estão aí?

Ela falava num tom miúdo como se uma formiguinha falasse com sua voz.

– Acabei dormindo em cima da mesa, estava exausta. Quando acordei, a trilha já estava em plena. Então fui ver o caixotinho, aconteceu o que eu esperava...

– Que foi? Fala depressa, o que foi?

Ela firmou o olhar oblíquo no caixotinho de baixo da cama.

– Estão mesmo montando ele. E rapidamente, entende? O esqueleto está inteiro, só falta o fêmur. E os ossinhos da mão esquerda, fazem isso num instante. Vamos embora daqui.

– Você está falando sério?

– Vamos embora, já arrumei as malas.

A mesa estava limpa e vazios os armários escancarados.

– Mas sair assim, de madrugada? Podemos sair assim?

– Imediatamente, melhor não esperar que a bruxa acorde. Vamos, levanta.

– E para onde a gente vai?

– Não interessa, depois a gente vê. Vamos, vista isto, temos que sair antes que o anão fique pronto.

Olhei de longe a trilha: nunca elas me pareceram tão rápidas. Calcei os sapatos, descolei a gravura da parede, enfiei o urso no bolso da japona e fomos arrastando as malas pelas escadas, mais intenso o cheiro que vinha do quarto, deixamos a porta aberta. Foi o gato que miou comprido ou foi um grito?

No céu, as últimas estrelas já empalideciam. Quando encarei a casa, só a janela vazada nos via, o outro olho era penumbra.

Imagem 5: A escritora Lygia Fagundes Telles

FONTE: <http://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-823166/fotos/detalhe/?cmefile=21454325>

Figura 14 - Conto “As Formigas” de Lygia Fagundes Telles (verso).

Fonte: <https://claricemenezes.com.br/2017/10/31/as-formigas-conto-de-lygia-fagundes-telles/>

COLÉGIO ESTADUAL BALDOMERO BARBARÁ

NOME: _____ N° _____

É comum no conto de mistério a narração em primeira pessoa, assim, o personagem fica mais próximo do leitor. O narrador participa da história e, portanto, narra as suas experiências, suas emoções, seus medos e suas indecisões. Desse modo, fica mais fácil criar uma empatia com o personagem. O objetivo é criar um maior suspense ou uma atmosfera de mistério. E essa característica pode acabar constituindo uma vantagem, já que, ao ter a história contada do ponto de vista de apenas um personagem, o leitor acaba mergulhando na mesma tensão em que o personagem se encontra, como se os dois fossem um.

Quais são os personagens principais da história? Como eles são descritos no conto?

Quais são os outros personagens da história? Como eles são descritos?

O ambiente onde se passa a história é um sobrado. O sobrado é uma edificação grande de dois ou mais andares, muito comum em vários países do mundo. Há uma semelhança entre a descrição do sobrado do conto e o sobrado que aparece no filme “o mistério do relógio na parede”? Que sentimento eles causam?

Quais são os antagonistas da história?

Quais elementos da história se combinam para o clima de mistério e fantástico?

Responda às questões:

Qual personagem falou a seguinte frase: “Mas que maravilha, é raro à beça esqueleto de anão”?

Essa frase, “Mas que maravilha, é raro à beça esqueleto de anão”, revela o que sobre os sentimentos da personagem?

- | | | | |
|-----------------------------------|-------------------------------------|--------------------------------------|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> decepção | <input type="checkbox"/> entusiasmo | <input type="checkbox"/> tristeza | <input type="checkbox"/> atração |
| <input type="checkbox"/> surpresa | <input type="checkbox"/> alegria | <input type="checkbox"/> indiferença | <input type="checkbox"/> repulsa |

A presença de um esqueleto debaixo da cama costuma despertar que tipos de sentimentos nas pessoas?

Por que esse personagem reagiu diferente?

Agora se o personagem quisesse transparecer nojo/horror pelo esqueleto o que acha que diria?

Quanto à frase: “Vamos, vista isso, temos que sair antes que o anão fique pronto”, o que ela revela sobre os sentimentos do personagem?

Figura 15 – Proposta de atividade baseada no conto “As Formigas” de Lygia Fagundes Telles (frente).
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

- () medo () tranquilidade () pressa () repulsa
() indiferença () apreensão () curiosidade

O que você acredita que os personagens esperavam que acontecesse com o esqueleto?

Se o personagem ainda estivesse entusiasmado, e não estivesse com medo, o que você acha que diria?

Podemos dizer que essa personagem, a estudante de medicina, a princípio sentiu-se entusiasmada com o esqueleto, depois quando percebeu que ele estava sendo montado pelas formigas ficou com medo, e, por isso, fugiu durante a noite com a prima. Você acha que é natural, no comportamento das pessoas, alterar sentimentos de entusiasmo, medo, coragem, atração, ou repulsa diante das situações da vida?

Qual conto você acredita que os personagens se aproximam mais da nossa realidade, Rapunzel ou As formigas? Por quê?

É interessante observar neste conto fantástico e contemporâneo elementos alusivos aos contos maravilhosos, porém mais verossímeis a nossa realidade:

Qual personagem representa a bruxa na história? Como ela é descrita?

Qual (quais) personagens são os heróis ou princesas da história?

O que no conto substitui o castelo, ambiente comum dos contos maravilhosos?

É comum, em contos de fadas, a presença de animais que agem intencionalmente, animais fabulosos. Existe isso na história?

Quais outros elementos e situações nos fazem lembrar dos contos maravilhosos?

Nas narrativas modernas os personagens representam pessoas comuns, diante das mais diversas situações cotidianas. Por isso são do tipo: **Redondas, Esféricas** ou **Evolutivas** – são personagens complexos; definidos por vários traços diferentes, cheios de contradições; apresentam comportamentos imprevisíveis, enigmáticos, que vão sendo definidos no decorrer da narrativa, evoluindo e, muitas vezes, surpreendendo o leitor. Ora são covardes, ora corajosas; ora possuem virtudes, ora defeitos; enfim, expressam a verdadeira natureza humana.

Figura 16 - Proposta de atividade baseada no conto “As Formigas” de Lygia Fagundes Telles (verso)
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A narrativa é centrada em um conflito vivido pelos personagens, que são os elementos vitais na construção deste tipo de texto. Eles podem ser principais ou secundários, de acordo com o papel que desempenham no enredo. Pode-se dizer que existe um protagonista, personagem principal, e um antagonista, personagem que age contra o protagonista, tentando impedi-lo de alcançar os seus objetivos. Também há a presença dos adjuvantes ou coadjuvantes, que são os personagens secundários que também exercem papéis essenciais na história.

Os personagens podem ainda ser apresentados no enredo de forma direta ou indireta. A apresentação direta ocorre quando a personagem aparece claramente no texto, retratando as suas características físicas e/ou psicológicas; a apresentação indireta é quando os personagens aparecem na história aos poucos, e, o leitor constrói a sua imagem com o desenrolar do enredo, a partir de suas ações.

Observe o quadro:

Caracterização direta (Condensada em trecho descritivo)	Caracterização indireta (Dispersa na história)
<p>Carlos era magro, tímido, ficava sempre encolhido na última carteira da sala de aula, não tinha amigos na escola, estava sempre ajustando o óculos fundo de garrafa no rosto. Seus cabelos eram negros, lisos, estavam compridos para esconder as espinhas.</p> <p>Margarida era uma aluna muito estudiosa, sempre participativa, era pequena e sardenta, tinha uns doze anos, seu uniforme estava puído pelo uso, seus cadernos eram de segunda mão.</p>	<p>Quando a professora foi conversar com ele, Carlos tremeu o corpo todo, olhou de um lado para o outro, com o rosto abaixado, escondeu-se inteiro atrás do cabelo.</p> <p>(Infere-se a timidez do menino)</p> <p>Margarida, precisava de material pro trabalho da escola, ela não queria, mas precisava, por isso resolveu pedir dinheiro ao seu pai, quem sabe dessa vez...</p> <p>_ Pai, tenho um trabalho importante pra fazer, muito importante mesmo... vale nota, não fica bravo... preciso de dinheiro...</p> <p>_ Margarida, você sabe que não gosto que me incomode com isso, na sua idade eu me virava, não me aborreça, não tenho dinheiro.</p> <ul style="list-style-type: none"> • O que podemos inferir sobre a situação da Margarida?

Figura 17 – Atividade sobre caracterização direta e indireta. (frente)

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Mas também pode se dar o caso de você ter que fazer os dois tipos de caracterização em seu texto, aí denomina-se caracterização mista.

Atividade em dupla:

Elabore uma caracterização direta e outra indireta de um personagem criado por vocês.

Caracterização direta	Caracterização indireta

Figura 18 – Atividade sobre caracterização direta e indireta. (verso)
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

3ª Fase - Pesquisa individual

Nesta terceira etapa da pesquisa, os alunos foram estimulados a pesquisar, compartilhar e construir o próprio conhecimento. Também foi importante incorporar novas ferramentas, além dos manuais didáticos, como a mídia de informação. Neste momento, a mediação docente é muito importante na orientação aos educandos.

1) Atividade via WhatsApp

O conto que acabamos de ler é um conto fantástico. Em linhas gerais, o fantástico surge quando há uma atmosfera de mistério e suspense na trama, a ponto de não ser possível afirmar se os acontecimentos são reais ou frutos da imaginação. Para o leitor, a dúvida sempre estará presente. Já o mistério, em uma história, é proporcionado por todo acontecimento cuja causa é desconhecida, incompreensível, oculta, inexplicável, ou seja, um enigma, que pode vir a ser ou não descoberto. Com base nisso, vamos investigar e compartilhar no grupo de

WhatsApp informações sobre o artista Marcelo Grassman, citado no conto pela narradora-personagem.

Questões a serem debatidas no grupo: Quem é ele? O que ele faz? Que sentimento as imagens de suas obras provocam? Do que as imagens parecem tratar? Essas imagens contribuem para acentuar o clima de fantástico e de mistério do conto? E o que a admiração da narradora-personagem desse conto por esse artista pode nos revelar sobre ela mesma?

2) Atividade em sala:

A próxima atividade realizada se chama “Descubra quem é”. A partir das informações abaixo descritas, espera-se que os alunos identifiquem as personalidades, para iniciar a dinâmica das atividades:

A partir das pistas dadas abaixo, descubra quem é a personalidade oculta:

a) É uma pessoa que gosta muito de se divertir, está sempre alegre e de bom humor, adora fazer brincadeiras, não gosta de levar as coisas muito a sério. É loiro, de pele clara, olhos escuros, magro, mas não gosta de praticar atividades físicas. Mesmo quando chora é para fazer rir. Faz parte do “Porta dos Fundos”, seus vídeos são campeões na internet. É ator, comediante e roteirista. Fez um filme muito engraçado com a Miá Mello em alto-mar. Tem 37 anos. Descubra quem é?

b) Adora cantar e usar roupas extravagantes, tanto que a chamaram de Beyoncé do Pará. Sua música já foi abertura de novela. Gosta muito de rir, mas, se contrariada, fica uma fera. Tem personalidade forte. Sua pele é negra, seus olhos são castanhos, e é um pouco gordinha. Tem uma voz grave, é cantora, apresentadora e atriz. Descubra quem é? _____

c) É um atleta mundialmente famoso, muito respeitado, é uma pessoa muito séria, e costuma usar ternos em público. Tem 77 anos, mas aparenta ser mais jovem. Nos últimos anos, pouco tem aparecido na televisão, mas na copa de 1994 chorou ao vivo de emoção. É um ícone brasileiro, foi eleito o atleta do século. Tem olhos

negros, pele negra, porte atlético costuma usar cabelo raspado nas laterais e um topetinho na frente. Descubra quem é? _____

- 3) Após esta atividade, os alunos serão convidados a construírem o jogo inverso, ou seja, fornecer pistas sobre personalidades, para que os colegas descubram quem são. A atividade será realizada via pesquisa na biblioteca da escola e na internet. É importante orientar os estudantes para que pesquisem sobre a personalidade, e montem suas próprias pistas, não simplesmente copiando e colando informações da *web*.
- 4) Pesquisa para ser realizada em casa: pesquisar sobre o processo de criação de personagens: o que dizem os escritores, de onde ou como surgem esses seres? O que os inspira para construir personagens: realidade ou imaginação? Quais recursos e conhecimentos são necessários?
- 5) Os alunos deverão elaborar perguntas sobre construção de personagens para uma entrevista com a escritora Alcimare Dalbone. A entrevista com a professora Acimare ao jornal Diário do Vale será compartilhado através do grupo de WhatsApp com os alunos.

Professora Alcimare Dalbone lança livro 'A Pedra Lunar'

Matéria publicada em 10 de março de 2015, 06:32 horas

Ficção disserta sobre um casal de feiticeiros que se aventura para salvar o mundo



Figura 19: *Print* de reportagem do Jornal Diário do Vale – Edição Online.
Fonte: <https://diariodovale.com.br/lazer/professora-alcimare-dalbone-lanca-livro-a-pedra-lunar/>

- 6) Leitura do conto de mistério “A escola mal-assombrada” de Alcimare Dalbone e entrevista elaborada pelos alunos. Deve-se ressaltar que esse conto foi escrito pela autora para esse projeto, portanto, foi aproveitada referências da escola e repertório dos estudantes para sua confecção, inclusive para a criação de seus personagens.
- 7) Via *WhatsApp* os alunos serão estimulados a compartilharem fotos de ambientes, de objetos de seu conhecimento e de seu cotidiano que podem servir de cenário e inspiração para a confecção de um conto de mistério.

A ESCOLA MAL ASSOMBRADA

(*Alcimare Dalbone*)

A escola era ainda mais assustadora vazia no breu da noite. Do lado de fora, as árvores balançavam projetando sombras horripilantes pelas paredes com tintas descascadas do corredor que parecia mais longo do que era durante o dia. Mesmo com medo, Isabela apertou os passos de porta em porta até chegar à última sala. Estava certa de que era lá que, em poucos instantes, aquele mistério seria desvendado.

DOIS DIAS ANTES

O sinal tocou às 13 horas indicando que em dez minutos o portão da escola seria fechado. Isabela nunca se atrasava, principalmente quando a primeira aula era de português. Interpretar textos era seu passatempo preferido. Mas naquele dia, a menina que sempre passava as aulas vagas na biblioteca devorava um suspense que não vinha das páginas dos livros de Lovecraft e nem de Edgar Allan Poe.

— Todos aqui sabem que esta escola foi construída em cima de um antigo cemitério. Bruno, sem se importar com o cabelo liso que toda hora cobria-lhe os olhos verdes pequenos levemente puxados, dizia com a convicção de um historiador internacionalmente reconhecido deixando seus ouvidos cada vez mais amedrontados. Então, isso só pode ser coisa de um desses espíritos que em vida odiavam a escola e que agora se vê obrigado a morar em uma pele eternidade.

O que mais poderia explicar uma borracha cair no chão e nunca mais aparecer? — Complementou Luis com várias cabeças balançando afirmativamente.

— E se ninguém estuda na nossa sala na parte da manhã — questionou Isabela — como os livros que deixamos lá em um dia, podem não estar no outro, e voltarem a aparecer no seguinte.

Só tem um jeito de a gente resolver isso. Bruno retomou a palavra. — Permanecendo na escola depois do horário.

— Como vamos driblar a inspetora? — Indagou Isabela.

— Basta ter coragem para ficar escondido no banheiro com tudo apagado depois que a diretora trancar a escola. — Respondeu Luis como se passar a noite na escola fosse a coisa mais normal do mundo.

— Você só está se esquecendo daquela parte em que precisamos voltar pra casa. — Ironizou Isabela.

— Se o problema é esse, está resolvido. — Finalizou Bruno. — A gente pula o muro. Ou não são corajosos o suficiente?

— Claro que sou. — Confirmou Luis antes que sua masculinidade de garoto com o topete mais popular da escola fosse colocada à prova novamente.

Fu também estou dentro. Disse Isabela com a voz mais firme que conseguiu emitir.

— Aaaahhhhh!!!!!!! — Os três gritaram.

— Maldito lagarto. — Esbravejou Isabela se desviando do réptil que lhe dava calafrios.

Aposto que é o animal de estimação da alma penada que resolveu assombrar logo a nossa escola. — Completou Luis.

— Vamos, que a dona Mercedes já vai fechar o portão. Finalizou Bruno.

Então, os três correram e adentraram a escola mal assombrada.

*

Na aula de português, Isabela, com os olhos bem redondos cor de mel vidrados na explicação, parecia a única da turma a se emporçar com tudo o que a professora falava. Tinha o cabelo ondulado até o meio das costas. Era baixinha e parecia ainda mais magrela na saia drapcada de uniforme. Em matemática, achar o x na equação com uma incógnita era o maior mistério a ser solucionado por Luis e Bruno. Na quarta de seis aulas que teriam naquela tarde, a disciplinária pediu licença à senhora Elza para avisar que os alunos da 703 sairiam mais cedo, pois o professor de ciências havia faltado. A turma vibrou de alegria, só os três investigadores é que ficaram frustrados por terem que deixar para o dia seguinte, seu plano infalível de caça fantasmas.

Figura 20 - Imagem do conto “A Escola Mal-Assombrada” – Parte 1

Fonte: <https://autoraalcimaredalbone.blogspot.com/2019/11/a-escola-mal-assombrada.html>

*

No dia seguinte, à hora do recreio, partilharam biscoitos e sucos enquanto ajeitavam, num canto bem isolado do pátio, a toalha branca que Isabela conseguira levar sem o conhecimento da mãe, as letras do alfabeto que Luís tinha de um jogo antigo e o copo de vidro virgem que Bruno comprara na lojinha de 1,99 de seu bairro. Estavam prontos para conversar com o espírito espevitado através da “brincadeira do copo”. Deram as mãos, fecharam os olhos e ficaram um tempo mudos se concentrando.

— O que temos que falar pra atraí-lo? — Luís quebrou o silêncio.

Não eram pras nossas mãos estarem no copo? Questionou Isabela reposicionando as mãos em cima do copo que fora colocado de cabeça para baixo com os amigos sobrepondo as mãos sobre a sua.

Alma fantasmagórica que assombra o colégio Liceu. Invocou Bruno, mova o copo se estiver aqui.

— Só queremos ajudá-lo a descansar em paz. — Complementou Isabela.

Fecharam novamente os olhos e esperaram. Então o copo se moveu. Os três espiaram e berraram. De perto, o lagarto era ainda mais assustador. O coração demorou a se acalmar depois que o escamoso seguiu seu caminho. O sinal bateu indicando o fim do recreio. Recolheram as coisas e subiram a escada, certos de que não era daquela forma que encontrariam a tal alma penada.

*

Enquanto a professora de História passava no quadro algo sobre a Idade Média, Isabela viu uma bolinha de papel aterrissar na sua carteira. Desembrulhou-a embaixo da mesa com cuidado para que senhora Ivana não visse.

Lembra de falar com tua mãe que ia pra minha casa fazer trabalho de geografia depois da aula? De hoje não pode passar, último dia de lua cheia, não sei se funciona com fantasmas, mas não dá pra arriscar esperar até a próxima. Do banheiro seguiremos direto pra sala onde guardam as cadeiras quebradas. Só pode ser lá que ele vive. Quer dizer não vive mais, já que já está morto. Ah, você me entendeu.

Bruno.

Ps: Já confirmei com o Luís. Por ele tudo ok.

A professora ainda estava de costas quando terminou de ler, então virou-se para Bruno e fez um sinal de joia mostrando que não ia amarclar.

*

Aproveitaram para se infiltrarem na multidão desesperada para se ver livre da escola e andando na direção contrária, foram para o banheiro. Bruno e Luís para o de meninos e Isa para o de meninas. Ao escutar os passos de dona Mercedes, Bela entrou para uma cabine, encostou a porta e subiu no vaso para dar a impressão de que estava vazia. Ficou imóvel até ela confirmar que não havia ninguém, apagar a luz e ir verificar o masculino. Trincou os dentes de raiva quando a ouviu dizendo “O que vocês dois estão fazendo aqui? A aula já acabou. Quase ficam irracionalizados no colégio.” Eles nem tentaram argumentar, pois sabiam que poderiam denunciá-la no nervosismo das palavras. Esperou que se afastassem. Respirou fundo e soube que estaria sozinha pra encarar a assombração.

Esgueirou-se pelos cantos até subir a escada que levava para as salas do segundo andar. A escola era ainda mais assustadora vazia no breu da noite. Do lado de fora, as árvores balançavam projetando sombras horripilantes pelas paredes com tintas descascadas do corredor que parecia mais longo do que era durante o dia. Mesmo com medo, Isabela apertou os passos de porta em porta até chegar à última sala. Estava certa de que era lá que, em poucos instantes, aquele mistério seria desvendado.

Fez uma reza para benzer e fechar seu corpo e abriu a porta bem devagar espiando as pilhas de cadeiras e carteiras velhas amontoadas umas nas outras. O cheiro forte de madeira aumentava à medida que ela, cautelosa, adentrava a sala abandonada. Ouviu um espirro baixo vindo do canto dos fundos e foi como se um imã a puxasse para espreitar. A não ser que espíritos também ficassem gripados ou desenvolvessem alergia a poeira, não era um que estava lá. Acender a luz, chamaria a atenção de quem estivesse passando pela rua, então pensou que o melhor era usar a lanterna do seu celular. Deu um beiro que ecoou ao iluminar a cara de uma pessoa escondida atrás de uma mesa. Ia sair correndo quando o rosto lhe ficou familiar. Voltou e perguntou com voz calma:

— Glorinha????

*

Figura 21 - Imagem do conto “A Escola Mal-Assombrada” – Parte 2

Fonte: <https://autoraalcimaredalbone.blogspot.com/2019/11/a-escola-mal-assombrada.html>

— Caso solucionado! – Orgulhou-se Isabela ao narrar o que acontecera para Bruno e Luís.

— Quer dizer que o fantasma era a merendeira? – Surpreendeu-se Luís.

— Mas o que ela fazia lá? – Indagou Bruno.

O marido a expulsou de casa. Iniciou Isabela. Glorinha não tinha para onde ir, a família dela não é do Rio. Envergonhada de pedir ajuda à diretora, resolveu se alojar na escola até conseguir juntar dinheiro pro primeiro mês de aluguel. Para se distrair, pegava alguns livros pra ler até pegar no sono.

— Mas não dá pra ela continuar assim. – Penalizou-se Bruno. Precisamos ajudá-la.

— Acha que já não pensei nisso? – Prosseguiu Isa. – Arrisquei que minha mãe me livraria de um castigo por ter

mentido sobre o trabalho já que a causa era nobre. Liguei pra ela. Conteí tudo. Ela ligou pra diretora. Elas vieram aqui e nos levaram pra casa, mas antes sugeri que fizéssemos uma campanha no colégio.

— Isso aí. – Timpolgou-se Luís. – Além de uma quantia em dinheiro, podemos ver comida, roupas, produtos de higiene e até móveis que já queríamos um motivo para trocar por novos.

— E livros! Lembraram Bela e Bruno em uníssono.

— Aaaahhhhh!!!!!!!

Os três gritaram ao se assustarem com o lagarto e correram para dentro do colégio antes que dona Mercedes fechasse o portão.

Figura 22 - Imagem do conto “A Escola Mal-Assombrada” – Parte 3

Fonte: <https://autoraalcimaredalbone.blogspot.com/2019/11/a-escola-mal-assombrada.html>

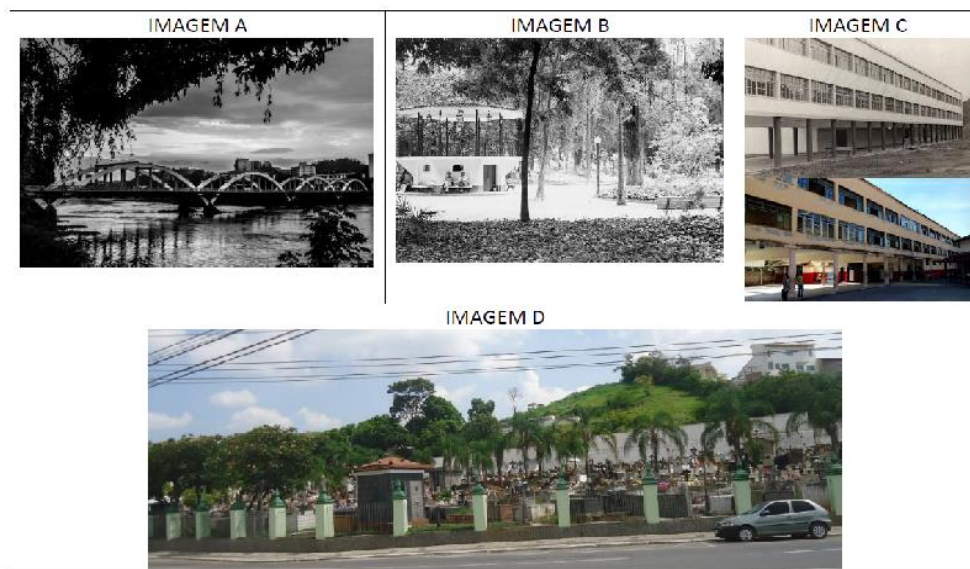
4ª fase – Produção individual

Nesta etapa os alunos foram convidados a realizar sua produção individual, um conto de mistério que teve como ambientação a cidade de Barra Mansa, usaram como referência, as imagens anteriormente compartilhadas via aplicativo de celular.

COLÉGIO ESTADUAL BALDOMERO BARBARÁ

NOME: _____ N° _____

1) Observe agora, algumas imagens de lugares que nossa cidade oferece para criar o clima de fantástico e mistério....



FONTE :<http://museudahistoriadebm.blogspot.com/2010/12/parque-centenario-jardim-das-preguicas.html> e <http://cebbarbara.blogspot.com/>

Lembrem-se, em linhas gerais, o fantástico surge quando há uma atmosfera de mistério e suspense na trama, a ponto de não ser possível afirmar se os acontecimentos são reais ou frutos da imaginação. Para o leitor, a dúvida sempre estará presente. Já o mistério, em uma história, é proporcionado por todo acontecimento cuja causa é desconhecida, incompreensível, oculta, inexplicável, ou seja, um enigma, que pode vir a ser ou não descoberto.

1) Que lugares são esses?

2) Que tipos de sentimentos podem provocar nas pessoas ao passarem ali de madrugada?

3) Que tipos de pessoas são comuns nesses lugares?

4) O que poderia acontecer de fantástico ou misterioso?

5) A partir dessas imagens, ou daquelas que compartilhamos via WhatsApp, solte sua imaginação e escreva um conto de mistério!

Figura 23– Proposta de atividade individual de desenvolvimento de conto de mistério envolvendo a cidade de Barra Mansa (frente).

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

5ª fase – Discussão crítica

Neste momento os alunos foram convidados a exporem sua produção individual, puderam defender sua produção e analisar criticamente frente ao conhecimento elaborado no percurso do projeto.

6ª fase – Produção do texto coletivo

Esta etapa visa a solidificar conhecimentos e oportuniza aos alunos negociar a produção coletiva, utilizando como referência a produção anterior. Os grupos foram formados por 3 a 4 estudantes.

7ª fase – Produção final

A última etapa, finalizando o projeto, após os últimos acertos da produção realizada, visa à circulação da produção no site da escola e no grupo de WhatsApp para que possa ser compartilhado pelos próprios estudantes.

5 APLICAÇÃO DA PROPOSTA DIDÁTICA E ANÁLISE DE RESULTADOS

Este capítulo destina-se à análise da mediação didática realizada com a turma de 9º ano do Ensino Fundamental nas aulas de Leitura e Produção Textual do Colégio Estadual Baldomero Barbará no estado do Rio de Janeiro. Trata-se, pois, neste momento, da verificação da aplicação do projeto metodológico que foi elaborado para o letramento literário dos educandos visando à construção de personagens a partir do gênero conto.

5.1 1ª fase: Apresentação e discussão do projeto

Neste primeiro encontro do projeto, apresentamos a proposta pedagógica aos educandos, explicando todas as suas etapas e negociamos em conjunto a pontuação relativa às etapas e atividades realizadas. A turma ficou muito animada com a modificação da rotina de aprendizagem, um dos alunos sugeriu para a classe um nome para nossa mediação didática, o qual foi amplamente aceito sob o título de “Projeto construção de personagens em um conto de mistério”. Em seguida, procuramos através de uma conversa, explicar a importância de uma parceria entre nós e, por isso, teriam uma participação ativa na construção do próprio conhecimento, assim, seriam colaboradores na aprendizagem uns dos outros.

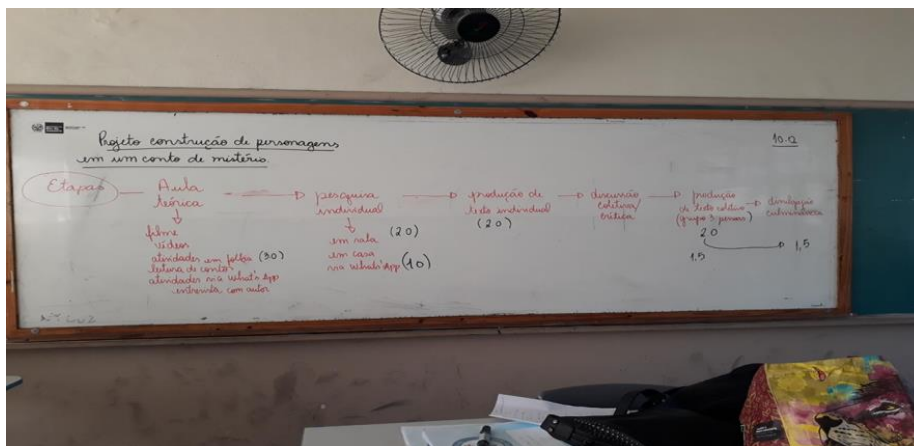


Figura 24: Negociação de pontuação na participação do projeto “construção de personagens em um conto de mistério”.

Fonte: Foto captada pela pesquisadora.

Discutimos, em seguida, o objetivo da criação de um grupo para a turma no *WhatsApp*, esclarecendo que se pretende a ampliação da sala de aula ao ambiente virtual, e, portanto, atenderia a fins de aprendizagem. Dessa maneira, a participação de cada um seria

avaliada, conforme a pontuação combinada anteriormente, portanto, os alunos chegaram à conclusão que o objetivo do grupo era sério, não caberia brincadeiras.

Ficamos preocupadas com a organização pelos estudantes do material recebido durante a mediação didática, o qual, pretendíamos, constituísse material de consulta durante todas as etapas e especialmente no momento de produzir o texto, por isso, distribuímos pastas transparentes para que ali fizessem seu portfólio pessoal. Os alunos ficaram muito surpresos em receberem “um presente”, por isso, esclarecemos que a pasta era para nada se perder e assim, para saírem bem em todas as etapas, o cuidado com o material seria muito importante.

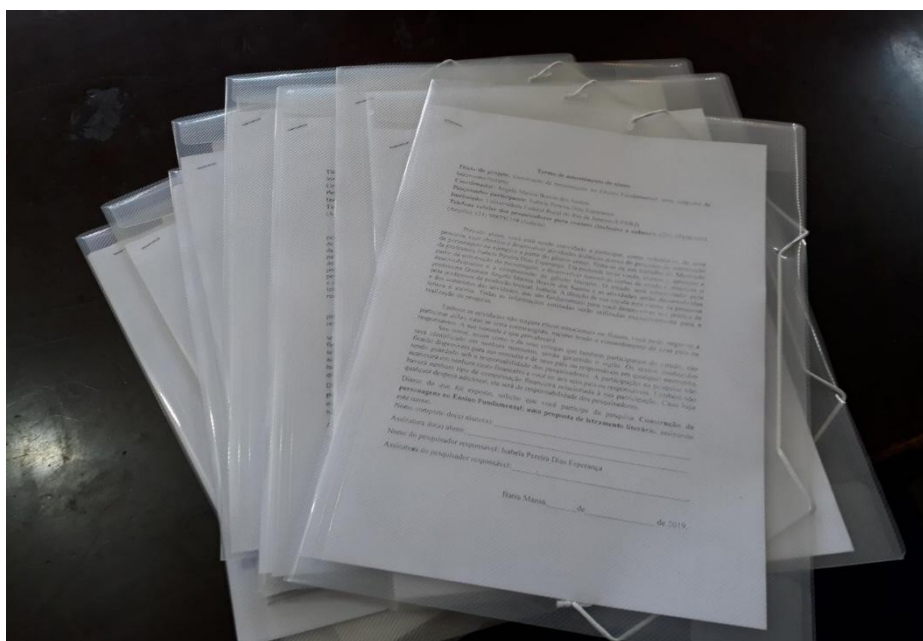


Figura 25: Kits didáticos com material para o desenvolvimento do projeto
Fonte: Foto captada pela pesquisadora.

Em continuação à sequência pedagógica elaborada, começamos a comunicar com os estudantes através do *WhatsApp*. Esse aplicativo é muito conhecido e utilizado pelos estudantes, pois nos últimos anos, se popularizou no Brasil. Ele permite interações e trocas de mensagens multimodais instantâneas, compartilhamentos de arquivos vários, entre duas ou mais pessoas, via internet. O aplicativo é flexível quanto aos suportes tecnológicos, pode ser utilizado em diferentes plataformas, e, pode ser ativado em computadores e tablets. Para utilizá-lo basta estar conectado à internet.

Nos dias de hoje é um recurso muito usado, por pessoas de todas as idades, por ser de fácil acesso e baixo custo, e pronto para atender demandas comunicativas pessoais e de trabalho, e portanto, apresenta características que “tornam o aplicativo uma ferramenta

potencial para a aprendizagem móvel e processos educacionais (FRANCO, RABELLO e TAVARES, 2018: 158)”. Ainda, afirmam as autoras, citando vários pesquisadores e estudiosos, que é muito defendido em inúmeros países a utilização do *WhatsApp* como apoio pedagógico, pois ele permite “compartilhar informações em múltiplos formatos”, “esclarecer dúvidas fora de sala de aula” e ainda destacam a seu favor : “a interatividade e facilidade de acesso, o compartilhamento de conhecimento entre professor e alunos e entre os próprios alunos, a possibilidade de comunicação síncrona e assíncrona, bem como maior diálogo e problematização dos temas (FRANCO, RABELLO e TAVARES, 2018: 159).”

O aplicativo pode ser usado como uma extensão da sala de aula, o que tentamos nesse projeto, já que possibilita ser acessado em qualquer momento e lugar, oferecendo a seus interlocutores, professores e alunos um canal mais direto e aumentando a comunicação, e além disso, também permite com facilidade troca de informações, esclarecimentos e compartilhamentos (FRANCO, RABELLO e TAVARES, 2018). E ainda mesmo segundo as autoras (2018:166), podem auxiliar antecipando as discussões de sala de aula, num procedimento conhecido como “sala de aula invertida”, em que o professor expõe e inicia os novos tópicos de estudo com os alunos a partir do aplicativo e aprofundando o assunto em sala de aula. Estratégias que nos valeremos mediados pelo *WhatsApp* para introduzir discussões e conteúdos pertinentes que preparem os alunos para a construção de personagens.

Dessa maneira, conforme o programado, iniciamos nossa aula invertida para introduzir, contextualizar, problematizar e estimular os estudantes às reflexões pertinentes ao projeto de construção de personagens. Portanto, durante a semana seguinte, a partir do grupo do *WhatsApp* da turma, fizemos as perguntas “O que significa a palavra mistério”, “Qual pode ser o mistério do relógio na parede”, em seguida apresentamos a sinopse do filme:

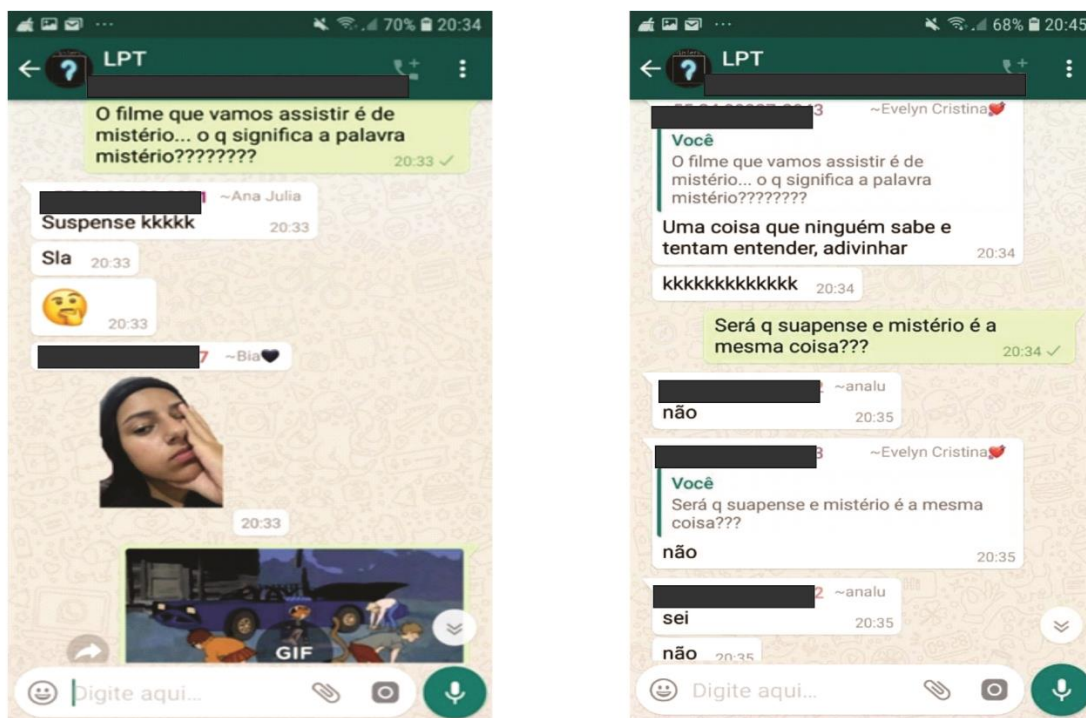


Figura 26 – Screenshotes das atividades realizadas via *WhatsApp*.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Os alunos prontamente começaram a participar da aula virtual, muitos utilizando figurinhas, e outros, suas respostas nos levaram automaticamente a outras indagações. Logo na primeira pergunta “o que significa a palavra mistério?” um dos alunos (fig. 26) respondeu “suspense”, isso nos estimulou a indagar ao grupo “será que suspense e mistério é a mesma coisa?”, assim, procuramos definir os dois conceitos pedindo a participação da turma. Em continuação perguntamos (fig. 27): “Qual pode ser o mistério do relógio na parede?”. Alguns minutos se passaram, como ninguém respondeu, acrescentei uma imagem animada de uma criança impaciente, e um aluno manifestou-se, disse que não havia compreendido a pergunta, por isso, reformulei o questionamento pretendendo ficasse mais claro: “Qual pode ser o mistério que envolve o relógio na parede?”. Alguns alunos responderam que não sabiam, entretanto um deles, por ter assistido ao filme anteriormente, contou um pouco sobre o que ocorria na história interagindo com os colegas.



Figura 27 – Screenshotes das atividades realizadas via WhatsApp
 Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Um aluno compartilhou a imagem da propaganda do filme (fig. 28), outros alunos se manifestaram contrários ao compartilhamento de informações que revelassem o conteúdo, queriam surpresas ao assistirem ao longa-metragem. Por fim, apresentamos a sinopse acrescentando que o enredo do filme era inspirado em um livro de uma série de histórias do autor John Bellairs, do qual também compartilhamos a imagem em função do interesse dos estudantes. A participação dos alunos no grupo foi bastante animada, ficaram ansiosos pelo dia de cinema na escola.

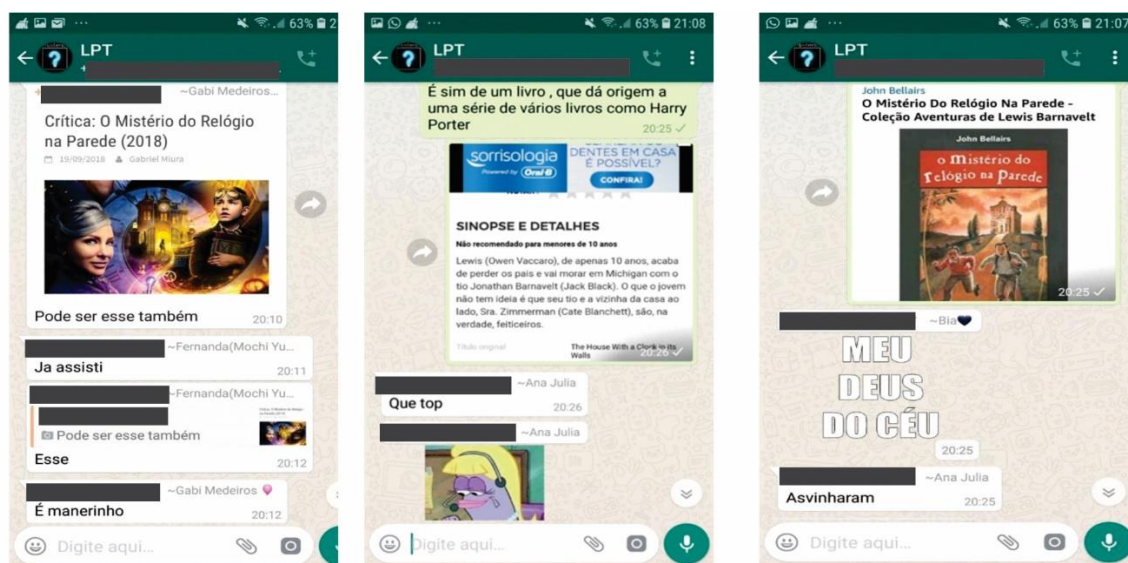


Figura 28 – Screenshots das atividades realizadas via WhatsApp.
 Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

No dia marcado para a exibição de “O mistério do relógio na parede”, tivemos alguns desafios: a sala requerida para utilização do *Datashow*, e que possuía equipamento de som mais adequado foi interdita, já que, no período anterior, toda uma parede de azulejos se desmanchou, sobrando cacos espalhados pelo chão. Fomos direcionados a outra sala, onde um aparelho televisivo nos aguardava, ficamos um pouco frustrados, porém, assistimos ao filme.



Figura 29 – Imagens dos alunos assistindo o filme “O mistério do relógio na parede”.
 Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Na aula seguinte, procuramos iniciar o debate a respeito do filme, perguntando aos alunos se gostaram e o que acharam, para que eles relatassem suas impressões pessoais. Em seguida, foram distribuídas duas folhas contendo as questões preparadas para as reflexões. Como nossas duas aulas por semana se localizam no quadro de horários da escola uma antes

e outra após o recreio, no primeiro tempo, debatemos a primeira folha e destinamos a outra para o segundo tempo. Conforme o previsto na mediação, iniciamos com a seguinte folha:

COLÉGIO ESTADUAL BALDOMERO BARBARÁ

NOME: _____ Nº _____

**QUESTÕES NORTEADORAS PARA DEBATE SOBRE O FILME
O MISTÉRIO DO RELÓGIO NA PAREDE**

As questões abaixo servirão para o debate em sala de aula. Você deverá redigir as respostas em uma folha à parte e anexar a este roteiro para entregar ao professor.

PARTE 1 - CONSTRUÇÃO DE PERSONAGENS

a) O filme à que assistimos utiliza diferentes linguagens e recursos para criar o universo ficcional da narrativa de mistério, como cenários e sons criando o ambiente, e atores representando personagens...Como vimos, o filme foi produzido a partir de um livro. Qual recurso de linguagem o autor dessa obra utilizou para construir a história?

b) Se o filme é baseado no que escreve e como descreve o escritor a história por ele criada, ou seja, sendo o livro a referência do diretor de cinema para a produção cinematográfica. Você acredita que a forma de escrita do autor é importante para a maneira como se configuram os personagens no cinema? Explique.

c) Personagens são os habitantes da “realidade” de um universo criado dentro de um livro. Logo, eles são construídos pelo autor, exigindo habilidade no uso de qual recurso?

d) O que são os personagens? Como você imagina que eles são construídos pelo autor?

e) Quais são os personagens principais? Qual é a importância deles na narrativa?

f) Uma história para ser verossímil, ou seja, para ser considerada verdadeira, seus elementos (os personagens, o ambiente, situações vividas...) devem trabalhar juntos para a construção dessa verdade ficcional. Nesse sentido, o ambiente em que se passa a maior parte da história contribui para o mistério? Como você descreveria esse ambiente? E a aparência dos personagens, estão de acordo com esse ambiente? Explique:

Se desejar, utilize palavras do quadro abaixo para ajudar em sua resposta:

Horrível	Antigo	Apavorante	Sinistro
Perigoso	Esquisito	Escuro	Soturno
Estranho	Medonho	Assustador	Incomum

PARTE 2 - MISTÉRIO E OS PERSONAGENS DA HISTÓRIA

a) Qual personagem vivencia uma situação que para ele era incomum, inesperada? Por que ele foi levado a essa situação?

b) Como podemos descrever esse personagem?

c) O que você acredita que ele sentia no início da história, indo para encontrar um tio que ainda não conhecia, viver em uma cidade nova, uma outra escola, sem nenhum amigo?

d) O que ele pode ter pensado/ sentido sobre a casa ao entrar nela pela primeira vez?

e) E depois, no final da história, esse personagem transformou suas ações, sua maneira de ser?

f) Os personagens do tio Jonathan e da vizinha Sra. Zimmerman contribuem para o ar misterioso da história? De que maneira?

g) Como podemos descrever esses dois personagens?

Figura 30 – Atividade realizada em sala de aula.
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nesta primeira aula, fizemos a leitura das questões propostas e debatemos a resposta com os alunos convidando todos a responderem, o qual fizeram em dupla e em folha à parte.

Sentimos dificuldades interpretativas dos estudantes em relação às três primeiras perguntas da “Parte 1” das atividades, e que, portanto, causaram algumas dúvidas. A primeira pergunta da letra A (fig. 31 e 32) o termo utilizado “dessa obra” gerou ambiguidade na referência em relação a “filme” e “livro”, exigindo esclarecimentos. Pretendíamos que os alunos discorressem sobre os recursos de linguagem cinematográfica, ou seja, sobre a combinação de recursos visuais aliado aos diálogos, à interpretação do ator, ao cenário e em relação a outros aspectos a serviço da caracterização de um roteiro/livro. Por isso, para a maioria dos alunos, compreendendo que o termo “obra” se referia a “livro”, todas as respostas giraram em torno de “usou foram as palavras” ou “domínio da escrita”. Para eles, pareceu semelhante a pergunta C, a que então se referia ao recurso de linguagem do livro.

A “Parte 1” da folha de atividades foi a parte onde os alunos mais sentiram dificuldades de responder, revelando a necessidade de reelaborar algumas perguntas, mas ao mesmo tempo, percebemos que esses questionamentos e o debate em sala de aula estimularam os estudantes a pensar sobre o elemento personagem e a construção narrativa.

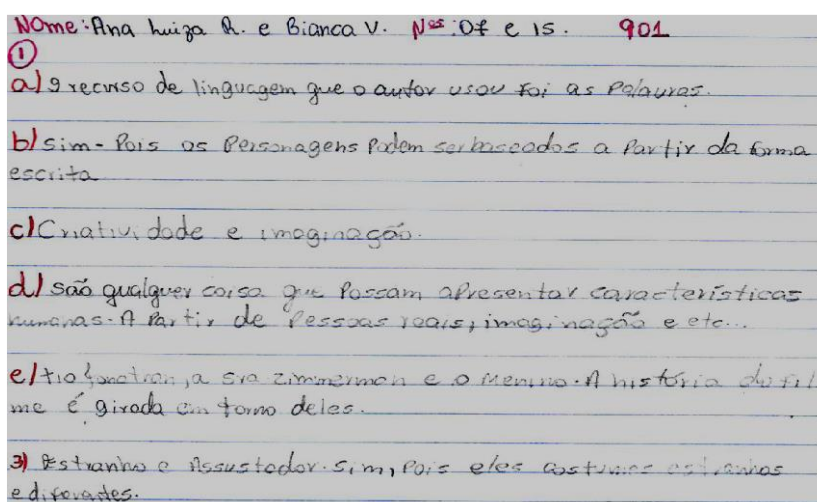


Figura 31 – Imagem de atividade realizada pelo aluno.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

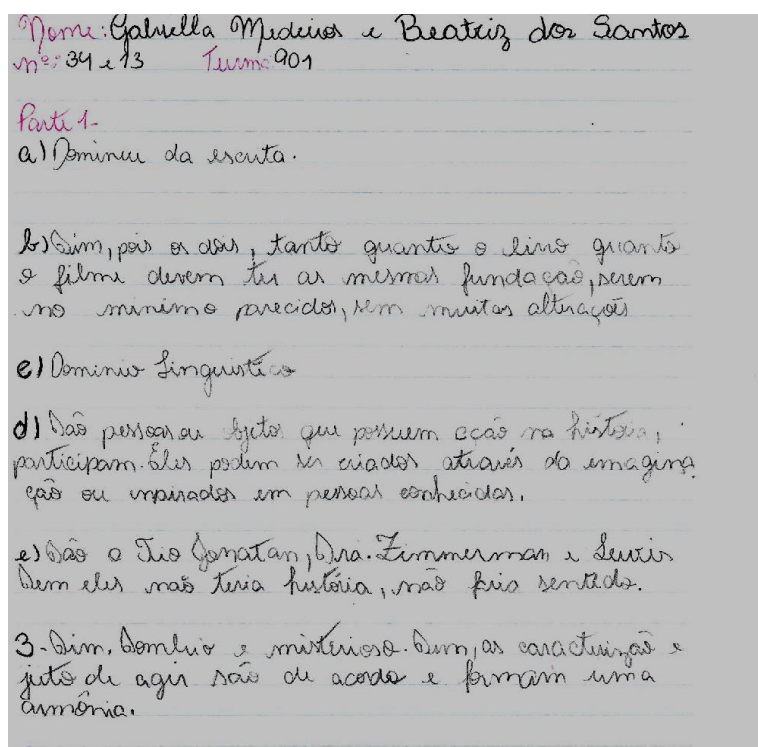


Figura 32 – Imagem de atividade realizada pelo aluno.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Na “Parte 2” da folha de atividades, os alunos se sentiram mais à vontade e tiveram tranquilidade para responder as perguntas. Na “Parte 2” das atividades da folha, as perguntas giraram novamente em torno do filme a que assistiram os alunos, do qual eles gostaram bastante, embora tenham se queixado de a história ser um pouco infantil. Houve alunos que apresentaram respostas mais elaboradas, outros mais diretas e curtas. As figuras 33 e 34 abaixo representam de maneira geral os tipos de respostas dadas pelos alunos neste primeiro momento de estudos sobre o personagem.

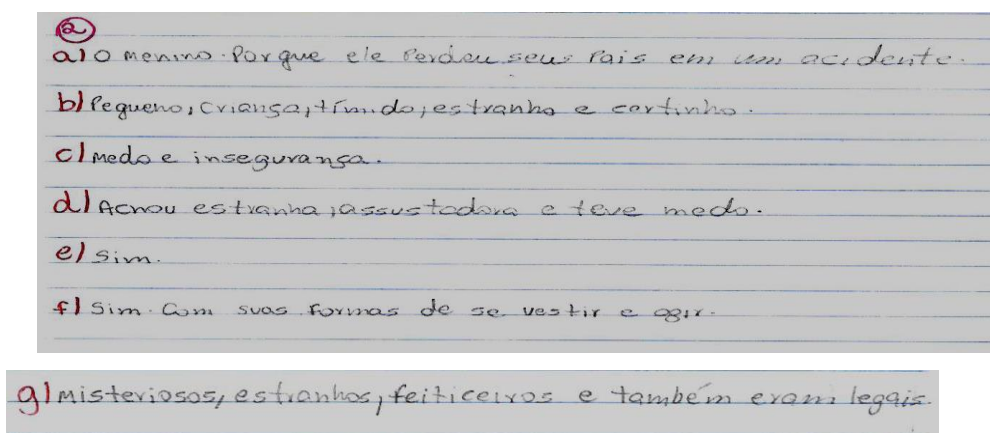


Figura 33 – Imagem de atividade realizada pelo aluno.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Parte 2.
 a) Os pais do Lewis morriam e ele não morria com o tio que possuía uma casa bem misteriosa.
 b) Quete, tímido, covete e inteligente pois grava o significado de muitas palavras.

e) Com medo, inseguro, assustado e curioso para ver o que estava por vir.
 d) Curiosidade, medo e estranha.
 e) Sim, ele perdeu o medo das coisas e ficou mais alegre e feliz e ficou mais covete.
 f) Sim, ao roupar, o jeito misterioso para falar.
 g) O Sr. Jonathan é engraçado, simpático mais ao mesmo tempo misterioso.
 Sra. Zimmerman na boa do coração, simpática e legal.

Figura 34 – Imagem de atividade realizada pelo aluno.
 Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Na segunda folha, distribuída após o recreio, os alunos foram convidados a criar uma resposta mais elaborada, descrevendo os personagens da história tomando o ponto de vista de um vizinho que estivesse observando essa família, ou seja, um ponto de vista participativo da história. As respostas ainda assim permaneceram muito parecidas às descrições realizadas na atividade anterior demonstrando uma certa dificuldade em atender uma proposta mais lúdica (fig. 35 e 36). Assim, na descrição do tio Jonathan, por exemplo, segundo o primeiro aluno, ele é “estranho, egocêntrico, imaturo”; para o outro estudante, “um estranho, esquisito, doido e um bruxo engraçado”.

COLÉGIO ESTADUAL BALDOMERO BARBARÁ
 NOME: Galucilla Martins N° 33

Façamos de conta que participamos da história, agora somos um personagem, um vizinho ou vizinha, muito desconfiado dos moradores da estranha casa, uns a favor; outros contra eles. Vamos anotar agora juntos, no quadro, informações sobre os moradores e suas ações esquisitas.

1 - Agora vamos organizar nossa escrita, vamos descrever os personagens principais da história a partir do ponto de vista dos vizinhos.

TIO JONATHAN
estranho, egocêntrico, imaturo

Sra. ZIMMERMAN
Misteriosa.

LEWIS
um garoto assustado, inteligente

Figura 35 – Imagem de atividade realizada pelo aluno.
 Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

COLÉGIO ESTADUAL BALDOMERO BARBARÁ

NOME: Dianelyza F. Moreira N° 22

Fazemos de conta que participamos da história, agora somos um personagem, um vizinho ou vizinha, muito desconfiado dos moradores da estranha casa, uns a favor, outros contra eles. Vamos anotar agora juntos, no quadro, informações sobre os moradores e suas ações esquisitas.

1 - Agora vamos organizar nossa escrita, vamos descrever os personagens principais da história a partir do ponto de vista dos vizinhos.

TIO JONATHAN
Um certo velho, magruto, dando e um Brusco

Sra. ZIMMERMAN
Memorizada do tio Jonathan mais sério, parecia ser brígida, habilidosa, bonita.

LEWIS
um garoto nerd meio estranho, aparenta ter um 10 anos.

Figura 36 – Imagem de atividade realizada pelo aluno.
 Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Em seguida, procurando estimular as respostas orais dos estudantes, anotamos no quadro as informações que ouvimos e procuramos debatê-las sob o prisma da proposta inicial, ou seja, descrevemos os personagens do filme a partir do ponto de vista dos vizinhos. Neste momento, houve ponderações e reflexões importantes sobre a escrita por parte dos alunos, porém mostrou-se perceptível a dificuldade deles em concretizar as ideias no texto.

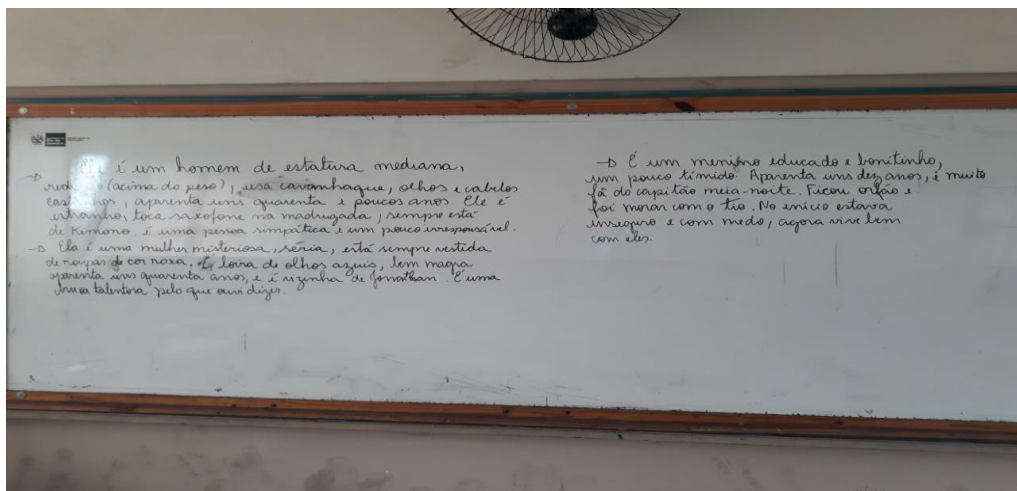


Figura 37 – Anotações das respostas dos alunos.
 Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Ainda na mesma folha (fig.38), realizamos perguntas que levaram os alunos a relatar para a turma uma história misteriosa : “Você já ouviu alguma história misteriosa contada por alguém? Alguma coisa estranha que aconteceu com alguém que você conhece?”. As perguntas seguintes preenchem os elementos necessários para a construção de uma narrativa e pretendem incentivá-los a buscar em suas experiências pessoais fatos que possam servir de

inspiração para um conto: “Com quem / quais pessoas aconteceu? O que aconteceu? Onde aconteceu? Quando aconteceu?”. Alguns alunos compartilharam suas histórias com a turma, outros entregaram essa parte da folha em branco, afirmando não saberem de nenhuma história misteriosa.

2- Você já ouviu alguma história misteriosa contada por alguém? Alguma coisa estranha que aconteceu com alguém que você conhece? Preencha o quadro para contar para a turma:

Com quem/quais pessoas aconteceu:
 Com meu primo e a mãe dele

O que aconteceu:
 Meu primo disse para sua mãe que brincou com um tio de covinha porém ele já tinha falecido.

Onde aconteceu:
 Na casa da mãe primo.

Quando aconteceu:
 Quando minha tia foi acordar meu primo e tinha covinhas encima da cama.

3) O que você acha que a(s) pessoa(s) sentiu?

() medo () tristeza () alegria () pavor () tensão (X) calafrio
 () coragem () vergonha () surpresa () raiva () indiferença (X) susto

4) E se fosse você? O que você sentiria? Iria...

() Tremer
 () Apavorar-se
 () Assustar
 () Arrepiar
 () Arrepiar os cabelos
 () Tremer como vara verde
 () Mudar de cor
 () Ficar com os cabelos em pé
 (X) Na verdade, eu iria chamar um padre

☆☆

Figura 38 – Imagem de atividade realizada pelo aluno.
 Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Neste primeiro momento, a dificuldade maior foi o despertar do potencial lúdico e criativo do aluno. Quanto a isto percebe-se um pouco de resistência, o que não é de se estranhar, pois, o processo ensino-aprendizagem de maneira geral exige respostas mecânicas e automatizadas. A produção literária, por outro lado, exige o domínio da escrita, porém, sendo ficção, também exige dinamicidade e criatividade. Pensando nisso, pretendendo estimular a participação dos educandos, incluímos *post-its* com *emoticons* na correção das atividades escritas: se o aluno não havia respondido uma pergunta, colávamos uma carinha de choro, e todos receberam uma palavra de encorajamento, pretendendo, dessa maneira, valorizar a participação deles (fig.39).

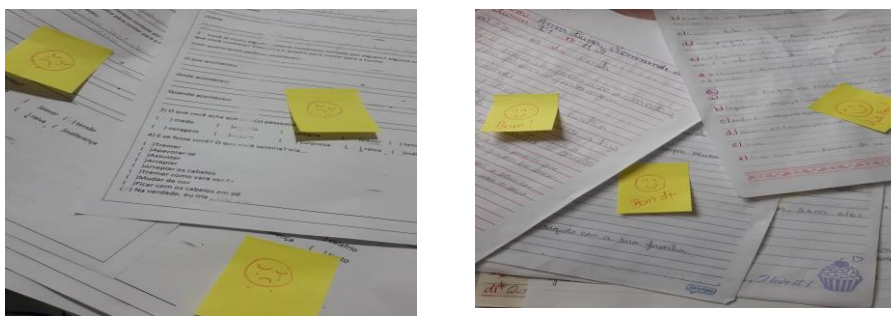


Figura 39 – Correção das atividades.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

5.2 2ª fase: A aula teórica

Para antecipar a aula teórica, dando continuidade ao projeto de aula invertida via *WhatsApp*, iniciamos reflexões pertinentes ao gênero conto a partir do compartilhamento do vídeo “Palavra puxa palavras- Contos” disponível no *YouTube*, o vídeo de 7min e 10s explica a relação do conto com a narrativa ao longo da história, suas características, entre outras informações importantes para iniciar o encontro em sala de aula.



Figura 40 –Print de tela do *Youtube* do filme Palavra Puxa Palavra – Contos
Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=NqyQvEiPvxk>

Divulgado o *link* do vídeo no grupo, de imediato, insiro uma pergunta para incentivar a participação “Alguém leu algum conto que gostou muito???” (fig. 41). Muitos alunos citam contos de fadas, então, faço outra pergunta “Só conto de fadas?”. Em contínuo, apresento um link de uma animação do conto “O gato preto” de Edgar Alan Poe para introduzir os contos modernos no debate virtual e em sala de aula.

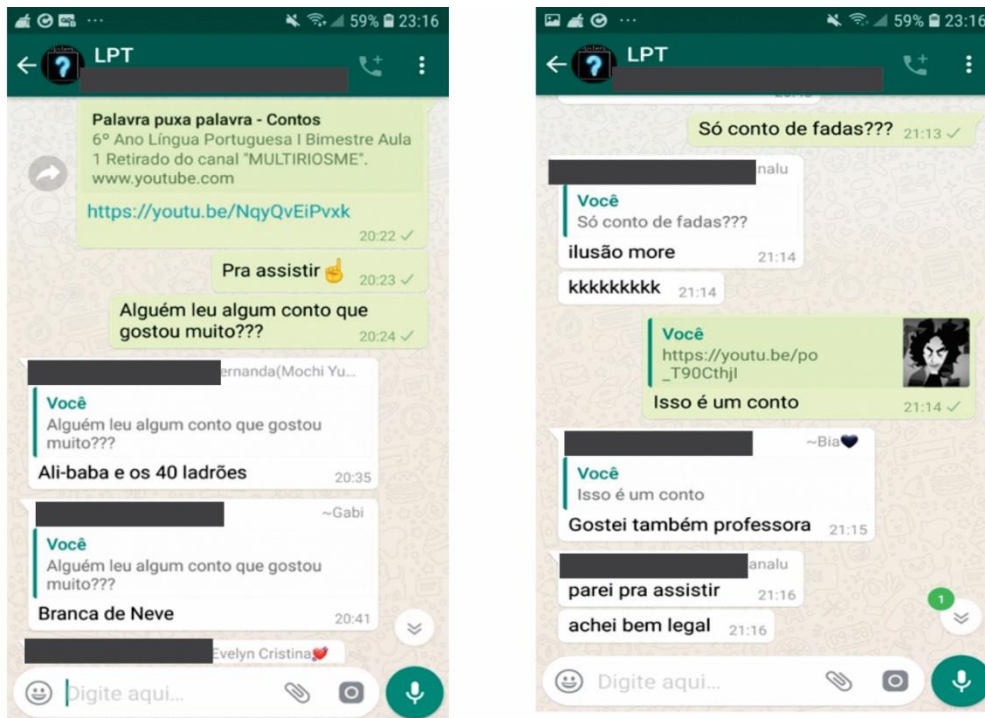


Figura 41 – Screenshotes das atividades realizadas via WhatsApp.
 Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Em sala de aula, reproduzimos o vídeo “Palavra puxa palavras- Contos” para que assim, juntos, retomássemos as reflexões sobre o gênero textual conto suas características e diferentes tipos. Em seguida, por meio do *Datashow* foi apresentado material complementar sobre a tradição humana de contar histórias ao longo do tempo, desde os povos primitivos através da oralidade até a fase escrita contemporânea (fig. 42).

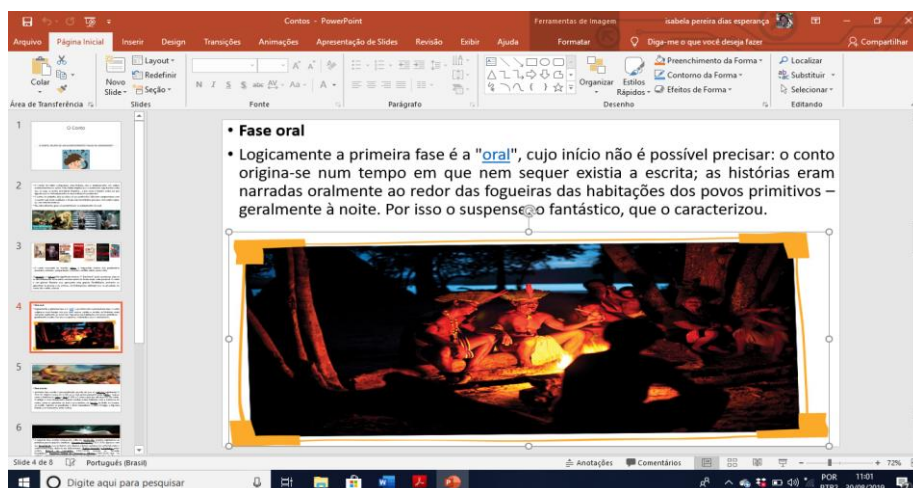


Figura 42 – Slides da aula sobre a tradição oral de se contar histórias ao longo do tempo.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

No grupo de *WhatsApp*, os alunos referiram-se preferencialmente aos contos de fadas, quando indaguei “Alguém leu algum conto que gostou muito???” (fig. 41), dessa maneira, apresentei no grupo, e novamente na sala de aula, a animação do conto “O gato preto” de Edgar Allan Poe. O curta entrou como material representativo dos contos modernos, ampliando a reflexão sobre o gênero e provocando um produtivo debate sobre as experiências dos educandos com as narrativas curtas.



Figura 43 – Print da tela do YouTube do conto “O Gato Preto” de Edgar Allan Poe.
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=po_T90CthjI

Para ilustrar a gama de obras e diferentes tipos de contos publicados que atendem a gostos literários diversos, levamos alguns livros de nosso acervo particular para os alunos os manusearem.



Figura 44 – Livros diversos de contos.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Na semana seguinte, em continuação, iniciamos o estudo do personagem, avaliamos o que é o personagem, sua participação para o enredo, sua classificação e caracterização na narrativa, exemplificando e abrindo espaço para participação e dúvidas dos estudantes (fig.45).

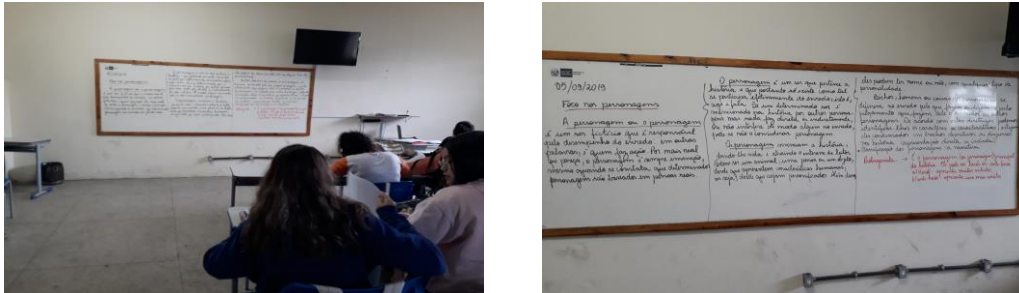


Figura 45 – Imagens da aula teórica sobre o personagem.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Após a aula teórica sobre os personagens, na semana subsequente, demos início a leitura de contos de fadas para avaliar os personagens nessas histórias. Para isso, distribuímos para a turma o conto dos irmãos Grimm, “Rapunzel”. Convidamos alguns alunos para fazerem uma leitura interpretativa do texto, duas alunas se dispuseram a ser as narradoras, outros alunos assumiram as vozes dos personagens da história (fig. 46).



Figura 46 – Leitura do conto “Rapunzel”.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Em seguida, introduzimos as atividades preparadas para a análise dos personagens nessas histórias, sua classificação e caracterização na narrativa. Na primeira parte das atividades da folha, os alunos classificaram os personagens do conto “Rapunzel” segundo o papel que desenvolvem no enredo, ou seja, em protagonistas (herói ou anti-herói), antagonistas e secundários. Também tiveram que identificar na história as características físicas e morais dos personagens Rapunzel, feiticeira e príncipe, além das ações realizadas por eles.

COLÉGIO ESTADUAL BALDOMERO BARBARÁ

NOME: Bianca N° 15

1 - Baseado na leitura do conto Cinderela, responda às questões propostas abaixo:

a) A qual ou quais personagens caberia o papel principal na história?
A Rapunzel

b) E quem é o personagem que faz oposição na história ao personagem principal?
A Bruxa

c) Quais personagens são secundários na história?
O príncipe, a bruxa e os pais da Rapunzel

2 - Complete as informações do quadro sobre o personagem:

	RAPUNZEL	FETICEIRA	PRÍNCIPE
Características físicas	<u>magra, cabelos longo e usa vestido</u>	<u>velha, feia</u>	<u>Bonito e jovem</u>
Características morais	<u>boa, voz bela,</u>	<u>ma</u>	<u>Bom, prestativo</u>
Ações na história	<u>ficava na torre</u>	<u>foi miam</u>	<u>ajudou rapunzel a sair da torre.</u>

Quais personagens podemos considerar heróis na narrativa? Como são suas ações na história?
O príncipe, ele salva a rapunzel.

Quais seriam os antagonistas? Como são suas ações na história?
A bruxa, ela tira Rapunzel dos pais dela.

Figura 47 – Atividade sobre o conto “Rapunzel”.
 Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Na segunda parte das atividades da folha, os alunos deveriam identificar a caracterização dos personagens dos contos de fadas, a partir da construção realizada na narrativa e da análise de seus aspectos físicos e morais, bem como de suas ações na história. Em sala de aula discutimos as respostas apresentadas pelos aprendizes com os aspectos teóricos relacionados aos personagens planos que havíamos visto anteriormente.

3- Conclusão:

a) Nos contos de fadas, princesas, príncipes e fadas são descritos de que maneira? Como são suas ações na história?
Bonitos, magros, bonitos. Geralmente bons.

b) E de que maneira são descritos as bruxas, ogros, feitiçeiros e vilões? Como são suas ações na história?
Mais feios. São ações ruins.

c) O que costuma acontecer no final das histórias de contos de fadas com os bons? E com os maus?
Eles tem finais felizes.

Os personagens de contos de fadas tradicionais costumam representar alegorias do bem e do mal, são personagens estratificados, lineares, de fácil identificação do papel que representa na história pelo leitor. Quando nos deparamos com personagens assim configurados, os classificamos como planos.

Figura 48 – Atividades sobre o conto “Rapunzel”.
 Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Em continuidade, aplicamos a segunda folha de atividades para consolidação pelos alunos de conhecimentos sobre os personagens planos nos tradicionais contos de fadas. Nessas atividades, os alunos tiveram que descrever as características físicas e morais dos personagens no conto investigado. O objetivo foi que os estudantes percebessem que as características dos personagens nesses contos não apresentam contradições, sendo, portanto, estáticas e de fácil identificação de seu papel no enredo.

De maneira geral, os alunos responderam conforme o esperado, como se verifica na resposta da estudante ilustrada na figura 49 sobre as características físicas de alguns personagens: “BRUXAS – narizes finos e compridos, velha. Usa roupa tampada no corpo inteiro (igual burca). E voa montada em uma vassoura”. Outras características foram apontadas pelos alunos para as bruxas: feias, horrorosas, enrugadas, assustadoras. Para a estudante, os príncipes “andam à cavalo, são elegantes bonitos”, a turma descreveu características como “bem vestidos, ricos, olhos claros, pele clara” atendendo aos estereótipos conforme o esperado. As princesas foram descritas, de maneira geral, como bonitas, pele branca, cabelos bonitos, vestidos elegantes, uso de joias, delicadas e “são lindas, usam vestido longo e bufante, usam coroa. Vivem cantarolando”. Já os vilões de maneira geral foram descritos como feios, sujos, deformados, com aparência estranha, cicatrizes e verrugas: “se vestem normal, são feios e sujos”.

COLÉGIO ESTADUAL BALDOMERO BARBARÁ

NOME: Alcides, Francisco José, Bonelli N° 002

ATIVIDADE EM SALA DE AULA

O Conto, como vimos, é um gênero textual marcado pela de narrativa curta, escrita em prosa e de menor complexidade em relação aos romances. A origem dos contos está relacionada à tradição humana de contar histórias, a princípio de forma verbal e mais tarde também de forma escrita. Quando transcritas, essas mesmas histórias (que geralmente seguem uma trama única) resultam em uma narrativa concisa que pode ser lida em pouquíssimo tempo. O conto maravilhoso, ou os tradicionais contos de fadas, histórias que tanto escutamos durante nossa infância, fizeram e fazem parte dessa tradição, a partir deles temos muito a aprender sobre os personagens.

Nas histórias infantis que fizeram, e ainda fazem parte de nossa infância encontramos bruxas, príncipes, princesas, vilões.... Como eram descritos esses personagens? Você se lembra?

A - Como eram as descrições das características físicas desses personagens:

BRUXAS	Movidas, rãs e comarcas, velha. Usa roupa feia e o corpo inteiro (igual bruxa). E usa mantida em uma varinha.
PRÍNCIPES	Lindam, à cavalo, são elegantes, bonitos.
PRINCESAS	São lindas, usam vestido longo e bufante, usam coroa. E vivem encantando.
VILÕES	Se vestem normal, são feios e sujos.

B - Como eram as descrições das características morais desses personagens?

BRUXAS	Má, sempre entrega comida envenenada para a vítima e faz feitiço para ficar jovem e a maioria das vezes se passa de rainha e tomar o castelo do rei.
PRÍNCIPES	A maioria das vezes salvam a princesa e são doces e se casam com a princesa.
PRINCESAS	São educadas, a maioria das vezes vítimas de bruxa e são inocentes.
VILÕES	São bruto direto do rei ou da rainha e age na falsidade com eles. Com o objetivo de tomar o Trono.

C - Relacione os personagens de contos de fadas às suas características comuns:

- | | |
|------------------|--|
| (A) Príncipes | (E) boas, ajudam os heróis, são mágicas e bonitas |
| (B) Princesas | (A) valentes, bonitos, heroicos, bondosos |
| (C) Bruxas | (B) bonitas, frágeis, bondosas, delicadas, virtuosas |
| (D) Vilões/Ogros | (C) más, prejudicam os heróis, são mágicas e feias |
| (E) Fadas | (D) são feios, sujos, maldosos. |

Figura 49 – Atividades baseadas no conto “Rapunzel”.

Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Ao descreverem as características morais dos personagens, os aprendizes, em sua maioria, responderam de forma semelhante. Assim, ao realizar esta atividade, anotamos no quadro as respostas dadas pelos alunos para que visualizassem as informações apresentadas por todos. As bruxas foram descritas moralmente como malvadas, invejosas, arrogantes, orgulhosas, mentirosas, mau caráter. Algumas vezes, ao descreverem as características dos personagens, os estudantes introduziam suas ações na história (fig. 49) : “má, sempre entrega comida envenenada para a vítima e faz feitiço para ficar jovem e a maioria das vezes para se passar de rainha e tomar o castelo do rei” e os príncipes “ a maioria das vezes salva a princesa

e são dóceis e se casa com a princesa”. As características morais dos príncipes para os estudantes apresentam valores como gentileza, nobreza, coragem, cavalheirismo e “são corajosos, simpáticos, e bondosos, sempre salvando a todos, fortes, otimistas e determinados” (fig. 49).

Para os alunos, as princesas são educadas, inocentes, boas, carinhosas, generosas e também “simpáticas, delicadas, querem sempre fazer o bem” (fig. 50). Os vilões, para eles, são malvados, ignorantes, atrapalhados, maquiavélicos, enganadores, falsos e “tentam descontar suas frustrações nas pessoas, querem sempre fazer o mal, e destruir a tudo, são pessoas ruins, que geralmente não tem noção do mal que fazem” (fig.50). Ao compartilharmos os dados em sala de aula, os estudantes concluíram, na conversa que tivemos juntos, que os traços que caracterizam física e moralmente esses personagens investigados nos contos de fadas são idealizados ou estereotipados da mesma maneira por todos.

B - Como eram as descrições das características morais desses personagens?

BRUXAS	Poderosas, sempre fazendo o mal, tem o objetivo de prejudicar as pessoas, tem objetivos maliciosos e sujos.
PRÍNCIPES	São corajosos, simpáticos, e bondosos, sempre salvando a todos, fortes, otimistas, e determinados.
PRINCESAS	Simpáticas, delicadas, querem sempre fazer o bem, gostam de animais, são pessoas lindas por dentro, querem sempre fazer o bem.
VILÕES	Tentam descontar suas frustrações nas pessoas, querem sempre fazer o mal, e destruir a tudo, são pessoas ruins, que geralmente não tem noção do mal que fazem.

Figura 50 – Atividades baseadas no conto “Rapunzel”.

Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Durante a semana, através do aplicativo *WhatsApp*, continuamos nosso trabalho de letramento literário com os alunos, ainda estudando os personagens planos. Precisávamos que compreendessem a diferença entre personagens tipo e personagens caricatura. Acrescidas as características invariáveis do personagem plano-tipo, o personagem plano-caricatura está associado ao deboche ao ridículo, é necessário que os aprendizes sejam capazes de identificarem esses aspectos.



Figura 51 – Screenshotes atividades no WhatsApp.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Para tanto, abordamos novamente os aspectos teóricos do personagem plano-tipo (fig. 51) apontando vídeos e imagens retirados da internet. Procurando estimular a participação dos alunos no grupo, fizemos as seguintes perguntas: “quais são as características típicas que representam um nerd???” e “quais outros personagens (que vocês conhecem) podemos classificar como esse tipo?” (fig. 52). O grupo tornou-se uma sala de aula estendida, onde ocorria interação entre alunos e professor, algumas perguntas sendo reformuladas e gerando outras perguntas para o debate profícuo e construção do conhecimento coletivo.

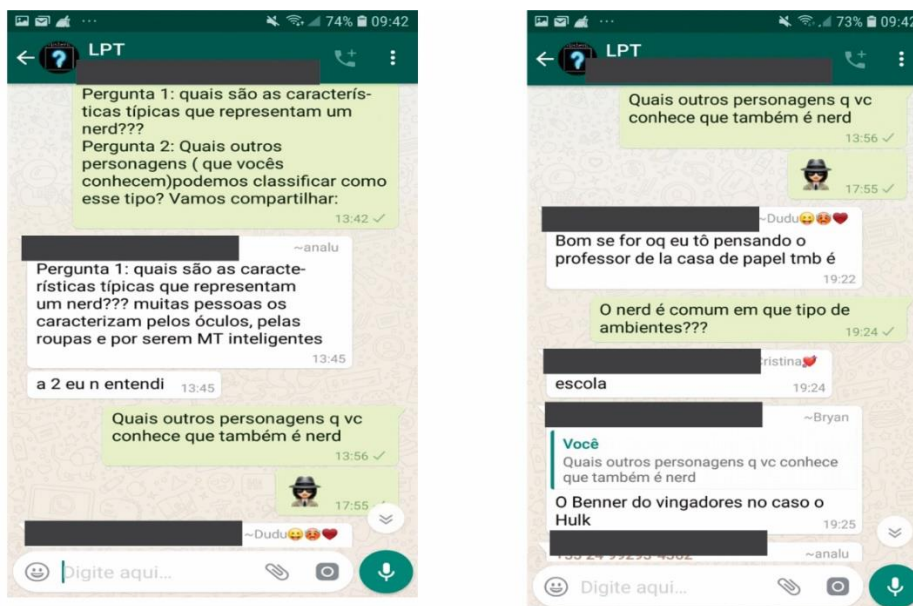


Figura 52 – Screenshotes atividades no WhatsApp.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

No dia seguinte, introduzimos no grupo informações sobre o personagem plano-caricatura, compartilhamos um vídeo para ilustração (fig.53), e sobre o qual fizemos as seguintes perguntas para reflexão dos alunos: “Como Lady Katy é caracterizada???” E Kleiton??, “como é construído o humor através desses personagens???” e “qual é a ideia geral ou o senso comum que é construído a respeito dos emergentes e estilistas segundo o programa zorra total???”. A participação dos aprendizes nesse dia no grupo virtual foi tímida, portanto, decidimos retomar o assunto durante a aula seguinte em sala com os estudantes.



Figura 53 – Screenshotes atividades no WhatsApp.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Assim, em continuidade ao planejamento elaborado, para os alunos consolidarem o conhecimento sobre personagens planos, tanto o personagem-tipo quanto o personagem caricatura, assistimos novamente aos vídeos compartilhados no grupo de *WhatsApp* (fig. 53). Além dos vídeos programados em nosso planejamento, introduzimos outros mais para visualização e análise da construção dos personagens planos a fim de os alunos consolidarem os conhecimentos teóricos que estudamos. Todos os vídeos apresentam personagens planos tipos ou caricaturas.



Figura 54 – *Print* tela do *YouTube*.

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=W65B_Fd17E



Figura 55 – *Print* da tela do *YouTube*.

Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=KlyXNRrk4A>



Figura 56 – Print da tela do YouTube.

Fonte: <https://www.google.com/search?q=suborno+porta+dos+fundos&oq=suborno+po&aqs=chrome.1.69i57j35i39j0l4.6011j1j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

Na semana posterior, iniciamos a aula com a leitura do conto “O gato de botas” de Charles Perrault. Para isso, convidamos alguns alunos a fazerem a leitura do texto. Dois deles se propuseram a ser os narradores, outros três alunos assumiram as vozes dos personagens. Após a abertura para alguns comentários dos estudantes, distribuímos as cópias com as reflexões sobre o texto que deveriam ser realizadas pela turma.

COLÉGIO ESTADUAL BALDOMERO BARBARÁ

NOME: Ana Luiza R. Queiroz N° 09

- Após a leitura do texto, responda às questões abaixo:

1. Quem é o protagonista da história?
O gato de botas

2. Como ele age na história?
Ele ajuda seu amo a conseguir conquistar o rei e casar-se com a sua filha, levando coisas que o agradava, em nome de seu amo e dizendo mentiras.

3. Como podemos definir suas características morais?
Esperto, inteligente, sábio, mentiroso.

4. Poderíamos classificar o gato de botas como herói? Por quê?
Não, pois ele ajudou seu dono sim, mas dizendo mentiras e heróis faz o bem sem ter que dizer mentiras ou algo assim.

5. O gato de botas é um anti-herói, pois é um personagem que apresenta características opostas do que se espera do herói. Quais outros personagens que você conhece que poderíamos considerar um anti-herói?
Deadpool, Wolverine, Venom, Mulher Gato, Alerquina.

Figura 57 – Atividade realizada em sala.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Nesta atividade, os estudantes deveriam identificar o protagonista da história e a partir de suas ações na narrativa classificá-lo em herói ou anti-herói, como a aluna A. L. (fig. 57) concluiu sobre o gato de botas ser ou não classificado como um herói: “não. Pois ele ajudou seu dono sim, mas dizendo mentiras e heróis faz o bem sem ter que dizer mentiras ou algo assim”. A partir da compreensão de que o protagonista não era um herói, os alunos constatariam que se tratava de um anti-herói, e na última questão deveriam exemplificar outros personagens protagonistas que seriam anti-heróis: “Deadpool, Wolwerine, Venon, Mulher Gato e Alerquina” (fig. 57).

Na proposta seguinte da mesma folha, os aprendizes deveriam refletir sobre a escolha de um gato, realizada pelo autor, para personificar o animal de estimação, herança do menino no conto de fadas. Eles deveriam compreender que a escolha do animal gato para este personagem está relacionada às características usualmente atribuídas a este animal como esperteza, agilidade, flexibilidade, inteligência, imprevisibilidade entre outras (fig. 58).

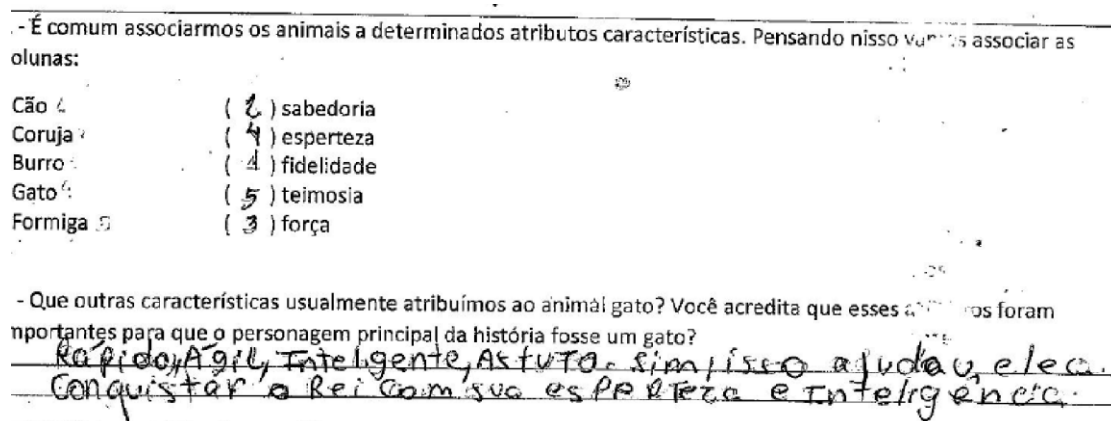


Figura 58 – Atividade realizada em sala.
 Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Para compreender melhor a intencionalidade do autor na escolha de animais em fábulas e contos de fadas na construção de personagens, assistimos a um pequeno vídeo de uma fábula que contava a história de um leão e um rato. Na narrativa o leão orgulhoso, via-se em apuros e precisava da ajuda de um pequeno rato. Na sequência, iniciamos o debate oral com a turma, fazendo as perguntas programadas e acolhendo as respostas (fig. 59).

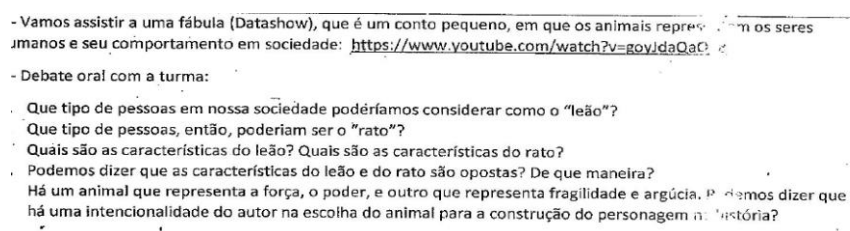


Figura 59 – Atividade realizada em sala.
 Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Fora de sala de aula, continuamos o projeto através do *WhatsApp*. A proposta era estimular os alunos a pesquisarem o porquê da escolha dos nomes deles, se sabiam o seu significado ou origem. O objetivo das atividades pelo aplicativo era levar os estudantes a compreender que a escolha de um nome para o personagem não se dá aleatoriamente, o autor de uma narrativa tem sempre uma intencionalidade na construção de seus personagens. Os

alunos participaram bastante desta atividade, com grande interesse em compartilhar informações sobre si mesmos (fig. 60, 61 e 62).

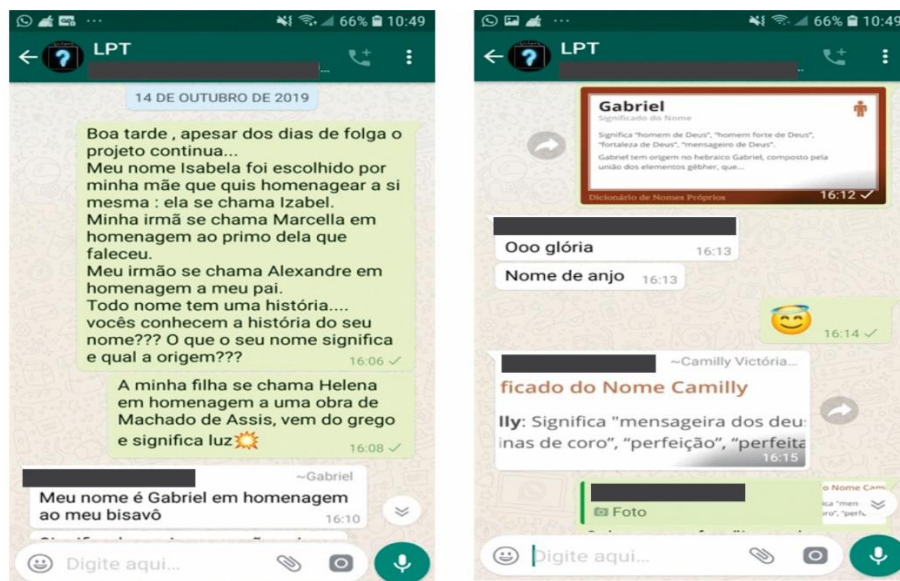


Figura 60 – Screenshots de atividades no WhatsApp.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

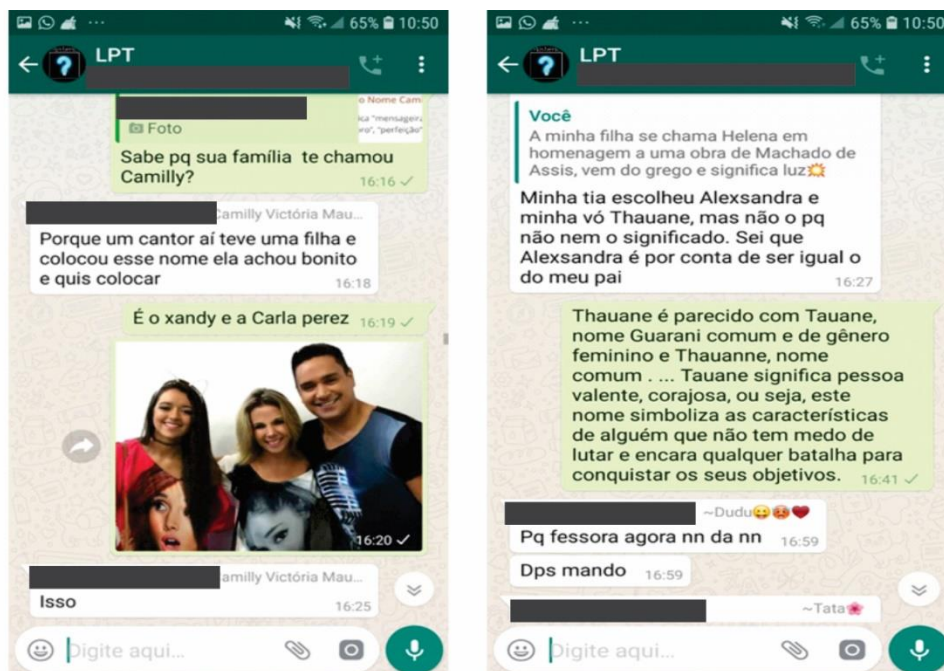


Figura 61 – Screenshots de atividades no WhatsApp.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.



Figura 62 – Screenshots de atividades no *WhatsApp*.
 Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Após a ampla participação da turma compartilhando informações sobre a escolha de seus nomes, iniciei a proposta de reflexão sobre como são nomeados alguns personagens criados por autores do cinema, do desenho animado, dos quadrinhos e dos contos de fadas (fig. 62, 63 e 64). Os alunos se mostraram muito interessados e surpresos com as informações compartilhadas no grupo sobre os personagens do filme *Star Wars*, do desenho *Dragon Ball*, do quadrinho da turma da Mônica, das novelas, e dos contos “Rapunzel” e “Branca de Neve”. Os alunos não compartilharam informações de pesquisa ou conhecimento próprio, porém foram bastante participativos demonstrando o interesse e tecendo comentários.



Figura 63 – Screenshotes de atividades no WhatsApp.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

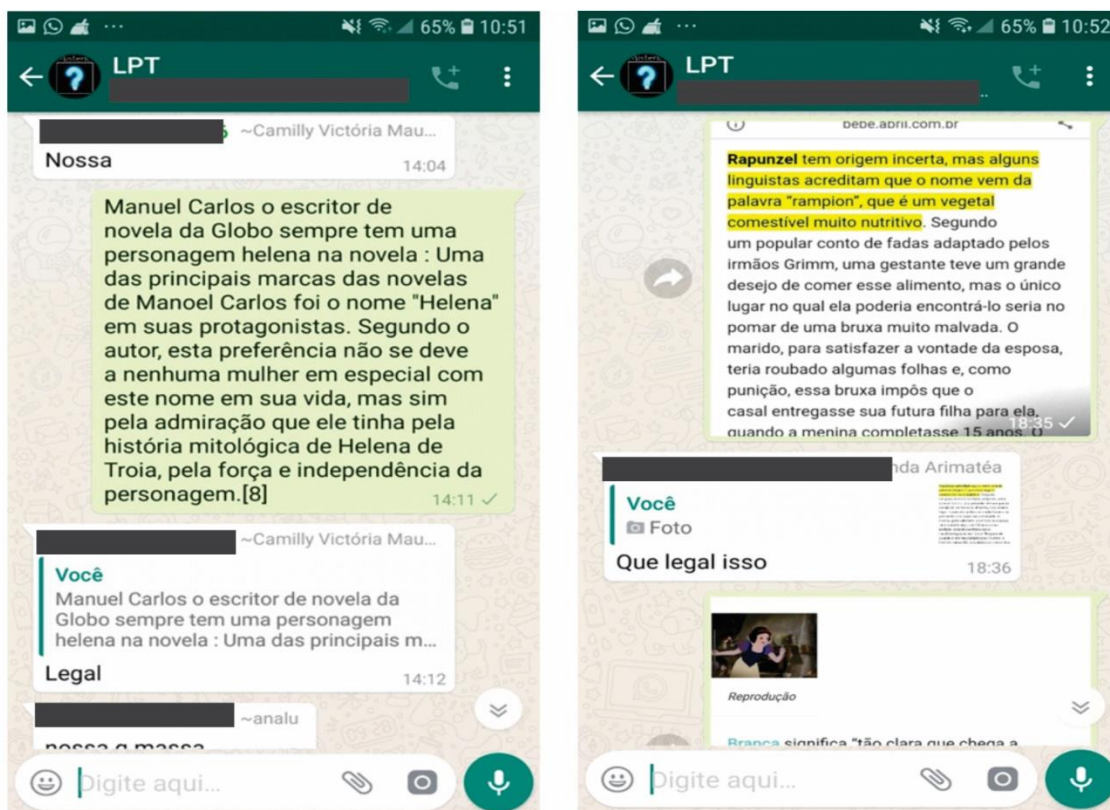


Figura 64 – Screenshotes de atividades no WhatsApp
 Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora

Levamos as informações compartilhadas via aplicativo, e outras mais, a fim de continuarmos a conversa em sala de aula na semana posterior, para que os alunos que não tiveram acesso ao ambiente virtual, pudessem participar e contribuir com seus comentários sobre o assunto. Em seguida, para iniciar a aula, perguntamos se conheciam a história de seus nomes, seu significado e origem. Fizemos um paralelo com a escolha dos nomes de personagens conhecidos por eles dos contos maravilhosos, do cinema, da novela, da literatura, entre outros que puderam lembrar. Depois, ouvimos a música “Eduardo e Mônica” do cantor e compositor Renato Russo e assistimos ao vídeo no qual o músico explica como surgiram os personagens da sua famosa música. Analisamos a letra da canção, observando as características da narrativa e avaliando a construção dos personagens a partir das informações fornecidas pelo autor.

Por fim, assistimos o vídeo “Como criar nome de personagem? 5 Dicas que vão ajudar você!” para que os alunos em dupla pudessem realizar a atividade prática de traçar o perfil de um personagem, atribuindo a ele um nome. As duplas tiveram que compartilhar com a turma e justificar a escolha realizada associando o perfil ao nome criado por eles.

Anna Lúvia e Gabriella Medeiros nº 41 e 34 901

Thelonius era um jovem que viveu na idade média, era filho de um rei poderoso e acabou tendo que abrir mão de sua vida para governar o reino após a morte de seu pai. Mesmo sabendo de suas obrigações como rei, Thelonius não abria mão do amor. Desde sempre fora apaixonado por Clark, comandante das tropas do reino. Embora o amor não fosse correspondido ele procurava tentar sempre que possível.

Figura 65 – Atividade de construção de personagem.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Os alunos apresentaram diversos perfis de personagens como os de “Thelonius”, “Antonietta” e “Verônica”. As alunas (fig. 65) descreveram Thelonius como um personagem da era medieval, filho de um rei poderoso que morreu, apaixonado por Clark, comandante das tropas do reino. Já a personagem Antonietta (fig.66) era uma adolescente da favela, de condição financeira difícil, com uma mãe faxineira batalhadora, e que deseja estudar medicina.

Antonietta mora num bairro da periferia, sua mãe Lucides era faxineira da escola em que sua filha Antonietta estuda. Antonietta tinha apenas 14 anos e estava no 2º ano de ensino médio. Sua família era bem miserável, mas com muito esforço sua mãe luta cada centavo para a faculdade de Antonietta que ela deseja tanto fazer. “Medicina”

Nome: Beatriz, Grazielle
nº: 16, 37
Turma: 901

Figura 66 – Atividade de construção de personagem.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

A personagem Verônica (fig. 67), criada por outras alunas, era o oposto de Antonietta. Era uma adolescente rica, que gozava de luxo, festas e noitadas, de pais empresários e morava em uma mansão de temperamento implicante e volátil.

Nome: Beatriz e Camilly / N.º: 13, 19 / Turma: 901

Verônica era uma menina muito meiga e gentil. Tinha 17 anos de idade e morava junto com seus pais. Era uma menina estudiosa, mas também implicante e gostava que todos ficassem a seus pés. Era líder de torcida, gostava de sair com seus amigos para festas e noitadas, tinha um namora- do mas não gostava dele. Sua vida sempre foi recheada de luxo pois seus pais eram empresários, eles moravam no interior, porém sua casa era uma mansão enorme. No seu quarto as paredes eram vermelhas pois era sua cor favorita, sua cama era digna de uma princesa toda enfeitada de glóries e borboletas. Essa era Verônica uma menina complicada de se entender.

Figura 67 – Atividade de construção de personagem.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Os personagens criados pelos estudantes da turma retratavam de maneira geral seus dramas, suas expectativas e conhecimento de mundo. Os personagens eram adolescentes, jogadores de futebol ou estudantes, de certa forma, retratando a realidade que conhecem. Ocorreram poucas descrições físicas dos personagens criados nas produções analisadas. Devolvi o material deles com apontamentos, sugestões e estímulos.

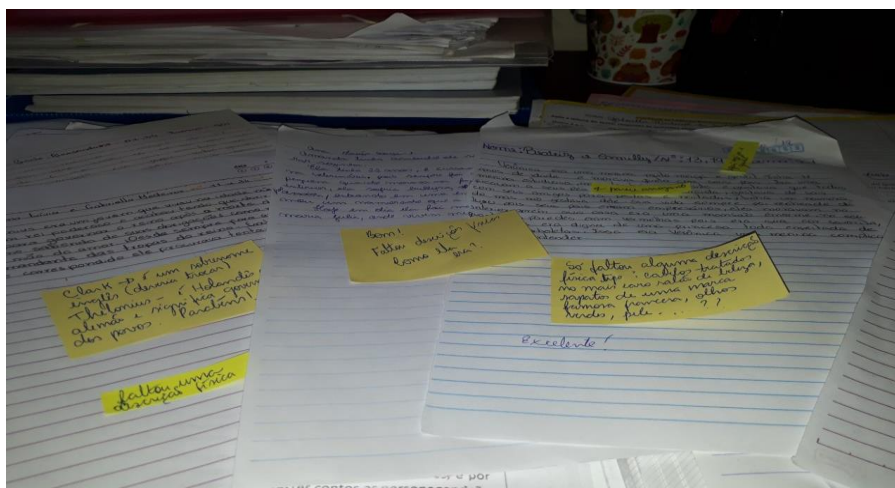


Figura 68 – Análise com apontamentos da construção de personagem.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Na semana subsequente, começamos a estudar os personagens contemporâneos a partir do conto “As Formigas de Lygia Fagundes Telles”. Iniciamos a aula com uma leitura dinâmica do texto em que alguns alunos se apropriaram das vozes dos personagens, outros

foram os narradores. Após a leitura e comentários estimulando aos alunos a recordarem os estudos teóricos sobre o personagem contemporâneo, distribuímos as atividades previstas em folhas xerocopiadas para os aprendizes.

COLÉGIO ESTADUAL BALDOMERO BARBARÁ

NOME: Giullia Medeiros da Silva Nº 34

É comum no conto de mistério a narração em primeira pessoa, assim, o personagem fica mais próximo do leitor. O narrador participa da história e, portanto, narra as suas experiências, suas emoções, seus medos e suas indecisões. Desse modo, fica mais fácil criar uma empatia com o personagem. O objetivo é criar um clima de suspense ou uma atmosfera de mistério. E essa característica pode acabar constituindo uma vantagem, já que, ao contar a história contada do ponto de vista de apenas um personagem, o leitor acaba mergulhando na mesma tensão criada pelo personagem se encontra, como se os dois fossem um.

Quais são os personagens principais da história? Como eles são descritos no conto?
AS DUAS PRINCIPAIS, UMA ESTUDAVA MEDICINA E A OUTRA DIREITO.

Quais são os outros personagens da história? Como eles são descritos?
A VELHA DONA DA CASA, USAVA UMA PERUCA MAIS NEGRA DO QUE A ASA DE GRAVINA, VESTIA UM PIJAMA DESBOTADO DE SEDA JAPONESA E SUAS UNHAS ERAM PINTADAS POR UM ESMALTE VERMELHO ESCURO.

Figura 69 – Atividade sobre o conto “As formigas”.
 Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Nas primeiras perguntas da atividade, os alunos deveriam identificar os personagens da história “As Formigas”, e dizer como eles são descritos nesse conto (fig. 69). As personagens principais, além de parentes, ou melhor, primas, são estudantes, uma de Medicina e outra de Direito. As duas por dificuldades financeiras se hospedam em uma velha pensão. A outra importante personagem na história é a dona da pensão, descrita com mais detalhes:

A dona era uma velha balofa, de peruca mais negra do que a asa da graúna. Vestia um desbotado pijama de seda japonesa e tinha as unhas aduncas recobertas por uma crosta de esmalte vermelho-escuro descascado nas pontas encardidas. Acendeu um charutinho. (TELLES, 2009: 9)

Após os alunos apresentarem suas respostas, perguntamos a eles porque a autora teria descrito mais detalhadamente a dona da pensão do que as personagens principais: as estudantes. Se tal ação era intencional e com qual objetivo. Dadas as informações sobre a escritora, os alunos responderam que sim, a escolha da escrita era intencional. Alguns alunos interpretaram que a ausência de maiores descrições para as estudantes era para que a identificação dos jovens leitores com essas personagens fosse maior, enquanto a personagem dona da pensão representava o elemento medo, obscuro e assustador que elas iriam enfrentar na narrativa, daí a maior necessidade descritiva.

O ambiente onde se passa a história é um sobrado. O sobrado é uma edificação grande de dois ou mais andares, muito comum em vários países do mundo. Há uma semelhança entre a descrição do sobrado do conto e o sobrado que aparece no filme “o mistério do relógio na parede”? Que sentimentos eles causam?

Sim. Medo, Insegurança, desconfiança e apreensão.

Quais são os antagonistas da história?

A velha (bruxa), o esqueleto e as formigas.

Quais elementos da história se combinam para o clima de mistério e fantástico?

O sobrado, o esqueleto, as formigas, a aparência da dona do sobrado.

Figura 70 – Atividade sobre o conto “As formigas”.
 Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

As perguntas seguintes visavam que os alunos percebessem os elementos colocados no texto pela autora para criar o clima de mistério na narrativa (fig.70). Ao perguntar sobre os sentimentos que causam no leitor a descrição do sobrado, o aluno responde: “medo, insegurança, desconfiança e apreensão”. Depois identifica os antagonistas da história: “A velha (bruxa), o esqueleto e as formigas”. Para responderem a última pergunta, os estudantes deveriam identificar os elementos da história que se combinam para a construção do clima de mistério e fantástico na narrativa. O resultado foi a conclusão dos aprendizes de que o ambiente e os personagens trabalham juntos para os efeitos narrativos que a autora deseja: “O sobrado, o esqueleto, as formigas, a aparência da dona do sobrado”.

Em sequência, na mesma folha de atividades (fig.71), os aprendizes deveriam analisar a personagem da narrativa “a estudante de medicina”. Na história, ela se interessa por um esqueleto de anão que se encontra debaixo da cama. Os estudantes deveriam relacionar ações, falas e sentimentos desse personagem como um aspecto importante da sua construção.

Responda às questões:

Qual personagem falou a seguinte frase: “Mas que maravilha, é raro à beça esqueleto de anão”?

A prima que estudava medicina

Essa frase, “Mas que maravilha, é raro à beça esqueleto de anão”, revela o que sobre os sentimentos da personagem?

decepção entusiasmo tristeza atração
 surpresa alegria indiferença repulsa

A presença de um esqueleto debaixo da cama costuma despertar que tipos de sentimentos nas pessoas?

medo, curiosidade e um pouco de pavor também.

Por que esse personagem reagiu diferente?

Por que era estudante de medicina e gosta de coisas relacionadas a isso como órgãos, ossos, coisas que estudam pela mesma escola com muita facilidade na Universidade!

Agora se o personagem quisesse transparecer nojo/horror pelo esqueleto o que acha que diria?

Nossa!!! um esqueleto credo!!!

Quanto à frase: “Vamos, vista isso, temos que sair antes que o anão fique pronto”, o que revela sobre os sentimentos do personagem?

MEDO.

Figura 71 – Atividade sobre o conto “As formigas”.
 Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Assim, nas primeiras questões (fig.71) os alunos deveriam identificar que o personagem responsável pela fala, “Mas que maravilha, é raro à beça esqueleto de anão” era a prima estudante de medicina. Na segunda pergunta, deveriam compreender que sentimentos esta frase dita pelo personagem poderia expressar no contexto da narrativa, ou seja, entusiasmo, surpresa, alegria e atração. O aluno (fig. 71) concluiu adequadamente as duas primeiras questões. Na terceira pergunta, ele responde que ter um esqueleto debaixo da cama desperta nas pessoas “medo, curiosidade e um pouco de pavor também”, e quando questionado, na quarta pergunta, por que a personagem reage diferente diante do esqueleto, responde: “Por que era estudante de medicina e gosta de coisas relacionadas a isso, como órgãos, ossos, coisas que estudam [...]”.

Em contínuo, quando perguntamos aos alunos o que o personagem diria se tivesse nojo/horror pelo esqueleto, escreve o aprendiz (fig. 71): “Nossa!!!Um esqueleto, credo!!!” Depois, os alunos deveriam perceber a mudança de sentimentos desse personagem em relação ao esqueleto do anão ao dizer para a prima e companheira de quarto “Vamos vista isso, temos que sair antes que o anão fique pronto”, o aluno acima, por exemplo, detectou o sentimento “medo” e marcou as opções disponíveis na folha seguinte: “medo, apreensão e repulsa”(fig. 72).

Na pergunta seguinte (fig. 72), “o que você acredita que os personagens esperavam que acontecesse com o esqueleto?” todos os alunos acreditam que dado o insólito da situação, esperariam o pior, respondeu o aluno: “Que ele se completasse e fizesse algo com elas, perseguindo ou coisas piores”. E ao questionar o que o personagem diria se não estivesse com medo, para ele seria: “Acorde, o esqueleto já está quase acabando de se formar”.

<input checked="" type="checkbox"/> medo	<input type="checkbox"/> tranquilidade	<input type="checkbox"/> pressa	<input checked="" type="checkbox"/> repulsa
<input type="checkbox"/> indiferença	<input checked="" type="checkbox"/> apreensão	<input type="checkbox"/> curiosidade	

O que você acredita que os personagens esperavam que acontecesse com o esqueleto?
Que ele se completasse e fizesse algo com elas, perseguindo ou coisas piores.

Se o personagem ainda estivesse entusiasmado, e não estivesse com medo, o que você acha que diria?
Acorde, o esqueleto já está quase acabando de se formar.

Podemos dizer que essa personagem, a estudante de medicina, a princípio sentiu-se entusiasmada com o esqueleto, depois quando percebeu que ele estava sendo montado pelas formigas ficou com medo, e, por isso, fugiu durante a noite com a prima. Você acha que é natural, no comportamento das pessoas, alterar sentimentos de entusiasmo, medo, coragem, atração, ou repulsa diante das situações da vida?
Sim.

Figura 72 – Atividade sobre o conto “As formigas”.
 Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Para terminar a sequência de atividades, a última pergunta (fig. 73) teve por objetivo levar os alunos a chegarem as suas próprias conclusões sobre o personagem do conto “a estudante de medicina”, a ideia era levá-los à compreensão de que nas narrativas modernas os personagens se revestem do caráter multifacetado humano: “Você acha que é natural, no comportamento das pessoas, alterar sentimentos de entusiasmo, medo, coragem, ou repulsa diante das situações da vida?”. Resposta de um discente: “Sim, totalmente. Mudar de opiniões e sentimentos em relação às coisas e as pessoas é normal. Seu ‘eu’ de hoje não tem que ser igual ao de ontem”.

Podemos dizer que essa personagem, a estudante de medicina, a princípio sentiu-se entusiasmada com o esqueleto, depois quando percebeu que ele estava sendo montado pelas formigas ficou com medo, e, por isso, fugiu durante a noite com a prima. Você acha que é natural, no comportamento das pessoas, alterar sentimentos de entusiasmo, medo, coragem, atração, ou repulsa diante das situações da vida?
Sim, totalmente. Mudar de opiniões e sentimentos em relação às coisas e as pessoas é normal. O seu “eu” de hoje não tem que ser igual ao de ontem.

Qual conto você acredita que os personagens se aproximam mais da nossa realidade. Bananal ou As formigas? Por

Figura 73 – Atividade sobre o conto “As formigas”.
 Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Outras questões foram abordadas para que os alunos refletissem sobre os personagens que estudamos nos contos da mediação didática, como: “Qual conto você acredita que os

personagens se aproximam mais da nossa realidade, *Rapunzel* ou *As formigas*? Por quê?” (fig.74). Nesta pergunta, os alunos deveriam avaliar o elemento fantástico presente nas narrativas, fazendo a distinção entre a realidade e ficção incorporada na trama. Sobre isso, responde um estudante: “As formigas porque se passa com pessoas normais e por mais estranho que seja é mais provável de acontecer do que acontece em *Rapunzel*”.

Em seguida, na mesma folha, deveriam identificar estruturas parecidas de enredo no conto “*Rapunzel*” e “*As Formigas*”. Assim, propusemos algumas questões sobre este conto: “Qual personagem representa a bruxa na história? Como ela é descrita?”, o aluno identificou “a velha dona do sobrado, era uma velha balofa de peruca mais negra que asa da graúna. Vestia um pijama desbotado de seda japonesa e tinha unhas recobertas por esmalte”. Para a pergunta “Qual (quais) personagens são os heróis ou princesas da história?”, a resposta dada foi “as duas primas”, e o “sobrado” para “O que no conto substitui o castelo, ambiente comum dos contos maravilhosos?”. Ainda, procurando realizar um paralelo entre os dois contos, os alunos deveriam refletir as questões: “É comum em contos de fadas, a presença de animais que agem intencionalmente, animais fabulosos. Existe isso na história? e “Quais outros elementos e situações nos fazem lembrar dos contos maravilhosos?”. Sobre elas, o aprendiz respondeu: “Sim, as formigas possuem comportamentos humanos” e “a aparência do lugar, misterioso, sujo, escuro, velho. O esqueleto debaixo da cama”.

Qual conto você acredita que os personagens se aproximam mais da nossa realidade, *Rapunzel* ou *As formigas*? Por quê?
As formigas. Porque se passa com pessoas normais e por mais estranho que seja é mais provável de acontecer do que acontece em Rapunzel.

É interessante observar neste conto fantástico e contemporâneo elementos alusivos aos contos maravilhosos, porém mais verossímeis a nossa realidade:

Qual personagem representa a bruxa na história? Como ela é descrita?
A velha dona do sobrado. Era uma velha balofa de peruca mais negra que asa da graúna. Vestia um pijama desbotado de seda japonesa e tinha unhas recobertas por esmalte.

Qual (quais) personagens são os heróis ou princesas da história?
As duas primas.

O que no conto substitui o castelo, ambiente comum dos contos maravilhosos?
O sobrado.

É comum, em contos de fadas, a presença de animais que agem intencionalmente, animais fabulosos. Existe isso na história?
Sim, as formigas possuem comportamentos humanos.

Quais outros elementos e situações nos fazem lembrar dos contos maravilhosos?
A aparência do lugar, misterioso, sujo, escuro, velho. O esqueleto debaixo da cama.

Figura 74 – Atividade sobre o conto “As formigas”.

Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Ainda nesta aula, os aprendizes realizaram uma atividade em dupla cuja proposta era elaborar uma caracterização direta (condensada em um trecho descritivo) e outra indireta (dispersa na história) de um personagem criado por eles. Os alunos receberam a proposta de exercício em folha, esclarecemos sobre os dois tipos de caracterização de personagens com alguns modelos de exemplo. Uma dupla de estudantes fez a seguinte caracterização direta de uma personagem (fig.75):

Ariha era uma garota rebelde, apaixonada em filmes de terror e quadrinhos. Era filha única e órfã de mãe. Devido a convivência com o pai tomou gosto em sempre usar roupas masculinas. Era solitária, mas gostava de andar de skate como os meninos do bairro.

O personagem feminino Ariha é jovem, por falta de uma figura feminina, projeta no pai seu comportamento, anda com roupas masculinas, gosta de skate e anda com meninos. A caracterização direta realizada neste trecho deixa claras ao leitor as informações importantes sobre o personagem. A caracterização indireta, feita sobre este mesmo personagem, pela dupla de alunos ficou assim:

A garota se apavorou ao ver aquele vestido rosa de cetim em cima da sua cama.

- Você está ficando louco por achar que vou vestir isso! - disse a garota.

- Fizemos um trato boneca, você veste e vamos jantar com a senhora Grover e ainda ganha um skate novo! Você ainda quer um, não é?

Aquela era uma oferta que Ariha não iria recusar. Era só uma noite.

Neste trecho em que o personagem é caracterizado de maneira indireta pelos alunos, o leitor precisará colher pistas dispersas na história para conhecê-lo. Precisar de mais informações ao longo da narrativa para compreender a motivação da garota em rejeitar o vestido, e se sujeitar a algo em troca de um skate.

Atividade em dupla:

Elabore uma caracterização direta e outra indireta de um personagem criado por vocês.

Caracterização direta	Caracterização indireta
<p>Arilha era uma garota rebelde, apaixonada em filmes de terror e quadrinhos. Era filha simica e orfa de mãe. Quando a convivência com seu pai tomou gosto em sempre usar roupas masculinas. Era solitária, mas gostava de andar de skate com os meninos do bairro.</p>	<p>A garota se apaixonou ao ver aquele rostinho rosa de cachaça em cima de sua cama.</p> <p>- Você está ficando louco por achar que você veste isso! - disse a garota.</p> <p>- Fizemos um trato brezinha, você veste o nome e jantar com a senhora Grover e ainda ganha um skate novo! Você ainda quer um não é?</p> <p>Aquela era uma oferta que Arilha não via recusar. Era só um momento.</p>

Figura 75 – Atividade de caracterização direta e indireta de personagens.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Outra dupla da turma elaborou a seguinte caracterização direta para um personagem criado por eles chamado Maurício (fig.76):

Maurício tem 40 anos e ainda mora com seus pais. Ele não tem um emprego. Maurício é obeso e não tem a mínima vontade de melhorar sua saúde. Ele é extremamente preguiçoso e folgado. Fica o dia todo em frente à um vídeo-game com doces e bebidas.

O personagem Maurício é um homem que não amadureceu, dependente da mãe, vive como adolescente. As informações fornecidas pelos alunos sobre o personagem de imediato já oferecem um esboço mental ao leitor desse ser ficcional, e verossímil, já que na atualidade é comum pessoas reais vivendo como o personagem Maurício.

A caracterização indireta do personagem Maurício se dá da seguinte maneira pela dupla de alunos:

Maurício estava na sala comendo e jogando como sempre. Sua mãe já não aguentava mais. Seu filho ao auge dos 40 anos ainda não havia nem sua casa própria.

Até que ela correu atrás e arrumou uma entrevista para seu filho.

- Maurício, amanhã às 8 horas você terá uma entrevista.

Maurício não disse absolutamente nada e continuou comendo. No outro dia já era 13h e Maurício não havia acordado.

Como vemos na caracterização indireta, o leitor precisa inferir, da narrativa, a preguiça do personagem Maurício e a folga de viver às custas materna até aos quarenta anos.

Caracterização direta	Caracterização indireta
Maurício, tem 40 anos e ainda mora com seus pais. Ele não tem um emprego. Maurício é obeso e não tem a mínima vontade de melhorar sua saúde. Ele é extremamente preguiçoso e folgoso. Toca o dia todo em frente a um vídeo game com docas e bebidas.	Maurício estava na sala comendo e pegando como sempre. Sua mãe já não aguentava mais. Seu filho de quase 40 anos ainda não havia nem sua casa própria. É lá que ela correu atrás e arrumou uma entrevista para seu filho. - Maurício, amanhã às 8 horas você terá uma entrevista. Maurício não disse absolutamente nada e continuou comendo. No outro dia já era 13h e Maurício não havia acordado.

Figura 76 – Atividade de caracterização direta e indireta de personagens.

Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora

A maior parte dos alunos desenvolveu bem essa tarefa, com os textos precisando de alguns ajustes segundo a norma escrita, outros precisaram de apoio e orientação para a execução da atividade proposta.

5.3 3ª fase :Pesquisa individual

Nesta terceira etapa da mediação didática, os alunos foram estimulados a pesquisar, compartilhar e construir o próprio conhecimento. Para tanto, continuamos através do aplicativo *WhatsApp* a sequência de atividades programadas com a turma. Os estudantes deveriam investigar e compartilhar no grupo de *WhatsApp* informações sobre o artista Marcelo Grassman, citado no conto as formigas pela narradora-personagem. Questões pertinentes foram inseridas no grupo virtual (fig.77) para fomentar o debate e a participação dos estudantes: Quem é ele? O que ele faz? Que sentimento as imagens de suas obras provocam? Do que as imagens parecem tratar? Essas imagens contribuem para acentuar o clima de fantástico e de mistério do conto? E o que a admiração da narradora-personagem

desse conto por esse artista pode nos revelar sobre ela mesma? Dessa maneira, seguimos a programação traçada.



Figura 77 – Screenshotes de atividades no WhatsApp.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Anteriormente, em sala de aula havíamos comentado sobre o ilustrador Marcelo Grassman e suas obras, então, no ambiente virtual, convidamos os alunos a compartilharem informações sobre ele, porém, passados alguns dias no aplicativo, ninguém havia se manifestado. Por isso, tomamos a iniciativa e passamos algumas informações retiradas da internet, e seguimos com uma sequência de perguntas sobre as imagens compartilhadas (fig.77). Logo os aprendizes começaram a compartilhar suas impressões sobre elas (fig.78).

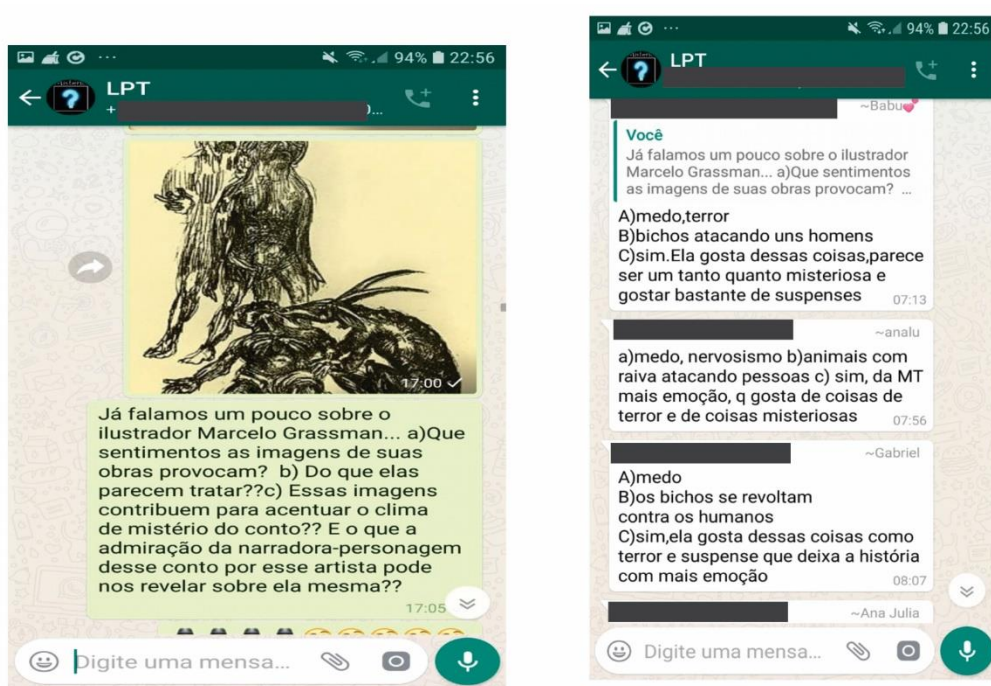


Figura 78 – Screenshotes de atividades no WhatsApp
 Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.



Figura 79 – Screenshotes atividades no WhatsApp.
 Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Continuamos instigando a turma, dividindo com eles imagens (fig.80) do artista, colhendo suas respostas, para assim, no próximo encontro em sala de aula, estabelecermos a relação com o personagem feminino do conto “As formigas”. Pretendíamos que eles refletissem sobre o que a admiração da narradora-personagem desse conto por esse artista pode nos revelar sobre ela mesma.



Figura 80 – Screenshotes de atividades no *WhatsApp*.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

A sequência de atividades programadas para o aplicativo teve grande participação dos alunos, entretanto sempre de maneira mais passiva do que ativa. De maneira geral, eles mais respondiam quando eram questionados, quase não houve compartilhamento de informações por parte deles, porém, era a primeira vez que usavam o celular como instrumento de aprendizagem e extensão da sala de aula.

No encontro seguinte em classe, demos prosseguimento aos exercícios subsequentes. Passamos no quadro uma atividade chamada “Descubra quem é”, onde, a partir de algumas informações descritas, esperava-se que os alunos identificassem as personalidades ocultas.



Figura 81 – Alunos em sala.
 Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Depois de os estudantes identificarem as personalidades ocultas através das pistas oferecidas, deveriam fazer o jogo inverso: fornecer pistas para que os demais colegas descobrissem de quem se tratava. Pedimos que fizessem a descrição em uma folha, e em seguida, lessem para a turma. Para pesquisar dados e informações, foi permitido o uso de celulares e a visita à biblioteca da escola. O objetivo da atividade era treinar a escrita descritiva para mais à frente aplicar na elaboração de seus próprios personagens. Os estudantes apresentaram para classe suas pistas sobre uma personalidade conhecida para que os colegas descobrissem (fig.82):

Nome: Ana Luiza R. e Bianca Nºs: 09 e 15 901

Charada

É uma cantora pop, começou ainda muito jovem fazendo uma série chamada "Sam e cat". Faz muito sucesso atualmente, é pequena e seu sobrenome é totalmente oposto a sua altura. Ela está sempre de salto e seu estiloso rabo de cavalo enorme, que é a sua marca. Quem é ela?

Quem é?

• Já tem uma certa idade, é dona de uma rede de televisão brasileira, tem uma voz única e muito conhecida, muitos comediantes e dubladores imitam a sua voz. Sempre usa roupa de acordo vai apresentar o seu programa, usa o microfone perto da sua boca. É branca, alta, do cabelo liso e escuro, olhos escuros e muito barão no rosto. Quem é?

Nome: Marcelle
 nº: 24
 Turma: 901

Figura 82 – Atividade “descubra quem é?”.
 Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora

Nas descrições acima mais detalhadas pelos alunos, os colegas rapidamente deram as respostas corretas “Ariana Grande” e “Silvio Santos”. Porém, houve casos em que as pistas fornecidas eram insuficientes, vagas, precisando de acréscimos de informações orais para que a personalidade oculta fosse descoberta (fig.83):

★ Tem olhos azuis, sobancelha marcada, cintura fina, tira altas fotos e é blogueira. Quem é?

★ B) Ela é uma pessoa divertida e engraçada. Ela é atriz, apresentadora e agora é mãe. Quem é?

★ C) Ela é considerada criança de uma família de TV. Desde criança sempre foi espontânea e ela mesma. Ela tem apenas 14 anos. Quem é?

Figura 83 – Atividade “descubra quem é?”.
 Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora

As duas primeiras charadas do texto deste aluno foram consideradas vagas pelos demais colegas. Consideraram que muitas personalidades poderiam se encaixar no perfil elaborado “tem olhos azuis, sobancelha marcada, cintura fina, tira altas fotos e é blogueirinha” e “ela é uma pessoa divertida e engraçada. Ela é atriz, e apresentadora e agora é mãe”. Dessa maneira, essa atividade também permitiu uma reflexão coletiva sobre a importância de uma escrita descritiva bem realizada no texto. Pudemos então, juntos, também, constatar a necessidade de domínio linguístico para organizar as informações adequadamente no texto e compreender, conforme afirma Charaudeau (2016), que o processo

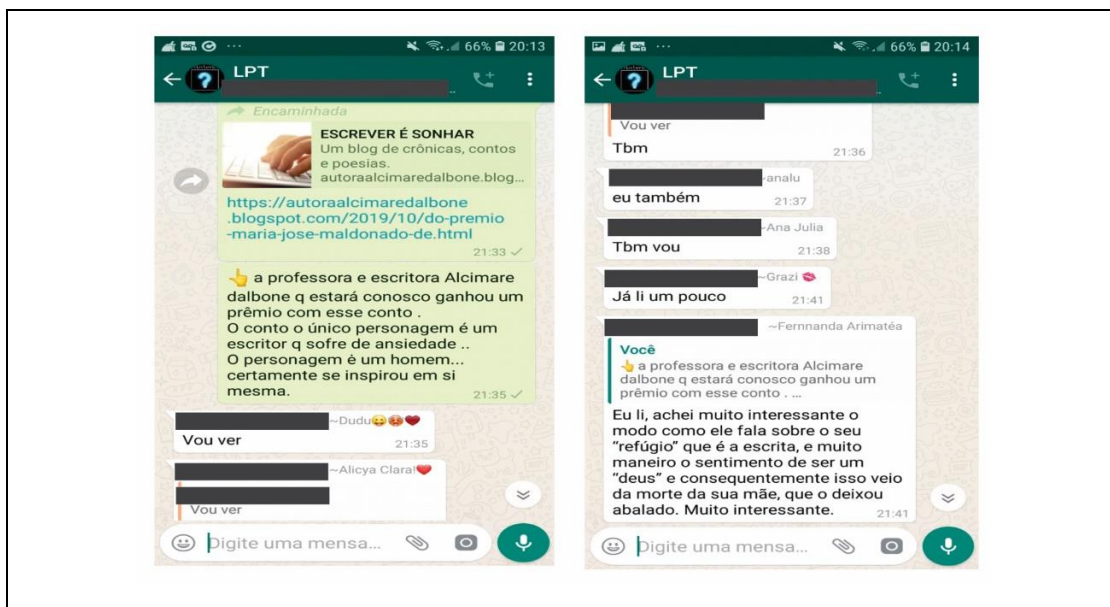
comunicativo exige saberes comuns ou compartilhados entre os interlocutores para que cumpra sua finalidade.

Para casa, os alunos tiveram que pesquisar sobre o processo de criação de personagens, buscar informações sobre os escritores, como: o que eles dizem sobre como criam esses seres ficcionais, o que os inspira, quais recursos e conhecimentos utilizam no processo de escrita entre outras perguntas sugeridas pelos aprendizes para serem investigadas. A pesquisa e as perguntas serviriam de material para a entrevista que realizamos com a escritora Alcimare Dalbone.

No aplicativo, compartilhamos com a turma o conto da autora Alcimare Dalbone “Escrever é sonhar¹¹”. Neste texto a autora cria um personagem, um escritor, que sente angústia diante de uma entrevista com um jornalista que aconteceria em breve e começa a refletir sobre seu ofício:

e qual será a próxima pauta? Quando me tornei um escritor? De onde vem minha inspiração? Se consigo escrever em lugares tumultuados? De qual das minhas histórias gosto mais? Se são autobiográficas? Questiono-me se errei ao não deixar isso claro em meus escritos.

Consideramos o texto importante para a preparação dos alunos para a entrevista que teríamos com a escritora, dado que o tema da narrativa trata do objetivo do encontro (fig.84, 85 e 86). Logo, os alunos propuseram-se a ler e a tecer comentários sobre o texto.



¹¹ A princípio, a leitura deste conto não estava programada para a proposta didática, pois, foi escrito quando iniciamos a aplicação da sequência didática. Disponível em : <<https://autoraalcimaredalbone.blogspot.com/2019/10/do-premio-maria-jose-maldonado-de.html>> Acesso em 20 de nov. 2019.

Figura 84 – Screenshotes de atividades no WhatsApp.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

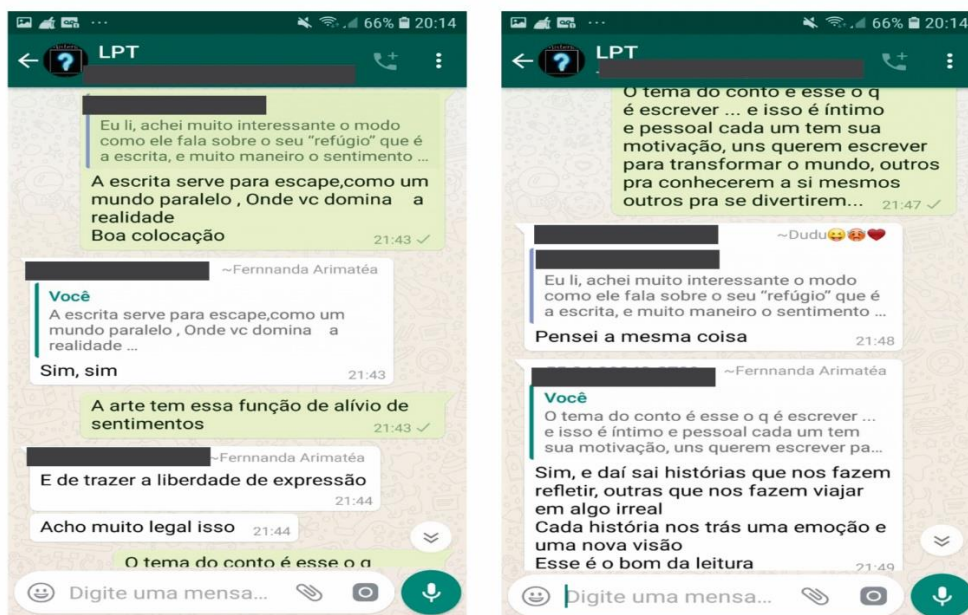


Figura 85 – Screenshotes de atividades no WhatsApp.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

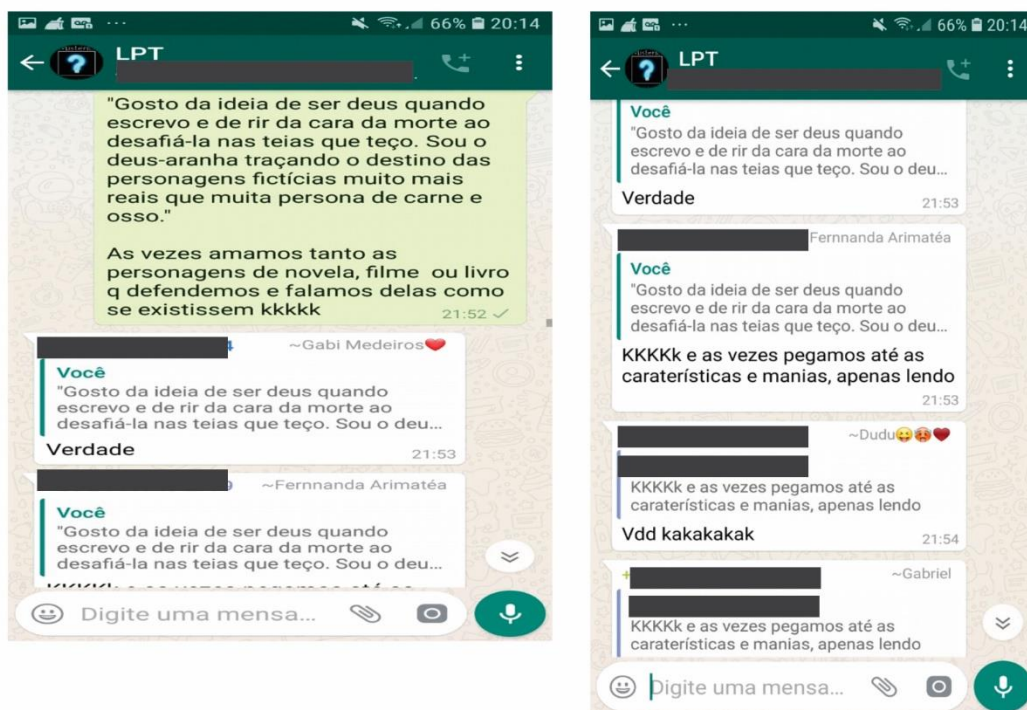


Figura 86 – Screenshotes de atividades no WhatsApp.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Os alunos estavam muito ansiosos pelo encontro com a autora Alcimare Dalbone. Combinamos um lanche compartilhado, nenhum aluno faltou esse dia de aula. Foi muito interessante o silêncio da turma, quando a escritora fez a leitura do texto “A escola mal-assombrada” (imagem abaixo).



Figura 87 – Entrevista com a escritora Alcimare Dalbone.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Os alunos menos tímidos tiveram a coragem de fazer perguntas, como por exemplo: quando ela tinha decidido ser escritora? , de onde vinha a inspiração para os personagens?, sobre o que gostava de escrever?, para que tipo de público escrevia?, e etc. Alcimare Dalbone falou sobre como foi o processo de escrita do conto “A escola mal-assombrada”, e de outras narrativas que escreveu e publicou. Esclareceu para os estudantes sobre a escrita como trabalho, construção e aperfeiçoamento. Também explicou como elaborou os personagens de suas narrativas. Os alunos foram muito atenciosos, se interessaram bastante em ouvir e interagir com dúvidas e apontamentos.



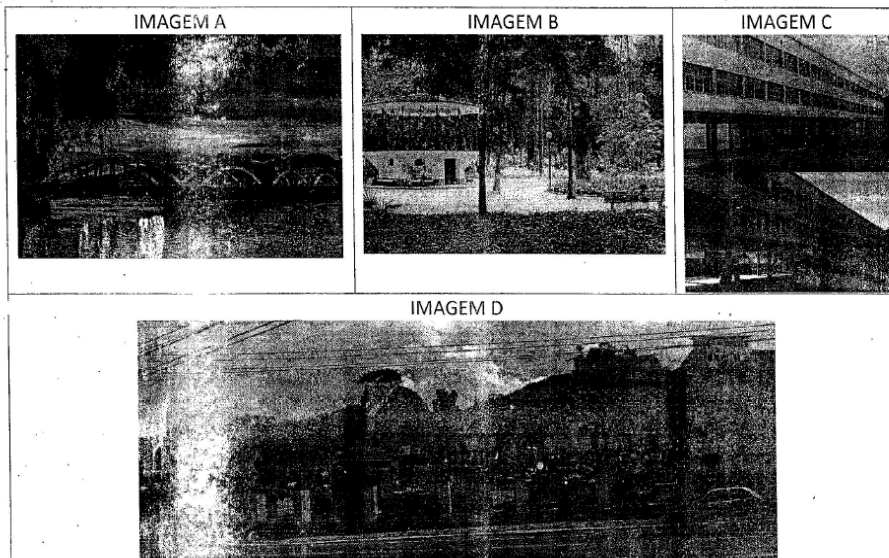
Figura 88 – Encontro com a escritora Alcimara Dalbone.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

A visitante levou alguns brindes da editora para sortear para turma: um livro de sua autoria, bloquinhos de rascunhos, marcadores de páginas e caneta. Encerramos as atividades com uma foto da turma, em seguida compartilhamos um delicioso lanche.

5.4 4ª fase: Produção individual

No encontro seguinte, realizamos com a turma a produção individual do conto de mistério. Nesse momento os alunos deveriam articular os conhecimentos trabalhados em sala de aula para desenvolverem sua narrativa. Deveriam ambientar o conto em um lugar conhecido de nossa cidade (Barra Mansa) que considerassem oferecer o clima necessário para uma história de mistério (fig.89).

1) Observe agora, algumas imagens de lugares que nossa cidade oferece para criar o clima de fantástico e mistério....



FONTE :<http://museudahistoriadebm.blogspot.com/2010/12/parque-centenario-lardim-das-preguiças.html> e <http://cebbarbara.blogspot.com/>

Lembrem-se, em linhas gerais, o fantástico surge quando há uma atmosfera de mistério e suspense na trama, a ponto de não ser possível afirmar se os acontecimentos são reais ou frutos da imaginação. Para o leitor, a dúvida sempre estará presente. Já o mistério, em uma história, é proporcionado por todo acontecimento cuja causa é desconhecida, incompreensível, oculta, inexplicável, ou seja, um enigma, que pode vir a ser ou não descoberto.

1) Que lugares são esses?

Parte dos Arcos, Jardim das Preguiças, Calomero Barbara, Cemitério Municipal de Baurópolis, Mansão.

2) Que tipos de sentimentos podem provocar nas pessoas ao passarem ali de madrugada?

Medo, Terror.

3) Que tipos de pestes são comuns nesses lugares?

Velhos, Mortos, Bebidas, Mendigos.

4) O que poderia acontecer de fantástico ou misterioso?

Uma Pessoa Morre sair vagando ou alguém desaparece.

5) A partir dessas imagens, ou daquelas que compartilhamos via WhatsApp, solte sua imaginação e escreva um conto de mistério!

Figura 89 – Atividade em sala.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Neste momento, deixamos claro que na próxima etapa iriam trabalhar em grupos de três a quatro alunos, e um conto seria escolhido por cada grupo para representá-lo.

Já nesta primeira produção apareceram excelentes textos, os quais, no momento seguinte de negociação do grupo, não foram levados adiante nas etapas subsequentes. A seguir um dos casos (fig.90 e 91).

Em um bairro um pouco distante da cidade havia uma fazenda, onde foi um local de escravidão. Por mais que seja velha está bem conservada e cheia de mistérios...

- Ei, vamos hoje? Estou extremamente ansiosa - disse Mayu dando pulinhos de alegria.

- Fala baixinho, Mayu. Ninguém pode saber disso e sim vamos, estou só esperando o Dudu descer e partimos - diz Analu também impalorada.

- Se bem que agora tô com medo, pensa desistir? - diz Mayu pensativa e roncando as unhas.

- Claro que não - diz Analu - vai ser divertido eu garanto, além do 10 que vamos tirar no trabalho. Bem, Dudu está descendo. - Puxa a mãe de Maria filhas e vão para o final da escada esperar Dudu.

- E aí gatinhas! Preparadas para essa aventura? - diz Dudu sem receio nenhum.

- Sim!

- Não - diz Analu e Mayu ao mesmo tempo.

- Ah qual foi mafuzinha, vai arregar a essa altura? Caramba! - diz abraçando a mesma e bagunçando seu cabelo.

- Não, mas os boatos da tal fazenda são muito assustadores, dizem que se ouve as gritas de dor dos escravos junto com os barulhos de chicotadas - Diz a mesma se tremendo toda.

- Assustada vou ficar se perdemos o ônibus

Figura 90 - Produção inicial.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

e tivermos que ir a pé. Vamos logo - Diz Analu ouvindo tanto barulho pelo braço em direção ao pranto de An. Luz.

Entrando na fazenda, já começaram a tirar faturas e buscar mais coisas, porque ali tudo era proibido.

- Ahhh!!! - grita Mafu

- Que muito, para dentro, o que tá acontecendo - diz Dudu com a mão no coração.

- Vocês não ouviam! - fala sussurrando

- Não! -

- Não?!

- Barulho de chivete, tá, fiquem em silêncio.

Os 3 ficam até realmente ouvir o barulho vindo junto com um grito de dor.

- Ahhh, Jesus Cristo - gritam os três

- Eu disse que era mal acontecendo, pedem para ir embora? - implora Mafu

- Espera! Não temer nada para o trabalho mais duas minutos e logo após vamos - Diz Analu - vou dar uma olhada lá no local onde eles eram sacrificados e onde trabalhavam - com a mão na maçaneta da porta da cozinha que dava para o quintal

- Vai embora - Diz Dudu preocupado - Não quer um bom fim e coragem? - coloca a mão no peito e os outros vão.

- Pode uma hora descer? - diz Analu - Eu vou me cuidar muito bem - diz Analu forçando a maçaneta para abrir mas não abre. - Ahh, tá tão aberta até agora parece - Diz nada tocar os olhos se apagam e começa a ter barulhos de pessoas vindo, chorando, gritando, de somas, chivetes e coisas outras. Dudu tenta abrir algo e acaba chorando a porta para abrir - tá, assim que se abrem eles correm sem nem olhar para trás. Nunca mais voltaram ali e agora é de casa para escola, escola para casa.

¶
Fim!!!

Por favor aceite de lapis o texto ficou muito grande e pouco tempo para passar

Figura 91 - Produção inicial. (continuação)
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Muitos textos foram apresentados pelos alunos sem o título, como a produção acima, e verificamos que a maioria dos personagens criados eram adolescentes e/ ou estudantes.

Inclusive, em muitas redações, os personagens representavam os próprios alunos como neste caso em análise. Segue a reprodução do texto do aluno para facilitar a leitura:

Em um bairro um pouco distante da cidade, havia uma fazenda, onde foi um local de escravidão. Por mais que seja velha está bem conservada e cheia de mistérios...

_ Ei, vamos hoje? Estou extremamente ansiosa. – disse Maju dando pulinhos de alegria.

_ Fala baixo, Maju. Ninguém pode saber disso e sim, vamos, estou só esperando o Dudu descer e partimos – diz Analu também empolgada.

_ Se bem que agora tô com medo, posso desistir? – diz Maju pensativa e roendo as unhas.

_ Claro que não – diz Analu – vai ser divertido, eu garanto, além do 10 que vamos tirar no trabalho. Vem, Dudu está descendo. – puxa a mão de Maria Júlia e vão para o final da escada esperar Dudu.

_ E aí gatinhas! Preparadas para essa aventura? – diz Dudu sem receio nenhum.

_ Sim!

_ Não! – diz Analu e Maju ao mesmo tempo.

_ Ah! Qual foi Majuzinha, vai arregar a essa altura? Cagona! – diz abraçando a menina e bagunçando seu cabelo.

_ Não, mas o boato de tal fazenda é muito assustador, dizem que se ouve os gritos de dor dos escravos junto com o barulho de chicotadas. – Diz a mesma se tremendo toda.

_ Assustada vou ficar eu se perdermos o ônibus e tivermos que ir a pé. Vamos logo. – diz Analu arrastando todos pelo braço em direção ao ponto de ônibus.

Entrando na fazenda, já começam a tirar fotos e tocar nas coisas, onde até então era proibido.

_ Ahhhhhhh! - Grita Maju.

_ Que susto, sua doente, o que tá acontecendo? – diz Dudu com a mão no coração.

_ Vocês não ouviram? – fala sussurrando.

_ Não!

_ Não.

_ Barulho de chicote, ó, fiquem em silêncio.

Os três ficam até realmente ouvir o barulho vindo junto com um grito de dor.

_ Ahhh, Jesus Cristo! – gritam os três.

_ Eu disse que era mal-assombrado, podemos ir embora? – Implora Maju.

_ Espera! Não temos nada para o trabalho, mais dez minutos e logo após vamos. _ Diz Analu – vou dar uma olhada lá no local onde eles eram sacrificados e onde trabalhavam – com a mão na maçaneta da porta da cozinha que dava para o quintal.

_ Vai sozinha? – Diz Dudu preocupado – Não quer um homem forte e corajoso? – coloca a mão no peito e as meninas riem.

_ Piada uma hora dessas? – debocha Analu – Eu sei me cuidar muito bem. – diz Analu forçando a maçaneta para abrir, mas não abre. – Olha, estava aberta até agora pouco. – De nada todas as luzes se apagam e começa a ter barulhos de pessoas rindo, chorando, gritando, de armas, chicotes e vários outros. Dudu tenta abrir algo e acaba chutando a porta para abri-la, assim que se abre eles correm sem nem olhar pra trás. Nunca mais voltaram ali, e agora é de casa para a escola, escola para casa. (A. L. S. - turma 901)

O ambiente que inspira essa história é um antigo sobrado, construído no período do Império localizado no bairro Colônia Santo Antônio em Barra Mansa. Os personagens adolescentes, inspirados nos próprios alunos, conseguem retratar adequadamente o comportamento impulsivo e inconsequente dos jovens que gostam de passar por situações em que sua coragem é testada e validada socialmente. O medo, a ansiedade, a insegurança e a dúvida transparecem nos diálogos trocados na narrativa, produzindo a verossimilhança do texto. A alternância de humor dos personagens, ora tensos, ora risonhos, ora corajosos, ora medrosos, humaniza esses personagens e os aproxima do caráter multifacetado humano presente na narrativa moderna.

Como afirmamos anteriormente, muitos alunos apresentaram seus personagens como adolescentes, estudantes, ou até mesmo, colocando a si mesmos como personagens. Talvez, pretendendo economizar nos recursos linguísticos para não precisar trazer muitas explicações sobre os personagens, ou porque, sentem-se mais confortáveis para escreverem sobre a experiência de mundo que conhecem, ou ainda, projetando seus anseios de aventuras, próprios da juventude, na construção ficcional. Abaixo (fig.92), temos o texto produzido pelo aluno B. M., na narrativa o personagem principal também leva o mesmo nome do estudante e é caracterizado diretamente somente pelo adjetivo “jovem”. Os demais personagens que acompanham a narrativa não são nomeados, há “amigos” e “um pobre senhor” ou “mendigo”.

O caminho Sombrio

Numa cidade chamada Barra Mansa, tinha um jovem de nome Bryan, que todos os dias pegava o mesmo caminho para voltar da escola.

Em uma sexta-feira 13, Bryan e os amigos decidiram esperar anoitecer e pegar um caminho diferente e "sombrio" pois havia muitas histórias sobre o local e eles queriam ver se realmente as coisas eram sinistras.

Quando o relógio bateu 18 horas e já estava à noite Bryan falou:

- Papaiada, vamos lá mesmo Barra Rio que se é mal acontecendo mesmo.

Bryan e seus amigos foram até o local para ir embora e logo de início viram barulhos estranhos do Rio, ficaram com medo, porém perseveraram. No meio do caminho, de baixo das pedras, eles viraram a estrutura antiga rangendo, parecia que ia cair, e as árvores balançando como um cenário de filme de terror.

Seguindo o caminho eles viraram um barulho estranho vindo de uma árvore atrás deles, ficaram muito assustados e com medo, porém foram chegar perto para ver. Preparados para correr e assustados quando chegaram e alaram, se separaram como um cenário com frio e tirando folhas das árvores para se cobrir, com medo Bryan e seus amigos tiraram seus casacos e deu

para aquele pobre homem.

Terminando o caminho Bryan e seus amigos viram que nada de mais acontecia ali, havia somente aquele pobre mendigo, que agora estava feliz e quente.

(B. M. - turma 901)

Figura 92- Produção inicial.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Transcrição do texto para melhor leitura:

Numa cidade chamada Barra Mansa, tinha um jovem de nome Bryan, que todos os dias pegava o mesmo caminho para voltar da escola.

Em uma sexta-feira 13, Bryan e os amigos decidiram esperar anoitecer e pegar um caminho diferente e "sombrio" pois havia muitas histórias sobre o local e eles queriam ver se realmente as coisas eram sinistras.

Quando o relógio bateu 18 horas e já estava à noite, Bryan falou:

- Rapaziada, vamos lá nessa Beira Rio ver se é mal-assombrada mesmo.

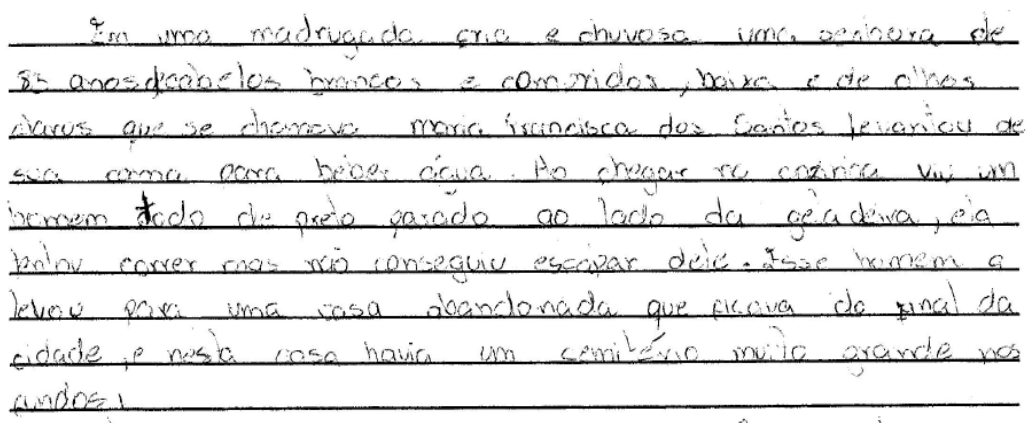
Bryan e seus amigos foram até o local para ir embora e logo de início ouviram barulhos estranhos do rio, ficaram com medo, porém prosseguiram. No meio do caminho, debaixo da ponte, eles escutaram a estrutura antiga rangendo, parecia que ia cair, e as árvores balançando como um cenário de filme de terror.

Seguindo o caminho eles ouviram um barulho estranho vindo de uma árvore atrás deles, ficaram muito assustados e com medo, porém foram chegar perto para olhar. Preparados para correr e assustados quando chegaram e olharam, se depararam com um mendigo com frio e tirando folhas das árvores para se cobrir, com pena Bryan e seus amigos tiraram seus agasalhos e deu para aquele pobre senhor.

Terminando o caminho Bryan e seus amigos viram que nada demais acontecia ali, havia somente aquele pobre mendigo, que agora estava feliz e quente.

Percebemos no texto a presença do procedimento linguístico descritivo *denominação*, apontado por Charaudeau (2016), para nomear os personagens. Os seres da narrativa foram identificados na forma particular, com identidade específica (Bryan) e de maneira geral (os amigos e o mendigo) representando uma classe genérica. Mas a propósito do procedimento linguístico descritivo *qualificar* (CHARAUDEAU, 2016), que desenvolve a descrição dos seres em seus múltiplos aspectos físicos, morais, gestuais entre outros, detectamos mais notadamente em outras produções da turma.

Pudemos verificar nos textos analisados, inúmeros trechos descritivos de personagens que demonstravam a preocupação do autor/aluno em desenvolver adequadamente esse aspecto (fig.93).



Em uma madrugada fria e chuvosa uma senhora de 83 anos de cabelos brancos e compridos, baixa e de olhos claros que se chamava Maria Francisca dos Santos levantou de sua cama para beber água. Ao chegar na cozinha viu um homem todo de preto parado ao lado da geladeira, ele falou correr mas não conseguiu escapar dele. Esse homem o levou para uma casa abandonada que ficava do final da cidade, e nesta casa havia um cemitério muito grande nos fundos.

Figura 93 – Trecho de produção inicial.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

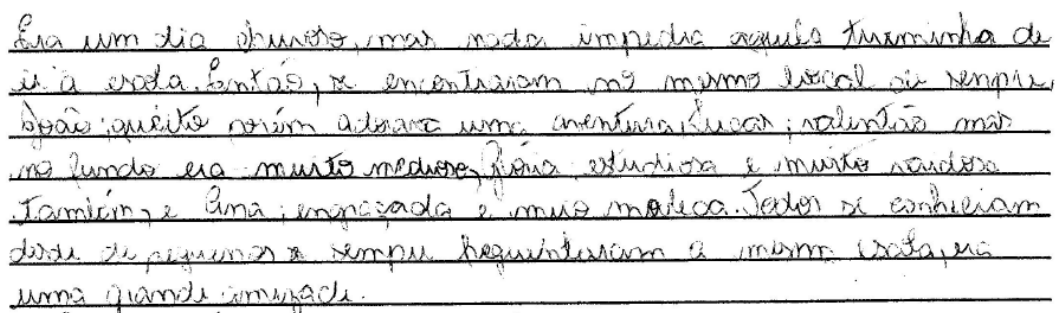
Assim, para melhor visualização, reproduzimos o texto desse aluno:

Em uma madrugada fria e chuvosa uma senhora de 83 anos, de cabelos brancos e compridos, baixa e de olhos claros que se chamava Maria Francisca dos Santos levantou de sua cama para beber água. Ao chegar na cozinha, viu um homem todo

de preto parado ao lado da geladeira, ela tentou correr, mas não conseguiu escapar dele. Esse homem a levou para uma casa abandonada que ficava no final da cidade, e nesta casa havia um cemitério muito grande nos fundos. (C. V. da S. M. - turma 901)

Percebemos neste trecho o esforço e a preocupação do aluno em caracterizar o personagem principal (uma senhora de 83 anos, de cabelos brancos e compridos, baixa e de olhos claros que se chamava Maria Francisca dos Santos) logo no início da narrativa, bem como em deixar clara a existência de um antagonista (homem todo de preto) ao longo da história.

De uma produção (fig.94) de outro aluno, retiramos o seguinte trecho que também exemplifica a preocupação dos estudantes da turma 901 em construir seus personagens através de uma descrição mais elaborada:



Era um dia chuvoso, mas nada impedia aquela turminha de ir à escola. Então, se encontraram no mesmo local de sempre. João; quieto, porém adorava uma aventura, Lucas; valentão mas no fundo era muito medroso, Glória; estudiosa e muito vaidosa também. Também tinha Ana; engraçada e meio moleca. Todos se conheciam desde pequenos e sempre frequentavam a mesma escola, era uma grande amizade.

Figura 94 – Trecho de produção inicial.
Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Trecho que transcrevemos aqui para melhor visualização:

Era um dia chuvoso, mas nada impedia aquela turminha de ir à escola. Então, se encontraram no mesmo local de sempre. João; quieto, porém adorava uma aventura, Lucas; valentão, mas no fundo era muito medroso, Glória; estudiosa e muito vaidosa também, e Ana; engraçada e meio moleca. Todos se conheciam desde pequenos e sempre frequentavam a mesma escola, era uma grande amizade. (G. M. da S. - turma 901)

Nesta produção, a estudante preocupa-se em detalhar, logo no início da narrativa, alguns aspectos sobre seus protagonistas adolescentes que considera importante para a veracidade do enredo. Assim, a autora prepara os leitores para as ações e reações de seus seres ficcionais, que nas narrativas modernas podem ser imprevisíveis causando o inesperado. Por isso temos, um menino quieto e aventureiro, um outro valentão e medroso, uma menina estudiosa e vaidosa, e outra engraçada e moleca.

De maneira geral os textos iniciais atendiam a proposta dada, apresentavam mistério, ambientaram-se em Barra Mansa, apresentavam personagens verossímeis no enredo

construído. Porém, em algumas produções apareceram traços comuns a outros gêneros narrativos. Verificamos estas situações:

CAÇADORES de Lendas

narrador: os caçadores de lendas, buscavam
mostrar as mesmas lendas de que os pessoas
falavam de cada lenda.

personagem: uma bela noite de lua cheia,
Ronaldo, foi a Roma, estabeleceram em áreas
de uma lenda em uma casa muito
mais muito abandonada e abandonada.
Todos pegando os equipamentos: (arma de fo-
go, lanterna) pegaram e foram entraram
no caso e foram atrás da lenda na
casa abandonada. Chegaram lá, Ronaldo

Figura 95 – Trecho de produção inicial.
 Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

No trecho da produção “Caçadores de Lendas” (fig. 95), por exemplo, o aluno introduz marcações para o que ele considera a fala/momento do narrador e a fala/momento do personagem de maneira alternada durante todo o texto, algo comum do gênero dramático. Um outro estudante (fig.96), ao final de sua narrativa de mistério, acrescenta uma “moral da história” comum nas fábulas.

- Presente misterioso e seu lado!
A alma do mesmo está desonrada e
o seu implacável de deturpa também.

moral da história:
Nem sempre aparece
e a sua beleza,
todas as coisas são
mas um dia mais são
ou os mesmos tendo
outras coisas.

Figura 96 – Trecho de produção inicial.
 Fonte: Imagens capturadas pela pesquisadora.

Alguns alunos da turma (fig.97) escreveram suas narrativas com características muito próximas ao gênero relato, narrando a história em primeira pessoa, sendo o narrador personagem, utilizando uma linguagem mais espontânea e informal, contando algo misterioso acontecido com ele mesmo ou com a família.

A história que vou contar, vem rodando na minha família a anos. Sempre sendo contadas em nossas fogueiras no sítio da avó, nas mesas de jantar descontraídas quando já é tarde e por aí vai.

E agora vou contar pra vocês! Bom, essa história aconteceu com minha avó Maria, e suas irmãs Dulce e Carla, na cidade de Barra Mansa, próximo a beira rio, bem, elas costumavam sempre caminhar na beira rio juntas, olhando e admirando aquela vista, aquelas luzes, que se destacavam quando o fim de tarde virava noite, uma coisa linda, se misturando com o verde das árvores, e canto dos pássaros, era

Figura 97 – Trecho de produção inicial.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Transcrição para auxiliar a leitura:

A história que vou contar, vem rodando na minha família a anos. Sempre sendo contadas em nossas fogueiras no sítio da vovó, nas mesas de jantar descontraídas quando já é tarde e por aí vai.

E agora vou contar pra vocês! Bom, essa história aconteceu com minha avó Maria e suas irmãs Dulce e Carla, na cidade de Barra Mansa, próximo a beira rio, bem, elas costumavam sempre caminhar na beira rio juntas, olhando e admirando aquela vista, aquelas luzes, que se destacavam quando o fim de tarde virava noite, uma coisa linda, se misturando com o verde das árvores, o canto dos pássaros, era (...).

Percebemos nas produções iniciais destes estudantes um grande potencial de desenvolvimento e aprimoramento da narrativa, provavelmente seria preciso realizar no texto alguns ajustes através da revisão, procedimento que deve ser incorporado nas tarefas de escrita com eles. Neste trecho, por exemplo, é de admirar o conteúdo descritivo com características poéticas que aparece em desenvolvimento no texto:

olhando e admirando aquela vista, aquelas luzes, que se destacavam quando o fim de tarde virava noite, uma coisa linda, se misturando com o verde das árvores, o canto dos pássaros, era um verdadeiro bosque dentro da civilização.

Ou ainda, encontramos nestas produções, trechos que demonstram a atenção do aluno ao que estudamos, ao procurar entremear elementos discursivos descritivos e narrativos no texto de seu conto (fig. 92): “No meio do caminho, debaixo da ponte, eles escutaram a estrutura antiga rangendo, parecia que ia cair, e as árvores balançando como um cenário de filme de terror”.

Portanto, consideramos surpreendentes as produções iniciais recebidas, apesar dos equívocos encontrados, consideramos que todas apresentavam o potencial necessário para serem desenvolvidas, aprimoradas e reescritas, com a devida supervisão docente.

5.5 5ª fase: Discussão coletiva, crítica e reflexiva

Nesta etapa, os alunos foram separados em grupos de três a quatro componentes. Pedimos que os integrantes do grupo fizessem a leitura de todas as suas produções e conversassem entre eles sobre os elementos da narrativa, observassem o enredo, os personagens, o tempo, o espaço, o foco narrativo e problemas na construção do texto. Feito isso, passamos nos grupos acompanhando os apontamentos dos alunos, orientando quando necessário. No segundo momento, o grupo deveria acordar entre si, defendendo, criticando as suas produções para a realização da próxima etapa.

5.6 6ª fase: Produção de texto coletivo

Após a conversa entre os grupos, as primeiras histórias foram apresentadas já com algumas alterações realizadas pelos grupos nas produções iniciais escolhidas a partir da decisão tomada em conjunto. Ao todo foram selecionadas oito histórias¹² pela turma para darmos continuidade ao desenvolvimento do trabalho.

Nessa primeira escrita do texto coletivo, muitos contos apresentaram-se sem título, com lacunas a serem preenchidas no texto, com personagens que sumiram ou apareceram inexplicavelmente na história entre outras situações a serem revisadas. Percebemos visualmente diferentes caligrafias percorrendo os textos (fig.98) e demonstrando o esforço do grupo no desenvolvimento do projeto.

¹² Todas as oito produções finalizadas pelos alunos estão no anexo desta pesquisa.

Os Espíritos

Havia uma mulher que se chamava Elizabeth
 no ano de 1900 ela estava grande, feiúra
 de aparência. Em sua classe tinha muitos
 amigos e amigas que a gostavam.
 Elizabeth amava muito mais do que
 viver e ela queria muito o amor. Ela se tornou
 uma filha.

Então ela começou a trabalhar e começou a
 trabalhar no hospital "Santa Casa".
 O hospital era perto do cemitério.
 Ela então começou a fazer coisas como limpeza,
 ela fazia parte do grupo de enfermeiras que ajudavam no
 parto das mulheres. Ao passar dos anos ela continuava a
 trabalhar e não se cansava de tudo o que as pessoas falavam dela.
 Certo dia quando ela estava de plantão uma mulher
 chegou aos prontos quase dando a luz, Elizabeth percebeu que
 era uma das meninas que zombavam dela quando ela fazia
 faculdade, então resolveu se vingar por tudo o que ela havia
 feito.

Ao levarem a mulher para a sala de parto para dar
 a luz, estava tudo preparado e então um belo menino nasceu.
 De repente as luzes do hospital se apagaram e Elizabeth
 aproveitou para sequestrar aquela mulher, ela pegou um
 saquinho e a levou para o cemitério.
 Chegando lá ela cavou um túmulo e jogou a mulher
 dentro desse túmulo. Quando ela estava fechando o túmulo
 a mulher começou a despertar, levantando de pressa meio
 zangada começou a se defender de Elizabeth que estava deter-
 minada a concretizar a sua vingança, Elizabeth pegou a pedra
 e bateu na cabeça da mulher a matando. Ela viveu
 a mulher o tempo.

A polícia começou a procurar a Elizabeth, com
 vários interrogatórios a polícia descobriu que
 ela havia matado a mãe do último menino do mundo.
 Então ela foi mandada para um tribunal
 de julgamento super rápido na primeira noite de
 julgamento naquele tribunal o espírito da mãe do
 último menino começou a atormentar Elizabeth com palavras
 cruéis que apavorou ela durante a noite.

Quando amanheceu o juiz mandou chamá-la para decretar
 quanto tempo ela ficaria presa, a sua pena seria perpétua
 pois eles descobriram que não foi apenas a mãe de vítima
 que ela havia matado, mas sim 70 pessoas. E todos esses espíritos
 ficaram atormentando pelo resto de sua vida.

Fim

Figura 98 – Desenvolvimento do texto coletivo.

Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Realizada essa primeira escrita coletiva, passamos nos grupos para realizar a leitura do texto com os alunos, oferecer suporte, apontamentos e orientações, propor a revisão do material que estudamos ao longo da mediação a fim de nortear o procedimento de reescrita pelos estudantes. Em vários momentos de nossas aulas, durante a realização da sequência didática, refletimos com os estudantes a necessidade da revisão como processo e aperfeiçoamento da escrita, ou seja, como uma etapa constituinte de toda produção textual. Anotados os principais pontos a serem revisados, os estudantes puseram-se novamente ao trabalho.



Figura 99 – Alunos em atividade de reescrita.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

A essa altura da nossa mediação didática, esta aula correspondeu a nosso penúltimo encontro antes das provas finais e término do ano letivo, momento onde pudemos ainda oferecer orientações para a escrita. No último encontro, recebemos as produções coletivas dos alunos revistas por eles.

Analisando a produção *Os espíritos* podemos detectar a presença de mecanismos dos modos discursivos descritivos e narrativos apontados por Charaudeau (2016), cujo domínio e articulação se fazem necessárias para a construção literária (imagem abaixo).

Os espíritos

No ano de 1890, uma jovem chamada Elizabeth, inteligente e determinada, enfrentou sua família para estudar medicina. A estudante era de família pobre, e por seu próprio merecimento e coragem, conseguiu uma bolsa de estudos. Assim, acabou frequentando uma famosa universidade junto a alunos das famílias mais ricas. Durante esse tempo de estudos, sentiu muita mágoa e rancor dos colegas que detracaram de sua condição financeira. Por pouco, ela se tornou uma pessoa fria.

Então, ela terminou sua faculdade e começou a trabalhar no hospital Santa Casa de Misericórdia, que estava localizado em frente ao cemitério da cidade. Ali começou sua carreira como cirurgiã, era especialista em realizar cesáreas em mulheres que precisavam de ajuda no parto. Passado os anos, ela não esquecia os humilhantes golpes, guardava ainda a lembrança rancor de tudo

Figura 100 – Produção coletiva final.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Trecho transcrito:

No ano de 1890, uma jovem chamada Elizabeth, inteligente e determinada, enfrentou sua família para estudar medicina. A estudante era de família pobre, e por seu próprio merecimento e coragem, conseguiu uma bolsa de estudos. Assim, acabou frequentando uma famosa universidade junto a alunos das famílias mais ricas. Durante esse tempo de estudos, sentiu muita mágoa e rancor dos colegas que debochavam de sua condição financeira. Aos poucos, ela se tornou uma pessoa fria.

Então, ela terminou sua faculdade e começou a trabalhar no hospital Santa Casa de Misericórdia, que estava localizado em frente ao cemitério da cidade. Ali, começou sua carreira como cirurgiã, era especialista em realizar cesáreas em mulheres que precisavam de ajuda no parto. Passados os anos, ela não esquecia as humilhações sofridas, guardava ainda profundo rancor de tudo.

A narrativa começa introduzindo o personagem protagonista Elizabeth. Neste trecho que selecionamos, os alunos condensam informações descritivas *nomear* e *qualificar*. O *nomear* ocorre na narrativa a partir do procedimento de identificação do personagem, ou seja, da atribuição do nome Elizabeth ao personagem principal. O *qualificar* acontece na sequência narrativa em que os autores atribuem qualidades e comportamentos ao personagem como em “inteligente e determinada” e “uma pessoa fria”.

Tanto os elementos utilizados para *nomear* quanto para *qualificar* estão presentes no enredo para a construção de sentido do conto de mistério elaborado por estes estudantes. Tais estruturas são necessárias ao encadeamento lógico da narrativa ou “uma lógica de ação *de causa e consequência*” (CHARAUDEAU, 2016: 164). O personagem principal era, segundo os autores do conto, de família pobre, resolve se esforçar e estudar para entrar em uma boa universidade, ali é vítima do deboche dos colegas ricos da classe, o que o afeta. Analisando as ações do personagem Elizabeth como *actante principal* da narrativa, verificamos que neste primeiro momento se torna vítima, ele sofre a ação e “é afetado negativamente pela ação de um outro actante” (CHARAUDEAU, 2016: 162-163).

Neste primeiro momento, as qualificações relativas ao personagem Elizabeth são positivas, o que se transformam ao longo do enredo (fig. 101).

Certo dia, no seu plantão, uma mulher chegou no hospital aos prantos, prestes a dar à luz. Elizabeth reconheceu a gestante, ela era uma entre os alunos que zombavam dela na faculdade de medicina. A médica reviveu o rancor e resolveu vingar-se de tudo o que havia sofrido.

Levaram rapidamente a mulher para a sala preparada para o parto, onde nasceu um belo menino. De repente, a luz do hospital apagou por instantes, e Elizabeth sequestrou a paciente dopada por soníferos. Dali a levou para o cemitério, cavou um túmulo e ali jogou a mulher desacordada. Enquanto procurava a pá, percebeu que a mulher despertava, procurando levantar meio zozna. Elizabeth querendo concretizar sua vingança, pegou a pá e bateu na cabeça da mulher para matar de vez. Ela enterrou o corpo e fugiu.

A polícia começou a procurar o assassino. Com muita investigação e interrogatórios acharam Elizabeth, descobriram que ela havia matado Maria de Vítima Notória

dos Prazeres. Então, ela foi enviada para um presídio de mulheres superperigosas. Na primeira noite de Elizabeth no presídio, o espírito de Maria de Vítima começou a assombrá-la com barulhos e sustos que apenas ela ouvia e via.

Quando amanheceu, o juiz mandou chamá-la para decretar o tempo que ela ficaria presa. Sua pena seria perpétua, pois, os investigadores descobriram que não foi apenas Maria de Vítima que ela havia matado, mas sim, setenta e cinco pessoas. E todos esses espíritos a atormentaram pelo resto de sua vida.

Figura 101 – Produção coletiva final.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Trecho transcrito para leitura:

Certo dia, no seu plantão, uma mulher chegou no hospital aos prantos, prestes a dar à luz. Elizabeth reconheceu a gestante, ela era uma entre os alunos que zombavam dela na faculdade de medicina. A médica reviveu o rancor e resolveu vingar-se de tudo o que havia sofrido.

Levaram rapidamente a mulher para a sala preparada para o parto, onde nasceu um belo menino. De repente, a luz do hospital apagou por instantes, e Elizabeth sequestrou a paciente dopada por soníferos. Dali a levou para o cemitério, cavou um túmulo e ali jogou a mulher desacordada. Enquanto procurava a pá, percebeu que a mulher despertava, procurando levantar meio zozna. Elizabeth querendo concretizar sua vingança, pegou a pá e bateu na cabeça da mulher para matar de vez. Ela enterrou o corpo e fugiu.

A polícia começou a procurar o assassino. Com muita investigação e interrogatórios acharam Elizabeth, descobriram que ela havia matado Maria de Fátima Noronha dos Prazeres. Então, ela foi enviada para um presídio de mulheres superperigosas. Na primeira noite de Elizabeth naquele presídio, o espírito de Maria de Fátima começou a assombrá-la com barulhos e sustos que apenas ela ouvia e via.

Quando amanheceu, o juiz mandou chamá-la para decretar o tempo que ela ficaria presa. Sua pena seria perpétua, pois, os investigadores descobriram que não foi apenas Maria de Fátima que ela havia matado, mas sim, setenta e cinco pessoas. E todos esses espíritos ficaram a atormentando pelo resto de sua vida.

(B. dos S. R., C. V. da S. M. e F. de P. S. - turma 901)

A reação de Elizabeth ao que sofreu no passado com os colegas da universidade é o sentimento de rancor e vingança culminando em assassinatos frios. Está assim articulado o enredo, pelos alunos/autores, há uma sucessão de acontecimentos obedecendo aos princípios da lógica narrativa organizada em sequência segundo Charaudeau (2016:166):

- *Uma sucessão de acontecimentos ligados* por uma relação de solidariedade tal que cada um pressupõe os outros numa estrutura que deve se imaginar *intemporal*. É por essa razão que esses acontecimentos se organizam segundo um *princípio de coerência*.

- A narrativa só tem sentido por estar relacionada a um encadeamento de motivos dirigidos a um fim, o qual se inscreve num *projeto humano*. É por essa razão que os acontecimentos se definem segundo um *princípio de intencionalidade* (ou de motivação).

- Essas ações ou acontecimentos reagrupam-se em sequências, as quais se ordenam segundo um *princípio de encadeamento*.

- Enfim, essa sucessão de acontecimentos coerente e motivada deve poder ocorrer num *enquadramento espaço-temporal*, segundo um *princípio de localização*.

O actante principal da narrativa, Elizabeth, a princípio vítima, por sofrer a ação de outros actantes, oferece como resposta agir contra seu agressor. Então, esse personagem, no modo de organização narrativo classificado como actante principal, segundo o questionário elaborado por Charaudeau (2016: 162- 163): ele *sofre a ação, é vítima* e reage como *resposta: age contra seu agressor*. Temos, portanto, nesta produção todos os elementos constituintes de uma lógica narrativa: uma sucessão de acontecimentos ligados, um encadeamento de motivos dirigidos a um fim, ações ou acontecimentos em sequência e um enquadramento espaço-temporal.

Tanto a personagem Elizabeth quanto os personagens que veremos a seguir, se enquadram na classificação de personagem redondo ou esférico, comuns nas narrativas contemporâneas, representando o caráter multifacetado humano, com sentimentos e valores relativizados.

Na próxima produção a ser investigada, intitulada “O mistério da ponte dos arcos”, analisaremos a construção de dois personagens adolescentes, Anna Júlia e Gustavo, que passam por uma situação misteriosa em uma ponte que atravessa a cidade (fig. 102).

Essa história se passa em uma pequena cidade no interior do Rio de Janeiro. Havia ali uma ponte com uma história de mistérios e acontecimentos muito curiosos. Anna Júlia era a mais aventureira da e decidida deles, neste dia, resolveu marcar um encontro com seu amigo Gustavo:

- Ou será que podemos nos encontrar hoje depois da aula na ponte dos arcos?

- Mas é claro, Anna - disse Gustavo animado.

Chegando na escola, Anna Júlia animada, foi contar a aventura para seus amigos. Elas ficaram preocupadas pois sabiam dos boatos sobre a ponte. As meninas avisaram, mas elas não acreditou e iria mesmo assim.

No horário combinado, Gustavo chegou na ponte, logo Júlia apareceu. O lugar estava escuro, quieto e com pouco movimento. Júlia estava assustada e com medo do que seus amigos haviam dito, mas logo Gustavo a acalmou.

Ali, passou um momento de rua, vendo os dois sozinho ficou preocupado e perguntou:

- Havia jovens, a que fazem nessa ponte a essas horas? Vocês não são daqui da cidade? Não sabem que essa ponte tem uma maldição inexplicável? Há muito suicídio nesta ponte, muita dor... Ela atrai a morte!

- Isso é apenas boato, uma invenção dos moradores daqui, Vocês são muito medrosos - disse Júlia toda arrogante, e deu um passo à frente, decidida, seguiu em direção a ponte.

Gustavo estava marcando de modo, foi atrás da menina, queria mostrar que era corajoso, gostava dela. Quando estavam já no meio da ponte, ouviram um barulho alto e estranho vindo das águas que passavam ali por baixo.

- Você ouviu isso? - perguntou Gustavo, tremendo todo o corpo.

- É nada não, quer vir? Vou até lá! - Anna Júlia se aproximou da beira da ponte, encostou o pé em uma estrutura de concreto para olhar melhor para baixo.

A guitarra começou a tocar!

- Tem alguém aí? Um fantasma?! Uma pessoa?!

O breco e o silêncio reinou no lugar, mas de repente um grito de dor e desespero invadiu o ambiente. Era Anna Júlia que caiu em direção ao rio. Gustavo subiu no parapeito, desesperado para encontrar a amiga, desequilibrou-se e sumiu nas águas escuras.

No dia seguinte, familiares e amigos dos jovens ficaram a sua procura, porém nada foi encontrado. Nunca mais foram vistos, a ponte era um mistério.

Figura 102 – Produção coletiva final.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Transcrição para facilitar a leitura:

O mistério da ponte dos arcos

Essa história se passa em uma pequena cidade no interior do Rio de Janeiro. Havia ali uma ponte com uma história de mistério e adolescentes muito curiosos. Anna Júlia era a mais entusiasmada e decidida deles, neste dia, resolveu marcar um encontro com seu amigo Gustavo.

- Gu, será que podemos nos encontrar hoje depois da aula na ponte dos arcos?

- Mas é claro, Anna – disse Gustavo, ansioso.

Chegando na escola, Anna Júlia animada, foi contar a aventura para suas amigas. Elas ficaram preocupadas pois sabiam os boatos sobre a ponte. As meninas avisaram, mas ela não acreditou e iria mesmo assim.

No horário combinado, Gustavo chegou na ponte, logo Júlia apareceu. O lugar estava escuro, quieto e com pouco movimento. Júlia estava assustada e com medo do que suas amigas haviam dito, mas logo Gustavo a acalmou.

Ali, passou um morador de rua, vendo os dois sozinhos ficou preocupado e perguntou:

- Meus jovens, o que fazem nessa ponte a essas horas? Vocês são daqui da cidade? Não sabem que essa ponte tem uma maldição inexplicável? Há muito suicídio nesta ponte, muita dor... Ela atrai a morte!

- Isso é apenas boato, imaginação dos moradores daqui. Vocês são muito medrosos - disse Júlia toda arrogante, e deu um passo à frente, decidida, seguiu em direção à ponte.

Gustavo mesmo morrendo de medo, foi atrás da menina, queria mostrar que era corajoso, gostava dela. Quando estavam já no meio da ponte, ouviram um barulho alto e estranho vindo das águas que passavam ali por baixo.

- Você ouviu isso? – Perguntou Gustavo, tremendo todinho.

- É nada não, quer ver? Vou até lá! Anna Júlia se aproximou da beira da ponte, encaixou o pé em uma estrutura de cimento para olhar melhor para baixo.

A menina começou a gritar:

- Tem alguém aí? Um fantasma?! Uma pessoa?!

O breu e o silêncio reinaram no lugar, mas de repente, um grito de dor e desespero invadiu o ambiente... Era Anna Júlia que caía em direção ao rio. Gustavo subiu no parapeito, desesperado para encontrar a amiga, desequilibrou-se e sumiu nas águas escuras.

No dia seguinte, familiares e amigos dos jovens ficaram a sua procura, porém nada foi encontrado. Nunca mais foram vistos. A ponte era um mistério.

(Ana Luiza Souza dos Santos, Anna Júlia Ribeiro, Beatriz Martins da Silva e Evelyn Cristina da Silva Queiroz - turma 901)

Na narrativa em análise, logo de início, constatamos que são aplicados recursos linguísticos descritivos (CHARAUDEAU: 2016). Encontramos o *nomear* através da

denominação dos personagens Anna Júlia e Gustavo, pois, “é necessário apreender no mundo fenomênico os seres materiais ou ideais, reais ou imaginários, conceitualizá-los e nomeá-los para que se possa falar deles” (CHARAUDEAU, 2005:12). Em seguida, o *qualificar* como em “adolescentes muito curiosos” e “Anna Júlia era a mais entusiasmada e decidida deles”. Assim, explica sobre a necessidade da aplicação desse recurso Charaudeau (2005:12): “pois estes seres têm propriedades, características que, a um só tempo, os discriminam, os especificam e motivam sua maneira de ser”.

Os personagens adolescentes criados pelos alunos surgem na história querendo viver uma aventura. Apesar de receberem avisos de colegas de classe e de um morador de rua decidem averiguar os boatos da cidade sobre os perigos da ponte. Assim como os personagens na narrativa contemporânea são marcados por comportamentos profundos e complexos, alternando humores, desejos, vontades, sendo imprevisíveis, os personagens adolescentes do conto retratam o comportamento impulsivo e inconsequente dos jovens que gostam de passar por situações em que sua coragem é testada frente a si mesmo e os demais colegas. Porém, a dúvida, a insegurança e o medo dos adolescentes entremeiam a narrativa permitindo ao leitor a identificação com os personagens, em oposição clara ao personagem de cunho linear, que “permanecem inalteradas no espírito porque não mudam as circunstâncias” como afirma Candido (2014: 63).

Devemos ainda, analisar o plano de ação dos personagens no conto, enquanto *actantes* no modo de organização narrativo, “pois estes seres agem ou sofrem a ação, inscrevendo-se em esquemas de ação conceitualizados que lhes conferem uma razão de ser, *ao fazer* alguma coisa”, e, “em razão de certos motivos (humanos ou não humanos) que os inscrevem numa cadeia de causalidade” (CHARAUDEAU, 2005: 12). No primeiro momento da narrativa, um *actante age* planeja ir após a aula até a ponte da cidade, para isso, associa-se a um outro *actante, aliado*, para auxiliá-lo. Apesar dos avisos contrários à ida deles ao lugar, o fazem de maneira consciente, ou seja, *voluntária*. A visita à ponte resulta no mistério do enredo: os *actantes agem*, eles são responsáveis pelo fim trágico, ou, os *actantes sofrem a ação*, e a morte é resultado de uma ação misteriosa que acontece no lugar.

Constatamos nas duas produções avaliadas, a presença de procedimentos linguísticos descritivos e narrativos apontados por Charaudeau (2016). Ambos foram aplicados pelos estudantes na construção de seus personagens no conto de mistério. Em todas as produções recebidas, detectamos a presença desses procedimentos linguísticos, ocorrendo de maneiras

diferentes. Como a produção dos contos foram processuais, consideramos que ainda podem ser aperfeiçoados, revistos, amadurecidos narrativamente. Porém, tendo como instrumento avaliativo desde a produção inicial até a produção final, consideramos que todos os alunos atingiram o objetivo proposto: desenvolveram seu potencial linguístico e narrativo a partir da criação de personagens nos contos de mistério.

5.7 7ª fase: Produção final

Esta última etapa, finalizando o projeto, após os últimos acertos realizados pelos grupos em seus contos de mistério, solicitamos a um colaborador amigo¹³ a estilização e formatação dos textos no programa de design gráfico *CorelDraw*. Dessa maneira, procuramos valorizar visualmente o trabalho dos alunos para a circulação de suas produções nos ambientes virtuais: nas redes sociais, na página da escola e no aplicativo *WhatsApp*.



Textos produzidos pelos alunos do 9º do Colégio Estadual Baldomero Barbará - Professora Isabela Dias

Figura 103 – Produção final preparada para circulação em ambientes virtuais.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

¹³ Créditos: Josemar dos Santos Avelino

PRODUÇÃO TEXTUAL
CONTOS DE MISTÉRIO

CLARICE

Estava quente, o vento daquele minúsculo ventilador não cessava e o calor infernal daquele local. O ambiente mal iluminado, mulheres caminhando, dançando e se oferecendo aos frequentadores. Maquiadas, perfumadas, atraentes... Elas eram o toque charmoso que a "Casa vermelha" prezava em manter.

- Eu estava sentado em um dos pequenos bancos na mesa reservada dos fundos quando vi tudo acontecer... Quanto mais Clarice dançava, sedutora ao som da música, mais um homem lhe oferecia dinheiro. Um estampido souo, uma bala atravessou o cubículo e acertou em cheio o seu peito. A garota de cabelos longos e loiros, ostentava um vestido branco e vaporoso, agora, infelizmente, tingiu-se de um tom vermelho... Mal pude acreditar quando vi todo aquele tumulto ao redor do palco. Havia sangue, muito sangue. As outras garotas choravam desesperadas, clamando por ajuda, uma delas gritou: "alguém chame a ambulância!" - Narrei os fatos ao policial, um homem de ombros largos e cabelos negros, que anotava informações das testemunhas do crime.

Três dias atrás...

Mais um dia de trabalho, era cansativo viver a mesma rotina. Ela era apenas uma garota quando começou na vida fácil. Era sozinha no mundo, após contar a seus pais sobre a gravidez inesperada, foi expulsa de casa. Perdeu o bebê com oito meses de gestação. Desolada, e sem lugar para viver, decidiu ganhar dinheiro através de seu corpo. Após dois meses de trabalho, alugou uma pequena casa, ali mesmo, no bairro em que trabalhava, Piteiras. Subia aquele morro todos os dias, carregando uma mochila azul, onde levava toalhas limpas, roupas e produtos de higiene pessoal. Chegava ao trabalho em

torno das sete horas da noite e só voltava pra casa quando o sol do outro dia surgia. Deixava sua mochila na parte interior do estabelecimento, e corria para o bar, se atrasasse, Salomão entraria novamente em sua casa ao fim do expediente.

Quando chegou ao bar, Salomão já a estava esperando:

- Clarice meu amor! - O homem disse acariciando seus cabelos.

- Me fala logo o que quer! Não tenho o dia todo! - Dizia enquanto se afastava dele.

- Já te disse amor! Eu posso tirar você daqui! Eu mudei, não uso mais aquilo, volta pra mim!

- Não! Já disse que não vou voltar Salomão! Anda tenho marcas no corpo, você iria me espancar até a morte... seu desgraçado!

- Bebê - Ele segurou em seu braço apertando forte - Ou você volta pra mim, ou...

Salomão virou as costas e foi em direção a saída deixando a ameaça no ar. Nos três dias que sucederam a isso, ele nem deu as caras no estabelecimento. Mas, naquela noite de sexta-feira, mais quente que o normal, Clarice foi assassinada friamente, e seu assassino, Salomão, foi encontrado morto logo depois. Tinha ele nas mãos uma mecha de cabelo loiro e, no chão, junto à arma, um curto bilhete escrito "agora nós estaremos juntos". Dizem que no lugar do crime, agora fechado, desde então, um fantasma procura por Clarice.

Autoras: Alycia Clara Moreira Siqueira, Alina Livia da Silva Santos e Emanuelle dos Santos Félix, turma 901.



Textos produzidos pelos alunos do 9º do Colégio Estadual Baldomero Barbará - Professora Isabela Dias

Figura 104 – Produção final preparada para circulação em ambientes virtuais.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

PRODUÇÃO TEXTUAL
CONTOS DE MISTÉRIO

A SEREIA BARRAMANSENSE

Em uma certa noite, dois meninos estavam andando sobre a ponte dos arcos, na cidade de Barra Mansa, interior do Rio de Janeiro. Essa Ponte possuía muitas histórias misteriosas sobre ela, dentre elas o boato de que uma sereia poderia ser vista sob ela durante as noites de lua nova. Os dois curiosos garotos resolveram investigar essa história, e por isso estavam ali. Era madrugada, já estavam cansados e sonolentos quando ouviram um canto.

- Amigo, por acaso é seu celular que está tocando?

- Não! - respondeu o outro.

Então, eles se aproximaram da beira da ponte e escutaram uma voz suave, macia e delicada, como nunca haviam escutado... Olharam para baixo, sentada em uma pedra, uma linda garota acenava para eles. Eles sentiram-se tentados a descer até a margem do rio, ela era realmente muito bonita, seus cabelos brilhavam a luz do luar, seus olhos eram duas estrelas... O garoto mais novo estava encantado, o mais velho conhecia histórias sobre as sereias e seus encantamentos sobre os homens. Por isso, arrastou o amigo dali.

Os garotos resolveram pesquisar sobre as sereias, sobre a atração que elas causavam nas pessoas, descobriram que o feitiço era tão grande, que muitos perdiam o controle sobre si mesmos, e eram facilmente arrastados para o fundo do rio. Descobriram que só havia um jeito de derrotar a sereia, o mistério, o segredo era tomar o colar que estava em seu pescoço.

Na noite seguinte, os meninos esperaram a sereia, em pé, no mesmo local

do dia anterior. Tremiam de medo quando ela apareceu:

- Olá meninos, que bom que voltaram, esperava vocês ansiosamente... - falou ela - Desçam, venham até aqui.

E iniciou o seu belíssimo canto, era hipnotizante. Os meninos se entreolharam, sabiam que deveriam colocar o plano em ação, aproximaram-se das águas do rio, como que encantados pela sereia. Mas eles não sentiam nenhuma atração por ela, protegiam seus ouvidos com tampões.

Eles foram até a pedra onde estava a sereia, molharam seus pés, caminharam até as águas geladas chegaram à altura dos joelhos. Quando chegaram bem perto da sereia, ela os abraçou, enrolou os braços nos garotos procurando aquecê-los para dentro do rio. Um dos garotos puxou o cordão do pescoço dela, o volume do rio aumentou, os meninos foram arrastados pela correnteza. Ao aproximarem-se da margem, os dois meninos agarraram a vegetação e conseguiram sair do rio volumoso. Uma neblina que tomava a noite mais escura subiu, tapando a visão dos garotos, eles ficaram assustados.

- O que está acontecendo?

- Será que não funcionou?

Eles se perguntavam.

A neblina sumiu aos poucos, a pedra e a sereia também. O colar que estava na mão de um dos meninos irradia uma forte luz iluminando toda a ponte. O colar era o mistério da sereia.

Autoras: Ana Luiza Rocha de Queiroz e Bianca Vitória da Silva Lemos, turma 901.

Textos produzidos pelos alunos do 9º do Colégio Estadual Baldomero Barbará - Professora Isabela Dias

Figura 105 – Produção final preparada para circulação em ambientes virtuais.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.



Textos produzidos pelos alunos do 9º do Colégio Estadual Baldomero Barbará - Professora Isabela Dias

Figura 106 – Produção final preparada para circulação em ambientes virtuais.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.



Textos produzidos pelos alunos do 9º do Colégio Estadual Baldomero Barbará - Professora Isabela Dias

Figura 107 – Produção final preparada para circulação em ambientes virtuais.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

PRODUÇÃO TEXTUAL
CONTOS DE MISTÉRIO



O MISTÉRIO DA PONTE DOS ARCOS

Essa história se passa em uma pequena cidade no interior do Rio de Janeiro. Havia ali uma ponte com uma história de mistério e adolescentes muito curiosos. Anna Júlia era a mais entusiasmada e decidida delas, neste dia, resolveu marcar um encontro com seu amigo Gustavo.

- Gu, será que podemos nos encontrar hoje depois da aula na ponte dos arcos?
- Mas é claro, Anna – disse Gustavo, ansioso.

Chegando na escola, Anna Júlia animada, foi contar a aventura para suas amigas. Elas ficaram preocupadas pois sabiam os boatos sobre a ponte. As meninas avisaram, mas ela não acreditou e ia mesmo assim.

No horário combinado, Gustavo chegou na ponte, logo Júlia apareceu. O lugar estava escuro, quieto e com pouco movimento. Júlia estava assustada e com medo do que suas amigas haviam dito, mas logo Gustavo a acalmou.

Ali, passou um morador de rua, vendo os dois sozinho ficou preocupado e perguntou:

- Meus jovens, o que fazem nessa ponte a essas horas? Vocês são daqui da cidade? Não sabem que essa ponte tem uma maldição inexplicável? Há muito suicídio nesta ponte, muita dor... Ela atrai a morte!
- Isso é apenas boato, imaginação dos moradores daqui. Vocês são muito medrosos

disse Júlia toda arrogante, e deu um passo à frente, decidida, seguiu em direção à ponte.

Gustavo mesmo morrendo de medo, foi atrás da menina, queria mostrar que era corajoso, gostava dela. Quando estavam já no meio da ponte, ouviram um barulho alto e estranho vindo das águas que passavam ali por baixo.

- Você ouviu isso? – Perguntou Gustavo, tremendo todinho.

- É nada não, quer ver? Vou até lá! Anna Júlia se aproximou da beira da ponte, encalçou o pé em uma estrutura de cimento para oitar melhor para baixo.

A menina começou a gritar:
- Tem alguém ali? Um fantasma?! Uma pessoa?!

O breu e o silêncio reinaram no lugar, mas de repente, um grito de dor e desespero invadiu o ambiente... Era Anna Júlia que caía em direção ao rio. Gustavo subiu no parapeito, desesperado para encontrar a amiga, desequilibrou-se e sumiu nas águas escuras.

No dia seguinte, familiares e amigos dos jovens ficaram à sua procura, porém nada foi encontrado. Nunca mais foram vistos. A ponte era um mistério.

Autoras: Ana Luíza Souza dos Santos, Anna Júlia Ribeiro, Beatriz Martins da Silva e Evelyn Cristina da Silva Queiroz, turma 901.

Textos produzidos pelos alunos do 9º do Colégio Estadual Baldomero Barbará - Professora Isabela Dias

Figura 108 – Produção final preparada para circulação em ambientes virtuais.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

PRODUÇÃO TEXTUAL
CONTOS DE MISTÉRIO



OS ESPÍRITOS

No ano de 1890, uma jovem chamada Elizabeth, inteligente e determinada, enfrentou sua família para estudar medicina. A estudante era de família pobre, e por seu próprio merecimento e coragem, conseguiu uma bolsa de estudos. Assim, acabou frequentando uma famosa universidade junto a alunos das famílias mais ricas. Durante esse tempo de estudos, sentiu muita mágoa e rancor dos colegas que debochavam de sua condição financeira. Aos poucos, ela se tornou uma pessoa fria.

Então, ela terminou sua faculdade e começou a trabalhar no hospital Santa Casa de Misericórdia, que estava localizado em frente ao cemitério da cidade. Ali, começou sua carreira como cirurgiã, era especialista em realizar cesáreas em mulheres que precisavam de ajuda no parto. Passados os anos, ela não esquecia as humilhações sofridas, guardava ainda profundo rancor de tudo.

Certo dia, no seu plantão, uma mulher chegou no hospital aos prantos, prestes a dar à luz. Elizabeth reconheceu a gestante, ela era uma entre os alunos que zombavam dela na faculdade de medicina. A médica reviu o rancor e resolveu vingá-lo de tudo o que havia sofrido.

Levaram rapidamente a mulher para a sala preparada para o parto, onde nasceu um belo menino. De repente, a luz do hospital apagou por instantes, e Elizabeth sequestrou a paciente dopada por soníferos. Dali a levou para o cemitério, cavou um túmulo e ali jogou a mulher desacordada. Enquanto procurava a pá, percebeu que a mulher despertava,

procurando levantar meio zorca. Elizabeth querendo concretizar sua vingança, pegou a pá e batou na cabeça da mulher para matar de vez. Ela enterrou o corpo e fugiu.

A polícia começou a procurar o assassino. Com muita investigação e interrogatórios, acharam Elizabeth, descobriram que ela havia matado Maria de Fátima Noronha dos Prazeres. Então, ela foi enviada para um presidio de mulheres superperigosas. Na primeira noite de Elizabeth naquele presidio, o espírito de Maria de Fátima começou a assombrá-la com barulhos e sussos que apenas ela ouvia e via.

Quando amanheceu, o juiz mandou chamá-la para decretar o tempo que ela ficaria presa. Sua pena seria perpétua, pois, as investigadoras descobriram que não foi apenas Maria de Fátima que ela havia matado, mas sim, setenta e cinco pessoas. E todos esses espíritos ficaram a atormentando pelo resto de sua vida.

Autoras: Beatriz dos Santos Ramos Barbosa, Camilly Victória da Silva Maurício e Fernanda de Paula Silva, turma 901


Textos produzidos pelos alunos do 9º do Colégio Estadual Baldomero Barbará - Professora Isabela Dias

Figura 109 – Produção final preparada para circulação em ambientes virtuais.
Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

PRODUÇÃO TEXTUAL

CONTOS DE MISTÉRIO

O QUARTINHO DE LIMPEZA



Há muitos anos atrás, dizem os mais antigos moradores da cidade, no exato local que hoje encontramos o Colégio Estadual Baldomero Barbará, era o lugar onde pessoas sem condições de pagar o cemitério municipal enterravam seus mortos. Era um terreno bem grande, e, para resolver o problema, decidiram construir uma escola. Com o tempo, o colégio se tornou famoso no município, todos queriam estudar lá, porém muitos diziam que o colégio era assombrado, mas outros discordavam afirmando que era apenas uma história.

Yumi tinha onze anos quando se mudou para Barra Mansa, vinda do Japão com seus pais, sua mãe era brasileira e havia casado com um nissei que conheceu em São Paulo. A menina era tímida, antissocial e preferia passar o tempo sozinha, e de repente, viu-se matriculada naquele grande colégio. Passava o dia sem conversar com ninguém, estava sempre em busca de um lugar calmo e sem ninguém para que pudesse escrever poemas e ler livros de romances.

Um dia, buscando um recanto secreto, ela encontrou um quartinho de limpeza com a porta destrancada, pela janela e abandonado do ambiente parecia que ninguém nunca entrava nele. Resolvida, todos os recreios e horários vagos, ela procurava o quartinho, e ali lá e escrevia, criava seu mundo imaginário e sentia-se menos só. Era uma rotina para Yumi, estar no quartinho, até que uma aluna da escola a viu saindo dali, e disse:

— O que você está fazendo? Por que estava ali dentro?

— Eu só estava lendo... tem algum problema? — falou nervosa.

— Você não sabia que esse quartinho é assombrado? Uma menina uma vez escutou vozes daí de dentro, e quando abriu a porta, o quarto estava vazio.

Yumi arregalou os olhos, e respondeu:

— Não, eu não sabia, mas não se preocupe, não tenho medo!

No dia seguinte, Yumi voltou ao quartinho na hora do intervalo, quando se ajeitava sentada no chão, encontrou um bilhete que dizia: "vamos ser amigas?". Ela achou estranho, mas respondeu o bilhete: "sim, mas quem é você?". No outro dia, não havia nenhum bilhete ali, mas ouviu vozes e barulhos estranhos saindo das paredes. A garota se assustou muito, por isso, escreveu outro bilhete: "por favor, me responda".

Dois dias depois, Yumi retornou ao quartinho, e novamente, não havia nenhum bilhete. E logo, ocorreu um barulho estranho atrás da cortina amarelada de poeira, e no canto oposto uma porta se abriu... era a menina com quem Yumi conversou alguns dias atrás sobre o quartinho.

— Oi, eu me chamo Zoel! Tem um outro quarto secreto ao lado desse, onde costumamos também me "esconder". Tentei te assustar porque não queria ser descoberta, por isso inventei a história do quartinho assombrado. Percebi que somos parecidas, gostamos de ler e escrever. Podemos ser amigas?

— Claro que sim!

As duas garotas viraram amigas, e perceberam o quanto era ruim ficarem sozinhas, nunca mais se separaram, agora inventavam histórias juntas.

Autoras: Fernanda Carvalho Melo Diriz e Gabriela Martins Oliveira, turma 901

Textos produzidos pelos alunos do 9º do Colégio Estadual Baldomero Barbará - Professora Isabela Dias

Figura 110 – Produção final preparada para circulação em ambientes virtuais.

Fonte: Imagem capturada pela pesquisadora.

Publicados e compartilhados nos ambientes virtuais, os contos de mistérios produzidos pela turma 901 foram divulgados na comunidade escolar pela direção, por professores e alunos, e por fim, encaminhados à secretaria de educação enriquecendo o portfólio da escola de projetos pedagógicos desenvolvidos.

5.8 Sobre a aplicação da proposta didática

Iniciamos o nosso projeto didático na segunda quinzena de agosto devido a um remanejamento de alunos realizado pela escola no início do terceiro bimestre e demos por concluído o trabalho na primeira semana de dezembro. Portanto, o desenvolvimento da mediação envolveu dois bimestres, com as aulas de Leitura e Produção de Texto ocupando duas horas aulas semanais, no quadro de horários da turma, sendo uma aula antes do recreio e a outra logo após. Durante o percurso, houve feriados e muitos eventos na escola; em outras vezes, até visitas inesperadas na hora da aula, o que causava prejuízos na programação de tempo estabelecida. Nesse sentido, ainda, o horário do recreio entre as aulas foi outro fator que provocou muita ansiedade, os alunos demoravam a chegar e a concentrarem-se novamente nas tarefas. Perdíamos, em consequência disso, uns vinte e cinco minutos de aula, tempo necessário para debater, para esclarecer dúvidas sobre leitura e escrita, e para desenvolver as atividades da mediação.

Outro motivo de angústia e ansiedade relaciona-se a demora com que a equipe técnica da escola providenciava o material solicitado como as cópias xerocopiadas além da dificuldade com o manuseio do aparelho de *Datashow* que muitas vezes não funcionava atrasando a aula, ou até mesmo a impossibilitando. O desenvolvimento do trabalho docente requer cuidados e preocupações dessa natureza, para que uma causa externa não atrapalhe todo um planejamento.

Consideramos, após essa experiência a necessidade de reavaliar a proposta didática tornando-a mais objetiva e sintática, exigindo menos tempo para seu desenvolvimento, especialmente se o tempo disponível semanal estiver sujeito a tais condições. Sabemos que no cotidiano escolar, o planejamento docente se depara com inúmeros imprevistos, que de certa maneira devem ser computados. Por termos elaborado muitas atividades para duas aulas semanais, tínhamos que aproveitar o tempo ao máximo e nem sempre com qualidade. Detectamos, ainda, na prática em sala de aula, que algumas questões das atividades que realizamos nas folhas precisam ser reformuladas ou podem ser descartadas sem prejuízo de ensino, para que não fique muito cansativo.

Como estratégia de ensino, porém, a mediação didática alcançou resultados positivos, já que apresentou uma organização que possibilitou um monitoramento processual do ensino e da aprendizagem por conta dos objetivos bem traçados em cada etapa. Em todas as atividades percebemos o engajamento dos estudantes na realização das tarefas, demonstrando

maior autonomia e consciência. Pudemos valorizar seus conhecimentos prévios, oportunizar melhor a participação e interação deles e acompanhar sua progressão.

Em nossa avaliação, inserir o uso do aplicativo *WhatsApp* extensão de sala de aula demonstrou ser positivo, já que foi um importante passo, pois esta ferramenta nos permitiu dar sequência ao processo ensino-aprendizagem fora de sala de aula, além de possibilitar um contato maior com os alunos. Muitas vezes, um aluno ou outro, acionava nosso contato em particular, para esclarecer dúvidas, relatar dificuldades, requerer atividades entre outras situações. Porém, em relação ao intercâmbio das informações e dos compartilhamentos de dados a respeito do que estudávamos, não alcançamos resultados satisfatórios já que essas estratégias não foram realizadas pelos estudantes. De maneira geral, os alunos mostravam-se passivos. Eram participativos somente quando estimulados com perguntas, ou com as postagens compartilhadas. No entanto, levamos em consideração o fato destes alunos nunca terem experienciado o uso do aparelho móvel e seus recursos como ferramentas educativas.

O aspecto positivo da criação de um grupo para turma no aplicativo foi a possibilidade da aula invertida, porque previamente podíamos comentar assuntos que estudaríamos na aula seguinte. Também pudemos consolidar conhecimentos que estavam em andamento, compartilhando informações associadas, pois, em sala de aula, os alunos sempre faziam referência a algo que havíamos comentado anteriormente no ambiente virtual.

A presença da autora Alcimare Dalbone para ser entrevistada em nosso café literário consistiu em outro momento muito esperado e curtido pelos estudantes. Todos foram muitos participativos e atenciosos. O envolvimento dos alunos, a motivação deles neste dia demonstraram a importância de desenvolverem-se práticas pedagógicas diferenciadas em sala de aula que contribuam para que a construção do conhecimento ocorra de maneira mais prazerosa.

Outro momento aguardado pelos aprendizes diz respeito a circulação dos contos de mistério nas redes sociais. Era a primeira vez que uma produção de texto deles seria divulgada para além da avaliação docente, uma vez que a comunidade escolar, família, amigos dos ambientes virtuais teriam acesso a esse conteúdo. Os textos deles foram parabenizados e curtidos por onde circularam. Houve elogios à criatividade e à dedicação dos alunos, despertando-lhes o orgulho e também o interesse dos colegas de profissão pelo trabalho desenvolvido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi desenvolver e aplicar uma proposta didática com o gênero conto de mistério, como material didático pensado para ampliar a competência de escrita dos alunos de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental nas aulas de Leitura e Produção Textual. Tendo em vista, sobretudo, o letramento literário dos estudantes e as habilidades que devem desenvolver no seu percurso escolar. Pretendemos com esta mediação contribuir para a produção e circulação de narrativas curtas partindo-se da construção de personagens.

Esta pesquisa, portanto, teve como objetivo principal contribuir para um letramento literário colaborativo do educando a partir de atividades didáticas direcionadas à construção de personagens, a fim de que os aprendizes desenvolvessem habilidades inerentes à construção da narrativa e conhecimentos relativos ao gênero conto.

Como objetivos específicos, tivemos por metas que os aprendizes buscassem, por meio de recursos digitais e físicos, informações sobre a criação de personagens, e que fossem capazes de criar personagens de contos munidos de informações sobre tal elemento narrativo. Além disso, esperávamos que eles interagissem com professores e colegas, por meio de recursos digitais, em busca dessas informações. Por fim, esperávamos que colocassem em circulação, via redes sociais, dentro e fora da escola, o conto produzido.

Nossa pesquisa envolveu o uso da tecnologia móvel, ou *smartphones*, com o apoio do aplicativo *WhatsApp*, seguindo, pois, a orientação da nova BNCC, cuja atualização prevê e incorpora oficialmente a necessidade de agregar recursos tecnológicos como ferramentas para a prática docente. Sendo assim, procuramos incorporar e aplicar em sala de aula os recursos tecnológicos, a internet móvel e aplicativo *WhatsApp*, para facilitar a disseminação de informações variadas que servissem de base para discussões, construções de conhecimento, entre os usuários que enviam e os usuários que recebem, numa relação colaborativa, alunos-alunos, alunos-professores, alunos-professores-sociedade. Portanto, buscamos neste trabalho averiguar como a utilização desses recursos tecnológicos podem colaborar para aprendizagem pelos alunos de conhecimentos linguísticos e culturais necessários para a construção de personagens.

No que tange à experiência com a intervenção pedagógica aplicada na turma, concluímos que o conjunto de atividades articuladas e encadeadas em etapas atingiram o objetivo proposto inicialmente: levar os alunos à produção de contos de mistério a partir da construção de personagens culminando com a circulação dos textos nas redes sociais. Para tanto, analisamos com nossos alunos os personagens dos contos de fadas até os contos modernos, investigando sua tipologia, classificação e evolução na narrativa através dos tempos. Procuramos elaborar atividades objetivando o desenvolvimento das competências discursivas dos estudantes, valorizando os conhecimentos culturais e linguísticos que já possuem, e oferecendo outros para o seu repertório. A análise das etapas da proposta pedagógica demonstrou a aplicação dos conhecimentos trabalhados, dos recursos linguísticos sendo potencializados e o aperfeiçoamento do material narrativo pelos estudantes.

Devemos ainda ressaltar a importância das atividades de leitura realizadas no percurso didático para a apropriação do gênero conto pelos aprendizes. O contato inicial com diferentes contos permitiu aos educandos assimilarem sua estrutura, seus elementos composicionais e um repertório linguístico diverso do que lhes é próprio. Verificamos que os aprendizes, conhecendo como um determinado gênero funciona em seu real contexto de uso, puderam melhor ajustar suas produções escritas ao que esperávamos. Demonstrando, dessa maneira, que leitura e escrita são atividades complementares, e por isso, precisam estar bem articuladas no planejamento docente.

No desenvolvimento deste trabalho, constatamos que o circuito didático se constitui em metodologia imprescindível para organização e gestão do trabalho do professor, contribuindo para o letramento literário dos educandos em um processo de ensino-aprendizado mais consciente e significativo para eles.

Esta dissertação não aponta um caminho final, sugere uma orientação aos colegas professores de Língua Portuguesa e de Leitura e Produção de Texto. A nossa intenção é compartilhar experiências, fracassos e sucessos, para que o trabalho em sala de aula seja realizado de maneira mais eficiente e prazeroso. Esperamos que este trabalho possa oferecer contribuições a estudantes, pesquisadores e docentes para a prática pedagógica no processo ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete M.; ABAURRE, Maria Luiza M. **Um olhar objetivo para produções escritas**: analisar, avaliar, comentar. São Paulo: Moderna, 2012.
- BEHRENS, Maria Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. 8.ed. São Paulo: Ática, 2006. 95p. (Princípios; 3).
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_19mar2018_versaofinal.pdf>. Acesso em 25 de abr. 2018.
- BRASIL, Casa Civil. **Plano Nacional de Educação 2014 (PNE)**. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 24 de abr. 2018.
- CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. IN: CANDIDO, Antônio *et al.* **A personagem de ficção**. 13.ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.p. 51-80.
- _____. **Vários escritos**. 5.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2005.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- _____. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.). **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 11-27.
- _____. **Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor**. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise e didática. São Paulo: Moderna, 2000.
- COMO CRIAR NOME DE PERSONAGEM? 5 DICAS QUE VÃO AJUDAR VOCÊ!
Produção: Vilto Reis. vídeo (4m59s). Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=y7q0uFknaeM>> Acesso em 12 de nov. 2019.
- CRUVINEL, Maria de Fátima. A literatura infantil ao alcance da mão. **Revista solta a voz**. CEPAE/UFG, Goiânia, v.19, nº 1, 2008, p.125-130.
- DALBONE, Alcimare. **A escola mal-assombrada**. Disponível em: <<https://autoraalcimaredalbone.blogspot.com/2019/11/a-escola-mal-assombrada.html>>. Acesso em 25 de abr. 2019.
- _____. **Escrever é sonhar**. Disponível em:
<<https://autoraalcimaredalbone.blogspot.com/2019/10/do-premio-maria-jose-maldonado-de.html>>. Acesso em 25 de abr. 2019.
- DESFILE DA GRIFE DE LADY KATE É UM GRANDE FIASCO. Produção: Rede Globo. (13m38s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W65B_Fd17E> Acesso em 08 de nov. 2019.

DIÁRIO DO VALE. **Professora Alcimare Dalbone lança o livro ‘A Pedra Lunar’**. [2015]. Disponível em: <<https://diariodovale.com.br/lazer/professora-alcimare-dalbone-lanca-livro-a-pedra-lunar/>> Acesso em 13 de nov. 2019.

DIONÍSIO, Ângela Paiva; MARCUSCHI, Luís Antônio. Princípios gerais para o tratamento das relações entre fala e escrita. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MARCUSCHI, Luís Antônio (Orgs.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.p.13-30.

EDUARDO E MÔNICA PRIMEIRA VERSÃO E EXPLICAÇÃO DO RENATO SOBRE A MÚSICA. legião urbana vídeos sete. vídeo (9m15s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=M0b2dyPQaQk>> Acesso em 12 de nov. 2019.

FERRO, Marcela Coladello; LUIZ, Fernando Teixeira. Tamanho não é documento: teoria, crítica e propostas de atividades com narrativas curtas. IN: SOUZA, Renata Junqueira de; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (Orgs.). **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2011.p.123-146.

FRANCO, Claudio de Paiva; RABELLO, Cíntia Regina Lacerda; TAVARES, Kátia Cristina do Amaral. WhatsApp na formação continuada de professores: mais que um aplicativo de mensagens instantâneas? In: ROZENFELD, Cibele Cecilio de Faria; MARQUES-SCHÄFER, Gabriela (Orgs.). **Ensino de línguas e tecnologias móveis: políticas públicas, conceitos, pesquisas e práticas em foco**. São Paulo: Edições Hipóteses, 2018. p.154-178.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. 4.ed. São Paulo: Ática, 1997. 70p. (Princípios).

GOTLIB, Nádia Battela. **Teoria do conto**. 11.ed. São Paulo: Ática: 2006. 95p. (Princípios; 2).

GRIMM, Irmãos. **Rapunzel**. Disponível em: <https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/pdf/rapunzel.pdf> Acesso em 12 de nov. 2019.

KHÉDE, Sonia Salomão. **Personagens da literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Ática, 1986.

LAST FRIDAY NIGHT (T.G.I.F.) Produção: Katy Perry. 2011. (8m10s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KlyXNRrsk4A&list=RDKlyXNRrsk4A&start_radio=1&t=14> Acesso em 08 de nov. 2019.

MARCUSCHI, Beth; CAVALCANTE, Marianne C.B. Formas de observação da oralidade e da escrita em gêneros diversos. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MARCUSCHI, Luís Antônio (Orgs.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.p.123-143.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e letramento como práticas sociais. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MARCUSCHI, Luís Antônio (Orgs.). **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.p.31-55.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, M.^a Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p.19-36.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária – Prosa**. 11.ed. São Paulo: Cultrix, 1983.

O GATO PRETO. Direção: Cristiane Fariah. animação (8m02s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=po_T90CthjI> Acesso em 12 de dez.2019.

O LEÃO E O RATO - HISTÓRIAS INFANTIS EM PORTUGUÊS. Produção: Contos de fadas com a Gigi. 2016. (2m48s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=goyJdaQaQ_8> Acesso em 10 de nov. 2019.

O MISTÉRIO DO RELÓGIO NA PAREDE. Direção: Eli Roth. EUA:Universal Pictures, 2018. longa metragem (1h 46min).

PALAVRA PUXA PALAVRAS - CONTOS. Produção: MultiRio. vídeo educativo (7m09s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1LkfQRc5NGM>> Acesso em 20 de nov. 2019.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania (Orgs.). **Escola e leitura: velha crise; novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

PERRAULT, Charles. **O gato de botas**. Disponível em: <<http://www.qdivertido.com.br/verconto.php?codigo=17>> Acesso em 8 de nov. 2019.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline P. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola, 2015.152p

ROJO, Roxane. Pedagogia dos Multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. IN: CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. 13.ed. São Paulo: Perspectiva: 2014. p. 9-50.

ROZENFELD, Cibele Cecilio de Faria; MARQUES-SHÄFER, Gabriela (Orgs.). **Ensino de Línguas e Tecnologias Móveis: políticas públicas, conceitos, pesquisas e práticas em foco**. São Paulo: Edições Hipóteses, 2018.289p.

SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SEEDUC. Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. **Currículo Mínimo: Língua Portuguesa e Literatura**, 2012. Disponível em: <http://www.rj.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=e0580a80-bf5e-41de-a5bf-48d56049a60c&groupId=91317>. Acesso em 18 de abr. 2018.

SÉRGIO, Ricardo. **A personagem na narrativa: estudos literários**. [2010]. Disponível em: <<https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/420168>> Acesso em 05 de abr. 2019.

SHIRAIISHI, Ester Gomes; CARREIRO, Soraneide Dantas. Pouca ênfase no reforço de habilidades letradas. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro (Orgs.). **Os doze trabalhos de Hércules: do oral para o escrito**. São Paulo: Parábola, 2013. p. 125-148.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitura Literária & outras leituras:** impasses e alternativas no trabalho do professor. Belo Horizonte: RHJ, 2009. 216p.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários.** São Paulo: Ática, 1993.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização:** as muitas facetas. Rev. Bras. Educ., abr. 2004, no.25, p.5-17. ISSN1413-2478. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/n25/n25a01.pdf>> Acesso em 23 de abr. 2018.

SOUZA, Renata Junqueira; COSSON, Rildo. **Letramento literário:** uma proposta para a sala de aula. Caderno de Formação: formação de professores, didática de conteúdos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 2, p. 101-107.

SUBORNO. Produção: Porta dos Fundos. 2013. (3m36s). Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=UUckYjoySBc>> Acesso em 10 de nov. 2019.

TELLES, Lygia Fagundes. As Formigas. In: **Seminário dos ratos:** contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 9-16.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.

UNESCO. **Diretrizes de políticas para a aprendizagem móvel.** Trad. Rita Brossard. Paris: UNESCO, 2014. Disponível em:
<<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002277/227770por.pdf>> Acesso em 29 de maio. 2018.

ANEXOS

ANEXO 1 – Produção final: O quartinho de limpeza.

O quartinho de limpeza

Há muitos anos atrás, dizem os mais antigos da cidade, no exato local que hoje encontramos o Colégio Estadual Bel-domearo Barbará, era o lugar onde pessoas sem condições de pagar o cemitério municipal enterravam seus mortos. Era um terreno bem grande, e, para resolver o problema, decidiram construir uma escola. Com o tempo, o colégio se tornou famoso no município, todos queriam estudar lá, porém muitos diziam que o colégio era assombrado, mas outros discordavam afirmando que era apenas uma história.

Yumi tinha onze anos quando se mudou para Barra Mansa, vinha do Japão com seus pais, sua mãe era brasileira e havia casado com um Sensei que conheceu em São Paulo. A MENINA ERA TÍMIDA, ANTISSOCIAL e preferia passar o tempo sozinha, e de repente, viu-se MATRICULADA NAQUELE GRANDE COLÉGIO. PASSAVA O DIA SEM CONVERSAR COM NINGUÉM, ESTAVA SEMPRE EM BUSCA DE UM LUGAR CALMO E SEM NINGUÉM PARA que pudesse escrever poemas e ler livros de romance.

Um dia, buscando um recanto secreto, ela encontrou um quartinho de limpeza com a porta destrancada, pela sujeira e abandono do ambiente parecia que ninguém nunca entrara nell. Resolvida, todos os recreios e horários vazios, ela procurava o quartinho, e ali lia e escrevia, criava seu mundo imaginário e sentia-se menos só. Era uma rotina para Yumi, estar no quartinho, até que uma aluna da escola à seu saindo ali, e disse:

- O que você está fazendo? Por que estava ai dentro?
 - Eu só estava lendo... tem algum problema? - falou nervosa
 - Você não sabia que esse quartinho é assombrado?!
- Uma menina, uma vez escutou vozes daí de dentro, quando abriu a porta, o quarto estava vazio.

O quartinho de limpeza

Há muitos anos atrás, dizem os mais antigos moradores da cidade, no exato local que hoje encontramos o Colégio Estadual Baldomero Barbará, era o lugar onde pessoas sem condições de pagar o cemitério municipal enterravam seus mortos. Era um terreno bem grande, e, para resolver o problema, decidiram construir uma escola. Com o tempo, o colégio se tornou famoso no município, todos queriam estudar lá, porém muitos diziam que o colégio era assombrado, mas outros discordavam afirmando que era apenas uma história.

Yumi tinha onze anos quando se mudou para Barra Mansa, vinha do Japão com seus pais, sua mãe era brasileira e havia casado com um nissei que conheceu em São Paulo. A menina era tímida, antissocial e preferia passar o tempo sozinha, e de repente, viu-se matriculada naquele grande colégio. Passava o dia sem conversar com ninguém, estava sempre em busca de um lugar calmo e sem ninguém para que pudesse escrever poemas e ler livros de romance.

Um dia, buscando um recanto secreto, ela encontrou um quartinho de limpeza com a porta destrancada, pela sujeira e abandono do ambiente parecia que ninguém nunca entrava nele. Resolvida, todos os recreios e horários vagos, ela procurava o quartinho, e ali lia e escrevia, criava seu mundo imaginário e sentia-se menos só. Era uma rotina para Yumi, estar no quartinho, até que uma aluna da escola a viu saindo dali, e disse:

_ O que você está fazendo? Por que estava aí dentro?

_ Eu só estava lendo... tem algum problema? – falou nervosa.

_ Você não sabia que esse quartinho é assombrado? Uma menina uma vez escutou vozes daí de dentro, e quando abriu a porta, o quarto estava vazio.

Yumi arregalou os olhos, e respondeu:

_ Não, eu não sabia, mas não se preocupe, não tenho medo!

No dia seguinte, Yumi voltou ao quartinho na hora do intervalo, quando se ajeitava sentada no chão, encontrou um bilhete que dizia: “vamos ser amigas?”. Ela achou estranho, mas respondeu o bilhete: “sim, mas quem é você?”. No outro dia, não havia nenhum bilhete ali, mas ouviu vozes e barulhos estranhos saindo das paredes. A garota se assustou muito, por isso, escreveu outro bilhete: “por favor, me responda”.

Dois dias depois, Yumi retornou ao quartinho, e novamente, não havia nenhum bilhete. E logo, ocorreu um barulho estranho atrás da cortina amarelada de poeira, e no canto oposto uma porta se abriu... era a menina com quem Yumi conversou alguns dias atrás sobre o quartinho.

_ Oi, eu me chamo Zoe! Tem um outro quarto secreto ao lado desse, onde costumo também me “esconder”. Tentei te assustar porque não queria ser descoberta, por isso inventei a história do quartinho assombrado. Percebi que somos parecidas, gostamos de ler e escrever. Podemos ser amigas?

_ Claro que sim!

As duas garotas viraram amigas, e perceberam o quanto era ruim ficarem sozinhas, nunca mais se separaram, agora inventavam histórias juntas.

Autoras: F. C. M. D. e G. M. O., turma 901

PRODUÇÃO TEXTUAL

CONTOS DE MISTÉRIO



O QUARTINHO DE LIMPEZA

Há muitos anos atrás, dizem os mais antigos moradores da cidade, no exato local que hoje encontramos o Colégio Estadual Baldomero Barbará, era o lugar onde pessoas sem condições de pagar o cemitério municipal enterravam seus mortos. Era um terreno bem grande, e, para resolver o problema, decidiram construir uma escola. Com o tempo, o colégio se tornou famoso no município, todos queriam estudar lá, porém muitos diziam que o colégio era assombrado, mas outros discordavam afirmando que era apenas uma história.

Yumi tinha onze anos quando se mudou para Barra Mansa, vinha do Japão com seus pais, sua mãe era brasileira e havia casado com um nissei que conheceu em São Paulo. A menina era tímida, antissocial e preferia passar o tempo sozinha, e de repente, viu-se matriculada naquele grande colégio. Passava o dia sem conversar com ninguém, estava sempre em busca de um lugar calmo e sem ninguém para que pudesse escrever poemas e ler livros de romance.

Um dia, buscando um recanto secreto, ela encontrou um quartinho de limpeza com a porta destrancada, pela sujeira e abandono do ambiente parecia que ninguém nunca entrava nele. Resolvida, todos os recreios e horários vagos, ela procurava o quartinho, e ali lia e escrevia, criava seu mundo imaginário e sentia-se menos só. Era uma rotina para Yumi, estar no quartinho, até que uma aluna da escola a viu saindo dali, e disse:

— O que você está fazendo? Por que estava aí dentro?

— Eu só estava lendo... tem algum problema? — falou nervosa.

— Você não sabia que esse quartinho é assombrado? Uma menina uma vez escutou

vozes daí de dentro, e quando abriu a porta, o quarto estava vazio.

Yumi arregalou os olhos, e respondeu:

— Não, eu não sabia, mas não se preocupe, não tenho medo!

No dia seguinte, Yumi voltou ao quartinho na hora do intervalo, quando se ajeitava sentada no chão, encontrou um bilhete que dizia: "vamos ser amigas?". Ela achou estranho, mas respondeu o bilhete: "sim, mas quem é você?". No outro dia, não havia nenhum bilhete ali, mas ouviu vozes e barulhos estranhos saindo das paredes. A garota se assustou muito, por isso, escreveu outro bilhete: "por favor, me responda".

Dois dias depois, Yumi retornou ao quartinho, e novamente, não havia nenhum bilhete. E logo, ocorreu um barulho estranho atrás da cortina amarelada de poeira, e no canto oposto uma porta se abriu... era a menina com quem Yumi conversou alguns dias atrás sobre o quartinho.

— Oi, eu me chamo Zee! Tem um outro quarto secreto ao lado desse, onde costumava também me "esconder". Tentei te assustar porque não queria ser descoberta, por isso inventei a história do quartinho assombrado. Percebi que somos parecidas, gostamos de ler e escrever. Podemos ser amigas?

— Claro que sim!

As duas garotas viraram amigas, e perceberam o quanto era ruim ficarem sozinhas, nunca mais se separaram, agora inventavam histórias juntas.

Autoras: Fernanda Carvalho Melo Diniz
e Gabriella Martins Oliveira, turma 901

Textos produzidos pelos alunos do 9º do Colégio Estadual Baldomero Barbará - Professora Isabela Dias

ANEXO 2 – Produção Final: Os espíritos.

Os espíritos.

No ano de 1890, uma jovem chamada Elizabeth, inteligente e determinada, enfrentou sua família para estudar medicina. A estudante era de família pobre, e por seu próprio merecimento e coragem, conseguiu uma bolsa de estudos. Assim, acabou frequentando uma famosa universidade junto a alunos das famílias mais ricas. Durante esse tempo de estudos, sentiu muita raiva e rancor dos colegas que desprezavam de sua condição financeira. Aos poucos, ela se tornou uma pessoa fria.

Então, ela terminou sua faculdade e começou a trabalhar no hospital Santa Casa de Misericórdia, que estava localizado em frente ao cemitério da cidade. Ali, começou sua carreira como cirurgiã, era especialista em realizar cesáreas em mulheres que precisavam de ajuda no parto. Passado os anos, ela não esquecia os humilhações sofridas, guardava ainda profundo rancor de tudo.

Certo dia, no seu plantão, uma mulher chegou no hospital aos prontos, prestes a dar à luz. Elizabeth reconheceu a gestante, ela era uma entre os alunos que zombavam de lá na faculdade de medicina. A médica reviviu o rancor e resolveu vingar-se de tudo o que havia sofrido.

Levaram rapidamente a mulher para a sala preparada para o parto, onde nasceu um belo menino. De repente, a luz do hospital apagou por instantes, e Elizabeth sequestrou a paciente deitada por enfermeiras. Dali a levou para o cemitério, cavou um túmulo e ali jogou a mulher desacordada. Enquanto procurava a pá, percebeu que a mulher despertava, procurando levantar meio zanzada. Elizabeth querendo concretizar sua vingança, pegou a pá e bateu na cabeça da mulher para matar de vez. Ela enterrou o corpo e fugiu.

A polícia começou a procurar o assassino. Com muita investigação e interrogatórias acharam Elizabeth, descobriram que ela havia matado Maria de Vítima Moronta.

dos Prazeres. Então, ela foi enviada para um presídio de mulheres superperigosas. Na primeira noite de Elizabeth naquele presídio, o espírito de Maria de Fátima começou a assombrá-la com barulhos e sustos que apenas ela ouvia e via.

Quando arremeteceu, o juiz mandou chamá-la para decretar o tempo que ela ficaria presa. Ela pensou seria por sempre, pois os investigadores descobriram que não foi apenas Maria de Fátima que ela havia matado, mas sim, setenta e cinco pessoas. E todos esses espíritos a atormentaram pelo resto de sua vida.

Os espíritos

No ano de 1890, uma jovem chamada Elizabeth, inteligente e determinada, enfrentou sua família para estudar medicina. A estudante era de família pobre, e por seu próprio merecimento e coragem, conseguiu uma bolsa de estudos. Assim, acabou frequentando uma famosa universidade junto a alunos das famílias mais ricas. Durante esse tempo de estudos, sentiu muita mágoa e rancor dos colegas que debochavam de sua condição financeira. Aos poucos, ela se tornou uma pessoa fria.

Então, ela terminou sua faculdade e começou a trabalhar no hospital Santa Casa de Misericórdia, que estava localizado em frente ao cemitério da cidade. Ali, começou sua carreira como cirurgiã, era especialista em realizar cesáreas em mulheres que precisavam de ajuda no parto. Passados os anos, ela não esquecia as humilhações sofridas, guardava ainda profundo rancor de tudo.

Certo dia, no seu plantão, uma mulher chegou no hospital aos prantos, prestes a dar à luz. Elizabeth reconheceu a gestante, ela era uma entre os alunos que zombavam dela na faculdade de medicina. A médica reviveu o rancor e resolveu vingar-se de tudo o que havia sofrido.

Levaram rapidamente a mulher para a sala preparada para o parto, onde nasceu um belo menino. De repente, a luz do hospital apagou por instantes, e, Elizabeth sequestrou a paciente dopada por soníferos. Dali a levou para o cemitério, cavou um túmulo e ali jogou a mulher desacordada. Enquanto procurava a pá, percebeu que a mulher despertava, procurando levantar meio zonza. Elizabeth querendo concretizar sua vingança, pegou a pá e bateu na cabeça da mulher para matar de vez. Ela enterrou o corpo e fugiu.

A polícia começou a procurar o assassino. Com muita investigação e interrogatórios acharam Elizabeth, descobriram que ela havia matado Maria de Fátima Noronha dos Prazeres. Então, ela foi enviada para um presídio de mulheres superperigosas. Na primeira

noite de Elizabeth naquele presídio, o espírito de Maria de Fátima começou a assombrá-la com barulhos e sustos que apenas ela ouvia e via.

Quando amanheceu, o juiz mandou chamá-la para decretar o tempo que ela ficaria presa. Sua pena seria perpétua, pois, os investigadores descobriram que não foi apenas Maria de Fátima que ela havia matado, mas sim, setenta e cinco pessoas. E todos esses espíritos ficaram a atormentando pelo resto de sua vida.

Autoras: B. dos S. R. B., C. V. da S. M. e F. de P. S., turma 901

PRODUÇÃO TEXTUAL

CONTOS DE MISTÉRIO

OS ESPÍRITOS

No ano de 1890, uma jovem chamada Elizabeth, inteligente e determinada, enfrentou sua família para estudar medicina. A estudante era de família pobre, e por seu próprio merecimento e coragem, conseguiu uma bolsa de estudos. Assim, acabou frequentando uma famosa universidade junto a alunos das famílias mais ricas. Durante esse tempo de estudos, sentiu muita mágoa e rancor dos colegas que debochavam de sua condição financeira. Aos poucos, ela se tornou uma pessoa fria.

Então, ela terminou sua faculdade e começou a trabalhar no hospital Santa Casa de Misericórdia, que estava localizado em frente ao cemitério da cidade. Ali, começou sua carreira como cirurgiã, era especialista em realizar cesáreas em mulheres que precisavam de ajuda no parto. Passados os anos, ela não esquecia as humilhações sofridas, guardava ainda profundo rancor de tudo.

Certo dia, no seu plantão, uma mulher chegou no hospital aos prantos, prestes a dar à luz. Elizabeth reconheceu a gestante, ela era uma entre os alunos que zombavam dela na faculdade de medicina. A médica reviveu o rancor e resolveu vingar-se de tudo o que havia sofrido.

Levaram rapidamente a mulher para a sala preparada para o parto, onde nasceu um belo menino. De repente, a luz do hospital apagou por instantes, e, Elizabeth sequestrou a paciente dopada por soníferos. Dali a levou para o cemitério, cavou um túmulo e ali jogou a mulher desacordada. Enquanto procurava a pá, percebeu que a mulher despertava,

procurando levantar meio zozna. Elizabeth querendo concretizar sua vingança, pegou a pá e bateu na cabeça da mulher para matar de vez. Ela enterrou o corpo e fugiu.

A polícia começou a procurar o assassino. Com muita investigação e interrogatórios acharam Elizabeth, descobriram que ela havia matado Maria de Fátima Noronha dos Prazeres. Então, ela foi enviada para um presídio de mulheres superperigosas. Na primeira noite de Elizabeth naquele presídio, o espírito de Maria de Fátima começou a assombrá-la com barulhos e sustos que apenas ela ouvia e via.

Quando amanheceu, o juiz mandou chamá-la para decretar o tempo que ela ficaria presa. Sua pena seria perpétua, pois, os investigadores descobriram que não foi apenas Maria de Fátima que ela havia matado, mas sim, setenta e cinco pessoas. E todos esses espíritos ficaram a atormentando pelo resto de sua vida.

Autoras: Beatriz dos Santos Ramos Barbosa, Camilly Victória da Silva Maurício e Fernnanda de Paula Silva, turma 901

Textos produzidos pelos alunos do 9º do Colégio Estadual Baldomero Barbará - Professora Isabela Dias

ANEXO 3 – Produção Final: O cemitério dos vivos.

O cemitério dos vivos

Numa noite de sexta-feira 13, dois convites resolveram passar a noite no cemitério, pois algo estranho estava acontecendo naquele lugar. A dupla já conhecia muito bem o lugar e também um ao outro, trabalhavam ali juntos já há sete longos anos. Bryan e Ana Júlia viviam cercados da morte, e por isso, achavam que nada mais os abalararia, inclusive Ana Júlia, a mais corajosa e louca por cadáveres.

Iniciando a aventura, eles foram ao mercado próximo dali comprar algumas coisas para passar a noite. Escalavam comida, bebida, lanternas e uma faca. Terminaram as compras, já estava escuro e céu e também avisaram para a aventura que estava prestes a começar.

Apesar de conhecerem bem o cemitério, os dois nunca haviam ficado lá a noite, e agora, o lugar lhe parecia sombrio e misterioso. Pesquisaram explorar o local, na escuridão, guiados pela luz da lanterna. Após alguns minutos, ao passarem por entre os corredores de túmulos mais ao fundo da necrópole, ouviram um estranho barulho vindo de uma capelinha misteriosa abandonada, construída por uma antiga família rica da região. Ali dentro ficava alguns túmulos que abrigavam os restos mortais de alguns deles.

O barulho atraía os dois para o lado do fúnebre. Pesquisaram se aproximaram para verificar, para lá, então, apontaram a lanterna. Um homem vestido de preto, mas coberto de pó de cemitério apareceu de repente saindo detrás do túmulo. Os dois se assustaram com a surpresa, mas recompostos perguntou Bryan:

- O senhor precisa de ajuda?

O homem estranho falou uma palavra, apontando para eles amunicion:

- É um assalto

Ana Júlia e Bryan ficaram corando, excandescendo no lugar em que haviam deixado suas coisas, e ali começaram a cochichar:

- Ana Júlia, você tem ideia de quem seja?

- Não: - respondeu a cozeira com as alhas arregaladas

- Droga, e agora? Precisamos de um plano.

Ana Júlia pensou sobre como poderiam se defender se precisassem, lembrou que a pá que usavam no trabalho estava trancada no quartinho das funcionárias, ou seja, muito longe dali. Procurando por entre as coisas espalhadas no chão, encontrou a faca que haviam comprado para cortar o pão de lanche. Pegou o instrumento e disse:

- Ainda bem que compramos a faca, como usá-la.

Bryan procurou um pedaço de pau, por entre as árvores que cercavam o lugar, escolheu um bem firme e comprido para servir de proteção. Como conheciam o lugar se sentiram seguros para procurar o bandido. Deligaram a lanterna, e em silêncio, fizeram a busca. Encontraram o homem sentado de costas para eles, parecia morrer no lençol. Bryan fez um sinal para Ana Júlia. Ele foi na frente com um pedaço de pau nas mãos, e pela cost, acertou cabeça do meliante que dormiu. Enquanto ele estava no chão desacordado, as cozeiras correram até a entrada do cemitério, abriram o quartinho das funcionárias, usaram o telefone para chamar a polícia. Em minutos chegou a viatura para prender o bandido.

Por o momento, permaneceram no cemitério até o amanhecer do dia seguinte, sem medo das mortes, foram embora sem nenhum arranhão.

O cemitério dos vivos

Numa noite de sexta-feira 13, dois cozeiros resolveram passar a noite no cemitério. A dupla já conhecia muito bem o lugar, e também, um ao outro, trabalhavam ali juntos já há sete longos anos. Bryan e Ana Júlia viviam cercado da morte, e por isso, achavam que nada mais os abalaria.

Iniciando o anoitecer, eles foram ao mercado próximo dali comprar algumas coisas para passar a noite. Escolheram comida, bebida, lanterna e uma faca. Terminaram as

compras, já estava escuro o céu e também ansiosos para a aventura que estava prestes a começar.

Apesar de conhecerem bem o cemitério, os dois nunca haviam ficado lá a noite, e, agora, o lugar lhes parecia sombrio e misterioso. Resolveram explorar o local, na escuridão, guiados pela luz da lanterna. Após alguns minutos, ao passarem por entre os corredores de túmulos mais ao fundo da necrópole, ouviram um estranho barulho saindo de uma capelinha mortuária abandonada, construída por uma antiga família rica da região. Ali dentro ficava alguns túmulos que abrigavam os restos mortais de alguns deles...

O barulho atraiu os dois para o lado do jazigo. Resolveram se aproximar para verificar, para lá, então, apontaram a lanterna. Um homem vestido de preto, mas coberto de pó de cemitério apareceu de repente saindo detrás do túmulo. Os dois se assustaram com a surpresa, mais recomposto perguntou Bryan:

_ O senhor precisa de ajuda?

O homem estranho sacou uma arma, apontando para eles anunciou:

_É um assalto!

Ana Júlia e Bryan saíram correndo, esconderam-se no lugar em que haviam deixado suas coisas, e ali começaram a cochichar:

_ Ana Júlia, você tem ideia de quem seja?

_ Não. – respondeu a coveira com os olhos arregalados.

_ Droga, e agora? Precisamos de um plano...

Ana Júlia pensou sobre como poderiam se defender se precisassem, lembrou que a pá que usavam no trabalho estava trancada no quartinho dos funcionários, ou seja, muito longe dali. Procurando por entre as coisas esparramadas no chão, encontrou a faca que haviam comprado para cortar o pão do lanche. Pegou o instrumento e disse:

_ Ainda bem que compramos a faca, vamos usá-la.

Bryan procurou um pedaço de pau, por entre as árvores que cercavam o lugar, escolheu um bem firme e comprido para servir de proteção. Como conheciam o lugar se sentiram seguros para procurar o bandido. Desligaram a lanterna, e em silêncio, fizeram a busca. Encontraram o homem sentado de costas para eles, parecia mexer no revólver. Bryan fez um sinal para Ana Júlia. Ele foi na frente com o pedaço de pau nas mãos, e pelas costas, acertou a cabeça do meliante que desmaiou. Enquanto ele estava caído no chão desacordado, os coveiros correram até a entrada do cemitério, abriram o quartinho dos funcionários, usaram o telefone para chamar a polícia. Em minutos chegou a viatura para prender o bandido.

Preso o assaltante, permaneceram no cemitério até o amanhecer do dia seguinte, sem medo dos mortos, foram embora sem nenhum arranhão.

Autores: A. J. P. de P. e B. M. F. da S., turma 901

PRODUÇÃO TEXTUAL

CONTOS DE MISTÉRIO

O CEMITÉRIO DOS VIVOS

Numa noite de sexta-feira 13, dois coveiros resolveram passar a noite no cemitério. A dupla já conhecia muito bem o lugar e também, um ao outro, trabalhavam ali juntos já há sete longos anos. Bryan e Ana Júlia viviam cercados da morte, e por isso, achavam que nada mais os abalariam.

Iniciando o anoitecer, eles foram ao mercado próximo dali comprar algumas coisas para passar a noite. Escolheram comida, bebida, lanterna e uma faca. Terminaram as compras, já estava escuro o céu e também ansiosos para a aventura que estava prestes a começar.

Apesar de conhecerem bem o cemitério, os dois nunca haviam ficado lá a noite, e, agora, o lugar lhes parecia sombrio e misterioso. Resolveram explorar o local, na escuridão, guiados pela luz da lanterna. Após alguns minutos, ao passarem por entre os corredores de túmulos mais ao fundo da necrópole, ouviram um estranho barulho saindo de uma capelinha mortuária abandonada, construída por uma antiga família rica da região. Ali dentro ficava alguns túmulos que abrigavam os restos mortais de alguns deles...

O barulho atraíu os dois para o lado do jazigo. Resolveram se aproximar para verificar, para lá, então, apontaram a lanterna. Um homem vestido de preto, mas coberto de pó de cemitério apareceu de repente saindo detrás do túmulo. Os dois se assustaram com a surpresa, mas, recompostos, perguntou Bryan:

... O senhor precisa de ajuda?

O homem estranho sacou uma arma, apontando para eles anunciou:

... É um assalto!

Ana Júlia e Bryan saíram correndo, escondendo-se no lugar em que haviam deixado suas coisas, e ali começaram a cochichar:

... Ana Júlia, você tem ideia de quem seja?

... Não. — respondeu a coveira com os olhos arregalados.

... Droga, e agora? Precisamos de um plano...

Ana Júlia pensou sobre como poderiam se defender se precisassem, sentindo que a pá que usavam no trabalho estava trancada no quartinho dos funcionários, ou seja, muito longe dali. Procurando por entre as coisas esparramadas no chão, encontrou a faca que haviam comprado para cortar o pão do lanche. Pegou o instrumento e disse:

... Ainda bem que compramos a faca, vamos usá-la.

Bryan procurou um pedaço de pau, por entre as árvores que cercavam o lugar, escolheu um bem firme e comprido para servir de proteção. Como conheciam o lugar se sentiram seguros para procurar o bandido. Desligaram a lanterna, e em silêncio, fizeram a busca. Encontraram o homem sentado de costas para eles, parecia mexer no revólver. Bryan fez um sinal para Ana Júlia. Ele foi na frente com o pedaço de pau nas mãos, e pelas costas, acertou a cabeça do meliante que desmaiou. Enquanto ele estava caído no chão desacomodado, os coveiros correram até a entrada do cemitério, abriram o quartinho dos funcionários, usaram o telefone para chamar a polícia. Em minutos chegou a viatura para prender o bandido.

Preso o assaltante, permaneceram no cemitério até o amanhecer do dia seguinte, sem medo dos mortos, foram embora sem nenhum estranhamento.

Autores: Ana Júlia Pereira de Paula e Bryan Martins Fonseca da Silva, turma 901



Textos produzidos pelos alunos do 9º do Colégio Estadual Baldomero Barbará - Professora Isabela Dias

ANEXO 4 – Produção final: Clarice.

Clarice

Estava quente, o vento daquele minúsculo ventilador não cessava o calor infernal daquele local. O ambiente mal iluminado, mulheres caminhando, dançando e se oferecendo aos frequentadores. Maquiadas, perfumadas, atraentes... Elas eram o toque charmoso que a "casa vermelha" prezava em manter.

- Eu estava sentado em um dos pequenos bancos na mesa reservada dos fundos quando vi tudo acontecer... Quanto mais Clarice dançava, mais o homem lhe oferecia dinheiro. Um estampido seco, uma bala atravessou o cubículo e acertou seu peito em cheio. A garota de cabelos longos e loiros, ostentava um vestido branco e vaporoso, agora, infelizmente, tingiu-se de um tom vermelho... Mal pude acreditar quando vi todo aquele tumulto ao redor do palco. Havia sangue, muito sangue. As outras garotas choravam desesperadas, clamando por ajuda, uma delas gritou: "alguém chame a ambulância" - Narrei os fatos ao policial, um homem de cabelos negros, que anotava informações das testemunhas do crime.

Três dias atrás...

Mais um dia de trabalho, era cansativo viver a mesma rotina. Ela era apenas uma garota quando começou na vida fácil. Estava sozinha no mundo, após contar a seus pais sobre a gravidez inesperada, foi expulsa de casa. Perdeu o bebê com oito meses de gestação. Desolada, e sem lugar para viver, decidiu ganhar dinheiro através de seu corpo. Após dois meses de trabalho, alugou uma pequena casa, ali mesmo, no bairro em que trabalhava, Pitzeiras. Subia aquele morro todos os dias, carregando uma mochila azul, onde levava toalhas limpas, roupas e produtos de higiene pessoal. Chegava ao trabalho em torno das sete horas da noite e só voltava para casa quando o sol do outro dia surgia. Deixava sua mochila na parte interior do estabelecimento e corria para o bar, se atrasasse, alguém entrava novamente em sua casa no fim do expediente.

Quando chegou no bar, Salomão já a estava esperando.

- Clarice meu amor! - O homem disse acariciando seus cabelos.
- Me fala logo o que quer! Não tenho o dia todo! - Dizia enquanto se arrastava dele.
- Já te disse amor! Eu posso tirar você daqui! Eu mudei, não uso mais aquilo, volta pra mim!
- Não! Já disse que não vou voltar Salomão! Ainda tenho marcas no corpo, você iria me espancar até a morte... seu desgraçado!
- Bebê! - Ele segurou em seu braço apertando forte - Ou você volta pra mim, ou...
Salomão virou as costas e foi em direção a saída, deixando a ameaça no ar. Nos três dias que sucederam a isso, ele nem deu as caras no estabelecimento. Mas, naquela noite de sexta-feira, mais quente que o normal, Clarice foi assassinada friamente, e seu assassino, Salomão, foi encontrado morto logo depois. Tinha ele nas mãos uma mecha de cabelo loiro e, no chão, junto à arma, um curto bilhete escrito "ag. a nós estaremos juntos". Dizem que no lugar do crime, agora fechado, desde então, um fantasma por Clarice.

Clarice

Estava quente, o vento daquele minúsculo ventilador não cessava o calor infernal daquele local. O ambiente mal iluminado, mulheres caminhando, dançando e se oferecendo aos frequentadores. Maquiadas, perfumadas, atraentes... Elas eram o toque charmoso que a "Casa vermelha" prezava em manter.

- Eu estava sentado em um dos pequenos bancos na mesa reservada dos fundos quando vi tudo acontecer... Quanto mais Clarice dançava, sedutora ao som da música, mais um homem lhe oferecia dinheiro. Um estampido soou, uma bala atravessou o cubículo e acertou em cheio o seu peito. A garota de cabelos longos e loiros, ostentava um vestido branco e vaporoso, agora, infelizmente, tingiu-se de um tom vermelho... Mal pude acreditar quando vi todo aquele tumulto ao redor do palco. Havia sangue, muito sangue. As outras garotas choravam desesperadas, clamando por ajuda, uma delas gritou: "alguém chame a ambulância!" - Narrei os fatos ao policial, um homem de ombros largos e cabelos negros, que anotava informações das testemunhas do crime.

Três dias atrás....

Mais um dia de trabalho, era cansativo viver a mesma rotina. Ela era apenas uma garota quando começou na vida fácil. Estava sozinha no mundo, após contar a seus pais sobre a gravidez inesperada, foi expulsa de casa. Perdeu o bebê com oito meses de gestação. Desolada, e sem lugar para viver, decidiu ganhar dinheiro através de seu corpo. Após dois

meses de trabalho, alugou uma pequena casa, ali mesmo, no bairro em que trabalhava, Piteiras. Subia aquele morro todos os dias, carregando uma mochila azul, onde levava toalhas limpas, roupas e produtos de higiene pessoal. Chegava ao trabalho em torno das sete horas da noite e só voltava pra casa quando o sol do outro dia surgia. Deixava sua mochila na parte interior do estabelecimento, e corria para o bar, se atrasasse, Salomão entraria novamente em sua casa ao fim do expediente.

Quando chegou ao bar, Salomão já a estava esperando:

- Clarice meu amor! – O homem disse acariciando seus cabelos.
- Me fala logo o que quer! Não tenho o dia todo! – Dizia enquanto se afastava dele.
- Já te disse amor! Eu posso tirar você daqui! Eu mudei, não uso mais aquilo, volta pra mim!
- Não! Já disse que não vou voltar Salomão! Ainda tenho marcas no corpo, você iria me espancar até a morte... seu desgraçado!
- Bebê – Ele segurou em seu braço apertando forte – Ou você volta pra mim, ou...

Salomão virou as costas e foi em direção a saída deixando a ameaça no ar. Nos três dias que sucederam a isso, ele nem deu as caras no estabelecimento. Mas, naquela noite de sexta-feira, mais quente que o normal, Clarice foi assassinada friamente, e seu assassino, Salomão, foi encontrado morto logo depois. Tinha ele nas mãos uma mecha de cabelo loiro e, no chão, junto à arma, um curto bilhete escrito “agora nós estaremos juntos”. Dizem que no lugar do crime, agora fechado, desde então, um fantasma procura por Clarice.

Autoras: A. C. M. S., A. L. da S. S. e E. dos S. F., turma 901.

PRODUÇÃO TEXTUAL
CONTOS DE MISTÉRIO
CLARICE



Estava quente, o vento daquele minúsculo ventilador não cessava o calor infernal daquele local. O ambiente mal iluminado, mulheres caminhando, dançando e se oferecendo aos frequentadores. Maquiadas, perfumadas, atraentes... Elas eram o toque charmoso que a “Casa vermelha” prezava em manter.

- Eu estava sentado em um dos pequenos bancos na mesa reservada dos fundos quando vi tudo acontecer... Quanto mais Clarice dançava, sedutora ao som da música, mais um homem lhe oferecia dinheiro. Um estampido souo, uma bala atravessou o cubículo e acertou em cheio o seu peito. A garota de cabelos longos e loiros, ostentava um vestido branco e vaporoso, agora, infelizmente, tingiu-se de um tom vermelho... Mal pude acreditar quando vi todo aquele tumulto ao redor do palco. Havia sangue, muito sangue. As outras garotas choravam desesperadas, clamando por ajuda, uma delas gritou: “alguém chame a ambulância!” - Narrei os fatos ao policial, um homem de ombros largos e cabelos negros, que anotava informações das testemunhas do crime.

Três dias atrás...

Mais um dia de trabalho, era cansativo viver a mesma rotina. Ela era apenas uma garota quando começou na vida fácil. Era sozinha no mundo, após contar a seus pais sobre a gravidez inesperada, foi expulsa de casa. Perdeu o bebê com oito meses de gestação. Desolada, e sem lugar para viver, decidiu ganhar dinheiro através de seu corpo. Após dois meses de trabalho, alugou uma pequena casa, ali mesmo, no bairro em que trabalhava, Piteiras. Subia aquele morro todos os dias, carregando uma mochila azul, onde levava toalhas limpas, roupas e produtos de higiene pessoal. Chegava ao trabalho em

torno das sete horas da noite e só voltava pra casa quando o sol do outro dia surgia. Deixava sua mochila na parte interior do estabelecimento, e corria para o bar, se atrasasse, Salomão entraria novamente em sua casa ao fim do expediente.

Quando chegou ao bar, Salomão já a estava esperando:

- Clarice meu amor! – O homem disse acariciando seus cabelos.
- Me fala logo o que quer! Não tenho o dia todo! – Dizia enquanto se afastava dele.
- Já te disse amor! Eu posso tirar você daqui! Eu mudei, não uso mais aquilo, volta pra mim!
- Não! Já disse que não vou voltar Salomão! Ainda tenho marcas no corpo, você iria me espancar até a morte... seu desgraçado!
- Bebê – Ele segurou em seu braço apertando forte – Ou você volta pra mim, ou...

Salomão virou as costas e foi em direção a saída deixando a ameaça no ar. Nos três dias que sucederam a isso, ele nem deu as caras no estabelecimento. Mas, naquela noite de sexta-feira, mais quente que o normal, Clarice foi assassinada friamente, e seu assassino, Salomão, foi encontrado morto logo depois. Tinha ele nas mãos uma mecha de cabelo loiro e, no chão, junto à arma, um curto bilhete escrito “agora nós estaremos juntos”. Dizem que no lugar do crime, agora fechado, desde então, um fantasma procura por Clarice.

Autoras: Alycia Clara Moreira Siqueira, Alina Livia da Silva Santos e Emanuelle dos Santos Félix, turma 901.

Textos produzidos pelos alunos do 9º do Colégio Estadual Baldomero Barbará - Professora Isabela Dias

ANEXO 5 – Produção final: A sereia barramansense

A sereia barramansense

Era uma certa noite, dois meninos estavam andando sobre a ponte dos arcos, na cidade de Barra Mansa, interior do Rio de Janeiro. Essa ponte possuía muitas histórias misteriosas sobre ela, dentre elas o boato de que uma sereia poderia ser vista sob ela durante as noites de lua nova. Os dois curiosos garotos resolveram investigar essa história, e por isso estavam ali. Era madrugada, já estavam cansados e sonolentos quando ouviram um canto

— Amigo, por acaso é seu celular que está tocando?

— Não! — respondeu o outro.

Então, eles se aproximaram da beira da ponte e escutaram uma voz suave, macia e delicada, como nunca haviam escutado... Olharam para baixo, sentada em uma pedra, uma linda garota acenava para eles. Eles sentiram-se tentados a descer até a margem do rio, ela era realmente muito bonita, seus cabelos brilhavam a luz da lua, seus olhos eram duas estrelas... O garoto mais novo estava encantado, o mais velho conhecia histórias sobre as sereias e seus encantamentos sobre os homens. Por isso, arrastou o amigo dali.

Os garotos resolveram pesquisar sobre as sereias, sobre a atração que elas causavam nas pessoas, descobriram que o feitiço era tão grande, que muitos perdiam o controle sobre si mesmos, e eram facilmente arrastados para o fundo do rio. Descobriram que só havia um jeito de derrotar a sereia; o mistério, o segredo era tomar o olhar que estava em seu peixe.

Na noite seguinte, os meninos esperaram por ela, pela sereia, em pé, no mesmo local.

do dia anterior. Tremiam de medo quando ela apareceu:

- Olá meninos, que bom que voltaram, esperava vocês ansiosamente... - Falou ela - Desçam, venham até aqui!

E iniciou o seu belíssimo canto, era hipnotizante. Os meninos se entreolharam, sabiam que deveriam colocar o plano em ação, aproximaram-se das águas do rio como que encantados pela sereia. Mas eles não sentiam nenhuma atração por ela, protegiam seus ouvidos com tampões.

Eles foram até a pedra onde estava a sereia, molharam seus pés, laminharam até as águas geladas chegarem à altura dos joelhos. Quando chegaram bem perto da sereia, ela os abraçou, espreitou os índices nos garotos procurando puxá-los para dentro do rio. Um dos garotos puxou o cordão do pescoço dela, o volume do rio aumentou, os meninos foram arrastados pela correnteza. Ao aproximarem-se da margem os dois meninos agarraram a vegetação e conseguiram sair do rio volumoso. Uma neblina que tornava a noite mais escura subiu, lampandou a risada dos garotos, eles ficaram assustados.

- O que está acontecendo?

- Será que não funcionou?

Eles se perguntavam.

A melódica sumiu aos poucos, a pedra e a sereia também. O eslar que estava na mão de um dos meninos irradiou uma forte luz iluminando toda a ponte. O eslar era o mistério da sereia.

A sereia barramansense

Em uma certa noite, dois meninos estavam andando sobre a ponte dos arcos, na cidade de Barra Mansa, interior do Rio de Janeiro. Essa Ponte possuía muitas histórias misteriosas sobre ela, dentre elas o boato de que uma sereia poderia ser vista sob ela durante as noites de lua nova. Os dois curiosos garotos resolveram investigar essa história, e por isso estavam ali. Era madrugada, já estavam cansados e sonolentos quando ouviram um canto.

- Amigo, por acaso é seu celular que está tocando?

- Não! -respondeu o outro.

Então, eles se aproximaram da beira da ponte e escutaram uma voz suave, macia e delicada, como nunca haviam escutado... Olharam para baixo, sentada em uma pedra, uma linda garota acenava para eles. Eles sentiram-se tentados a descer até a margem do rio, ela era realmente muito bonita, seus cabelos brilhavam a luz do luar, seus olhos eram duas estrelas... O garoto mais novo estava encantado, o mais velho conhecia histórias sobre as sereias e seus encantamentos sobre os homens. Por isso, arrastou o amigo dali.

Os garotos resolveram pesquisar sobre as sereias, sobre a atração que elas causavam nas pessoas, descobriram que o feitiço era tão grande, que muitos perdiam o controle sobre si mesmos, e eram facilmente arrastados para o fundo do rio. Descobriram que só havia um jeito de derrotar a sereia, o mistério, o segredo era tomar o colar que estava em seu pescoço.

Na noite seguinte, os meninos esperaram a sereia, em pé, no mesmo local do dia anterior. Tremiam de medo quando ela apareceu:

- Olá meninos, que bom que voltaram, esperava vocês ansiosamente... – falou ela – Desçam, venham até aqui.

E iniciou o seu belíssimo canto, era hipnotizante. Os meninos se entreolharam, sabiam que deveriam colocar o plano em ação, aproximaram-se das águas do rio, como que encantados pela sereia. Mas eles não sentiam nenhuma atração por ela, protegiam seus ouvidos com tampões.

Eles foram até a pedra onde estava a sereia, molharam seus pés, caminharam até as águas geladas chegarem à altura dos joelhos. Quando chegaram bem perto da sereia, ela os abraçou, enrolou os braços nos garotos procurando puxá-los para dentro do rio. Um dos garotos puxou o cordão do pescoço dela, o volume do rio aumentou, os meninos foram arrastados pela correnteza. Ao aproximarem-se da margem, os dois meninos agarraram a vegetação e conseguiram sair do rio volumoso. Uma neblina que tornava a noite mais escura subiu, tampando a visão dos garotos, eles ficaram assustados.

- O que está acontecendo?

- Será que não funcionou?

Eles se perguntavam.

A neblina sumiu aos poucos, a pedra e a sereia também. O colar que estava na mão de um dos meninos irradiou uma forte luz iluminando toda a ponte. O colar era o mistério da sereia.

Autoras: A. L. R. de Q. e B. V. da S. L., turma 901.

PRODUÇÃO TEXTUAL CONTOS DE MISTÉRIO

A SEREIA BARRAMANSENSE



Em uma certa noite, dois meninos estavam andando sobre a ponte dos arcos, na cidade de Barra Mansa, interior do Rio de Janeiro. Essa Ponte possuía muitas histórias misteriosas sobre ela, dentre elas o boato de que uma sereia poderia ser vista sob ela durante as noites de lua nova. Os dois curiosos garotos resolveram investigar essa história, e por isso estavam ali. Era madrugada, já estavam cansados e sonolentos quando ouviram um canto.

- Amigo, por acaso é seu celular que está tocando?

- Não! - respondeu o outro.

Então, eles se aproximaram da beira da ponte e escutaram uma voz suave, macia e delicada, como nunca haviam escutado... Olharam para baixo, sentada em uma pedra, uma linda garota acesava para eles. Eles sentiram-se tentados a descer até a margem do rio, ela era realmente muito bonita, seus cabelos brilhavam a luz do luar, seus olhos eram duas estrelas... O garoto mais novo estava encantado, o mais velho conhecia histórias sobre as sereias e seus encantamentos sobre os homens. Por isso, arrastou o amigo dali.

Os garotos resolveram pesquisar sobre as sereias, sobre a atração que elas causavam nas pessoas, descobriram que o feitico era tão grande, que muitos perdiam o controle sobre si mesmos, e eram facilmente arrastados para o fundo do rio. Descobriram que só havia um jeito de derrotar a sereia, o mistério, o segredo era tomar o colar que estava em seu pescoço.

Na noite seguinte, os meninos esperaram a sereia, em pé, no mesmo local

do dia anterior. Tremiam de medo quando ela apareceu:

- Olá meninos, que bom que voltaram, esperava vocês ansiosamente... - falou ela - Desçam, venham até aqui.

E iniciou o seu belíssimo canto, era hipnotizante. Os meninos se entreolharam, sabiam que deveriam colocar o plano em ação, aproximaram-se das águas do rio, como que encantados pela sereia. Mas eles não sentiam nenhuma atração por ela, protegiam seus ouvidos com tampões.

Eles foram até a pedra onde estava a sereia, molharam seus pés, caminharam até as águas geladas chegaram à altura dos joelhos. Quando chegaram bem perto da sereia, ela os abraçou, enrolou os braços nos garotos procurando puxá-los para dentro do rio. Um dos garotos puxou o cordão do pescoço dela, o volume do rio aumentou, os meninos foram arrastados pela correnteza. Ao aproximarem-se da margem, os dois meninos agarraram a vegetação e conseguiram sair do rio volumoso. Uma neblina que tomava a noite mais escura subiu, tampando a visão dos garotos, eles ficaram assustados.

- O que está acontecendo?

- Será que não funcionou?

Eles se perguntavam.

A neblina sumiu aos poucos, a pedra e a sereia também. O colar que estava na mão de um dos meninos irradiou uma forte luz iluminando toda a ponte. O colar era o mistério da sereia.

Autoras: Ana Luíza Rocha de Queiroz e Bianca Vitória da Silva Lemos, turma 901.

Textos produzidos pelos alunos do 9º do Colégio Estadual Baldomero Barbará - Professora Isabela Dias

ANEXO 6 – Produção Final: Vagando pelos trilhos.

Vagando pelos trilhos

Na virada do segundo milênio, a cidade de Florentina foi destruída em segundos por uma explosão nuclear. Os habitantes do lugar que moravam a quilômetros do ponto zero, morreram na hora. Três anos depois, em Banca Marese, nasceram duas meninas, no ano seguinte outras duas lindas meninas. As quatro garotas não tinham nenhum grau de parentesco, mas todas elas, cresceram conhecendo muito bem a história da cidade vizinha abandonada.

Dezesseis anos depois

Até então eram matriculadas na mesma turma da escola, e apesar de permanecerem na mesma cidade, Graziele, Gisela, Alessandra e Biotrice nunca haviam se encontrado. Era o primeiro dia de aula depois das férias, por ordem do destino, as meninas sentaram nas primeiras carteiras, e por coincidência, tornaram-se amigas. O quarteto tornou-se inseparável, dentro e fora da escola. Passado o primeiro trimestre escolar, marcaram de ir ao cinema, iriam a pé desde a casa da Gisela. Teriam que atravessar por um outro lado da cidade, que era dividida pelo velho ferroviária. Quando as garotas aproximaram do trilho da trem, observaram uma estranha luz, próximo da estação abandonada mais a frente. Há minutos antes não passavam trem por ali em direção a cidade abandonada. A luz acendia e apagava. Barulhos estranhos vinham da direção da plataforma de embarque. Elas se aproximaram do lugar, quando um velho vestindo roupa de maquinista apareceu andando nos trilhos.

- Senhor, o que está fazendo aqui a essa hora sozinho? -
perguntou Graziele

O velho não respondeu, uniu um olhar estranho, virado.
- Eu morri faz dezesseis anos. - disse ele finalmente.

Dito isso, as meninas saíram correndo apavoradas, gritando, pedindo ajuda. Contaram a história inúmeras vezes, para a família, para as autoridades. Ninguém acreditou. Pensaram elas mesmas ir lá, queriam investigar a cidade abandonada durante o dia que era muito seguro assim, alguns dias depois, tiveram coragem e seguiram a fita os trilhos naquela direção.

Com muitos medos, ansios com vontade de viver alguma aventura. Chegaram na cidade abandonada. As casas pareciam destruídas e escombros por toda parte, as paredes do abandono incomodavam a frente, como coisa estava impossível, em quem estava a quem cuidar, onde estava presença humana. Um acéfalo percebeu o aspecto dos amarelos. Eles foram até lá, uma mulher amarela estava segurando umas plantas. Alessandra empalmeu em voz e perguntou:

- Eu - além a senhora aqui nesta cidade? Como surgiu?

- Surgiu? Como surgiu? Esta cidade tem mais de vinte mil habitantes... onde agora? - a senhora voltou por detrás das portas.

As meninas ficaram para trás, muitas pessoas as observaram... eram fantasmas... a estrota senhora sumiu, as pessoas sumiram... e nenhuma delas quis mais voltar lá.

Vagando pelos trilhos

Na virada do segundo milênio a cidade de Flokinka foi destruída em segundos por uma explosão nuclear. Os habitantes do lugar que moravam a quilômetros do ponto zero, morreram na hora. Três anos depois, em Barra Mansa, nasceram duas lindas meninas, no ano seguinte outras duas lindas meninas. As quatro garotas não tinham nenhum grau de parentesco, mas todas elas cresceram conhecendo muito bem a história da cidade vizinha abandonada.

Dezesseis anos depois...

Até estarem matriculadas na mesma turma da escola, e ainda, apesar de morarem na mesma cidade, Grazielle, Gisele, Alessandra e Biatracy nunca antes haviam se encontrado.

Era o primeiro dia de aula depois das férias, por ordem do destino, as meninas sentaram-se nas primeiras carteiras, e por afinidade, tornaram-se amigas. O quarteto tornou-se inseparável, dentro e fora da escola. Passado o primeiro trimestre escolar, marcaram de ir ao cinema, iriam a pé desde a casa da Gisele. Teriam que atravessar para o outro lado da cidade, que era dividida pela malha ferroviária. Quando as garotas aproximaram do trilho do trem, observaram uma estranha luz saindo da estação abandonada mais a frente. Há muitos anos não passavam trens por ali em direção a cidade abandonada. A luz acendia e apagava. Barulhos estranhos vinham da direção da plataforma de embarque. Elas se aproximaram do lugar, quando um velho vestindo roupa de maquinista apareceu andando nos trilhos.

- Senhor, o que está fazendo aqui a essa hora sozinho? – perguntou Grazielle.

O velho não respondia, tinha um olhar estranho, vidrado.

_ Eu morri faz dezesseis anos. – disse ele finalmente.

Dito isso, as meninas saíram correndo apavoradas, gritando, pedindo ajuda. Contaram a história inúmeras vezes, para a família, para as autoridades. Ninguém acreditou. Resolveram elas mesmas irem lá, queriam investigar a cidade abandonada durante o dia que era mais seguro. Assim, alguns dias depois, criaram coragem e seguiram a pé os trilhos naquela direção.

Com muito medo, mas com vontade de viver alguma aventura, chegaram na cidade bombardeada. Viram prédios destruídos e escombros por toda a parte, o silêncio do abandono incomodava. Mais à frente, uma casa estava impecável, em bom estado e bem cuidada, sinalizando presença humana. Um arrepio percorreu o corpo das meninas. Elas foram até lá, uma mulher madura estava regando suas plantas. Alexandra engoliu em seco e perguntou:

- Só tem a senhora aqui nesta cidade? Mora sozinha?

- Sozinha? Como sozinha? Esta cidade tem mais de vinte mil habitantes... são cegas?
– a senhora olhou por detrás das garotas.

As meninas viraram para trás, muitas pessoas as observavam... eram fantasmas... a estranha senhora sumiu, as pessoas sumiram... e nenhuma delas quis mais voltar lá.

Autoras: A. T. G. C., B. R. de A., G. N. G. V. e G. da S. G. de A., turma 901.

PRODUÇÃO TEXTUAL

CONTOS DE MISTÉRIO

VAGANDO PELOS TRILHOS

Na virada do segundo milênio a cidade de Fokinka foi destruída em segundos por uma explosão nuclear. Os habitantes do lugar que moravam a quilômetros do ponto zero, morreram na hora. Três anos depois, em Barra Mansa, nasceram duas lindas meninas, no ano seguinte outras duas lindas meninas. As quatro garotas não tinham nenhum grau de parentesco, mas todas elas cresceram conhecendo muito bem a história da cidade vizinha abandonada.

Dezesseis anos depois...

Até estarem matriculadas na mesma turma da escola, e ainda, apesar de morarem na mesma cidade, Grazielle, Gisele, Alexandra e Biatracy nunca antes haviam se encontrado. Era o primeiro dia de aula depois das férias, por ordem do destino, as meninas sentaram-se nas primeiras carteiras, e por afinidade, tornaram-se amigas. O quarteto tornou-se inseparável, dentro e fora da escola. Passado o primeiro trimestre escolar, marcaram de ir ao cinema, iriam a pé desde a casa da Gisele. Teriam que atravessar para o outro lado da cidade, que era dividida pela malha ferroviária. Quando as garotas aproximaram do trilho do trem, observaram uma estranha luz saindo da estação abandonada mais a frente. Há muitos anos não passavam trens por ali em direção a cidade abandonada. A luz acendia e apagava. Barulhos estranhos vinham da direção da plataforma de embarque. Elas se aproximaram do lugar, quando um velho vestindo roupa de maquinista apareceu andando nos trilhos.

- Senhor, o que está fazendo aqui a essa hora sozinha? - perguntou Grazielle.

O velho não respondia, tinha um olhar estranho, vidrado.

- Eu morri faz dezesseis anos. - disse ele finalmente.

Dito isso, as meninas saíram correndo apavoradas, gritando, pedindo ajuda. Contaram a história inúmeras vezes, para a família, para as autoridades. Ninguém acreditou. Resolveram elas mesmas ir lá, queriam investigar a cidade abandonada durante o dia que era mais seguro. Assim, alguns dias depois, criaram coragem e seguraram a pé os trilhos naquela direção.

Com muito medo, mas com vontade de viver alguma aventura, chegaram na cidade bombardeada. Viram prédios destruídos e escombros por toda a parte, o silêncio do abandono incomodava. Mais à frente, uma casa estava impecável, em bom estado e bem cuidada, sinalizando presença humana. Um arrepio percorreu o corpo das meninas. Elas foram até lá, uma mulher madura estava regando suas plantas. Alexandra engoliu em seco e perguntou:

- Só tem a senhora aqui nesta cidade? Mora sozinha?

- Sozinha? Como sozinha? Esta cidade tem mais de vinte mil habitantes... são cegas? - a senhora olhou por detrás das garotas.

As meninas viraram para trás, muitas pessoas as observavam... eram fantasmas... a estranha senhora sumiu, as pessoas sumiram... e nenhuma delas quis mais voltar lá.

Autoras: Alexandra Thaisne Gouvea Carelli, Biatracy Roque de Amorim, Gisele Nogueira Granadeiro Vieira e Grazielle da Silva Gomes de Assis, turma 901.



Textos produzidos pelos alunos do 9º do Colégio Estadual Baldomero Barbará - Professora Isabela Dias

ANEXO 7 - Produção Final: A pousada sinistra.

A Pousada Sinistra

Em época de férias, Lucas, Rodrigo e Kairo combinaram uma viagem de férias juntos. Eles foram para um hotel de uma pequena cidade turística, mas no meio da viagem pararam numa pousada. Lucas estava muito cansado de dirigir, e os outros não tinham certeza de encontrar Airvin, decidiram parar a noite ali. Ao entrarem no local ficaram assustados com a decoração de animais empalhados pendurados nas paredes. Os móveis eram escuros e o papel de parede estava coberto de flores estouradas e mapelas enferrujadas, mas ainda o ambiente apesar do susto e do estranhamento, resolveram ficar na pousada.

Ao cair da noite já estavam acomodados em seus quartos, quando bateram na porta. Rodrigo atendeu e viu uma senhora de rosto pálido, vestindo uma roupa escura muito estranha. Com uma voz baixa e aguda falou:

- Saiam daqui! Logo, se não quiserem morrer. - a estranha figura levou as cartas e saiu sem fazer ruídos.

Os meninos desesperados pensaram no que fazer, se acreditavam ou não. Mas calmos, acreditaram que se tratava de uma louca, e resolveram dormir. De madrugada, um grito estrepente acordou os quartos. Kairo procurou acordar Rodrigo, mas ele não estava em sua cama. Levantaram suas coisas e saíram pela porta. O amigo estava sendo torturado por uma figura mascarada.

Assustados Lucas e Kairo foram em defesa de Rodrigo, com pontapés e socos contra aquela pessoa estranha. Um chute desmascarou a mascarada. Quando Lucas tirou a máscara, uma mulher apavorada, era a estranha senhora. Eles ligaram para a polícia. Quando a mulher acordou do divo: que não se lembrava de nada, negou tudo para os policiais. Até que os pontos vermelhos cobriram tudo, alguma coisa que tinha problemas mentais.

Naquela noite, a senhora que se chamava Beth foi

foi para a cadeia. E os jovens tinham uma estranha história para contar.

A pousada sinistra

Era época de primavera, Lucas, Rodrigo e Kaio combinaram um fim de semana juntos. Eles iriam para um hotel de uma pequena cidade turística, mas no meio da viagem, avistaram uma pousada. Lucas estava muito cansado de dirigir, e os outros não tinham carteira de motorista. Assim, decidiram passar a noite ali. Ao entrarem no local, ficaram assustados com a decoração de animais empalhados pendurados nas paredes. Os móveis eram escuros e o papel de parede estampado de flores estava sujo e mofado enfeando mais ainda o ambiente. Apesar do susto e do estranhamento, resolveram ficar na pousada.

Ao cair da noite, já estavam acomodados em seus quartos, quando bateram na porta. Rodrigo atendeu, era uma senhora de rosto pálido, vestindo uma roupa escura muito estranha. Com uma voz baixa e aguda avisou:

_ Saiam daqui! Logo, se não quiserem morrer! – A estranha figura virou as costas e saiu com passos rápidos.

Os meninos desesperados pensaram no que fazer, e se acreditavam ou não. Mais calmos acreditaram que se tratava de uma louca, e resolveram dormir. De madrugada, um grito estridente acordou os garotos. Kaio procura acordar Rodrigo, mas ele não estava em sua cama. Juntaram suas coisas e saíram pela porta. O amigo estava sendo torturado por uma figura mascarada.

Assustados, Lucas e Kaio foram em defesa de Rodrigo com pontapés e socos contra aquela pessoa estranha. Um chute desmaiou o mascarado. Quando Lucas tirou a máscara, uma surpresa, era a estranha senhora. Eles ligaram para a polícia. Quando a mulher acordou ela disse que não se lembrava de nada, negava tudo para os policiais. Até que aos prantos resolveu contar tudo, afirmando que tinha problemas mentais.

Naquela noite, a senhora que se chamava Beth foi para a cadeia. E os jovens tinham uma estranha história para contar.

Autores: A. Y. dos S. da S., C. E. R. C. e C. H. G. D., turma 901.

PRODUÇÃO TEXTUAL

CONTOS DE MISTÉRIO

A Pousada Sinistra

Era época de primavera. Lucas, Rodrigo e Kaio combinaram um fim de semana juntos. Eles iriam para um hotel de uma pequena cidade turística, mas no meio da viagem, avistaram uma pousada. Lucas estava muito cansado de dirigir, e os outros não tinham carteira de motorista. Assim, decidiram passar a noite ali. Ao entrarem no local, ficaram assustados com a decoração de animais empalhados pendurados nas paredes. Os móveis eram escuros e o papel de parede estampado de flores estava sujo e mofado enfeando mais ainda o ambiente. Apesar do susto e do estranhamento, resolveram ficar na pousada.

Ao cair da noite, já estavam acomodados em seus quartos, quando bateram na porta. Rodrigo atendeu, era uma senhora de rosto pálido, vestindo uma roupa escura muito estranha. Com uma voz baixa e aguda avisou:

— Saíam daqui! Logo, se não quiserem morrer! — A estranha figura virou as costas e saiu com passos rápidos.

Os meninos desesperados pensaram no que fazer, e se acreditavam ou não. Mais calmos acreditaram que se tratava de uma louca, e resolveram dormir. De madrugada, um grito estridente acordou os garotos. Kaio procura acordar Rodrigo, mas ele não estava em sua cama. Juntaram suas coisas e saíram pela porta. O amigo estava sendo torturado por uma figura mascarada.

Assustados, Lucas e Kaio foram em defesa de Rodrigo com pontapés e socos contra aquela pessoa estranha. Um chute desmaiou o mascarado. Quando Lucas tirou a máscara, uma surpresa, era a estranha senhora. Eles ligaram para a polícia. Quando a mulher acordou ela disse que não se lembrava de nada, negava tudo para os policiais. Até que aos prantos resolveu contar tudo, afirmando que tinha problemas mentais.

Naquela noite, a senhora que se chamava Beth foi para a cadeia. E os jovens tinham uma estranha história para contar.

Autores: Adriel Yuri dos Santos da Silva, Carlos Eduardo Roque Clemente e Carlos Henrique Garcia Duarte, turma 901.



Textos produzidos pelos alunos do 9º do Colégio Estadual Baldomero Barbará - Professora Isabela Dias

ANEXO 8 – Produção Final: O mistério da ponte dos arcos.

Essa história se passa em uma pequena cidade no interior do Rio de Janeiro. Havia ali uma ponte com uma história de mistérios e adolescentes muito curiosos. Anna Júlia era a mais ativa delas e decidida. Neste dia, resolveu marcar um encontro com seu amigo Gustavo:

- Gustavo, será que podemos nos encontrar hoje depois da aula na ponte dos arcos?

- Mas é claro, Anna - disse Gustavo, ansioso.

Chegando na escola, Anna Júlia animada, foi contar a aventura para seus amigos. Elas ficaram preocupadas pois sabiam dos boatos sobre a ponte. As mães avisaram, mas ela não acreditou e iria mesmo assim.

No horário combinado, Gustavo chegou na ponte, logo Júlia apareceu. O lugar estava escuro, quieto e com pouco movimento. Júlia estava assustada e com medo do que seus amigos haviam dito antes. Logo Gustavo a acalmou.

Ali, passou um momento de rua, vendo os dois sozinho ficou preocupado e perguntou:

- Meus jovens, o que fazem nessa ponte a essas horas? Vocês não são daqui da cidade? Não sabem que essa ponte tem uma maldição inexplicável? Há muitos suicídios nesta ponte, muita dor... Júlia atrai a morte!

- Isso é apenas boato, uma ignição dos moradores daqui. Vocês são muito medrosos - disse Júlia toda arrogante, e deu um passo à frente, decidida, seguiu em direção a ponte.

Gustavo mesmo marcando de medo, foi atrás da menina, queria mostrar que era corajoso, gostava dela. Quando estavam já no meio da ponte, ouviram um barulho alto e estranho vindo das águas que passavam ali por baixo.

- Você ouviu isso? - perguntou Gustavo, tremendo todo corpo.

- É nada não, quer vir? Vá até lá! - Anna Júlia se aproximou da beira da ponte, encalçou o pé em uma estrutura de concreto para alisar melhor para baixo.

A garota começou a gritar:

- Tem alguém aí? Um fantasma?! Uma pessoa?!

O breu e o silêncio reinou no lugar, mas de repente um grito de dor e desespero invadiu o ambiente. Era Anna Júlia que caía em direção ao rio. Gustavo subiu no parapeito, desesperado para encontrar a amiga, desequilibrou-se e sumiu nas águas escuras.

No dia seguinte, familiares e amigos das jovens ficaram a sua procura, porém nada foi encontrado. Nunca mais foram vistos, a ponte era um mistério.

O mistério da ponte dos arcos

Essa história se passa em uma pequena cidade no interior do Rio de Janeiro. Havia ali uma ponte com uma história de mistério e adolescentes muito curiosos. Anna Júlia era a

mais entusiasmada e decidida deles, neste dia, resolveu marcar um encontro com seu amigo Gustavo.

- Gu, será que podemos nos encontrar hoje depois da aula na ponte dos arcos?

- Mas é claro, Anna – disse Gustavo, ansioso.

Chegando na escola, Anna Júlia animada, foi contar a aventura para suas amigas. Elas ficaram preocupadas pois sabiam os boatos sobre a ponte. As meninas avisaram, mas ela não acreditou e iria mesmo assim.

No horário combinado, Gustavo chegou na ponte, logo Júlia apareceu. O lugar estava escuro, quieto e com pouco movimento. Júlia estava assustada e com medo do que suas amigas haviam dito, mas logo Gustavo a acalmou.

Ali, passou um morador de rua, vendo os dois sozinhos ficou preocupado e perguntou:

- Meus jovens, o que fazem nessa ponte a essas horas? Vocês são daqui da cidade? Não sabem que essa ponte tem uma maldição inexplicável? Há muito suicídio nesta ponte, muita dor... Ela atrai a morte!

- Isso é apenas boato, imaginação dos moradores daqui. Vocês são muito medrosos disse Júlia toda arrogante, e deu um passo à frente, decidida, seguiu em direção à ponte.

Gustavo mesmo morrendo de medo, foi atrás da menina, queria mostrar que era corajoso, gostava dela. Quando estavam já no meio da ponte, ouviram um barulho alto e estranho vindo das águas que passavam ali por baixo.

- Você ouviu isso? – Perguntou Gustavo, tremendo todinho.

- É nada não, quer ver? Vou até lá! Anna Júlia se aproximou da beira da ponte, encaixou o pé em uma estrutura de cimento para olhar melhor para baixo.

A menina começou a gritar:

- Tem alguém aí? Um fantasma?! Uma pessoa?!

O breu e o silêncio reinaram no lugar, mas de repente, um grito de dor e desespero invadiu o ambiente... Era Anna Júlia que caía em direção ao rio. Gustavo subiu no parapeito, desesperado para encontrar a amiga, desequilibrou-se e sumiu nas águas escuras.

No dia seguinte, familiares e amigos dos jovens ficaram à sua procura, porém nada foi encontrado. Nunca mais foram vistos. A ponte era um mistério.

Autoras: A. L. S. dos S., A. J. R., B. M. da S. e E. C. da S. Q., turma 901.

PRODUÇÃO TEXTUAL

CONTOS DE MISTÉRIO



O MISTÉRIO DA PONTE DOS ARCOS

Essa história se passa em uma pequena cidade no interior do Rio de Janeiro. Havia ali uma ponte com uma história de mistério e adolescentes muito curiosos. Anna Júlia era a mais entusiasmada e decidida deles, neste dia, resolveu marcar um encontro com seu amigo Gustavo.

- Gu, será que podemos nos encontrar hoje depois da aula na ponte dos arcos?

- Mas é claro, Anna – disse Gustavo, ansioso.

Chegando na escola, Anna Júlia animada, foi contar a aventura para suas amigas. Elas ficaram preocupadas pois sabiam os boatos sobre a ponte. As meninas avisaram, mas ela não acreditou e ia mesmo assim.

No horário combinado, Gustavo chegou na ponte, logo Júlia apareceu. O lugar estava escuro, quieto e com pouco movimento. Júlia estava assustada e com medo do que suas amigas haviam dito, mas logo Gustavo a acalmou.

Ali, passou um morador de rua, vendo os dois sozinhos ficou preocupado e perguntou:

- Meus jovens, o que fazem nessa ponte a essas horas? Vocês são daqui da cidade? Não sabem que essa ponte tem uma maldição inexplicável? Há muito suicídio nesta ponte, muita dor... Ela atrai a morte!

- Isso é apenas boato, imaginação dos moradores daqui. Vocês são muito medrosos

disse Júlia toda arrogante, e deu um passo à frente, decidida, seguiu em direção à ponte.

Gustavo mesmo morrendo de medo, foi atrás da menina, queria mostrar que era corajoso, gostava dela. Quando estavam já no meio da ponte, ouviram um barulho alto e estranho vindo das águas que passavam ali por baixo.

- Você ouviu isso? – Perguntou Gustavo, tremendo todinho.

- É nada não, quer ver? Vou até lá! Anna Júlia se aproximou da beira da ponte, encaixou o pé em uma estrutura de cimento para olhar melhor para baixo.

A menina começou a gritar:

- Tem alguém aí? Um fantasma?! Uma pessoa?!

O breu e o silêncio reinaram no lugar, mas de repente, um grito de dor e desespero invadiu o ambiente... Era Anna Júlia que caía em direção ao rio. Gustavo subiu no parapeto, desesperado para encontrar a amiga, desequilibrou-se e sumiu nas águas escuras.

No dia seguinte, familiares e amigos dos jovens ficaram à sua procura, porém nada foi encontrado. Nunca mais foram vistos. A ponte era um mistério.

Autoras: Ana Luiza Souza dos Santos, Anna Júlia Ribeiro, Beatriz Martins da Silva e Evelyn Cristina da Silva Queiroz, turma 901.

Textos produzidos pelos alunos do 9º do Colégio Estadual Baldomero Barbará - Professora Isabela Dias